Uma combinação tão
desafiadora quanto real

SOFRIMENTO E A SOBERANIA DE DEUS

Confiança e conforto para o cristão



John Piper e Justin Taylor

2ª edição

Uma combinação tão
desafiadora quanto real

SOFRIMENTO E A SOBERANIA DE DEUS

Confiança e conforto para o cristão



John Piper e Justin Taylor

2ª edição

Uma combinação tão
desafiadora quanto real

SOFRIMENTO E A SOBERANIA DE DEUS

Confiança e conforto para o cristão



John Piper e Justin Taylor

2ª edição

Para o exército vestido de branco dos mártires

“... até que o número de seus servos

e seus irmãos seja completado”.

Sofrimento e a soberania de Deus © 2008 Editora Cultura Cristã. Traduzido de Suffering and the Sovereignty of God Copyright © 2006 by Desiring God. Publicado por Crossway Books, uma divisão de Good News Publishers. Wheaton, Illinois 60187, USA. Edição em português autorizada por Good News Publishers. Todos os direitos são reservados.

1ª edição - 2008

2ª edição 2018

Conselho Editorial

Cláudio Marra (Presidente)

Filipe Fontes

Heber Carlos de Campos Jr.

Hermisten Maia Pereira da Costa

Joel Theodoro da Fonseca Jr

Misael Batista do Nascimento

Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução

Heloísa Cavallari

Revisão

Claudete Água de Melo

Marcos Paixão da Silva

Sônia de Souza

Editoração

Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Ponto e linha

Capa

Magno Paganelli

Conversão para ePub

SCALT Soluções Editoriais

R6611s Piper, John

Sofrimento e a soberania de Deus / John Piper; traduzido por Heloísa Cavallari. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2ª ed. 2018

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-086-6

Tradução Suffering and the sovereignty of God

1. Soberania de Deus 2. Sofrimento I. Título

CDU 321.011

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição

da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE DIREITOS
REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Whatsapp (11) 97133-5653

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Colaboradores

Introdução

Parte 1: A soberania de Deus no sofrimento

1. A soberania de Deus sobre o sofrimento e o papel de Satanás

2. A mão de Deus nos sofrimentos que os outros nos causam

Parte 2: Os propósitos de Deus no sofrimento

3. O sofrimento de Cristo e a soberania de Deus

4. Por que Deus ordena o sofrimento aos seus servos

5. Soberania, sofrimento e trabalho de missões

6. A soberania de Deus e o sofrimento de base étnica

Parte 3: A graça de Deus no sofrimento

7. A graça de Deus e seus sofrimentos

8. Esperando pela manhã durante a longa noite de choro

9. Esperança... a melhor das coisas

Apêndices

Não desperdice seu câncer

Entrevista com John Piper

Colaboradores

Carl F. Ellis Jr. Presidente do Project Joseph, Chattanooga, Tennessee

John Piper. Pastor de pregação e visão da Bethlehem Baptist Church, Minneapolis, Minnesota

David Powlison. Conselheiro e docente da Christian Counseling and Education Foundation, Glenside, Pensilvânia

Stephen F. Saint. Fundador do Indigenous People's Technology and Education Center (I-TEC), Dunnellon, Flórida

Dustin Shramek. Pacificador transcultural no Oriente Médio e em Minnesota

Joni Eareckson Tada. Fundadora e diretora-executiva do Joni and Friends, Agoura Hills, Califórnia

Mark R. Talbot. Professor associado de Filosofia do Wheaton College, Wheaton College, Wheaton, Illinois

Justin Taylor. Gerente de projetos e editor associado da Crossway Books, Wheaton, Illinois

Introdução Justin Taylor

A maioria dos capítulos deste livro tem origem em palestras dadas na conferência nacional Desiring God sobre “o sofrimento e a soberania de Deus”. os participantes concordaram graciosamente em transcrever suas apresentações orais para formar os capítulos, com o intuito de servir a um público maior.

Todos os autores deste volume abordaram, de um modo ou de outro, o tema de como a soberania de Deus está relacionada com o sofrimento humano. Mas eles o fizeram abordando questões diferentes, tais como: De quais maneiras Deus é soberano sobre a ação de Satanás? Como podemos ser livres e responsáveis se Deus determina nossas escolhas? Qual é a razão suprema da existência do sofrimento? Como o sofrimento ajuda o avanço da missão da Igreja? Como deveríamos entender a origem dos confrontos e sofrimentos baseados na etnia? Como a graça de Deus entra em nossos sofrimentos? Por que é bom para nós meditar sobre a profundidade e a dor de um grande sofrimento? Qual é o papel da esperança quando a situação parece desesperadora?

Embora algumas verdades muito difíceis e profundas sejam tratadas nestas páginas, este não é um livro acadêmico. os autores não escrevem como meros teóricos, exibindo eloquência sobre temas abstratos. Não, este é um livro de teologia aplicada. sua teologia foi forjada na fornalha do sofrimento. Dois dos participantes são paralíticos e enfrentam dor crônica. Dois experimentaram a morte de um dos pais quando eram jovens. Dois tiveram filhos que morreram nos últimos dois anos. Dois estão agora lutando contra um câncer de próstata. O objetivo de mencionarmos isso não é apresentá-los como vítimas ou despertar sua simpatia, mas sim, reiterar que eles são soldados companheiros na batalha, companheiros peregrinos na jornada. Pensemos neles como amigos que estão gastando tempo para escrever para você sobre o que Deus lhes tem ensinado com relação à sua misteriosa soberania em meio à dor e ao sofrimento.

Uma visão geral do livro

A parte 1 é centrada mais especificamente na soberania de Deus no sofrimento. No capítulo 1, John Piper celebra a verdade bíblica de que Deus é soberano sobre a ação de Satanás – incluindo o domínio mundial que lhe foi concedido, os anjos, o envio de perseguição, o poder de tirar a vida, o envio de desastres

naturais, o poder de causar enfermidades, o uso de animais e plantas, as tentações para pecar, o poder de cegar a mente e a prisão espiritual. No capítulo 2, Mark Talbot assume o tema de como a vontade de Deus se relaciona com nossas vontades quando causamos sofrimento uns aos outros e a nós mesmos. Se Deus é soberano, por que ele não coloca um fim nessas coisas? Talbot argumenta que embora Deus nunca faça o mal, ele ordena o mal. Então, ele aborda a questão de como podemos nos libertar e nos responsabilizar pelas nossas escolhas.

Dado que Deus é soberano sobre todo sofrimento, a parte 2 pergunta por que ele permite a dor. No capítulo 3, John Piper mostra que a explicação bíblica final sobre por que existe o sofrimento é "para que Cristo possa mostrar a grandeza da glória da graça de Deus por ter ele mesmo sofrido para vencer o sofrimento". No capítulo 4, Piper sugere seis maneiras pelas quais a missão da igreja é levada adiante por meio do sofrimento: nossa fé e nossa santidade são aprofundadas, o nosso cálice fica mais cheio, outros se tornam ousados, as aflições de Cristo são cumpridas, o mandado missionário para "ir" é reforçado a supremacia de Cristo é manifestada.

Stephen Saint é frequentemente identificado com o sofrimento, mas ele ressalta no capítulo 5 que o sofrimento é relativo. Enquanto nós, no Ocidente, gastamos vastos recursos para evitar o sofrimento, deixamos de compreender que as pessoas que sofrem querem ser atendidas por aqueles que passaram eles mesmos pelo sofrimento. Saint relata dois capítulos profundamente dolorosos de sua própria vida: a morte de seu pai e a morte de sua filha. Ele crê que Deus planejou ambas as mortes e que por meio desses dois sofrimentos Deus proveu – e está provendo – bênçãos indizíveis e está promovendo o cumprimento da Grande Comissão.

No Capítulo 6, Carl Ellis ajuda-nos a compreender o sofrimento que tem origem na diferença de etnia sob a soberania de Deus. Ele sustenta que o corpo de Cristo precisa ser uma voz profética em nossa cultura, desenvolvendo uma compreensão mais radical do sofrimento de origem étnica e moldando o verdadeiro significado da etnia para glória de Deus. Ao trabalhar em direção a esse objetivo, ele trata da origem do sofrimento, do mistério do sofrimento, da base do sofrimento, da consciência divina do sofrimento, da nossa resposta ao sofrimento e do povo de Deus e o sofrimento.

A seção final maior deste livro, a parte 3, enfoca a graça de Deus no sofrimento.

No capítulo 7, David Powlison discute não o tópico geral Deus e o sofrimento, mas antes como a graça de Deus encontra você nos seus sofrimentos. Ele sugere que pensemos neste capítulo como um experimento, estimulando-nos a tomar notas e escrever na margem, elaborando princípios. Powlison então nos conduz ao longo de cada estrofe do grande hino "How Firm a Foundation" (Uma base muito firme), ensinando-nos a ouvir a graça de Deus que nos fala por meio das palavras.

"Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã" (Sl 30.5). Esse é o versículo por trás do capítulo 8, escrito por Dustin Shramek. Podemos esperar pela alegria que vem pela manhã por causa da fé em nosso bom e soberano Deus. Mas não podemos esquecer que a noite é frequentemente longa e escura, e o choro é, muitas vezes, incontrolável. Mediante um exame do salmo 88 – o salmo que termina sem uma nota de esperança –, Shramek afirma que a Bíblia pressupõe a normalidade da dor profunda após a queda. Minimizar a dor do sofrimento é uma falha em amar os outros e uma falha em honrar a Deus. Somente depois de termos sentido a severidade do sofrimento podemos verdadeiramente compreender por que Paulo contrasta a "leve e momentânea tribulação" com o "peso de glória, acima de toda comparação" (2Co 4.17).

O capítulo 9, escrito por Joni Eareckson Tada, gira em torno do tema de enfrentar o sofrimento e a alegria nos termos de Deus – e não nos nossos. Ela recorda uma famosa frase de The Shawshank Redemption (o filme Um sonho de liberdade), em que Andy Dufresne diz: "A esperança é uma coisa boa, talvez a melhor de todas. E uma coisa boa jamais morre". Mas ela reconhece que a esperança muitas vezes é difícil de aparecer, recordando o sofrimento de seus amigos e sua própria dor como tetraplégica. Embora Joni anseie por novos céus e nova terra, quando poderá levantar-se sobre suas pernas ressuscitadas junto ao Rei Jesus, ela também espera agradecer-lhe pelas "feridas da bênção desta cadeira de rodas", pois, sem ela, bênçãos indizíveis teriam sido perdidas em sua vida – mesmo em meio à dor. Ela termina com uma visão cheia de esperança, vibrante mesmo, daquele Dia em que experimentaremos a comunhão trinitária em toda a sua glória.

No fim deste livro, incluímos dois apêndices. O primeiro, intitulado "Não desperdice o seu câncer", começa como uma meditação por John Piper na véspera de sua cirurgia de próstata. Poucas semanas depois, David Powlison soube que ele também tinha câncer de próstata e acrescentou suas próprias reflexões na manhã após o diagnóstico. Finalmente, incluímos uma entrevista

que fiz com John Piper na conferência “O sofrimento e a soberania de Deus”, na qual pude fazer-lhe algumas perguntas sobre sua própria jornada teológica, bem como sobre alguns dos mais difíceis temas referentes à dor e ao sofrimento.

Nossa oração

Nossa oração não é para que este livro figure na lista dos mais vendidos nem que receba elogios e louvores. Na verdade, nossa oração é para que Deus possa – de acordo com seus propósitos soberanos – dirigir os leitores certos para suas páginas, e que ele possa mudar-nos a todos, de modo a podermos experimentar mais graça e esperança. Talvez seu sofrimento tenha sido tão grande e sem alívio que você esteja a ponto de perder toda a esperança. Ou, na outra ponta do espectro, talvez se sinta até um pouco culpado porque, embora veja sofrimento à sua volta, você mesmo tenha experimentado diretamente muito pouco sofrimento. Talvez você esteja trabalhando algumas das profundas questões teológicas quanto a este assunto. Ou talvez precise simplesmente ler a respeito do que outros também têm sofrido – e sobrevivido com sua fé intacta.

Conquanto os escritores deste livro estejam todos unidos em sua teologia da soberania de Deus sobre o sofrimento, cada um deles aborda o tema de um ângulo diferente. Para usar uma analogia, há um só diamante, mas ele pode ser visto de múltiplas perspectivas. Você não precisa ler este livro de capa a capa. Nós o estimulamos a começar com uma seção que tenha a ver com suas questões mais prementes.

Seja qual for a sua situação, oramos para que Deus possa usar este livro para lhe mostrar um pouco mais dele mesmo e ajudá-lo a compreender melhor sua soberania tanto sobre nosso sofrimento como dentro dele.

Parte 1 A soberania de Deus no sofrimento

Capítulo 1 A soberania de Deus sobre o sofrimento e o papel de Satanás

O incentivo para escrever este livro vem da realidade final de Deus como valor supremo no universo e acima dele. Deus é absoluto, eterno e infinito. Tudo o mais, e quem quer que seja, é dependente, finito e contingente. O próprio Deus é o valor maior e supremo. Tudo o mais que tenha algum valor deriva esse valor da sua ligação com Deus. Deus é supremo em todas as coisas. Ele tem toda a autoridade, todo o poder, toda a sabedoria – e ele é todo bom "para os que esperam por ele, para a alma que o busca" (Lm 3.25). E seu nome, como Criador, Redentor e Soberano de tudo, é Jesus Cristo.

Nos últimos dez anos, o 11 de setembro, tsunamis, Katrina e dez mil pessoas mortas, ajudaram-nos a descobrir como a Igreja norte-americana está tão pouco enraizada nessa verdade. David Wells, no seu novo livro Above All Earthly Pow'rs: Christ in a Postmodern World, coloca isso da seguinte maneira:

Este momento de tragédia e de calamidade [referindo-se a 11 de setembro] lançou sua própria luz sobre a igreja, e o que pudemos ver não foi uma visão feliz. Pois o que ficou claro por sua falta, e não menos no lado evangélico, foi uma gravitas espiritual, tal que poderia igualar-se à profundidade do horrendo mal e dizer algo sobre questões muito sérias. O evangelicalismo, ora muito absorvido pelas artes e truques do marketing, simplesmente não pode mais ser levado muito a sério.[1]

Em outras palavras, nossa visão de Deus em relação ao mal e ao sofrimento mostrou-se frívola. A Igreja não tem investido sua energia em se aprofundar no insondável Deus da Bíblia. Diante do peso avassalador e da seriedade da Bíblia, grande parte da Igreja está preferindo, neste exato momento, tornar-se mais leve, superficial e orientada para o entretenimento, portanto, vitoriosa em sua irrelevância quanto ao mal e ao sofrimento maciço. O Deus popular da igreja divertida é simplesmente pequeno demais e afável demais para segurar um furacão com as mãos. As categorias bíblicas da soberania de Deus estão como minas nas páginas da Bíblia, esperando por alguém que abra seriamente o livro. Elas não matam, mas destroem as noções triviais a respeito do Todo-Poderoso.

Assim, minha oração por este livro é que Deus possa levantar-se e reafirmar seus direitos de Criador em nossa vida e mostrar-nos seu filho crucificado e

ressurreto, que tem toda a autoridade no céu e na terra, e despertar em nós a mais forte fé na supremacia de Cristo e os mais profundos confortos no sofrimento, na mais doce comunhão com Jesus que jamais conhecemos.

Todos os que contribuíram para este livro sofreram, alguns mais visivelmente do que outros. Vocês não precisam conhecer os detalhes. É suficiente dizer que, neste livro, nenhum deles trata de um assunto teórico. Eles vivem no mundo da dor e da perda no qual vocês vivem. Estão conscientes de que algumas pessoas que leem este livro estão morrendo. São pessoas que amam os que estão morrendo; os que vivem com dores crônicas; as pessoas que acabaram de perder alguém que era muito precioso para elas; aquelas que não creem na bondade de Deus – nem mesmo no próprio Deus –, que consideram este livro como um último esforço para ver se o Evangelho é real. São pessoas que estão para entrar num tempo de sofrimento em sua vida para o qual estão totalmente despreparadas.

Esses autores não são ingênuos a respeito da vida ou sobre quem são vocês. Ficamos felizes por lerem este livro – todos vocês. E oramos para que nunca mais sejam os mesmos depois disso.

A abordagem que vou usar neste capítulo não é a de resolver qualquer problema diretamente, mas a de celebrar a soberania de Deus sobre Satanás e sua soberania sobre todos os males com os quais Satanás está envolvido. Minha convicção é de que, quando deixarmos Deus falar, sua palavra suscitará o culto – como o de Jó – e o culto preparará nosso coração para entender qual seja a medida do mistério de Deus, mistério este que ele deseja que conheçamos. o que se segue é uma celebração de “dez aspectos da soberania de Deus sobre o sofrimento e o papel de Satanás”. E o que quero dizer neste capítulo ao afirmar que Deus é soberano não é meramente que Deus tem o poder e o direito de governar todas as coisas, mas que ele governa todas as coisas para seus próprios sábios e santos propósitos.

1. Celebremos o fato de ser Deus soberano sobre o domínio mundial concedido a Satanás

Satanás é por vezes chamado na Bíblia de “o príncipe deste mundo” (Jo 12.31;

14.30; 16.11), ou “o deus deste século” (2Co 4.4), ou “o príncipe da potestade do ar” (Ef 2.2), ou “o dominador deste mundo tenebroso” (Ef 6.12). Isso significa que provavelmente tenhamos de levá-lo a sério quando lemos em Lucas 4.5-7 que o diabo “elevando-o [Jesus], mostrou-lhe, num momento, todos os reinos do mundo. Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser. Portanto, se prostrado me adorares, toda será tua”.

E por certo isso é estritamente verdadeiro: se o soberano do universo se curvasse em submissão de culto a quem quer que seja, esse tal se tornaria o soberano do universo. Mas a alegação de Satanás de que ele podia dar a autoridade e a glória dos reinos do mundo a quem quisesse é uma meia-verdade. Indubitavelmente, ele causa confusão no mundo ao manobrar um Stalin, ou um Hitler, ou um Idi Amin, ou uma Maria, a Sanguinária, ou um Saddam Hussein com poder de morte. Mas ele só faz isso com a permissão de Deus e dentro dos limites marcados por ele.

Repetidas vezes isso fica claro na Bíblia. Por exemplo, em Daniel 2.20-21: “Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes”; e em Daniel 4.17: “O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer”. Quando os reis estão no seu lugar indicado, com ou sem a ação de Satanás, eles estão ao sabor da vontade soberana de Deus, como é dito em Provérbios 21.1: “Como ribeiros de águas assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina”.

Nações perversas levantam-se e se colocam contra o Todo-Poderoso. “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas. Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles” (Sl 2.2-4). Será que eles pensam que seu pecado e seu mal contra ele podem bloquear o conselho do Senhor? O salmo 33.10-11 responde: “O Senhor frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos. O conselho do Senhor dura para sempre; os desígnios do seu coração, por todas as gerações”.

Deus é soberano sobre as nações, sobre todos os seus governantes e todo o poder satânico por trás deles. Eles não se movem sem sua permissão nem escapam de seu plano soberano.

2. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre os anjos de Satanás (demônios, espíritos malignos)

Satanás tem milhares de coortes no mal sobrenatural. Eles são chamados "demônios" (Mt 8.31; Tg 2.19), ou "espíritos maus" (Lc 7.21), ou "espíritos imundos" (Mt 10.1), ou "o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Temos uma pequena visão da guerra demoníaca em Daniel 10, em que o anjo que é enviado como resposta às orações de Daniel diz: "Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive a vitória sobre os reis da Pérsia" (Dn 10.13). Assim, aparentemente, o demônio, ou o espírito maligno, sobre a Pérsia lutou contra o anjo enviado para ajudar Daniel, e o anjo maioral, Miguel, foi em seu auxílio.

Porém, em todos esses conflitos, a Bíblia não nos deixa com nenhuma dúvida quanto a quem está no controle. Martinho Lutero coloca com acerto:

Se nos quisessem devorar

Demônios não contados

Não poderiam dominar,

Nem ver-nos assustados.

O príncipe do mal,

Com seu plano infernal,

Já condenado está;

Vencido cairá

Por uma só palavra.[2]

Podemos ver lampejos dessa palavra em ação, por exemplo, quando Jesus se levanta contra milhares de demônios em Mateus 8.29-32. Eles haviam possuído um homem, deixando-o insano. Os demônios gritam: “Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” (Eles sabem que um prazo está estabelecido para a sua destruição final.) E Jesus diz a eles apenas uma pequena palavra: “Ide”. E eles saíram do homem. Não há dúvida sobre quem é soberano nessa batalha. As pessoas tinham visto isso antes e disseram: “Ele ordena aos espíritos imundos, e eles o obedecem!” (Mc 1.27). Eles o obedecem. Quanto a Satanás: “Não poderia dominar, nem nos ver assustados”. Mas quanto a Cristo: embora eles o matem, sempre haverão de obedecê-lo! Deus é soberano sobre os anjos de Satanás.

3. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre a mão de Satanás na perseguição

O apóstolo Pedro descreve o sofrimento dos cristãos do seguinte modo: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como um leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1Pe 5.5-9). Então, os sofrimentos de perseguição são como a boca de um leão satânico tentando consumir e destruir nos crentes a fé em Cristo.

Mas será que esses cristãos sofrem perseguição da boca de Satanás à parte da vontade soberana de Deus? Será que quando Satanás esmaga os cristãos nos dentes do seu próprio calvário particular Deus não governa esses dentes para o bem de seus preciosos filhos? Vejam a resposta de Pedro em 1Pedro 3.17: “Se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal”. Em outras palavras, se Deus quiser que soframos por fazer o bem, nós sofreremos. E se ele não quiser que soframos por fazer o bem, não sofreremos. O leão não tem a última palavra. A última palavra é de Deus.

Na noite em que Jesus foi preso, o poder satânico estava com força total (Lc 22.3,31). E naquela situação Jesus disse uma de suas palavras mais soberanas. Ele disse àqueles que o vieram prender na escuridão: “Saístes com espadas e porretes como para deter um salteador? Diariamente, estando eu convosco no

templo, não pusestes as mãos sobre mim. Esta, porém, é a vossa hora e o poder das trevas” (Lc 22.52-53). Os dentes do leão fecharam-se sobre mim nesta noite, não antes nem depois do que meu Pai planejou. “Ninguém a tira [minha vida] de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou” (Jo 10.18). Não se gabe sobre a mão que o fez, Satanás. Você tem uma hora. O que você tem de fazer, faça-o logo.

Deus é soberano sobre a mão de Satanás na perseguição.

4. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre o poder que Satanás tem de tirar a vida

A Bíblia não suaviza, nem minimiza o poder de Satanás de matar pessoas, inclusive cristãos. Jesus disse em João 8.44: “Vós sois do diabo, que é o vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos. Ele foi homicida desde o princípio”. João nos diz, na verdade, que ele realmente tira a vida de cristãos fiéis. Apocalipse 2.10 diz: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”.

Então Deus não é o Senhor da vida e da morte? Ele o é. Ninguém vive ou morre a não ser por decreto soberano de Deus. “Vede, agora, que Eu Sou, Eu somente, e mais nenhum Deus além de mim; eu mato, e eu faço viver; eu firo e eu saro; e não há quem possa livrar alguém da minha mão” (Dt 32.39). Não há deus, não há demônio, nem Satanás, que possa arrastar para a morte qualquer pessoa que Deus queira que viva (ver 1Sm 2.6).

Tiago, irmão de Jesus, diz o seguinte, de um modo chocante, em sua carta, em 4.13-16:

Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o

S

enhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna.

Se o Senhor quiser, viveremos. Se ele não quiser, morreremos. Deus, e não Satanás, fará a chamada final. Nossa vida está, em última análise, nas mãos dele, não nas de Satanás. Deus é soberano sobre o poder de Satanás de tirar a vida.

5. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre a mão de Satanás nos desastres naturais

Furacões, maremotos, ciclones, terremotos, calor abrasador, frio mortal, seca, inundação, fome. Quando Satanás se aproximou de Deus no primeiro capítulo de Jó, ele lançou um desafio a Deus: “Estende, porém, a tua mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face!” (v. 11). Então, o Senhor disse a Satanás: “Eis que tudo o quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a tua mão” (v. 12).

O resultado foram duas atrocidades humanas e dois desastres naturais. Um dos desastres é relatado a Jó no versículo 16: “Fogo de Deus caiu do céu [provavelmente um raio] e queimou as ovelhas e os servos, e os consumiu; só eu escapei, para trazer-te a nova”. E, então, o pior relato de todos nos versículos 18-19: “Estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho, em casa do irmão primogênito, eis que se levantou grande vento da banda do deserto e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre eles, e morreram”.

Embora Deus tivesse afrouxado o laço de Satanás para que ele fizesse isso, não é aí que Jó se focaliza. “Então, Jó se levantou, rasgou o seu manto, rapou a cabeça e lançou-se em terra e adorou; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!” (Jó 1.20-21). E o escritor inspirado acrescentou: “Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (v. 22).

Jó tinha descoberto, como muitos de vocês, que de nada adianta concentrar-se na liberdade de Satanás para destruir. Nas salas de aulas das academias e nas discussões sobre apologética, a agência de satanás em nosso sofrimento pode aliviar um pouco o peso da soberania de Deus para alguns; mas para outros, como Jó, há mais segurança e mais alívio, mais esperança e mais suporte, mais verdade gloriosa ao desprezar a mão odiosa de Satanás, deixando-o de lado e olhando diretamente para Deus por sua defesa e por sua misericórdia.

Eliú ajudou Jó a ver isso em Jó 37.10-14. Ele disse:

Pelo sopro de Deus se dá a geada, e as largas águas que congelam. Também de umidade carrega as densas nuvens, nuvens que espargem os relâmpagos. Então, elas, seguindo o rumo que ele dá, se espalham para uma e outra direção, para fazerem tudo o que lhes ordena sobre a redondeza da terra. E tudo isso faz ele vir para disciplina, se convém à terra, ou para exercer a sua misericórdia. Inclina, Jó, os ouvidos a isto, para e considera as maravilhas de Deus.

Os primeiros impulsos de Jó no capítulo 1 estavam absolutamente certos. Quando Tiago escreveu no Novo Testamento sobre o propósito do livro de Jó, foi isto o que ele disse: “Eis que temos por felizes os que perseveraram firmes. Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo” (Tg 5.11).

Deus, não Satanás, é o controlador final do vento – e das ondas. Jesus acordou do seu sono, e, com toda a soberania, que tinha desde a eternidade, bem como nesse momento, disse: “Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança” (Mc 4.39; ver Sl 135.5-7; 148.7). Satanás é real e terrível. Todos os seus desígnios são maldosos. Mas ele não é soberano. Deus o é. Quando Satanás saiu para ferir Jó, este não deixou de adorar com estas palavras: “O Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor”.

Não existe planta ou flor neste mundo

Que não manifeste as tuas glórias;

E as nuvens se erguem, as tempestades sopram,

Por ordem do teu trono.[3]

6. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre o poder que Satanás tem de causar doença

A Bíblia mostra vivamente a verdade de que Satanás pode causar doença. Atos 10.38 diz que Jesus “andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele”. O diabo havia oprimido pessoas com doenças. Em Lucas 13 Jesus encontra uma mulher que andava encurvada, incapaz de erguer-se há 18 anos. Ele a cura num sábado e, em resposta à crítica do mestre da sinagoga, diz: “Por que motivo não se devia livrar deste cativeiro, em dia de sábado, esta filha de Abraão, a quem Satanás trazia presa há dezoito anos?” (v. 16). Não há dúvida de que Satanás causa muita doença.

É por isso que as curas de Cristo eram um sinal da chegada do reino de Deus e de sua vitória final sobre todas as doenças e todas as ações de Satanás. É correto e bom orar por cura. Deus resgatou isso na morte de seu Filho, com todas as outras bênçãos da graça, para todos os seus filhos (Is 53.3). Mas ele não disse que teríamos toda a herança nesta vida. E ele decide até que ponto. Nós oramos e confiamos em sua resposta. Se você pede pão ao Pai, ele não lhe dará uma pedra. Se você pedir um peixe ele não lhe dará uma cobra (ver Mt 7.9-10). E pode não ser pão. E pode não ser um peixe. Mas será bom para você. Isso é o que ele promete (Rm 8.28).

Mas tenhamos cuidado para não dizer que Satanás é soberano em nossas doenças, pois não é. Quando Satanás foi a Deus pela segunda vez no livro de Jó, Deus lhe deu permissão dessa vez para atacar o corpo de Jó. “Então, saiu Satanás da presença do Senhor e feriu a Jó de tumores malignos, desde a planta do pé até ao alto da cabeça” (Jó 2.7). Quando a esposa de Jó se desesperou e disse: “Amaldiçoa a Deus, e morre” (2.9), Jó respondeu exatamente como fizera antes. Ele olhou para além de Satanás como causa, para Deus como a causa final e disse: “Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (2.10).

E, a não ser que atribuamos irreverência a Jó, o escritor encerra o livro no último capítulo referindo-se do seguinte modo ao terrível sofrimento de Jó: “Então, vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs… e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado” (42.11). Satanás é real e cheio de ódio, mas ele não é soberano na doença. Deus não lhe dará nunca esse privilégio. Como ele disse a Moisés na sarça ardente: “Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o Senhor?” (Êx 4.11; ver também 2Co 12.7-9).

7. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre o uso que Satanás faz de animais e plantas

A representação de Satanás como leão em 1Pedro 5.8, como “um grande dragão” em Apocalipse 12.9, e como “a serpente” em Gênesis 3, simplesmente nos alertam para o fato de que, na sua obra destrutiva, Satanás pode, sem sombra de dúvida, empregar animais e plantas – desde o leão no Coliseu até à mosca negra que causa a cegueira dos rios, dos pássaros que transmitem o vírus da gripe aviária até o pit bull que ataca uma criança e até a bactéria intestinal que causa úlceras – descoberta feita recentemente pelos médicos Barry Marshall e Robin Warren, o que os fez ganhar o Prêmio Nobel de Medicina. Se Satanás pode matar e causar doenças, sem dúvida ele tem a seu dispor plantas e animais tanto microscópicos como grandes.

Mas ele não pode fazê-los realizar aquilo que Deus os proíbe de fazer. Desde o gigante Leviatã, que Deus fez folgar pelos mares (Sl 104.26), até os piolhos que Deus convocou sobre a terra do Egito (Êx 8.16-17), é ele quem comanda o mundo dos animais e das plantas. As mais vívidas demonstrações disso se acham no livro de Jonas: “Deparou o Senhor um grande peixe, para que tragasse a Jonas” (Jn 1.17). E ele fez exatamente como fora determinado. “Falou, pois, o Senhor ao peixe, e este vomitou a Jonas na terra” (Jn 2.10). “Então, fez o Senhor Deus nascer uma planta, que subiu por cima de Jonas” (Jn 4.6). “Mas Deus, no dia seguinte, ao subir da alva, enviou um verme, o qual feriu a planta, e esta se secou” (Jn 4.7).

Peixe, planta, verme – todos determinados, todos obedientes. Satanás pode ter

sua mão aqui, mas ele não é soberano. Deus o é.

8. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre as tentações de Satanás

Muito do nosso sofrimento vem dos pecados de outros contra nós e dos nossos próprios pecados. Satanás é chamado na Bíblia de “o tentador” (Mt 4.3; 1Ts 3.5). Essa foi a origem, na terra, de todo o sofrimento que conhecemos – Satanás tentou Eva ao pecado, e o pecado trouxe consigo a maldição de Deus sobre a ordem natural (Gn 3.14-19; Rm 8.21-23). Desde então, Satanás tem tentado todos os seres humanos a fazer o que fere a eles próprios e aos outros.

Mas as mais famosas tentações da Bíblia não apresentam Satanás como soberano em sua ação tentadora. A Bíblia nos conta em Lucas 22.3-4, que “Satanás entrou em Judas, chamado Iscariotes [...] Este foi entender-se com os principais sacerdotes e os capitães sobre como lhes entregaria a Jesus”. Mas Lucas nos diz que a traição de Jesus por Judas foi o cumprimento da Escritura: “Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente pela boca de Davi, acerca de Judas” (At 1.16). E, portanto, Pedro disse que Jesus foi “entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” (At 2.23). Como no caso de Jó, o Senhor deu e o Senhor tirou – a vida de seu Filho Jesus Cristo. Satanás não foi encarregado da crucificação de Jesus – Deus o foi.

Ainda mais famosa do que a tentação de Judas é a tentação de Pedro. Nós geralmente pensamos nas três negações de Pedro, não na sua tentação. Mas Jesus diz algo a Pedro em Lucas 22.31-32 que deixa claro que Satanás está agindo ali, embora não fosse soberano: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres [não: se te converteres], fortalece os teus irmãos”. De novo, tal como foi com Jó, Satanás procura destruir a fé de Pedro. Deus dá corda a Satanás, mas Jesus intercede por Pedro e diz com toda a soberania, “Eu roguei por você. Você cairá, mas não completamente. Quando você se arrepender e voltar – não se você voltar – fortaleça os seus irmãos”.

Satanás não é soberano na tentação de Judas, ou de Pedro, ou na sua própria, ou na daqueles que você ama. Deus o é.

9. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre o poder de Satanás de cegar as mentes

O pior de todos os sofrimentos é o sofrimento eterno do inferno. Satanás está condenado a experimentar esse sofrimento. Apocalipse 20.10 diz: “O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos”. O objetivo de Satanás é levar consigo para lá tantos quantos puder. Para fazer isso, ele precisa manter as pessoas cegas para o Evangelho de Jesus Cristo, porque o evangelho “é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Ninguém vai para o inferno se estiver justificado pelo sangue de Cristo. “Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira” (Rm 5.9). Somente os que deixam de aceitar a obra de Cristo, que absorve toda a ira, sofrerão a ira de Deus.

Portanto, Paulo diz em 2Coríntios 4.4: “Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do Evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus”. Essa cegueira é a arma mais mortal no arsenal de Satanás. Se ele consegue isso com uma pessoa, o sofrimento dela será sem fim.

Mas no ponto mais crucial Satanás não é soberano; Deus o é. E como devemos ser agradecidos! Dois versículos mais adiante, em 2Coríntios 4.6, Paulo descreve o poder que Deus tem de eliminar a cegueira produzida por Satanás. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. A comparação é entre a luz criadora de Deus no princípio do mundo e a luz criadora de Deus no coração humano escurecido. Com total soberania Deus diz no princípio, tanto como no nosso novo nascimento: “Haja luz”. E houve luz.

Estávamos mortos em nossos delitos e pecados, mas em grande misericórdia Deus nos fez reviver com Cristo (Ef 2.5). Estávamos cegos e espiritualmente mortos. Não víamos nada motivador ou belo no Evangelho. Era loucura para nós (1Co 1.18,23). Mas Deus falou com soberana autoridade de Criador e sua

palavra criou vida e visão espiritual, possibilitando-nos ver a glória de Cristo no Evangelho e cremos. Satanás é um terrível inimigo do Evangelho. Mas ele não é soberano. Deus o é. Essa é a razão de qualquer um de nós ser salvo.

10. Celebremos o fato de que Deus é soberano sobre a escravidão espiritual de Satanás

Satanás escraviza as pessoas de suas maneiras. Uma delas é com a miséria e o sofrimento que vem de nos fazer pensar que não existe um Deus bom, merecedor de confiança. A outra maneira é com prazer e prosperidade, fazendo-nos pensar que temos tudo de que precisamos, de sorte que Deus se torne irrelevante. Para nos libertarmos disso, precisamos nos arrepender. Devemos confessar que Deus é bom e confiável. Devemos confessar que os prazeres e a prosperidade da vida não se comparam com o valor de Deus. Mas Satanás odeia esse arrependimento e faz o que pode para evitar isso. Essa é a escravidão.

Mas quando Deus decide vencer nossa rebelião e a resistência de Satanás, nada pode detê-lo. E quando Deus o vence e a nós, arrependemo-nos e o poder de Satanás é quebrado. Aqui está em 2Tm 2.24-26:

Ora, é necessário que o servo do Senhor não viva a contender, e sim deve ser brando para com todos, apto para instruir, paciente, disciplinando com mansidão os que se opõem, na expectativa de que Deus lhe conceda não só o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade, mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do diabo, tendo sido feito os cativos por ele para cumprirem a sua vontade.

Satanás não é soberano sobre seus cativos. Deus o é. Quando Deus concede arrependimento, somos libertos do laço do diabo e passamos nossos dias celebrando a nossa libertação e anunciando-a a outros.

Aquele que é o único soberano

O mal e o sofrimento neste mundo são maiores do que qualquer um de nós pode compreender. Mas o mal e o sofrimento não são definitivos. Deus o é. Satanás, o grande amante do mal e do sofrimento, não é soberano. Deus o é.

Segundo a sua vontade, ele opera, com todo o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: “Que fazes?” (Dn 4.35).

Desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade (Is 46.10).

Quem é aquele que diz, e assim acontece, quando o S

enhor

o não mande? Acaso, não procede do Altíssimo tanto o mal como o bem? (Lm 3.37-38; ver Am 3.6).

Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do

Senhor

permanecerá (Pv 19.21; ver 16.9).

A sorte se lança no regaço, mas do

Senhor

procede toda decisão (Pv 16.33).

Portanto,

Se Deus é por nós, quem será contra nós? [...] Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquela que nos amou (Rm 8.31; 35-37).

Deus move de um modo misterioso

Suas maravilhas a operar;

Ele implanta suas pegadas no mar

E cavalga sobre a tempestade.

Fundamente em insondáveis minas

De infalível habilidade

Ele entesoura seus brilhantes desígnios

E opera a sua soberana vontade.

Vós, tementes santos, revesti-vos de nova coragem;

As nuvens que vós tanto temeis

São grandes em misericórdia e se abrirão

Em bênçãos sobre vossas cabeças.

Não julgueis o

S

enhor por senso frágil,

Mas confiai nele por sua graça;

Atrás de uma providência austera

Esconde ele uma face ridente.

Seus propósitos cedo amadurecerão,

Desenrolando cada hora;

O botão pode ter sabor amargo,

Mas doce será a flor.

A cega descrença por certo errará

E em vão vasculhará a sua obra;

Deus é seu próprio intérprete,

E ele a esclarecerá.[4]

---

1 David Wells, Above All Earthly Pow’rs: Christ in a Postmodern World (Grand Rapids, MI, Eerdmans, 2005), 4.

2 Martinho Lutero, “Castelo forte é nosso Deus” (1529).

3 Isaac Watts, “I Sing the Might Power of God” (1715).

4 William Cowper, “God Moves in a Mysterious Way” (1774).

Capítulo 2 A mão de Deus nos sofrimentos que os outros nos causam M

Em Night, suas memórias da vida nos campos de morte de Birkenau e Auschwitz, o ganhador do prêmio Nobel da Paz Eli Wiesel luta para comunicar as experiências que consumiram a fé devota de um jovem judeu profundamente piedoso nas fogueiras do horror incompreensível da desumanidade nazista.[5] Iniciando com a insuspeita inocência de seus primeiros anos de adolescência, Wiesel relata a caminhada de sua segurança ensolarada para a noite espiritual que o levou a escrever palavras como estas:

Quando o trem parou, [...] vimos chamas subindo de uma alta chaminé para o céu negro [...] olhamos com espanto aquelas chamas através da escuridão. Um mau cheiro perverso pairava no ar. Abruptamente as portas [do nosso vagão de gado] se abriram [...]

“todos para fora! Deixem tudo para trás. Depressa!”

Pulamos para fora [...] Diante de nós, aquelas chamas. No ar, o cheiro de carne queimada. Devia ser por volta da meia-noite. Havíamos chegado. Em Birkenau [...]

Os oficiais da SS deram a ordem:

“formem fileiras de cinco”. [Começamos] a caminhar até chegarmos a uma encruzilhada [...] não muito longe de nós as chamas, chamas enormes, saíam de uma vala. Alguma coisa estava sendo queimada ali. Um caminhão aproximou-se e despejou seu conteúdo: crianças pequenas. Bebês! Sim, eu vi isso com meus próprios olhos... crianças atiradas nas chamas [...] Um pouco adiante havia outra vala maior, para os adultos.

Dei-me um beliscão. Estaria eu ainda vivo? Estaria eu acordado? Como era possível que homens, mulheres e crianças estivessem sendo queimados e o mundo permanecesse em silêncio? Não. Tudo aquilo não poderia ser real. Um pesadelo, talvez... Logo eu acordaria com um sobressalto, meu coração batendo forte, e descobriria que estava de volta no quarto da minha infância, com meus livros...

EU NUNCA ME ESQUECEREI daquela noite, a primeira noite no campo, que transformou a minha vida numa longa noite, que me pareceu interminável.

Nunca esquecerei aquela fumaça.

Nunca esquecerei os rostos pequenos das crianças cujos corpos vi transformados em fumaça sob um céu silencioso.

Nunca esquecerei aquelas chamas que consumiram para sempre a minha fé.

Nunca esquecerei o silêncio noturno que me privou para toda a eternidade do desejo de viver.

Nunca esquecerei aqueles momentos que assassinaram o meu Deus e a minha alma e transformaram os meus sonhos em cinzas.

Nunca esquecerei aquelas imagens, mesmo que seja condenado a viver tanto quanto o próprio Deus.

Nunca.[6]

A linguagem, como declara Wiesel, provou-se inútil para comunicar tais realidades. À medida que ele escreve, torna-se claro “que seria necessário inventar uma nova linguagem” para transmitir esses horrores adequadamente. Pois,

como poderia alguém reabilitar [...] palavras traídas e pervertidas pelo inimigo? Fome – sede – medo – transporte – seleção – fogo – chaminé: todas essas palavras têm um sentido intrínseco, mas naqueles tempos elas significavam algo diferente. Escrevendo em minha língua materna [...] eu parava a cada sentença e começava novamente repetidas vezes. Tudo o que o dicionário tinha para oferecer parecia pobre, pálido, sem vida. Haveria uma maneira de descrever a última viagem, trancados em vagões de gado, a última viagem para o desconhecido? Ou a descoberta de um universo demente e glacial onde ser desumano era humano, onde homens uniformizados, educados e disciplinados iam para matar, e crianças inocentes e velhos cansados iam para morrer? Ou as incontáveis separações numa única e abrasadora noite, o dilaceramento de famílias inteiras, de comunidades inteiras?... Como alguém falaria sobre (coisas tais como essas) sem tremor e um coração lacerado para toda a eternidade?[7]

Esses indizíveis horrores, empilhados uns sobre os outros, desorientaram Wiesel e o levaram a abandonar sua fé. Um incidente sobressai. O Oberkapo de Wiesel era um holandês com cerca de 700 prisioneiros sob seu comando. Ele era bondoso para com todos eles. “Sob seu ‘serviço’”, escreve Wiesel:

Estava um jovem, um pipel, como o chamavam. Tinha um rosto bonito e delicado – uma visão inacreditável naquele campo. [...]

Certo dia houve uma pane na central elétrica em Buna. A Gestapo, chamada para inspecionar o dano, concluiu que havia sido sabotagem. Eles descobriram uma pista. Esta os levou ao bloco [...] do Oberkapo. E após uma busca descobriram uma quantidade significativa de armas.

O Oberkapo e seu pipel foram torturados, embora não mencionassem nenhum nome. O Oberkapo desapareceu, mas seu pipel foi condenado à morte com outros dois internos que haviam sido pegos com armas.

Certo dia, quando voltávamos do trabalho, vimos três forcas. [...] toque de chamada. A SS ao nosso redor, metralhadoras apontadas para nós: O ritual costumeiro. Três prisioneiros acorrentados – e entre eles o pequeno pipel. [...]

A SS parecia mais preocupada, mais ansiosa que o normal. Enforcar uma criança diante de milhares de observadores não era pouca coisa. O comandante do campo leu o veredicto. Todos os olhos estavam sobre o menino. Ele estava pálido, quase calmo, mas mordia seus lábios enquanto permanecia em pé à sombra das forcas [...]

Os três prisioneiros condenados subiram nas cadeiras ao mesmo tempo. As cordas foram colocadas ao redor de seus pescoços ao mesmo tempo.

“Viva a liberdade!”, gritaram os dois homens.

Mas o menino permaneceu silencioso.

“Onde está o Deus misericordioso, onde está ele?”, alguém atrás de mim estava perguntando.

Ao sinal, as três cadeiras foram derrubadas.

Então veio a marcha diante das vítimas. Os dois homens não estavam mais vivos. Suas línguas para fora, inchadas e azuladas. Mas a terceira corda ainda estava se movimentando: o garoto, muito leve, ainda estava respirando...

E assim ele permaneceu por mais de meia hora, oscilando entre a vida e a morte, contorcendo-se diante dos nossos olhos. E fomos forçados a fitá-lo de perto. Ainda estava vivo quando passei por ele, sua língua ainda vermelha, seus olhos não tinham ainda se fechado.

Atrás de mim ouvi o mesmo homem perguntando:

“Pelo amor de Deus, onde está Deus?”

E, vindo de dentro de mim, ouvi uma voz responder:

“Onde ele está? Está aqui... pendurado nesta forca...”[8]

O Rosh Hashaná chegou e 10 mil reuniram-se no campo para louvar o nome de Deus. A voz do interno que oficiava ergueu-se “poderosa, mas fragmentada entre o choro, os soluços, os suspiros de toda a ‘congregação’: ‘Do Senhor é a terra e

todo o universo!’ [...] ‘e eu’”, escreve Wiesel:

eu, o antigo místico, estava pensando: Sim, o homem é mais forte, maior do que Deus... Olhe para estes homens a quem tu traíste, permitindo que eles fossem torturados, massacrados, envenenados com gás e queimados, e o que eles fazem? Eles oram diante de ti! Eles louvam o teu nome!

“Toda a criação anuncia a grandeza de Deus”.

Em dias passados, o Rosh Hashaná havia dominado a minha vida. Eu sabia que meus pecados entristeciam o Altíssimo, portanto implorava por perdão. Naqueles dias eu firmemente cria que a salvação do mundo dependia de cada um dos meus atos, de cada uma das minhas orações.

Mas agora eu não mais implorava por nada. Não era mais capaz de lamentar. Ao contrário, sentia-me muito forte. Eu era o acusador, Deus, o acusado. Meus olhos haviam se aberto, e eu estava sozinho, terrivelmente sozinho num mundo sem Deus, sem homem. Sem amor ou misericórdia. Agora eu não era nada senão cinzas, mas sentia-me mais forte do que esse Altíssimo a quem minha vida tinha estado ligada por tanto tempo. No meio daqueles homens reunidos para orar, eu me sentia como um observador, um estranho.[9]

A brutalidade humana contra outros humanos havia estilhaçado a fé de Wiesel:

No início havia fé – que era infantil; confiança – que era vã; e ilusão – que era perigosa.

Nós críamos em Deus, confiávamos no homem e vivíamos com a ilusão de que a cada um de nós foi outorgada uma fagulha sagrada do fogo da Shekiná; de que cada um de nós carrega em seus olhos e em sua alma um reflexo da imagem de Deus.

"Isso", conclui Wiesel, "foi a fonte, senão a causa de todas as nossas provações".[10]

Você e eu não passamos pelo Holocausto. Temos, no máximo, apenas uma vaga noção dos horrores que Wiesel experimentou. No entanto, podemos muito bem saber algo dos inúmeros meios pelos quais os seres humanos se machucam uns aos outros, tanto intencional quando involuntariamente, e podemos descobrir que tal conhecimento é desorientador e arrasador para nossa própria fé. Dennis Rader, o matador BTK de Wichita – BTK era o acrônimo de Rader para "bind, torture, kill" (amarre, torture, mate) – fez parte das notícias do verão de 2005, e no outono foi apresentado um filme para a televisão sobre sua vida e seus crimes terríveis. Por que Deus permite que tais coisas aconteçam?[11] A maioria de nós conhece casais em que um dos cônjuges é infiel, causando imensa dor para o outro cônjuge e para os filhos. Sabemos de situações em que motoristas embriagados se têm desviado para pistas erradas e matado ou aleijado pessoas inocentes. Num grupo mais numeroso é certo que encontraremos pessoas que foram sexualmente abusadas quando crianças ou que foram estupradas. Alguns de nós conhecem pessoas que foram torturadas. Na realidade, coisas como essas podem ter acontecido conosco, enquanto éramos cristãos e enquanto implorávamos a Deus que os fizesse parar. Então, por que ele não o fez?

Alguns de nós às vezes analisamos nossa infância desejando que nossos pais tivessem sido mais cuidadosos e nos ajudado a crescer como cristãos piedosos. Ficamos perplexos sobre o porquê de eles não terem demonstrado se importar muito com essas coisas. Por que não conversaram conosco sobre o quanto iríamos nos entristecer por havermos feito algo que fizemos? Alguns de nós podem estar pensando neste exato momento sobre companheiros de trabalho que tornam nossa vida mais difícil. Talvez o supervisor realmente não goste de nós, e nos trate de modo injusto e até mesmo use de mentiras contra nós perante os superiores, mas não podemos impedi-lo. Ou quem sabe façamos parte de uma organização cristã que possui alguns empregados que ensinam ou vivem de modo claramente antibíblico, e isso nos entristece todos os dias. Nessas

situações podemos nos encontrar imaginando por que Deus simplesmente não troca essas pessoas e faz da organização algo mais parecido com aquilo que, segundo nosso parecer, ele mesmo deseja para a organização.

Ou, então, alguns de nós podem pensar sobre nossas próprias escolhas. Podemos lamentar algo que dissemos ou fizemos. E podemos compreender que, se as circunstâncias tivessem sido apenas um pouco diferentes, então tudo se resolveria agora mesmo – se aquele site pornográfico não tivesse aparecido repentinamente, talvez não estivéssemos presos à pornografia na internet; ou se não tivéssemos esbarrado naquele companheiro de trabalho num momento em que já estávamos aborrecidos, talvez não tivéssemos dito aquilo que dissemos e que custou nosso emprego; ou se não tivéssemos encontrado aquele homem, talvez não teríamos tido a oportunidade de enganar nosso marido. Portanto, por que Deus permitiu que as coisas acontecessem do modo como ocorreram? Podemos não duvidar e nem negar nossa responsabilidade e culpa, mas ainda assim nos parece que Deus poderia ter-nos guardado de cair em pecado.

Esses são os tipos de situação que quero considerar. Como meus exemplos sugerem, não consideraremos apenas as maneiras pelas quais magoamos uns aos outros; mas também as maneiras como ferimos a nós mesmos. Como a vontade de Deus se relaciona com a nossa vontade quando magoamos aos outros ou a nós mesmos? Onde está Deus quando os seres humanos causam sofrimento a si mesmos e aos outros? Por que Deus não põe um fim nessas coisas?

O teísmo aberto

Há uma resposta para esse tipo de situação que desejo questionar logo de início.

Muitos de nós já ouvimos algo sobre o “teísmo aberto” [ou “teologia relacional”]. Essa posição foi desenvolvida para lidar exatamente com esse tipo de situação, e o faz discutindo como nosso livre-arbítrio e nossa responsabilidade se relacionam com a vontade de Deus e com os males que sofremos e observamos. Os partidários da doutrina do teísmo aberto querem livrar Deus de uma situação embaraçosa por causa dos males que cometemos. Para tanto, explicam esses males argumentando que Deus não poderia evitá-los sem restringir ou destruir nossa liberdade. Mas, alegam eles, Deus não o faz

porque reputa nossa liberdade como muito valiosa. Ele valoriza de tal modo nossa liberdade que está disposto a pagar o preço da existência de toda a gama de sofrimento humano que é causada pelo nosso mau uso dessa liberdade.

Gregory Boyd, pastor da Woodland Hills Church, em Saint Paul, Minnesota, é partidário dessa teologia e, em seu livro God of the Possible: a Biblical Introduction to the Open View of God, ele conta a seguinte história triste para ilustrar suas razões:

Há vários anos, após pregar um sermão sobre como Deus dirige os nossos caminhos, fui procurado por uma jovem e enraivecida senhora (vamos chamá-la de Suzanne). Depois que consegui transpor suas palavras iniciais enraivecidas – dirigidas mais a Deus do que a mim –, Suzanne contou-me a sua trágica história.

Ela havia sido criada num maravilhoso lar cristão e desde criança havia sido uma discípula piedosa e apaixonada de Jesus Cristo. realmente, desde a adolescência a sua única aspiração era ser missionária em Taiwan e casar-se com um homem piedoso que compartilhasse de sua visão e com quem ela pudesse formar uma família piedosa e envolvida com missões. ela havia aceitado o mito evangélico de que Deus tinha um homem certo para ela e, portanto, tinha se comprometido a orar diariamente pelo seu futuro marido. orava pedindo que ele adquirisse uma visão semelhante a respeito da evangelização de Taiwan, e que permanecesse fiel ao Senhor, puro de coração, etc.

No tempo próprio, Suzanne foi para uma universidade cristã e, quase por milagre, rapidamente encontrou um rapaz que compartilhava de sua visão sobre Taiwan. Na realidade, os pontos comuns existentes entre eles, assim como todas as coincidências de haverem ambos ido para a mesma faculdade, exatamente na mesma ocasião, eram verdadeiramente espantosos.

Durante três anos e meio eles namoraram, oraram juntos, frequentaram a igreja juntos, prepararam-se para o campo missionário e apaixonaram-se

profundamente um pelo outro. durante o último ano do curso, ele pediu Suzanne em casamento; surpreendentemente, ela não aceitou de imediato o seu pedido. Embora tantas peças houvessem se encaixado tão bem, ela precisava ter, em seu coração, uma confirmação inequívoca de que esse era, realmente, o homem com quem ela deveria se casar.

por vários meses Suzanne e seu namorado jejuaram e oraram sobre o assunto. consultaram seus pais, pastores e amigos que concordaram em dar ao assunto uma atenção especial em oração.

Todos concluíram que esse casamento era, realmente, da vontade de Deus. Não muito tempo depois, Deus deu a Suzanne a confirmação de que ela precisava. Enquanto orava, ela foi tomada por uma sensação sobrenatural de alegria e paz, com uma confirmação muito clara de que esse casamento era, de fato, o plano de Deus para a sua vida.

Imediatamente após terminar a faculdade, o novo par seguiu para a escola de missões para se preparar para a carreira missionária. Após dois anos desse treinamento, Suzanne soube, para seu horror, que seu marido estava envolvido em um relacionamento adúltero com outra estudante. Ele se arrependeu, mas depois de alguns meses reatou o relacionamento. Apesar de um intensivo aconselhamento cristão, esse padrão se repetiu várias vezes pelos três anos seguintes.

Durante esses três anos, as convicções espirituais do marido de Suzanne simplesmente desapareceram [...] ele se tornou cada vez mais propenso a discussões, hostil e até mesmo agressivo, verbal e fisicamente. numa discussão perto do fim do casamento, ele, num acesso de fúria, fraturou o maxilar de Suzanne. logo depois [...] ele pediu o divórcio e foi viver com a sua amante. Duas semanas mais tarde Suzanne descobriu que estava grávida.

Todas essas experiências penosas deixaram Suzanne emocionalmente destruída e espiritualmente arruinada. Todos os seus sonhos desabaram sobre ela. sentiu-se como se sua vida estivesse praticamente terminada. O pior de tudo, entretanto, não era a dor que o seu marido havia infligido sobre ela. O pior era o quão profundamente todo esse sofrimento havia danificado o seu relacionamento anteriormente vibrante com o Senhor.

Muito compreensivelmente, Suzanne não conseguia entender como o Senhor pôde ter respondido às orações de toda uma vida colocando-a ao lado de um homem que ele sabia que iria agir dessa maneira em relação a ela e a seu filho. Alguns amigos cristãos sugeriram que talvez ela não tivesse ouvido Deus corretamente. Mas se não era a voz de Deus que ela e todos os outros tinha ouvido, argumentava Suzanne, então ninguém jamais poderia ter certeza de que havia ouvido a voz de Deus. Isso era tão claro quanto possível. Ela tinha uma forte razão.

Outros amigos, a semelhança dos amigos de Jó, sugeriram que sem dúvida o seu casamento tinha sido da vontade de Deus. Por conhecer o seu resultado, o Senhor a havia encaminhado para ele porque a amava muito e estava tentando fazê-la mais humilde e fortalecendo o seu caráter, ou talvez puní-la por algum pecado anterior. Se a razão de ser de todo aquele sofrimento era dar-lhe uma lição, argumentava Suzanne, então Deus é um mau professor. As aflições sofridas não lhe haviam ensinado coisa alguma, apenas a haviam deixado amarga.

Inicialmente tentei fazer com que Suzanne compreendesse que tudo aquilo era culpa do seu marido, não de Deus, mas a sua resposta foi mais adequada para invalidar a minha sugestão. Se Deus sabia exatamente o que seu marido iria fazer, então a ele cabe toda a responsabilidade por tê-la colocado naquela situação. Eu não podia argumentar contra a sua afirmação, mas podia oferecer um modo alternativo para compreender a situação.

Sugeri a ela que Deus sentia tanto pesar a respeito da confirmação que lhe havia dado quanto a respeito de sua decisão de fazer de Saul rei de Israel… Não que essa tivesse sido uma decisão errada – na ocasião o seu marido era um bom homem, com um caráter piedoso. As possibilidades de que ele e Suzanne tivessem um casamento feliz e um ministério frutífero eram, na ocasião, muito positivas. Na realidade, eu suspeitava que Deus havia influenciado Suzanne e seu marido a irem para a mesma faculdade tendo em vista o casamento deles.

Entretanto, como seu marido era um agente livre, até mesmo as melhores decisões podem ter resultados desastrosos. Após um tempo, e mediante uma série de escolhas, o ex-marido de Suzanne havia se exposto à influência do inimigo e se envolvera num relacionamento imoral. No início nem tudo estava perdido. Deus e outros tentaram restaurá-lo, mas ele escolheu resistir à influência do Espírito e, consequentemente, seu espírito tornou-se cada vez mais sombrio.

O ex-marido de Suzanne tornara-se uma pessoa muito diferente do homem que Deus havia confirmado como sendo um bom candidato para o casamento. Isso, garanti a Suzanne, entristecera o coração de Deus pelo menos tanto quanto entristecera o coração dela.

Colocando todas essas penosas experiências no contexto de um futuro aberto [em outras palavras, dentro do contexto das escolhas humanas livres que nem mesmo Deus pode conhecer antes que as façamos], Suzanne foi capaz de compreender a tragédia de sua vida de modo diferente. Ela não precisava abandonar toda a sua confiança em sua capacidade de ouvir Deus e não precisava aceitar que de alguma maneira Deus tencionara esse sofrimento “para seu próprio bem”. Sua fé no caráter de Deus e seu amor a Deus foram finalmente restaurados e ela foi capaz de prosseguir com a sua vida.

Compreensivelmente, Taiwan não era mais uma aspiração do seu coração, mas, felizmente, o “Deus do possível” sempre tem um plano B e um plano C. Ele

também é sábio o suficiente para tecer tão maravilhosamente nosso fracassado plano A com os planos alternativos, que, olhando para trás, pode nos parecer que B ou C era o plano original desde o início. Este não é um testemunho sobre a sua exaustiva explícita presciência; é um testemunho sobre a sua insondável sabedoria.

Sem uma visão aberta para oferecer, não sei como alguém poderia efetivamente ministrar a uma pessoa num dilema como o de Suzanne.[12]

Quando, há muitos anos, comecei a pensar sobre o relacionamento entre Deus e o mal – na realidade, logo após ter sofrido um acidente paralisante, quando tinha 17 anos –, um montante razoável desse modo de explicar por que sofremos me atingiu como sendo exatamente verdadeiro.[13] Depois de alguns anos de intensa reflexão sobre o assunto, concluí que Deus tinha de suportar todos os tipos de situação desagradáveis para ele com o intuito de preservar nossa liberdade. Isso ainda me ocorre como uma maneira natural de pensar sobre esse assunto, pois ela se ajusta à nossa própria experiência. Algumas vezes temos de suportar aquilo de que não gostamos para permitir que outras pessoas exerçam sua liberdade. “Sem dúvida”, pensamos, “o mesmo deve ocorrer com Deus”. O que quero demonstrar é por que não devemos pensar desse modo, embora seja tão natural.

Creio que é importante dizer que nunca cheguei tão longe quanto Boyd – e não creio que a maioria dos cristãos o faça. Não é natural pensar que Deus comete erros – e, no entanto, é isso que Boyd parece sugerir quando observa que Deus deve lamentar o modo como guiou Suzanne, até mesmo tendo influenciado a ela e ao seu futuro marido na escolha da faculdade que iriam frequentar.[14] De acordo com Boyd, Deus tomou uma boa – na realidade “a melhor” – decisão, mas ela teve resultados ruins. Deus, dentro da perspectiva usada por Boyd para examinar os fatos, pode estar tão enganado quanto nós sobre o que alguém escolherá fazer. Assim não seria injusto dizer que o Deus de Boyd algumas vezes apenas joga os dados. Ele é melhor do que nós na tarefa de limpar os estragos depois que acontecem, mas ainda assim pode ser pego num descuido e ficar mais ou menos incapaz de evitar que façamos coisas más e soframos as consequências.

Espero que esta parte do pensamento de Boyd o atinja de modo tão desagradável como atinge a mim. Pois, como tentarei mostrar agora, ela contesta a glória de Deus e ameaça nosso senso de confiança de que, quando os acontecimentos parecem se dirigir de modo muito ruim para nós, o Deus que amamos permanece totalmente no controle.

Perspectiva geral das escrituras sobre o relacionamento de deus com o mal

Quais são as questões sobre as quais devemos ponderar para pensarmos biblicamente sobre esse tópico?

Primeiro, devemos saber o que as Escrituras nos dizem, de modo geral, sobre o relacionamento de Deus com o mal. As Escrituras declaram que o juiz de toda a terra sempre fará o que é certo (ver Gn 18.25). Deus é, como nos diz Moisés em seu cântico: “A Rocha! Suas obras são perfeitas, porque todos os seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há nele injustiça; é justo e reto” (Dt 32.4). Deus nunca faz o mal.

Entretanto isso não quer dizer que Deus não cria o mal, não o envia, não o permite, ou mesmo não mova outras pessoas para fazer o mal,[15] pois as Escrituras são claras quando afirmam que nada se levanta, existe ou permanece independentemente da vontade de Deus. Assim, quando o autor de Hebreus afirma que Cristo “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3), ele está afirmando que Deus, o Filho, tudo governa providencialmente, sustentando todas as coisas e todos os acontecimentos do universo, encaminhando cada um deles para seu fim designado pela sua poderosa palavra.[16] Isso resulta do fato de que a palavra grega para “sustentar” é phero, que significa levar, ou conduzir, ou produzir, ou carregar. Como observa Wayne Grudem, phero “é comumente usado no Novo Testamento com o sentido de carregar algo de um lugar para outro, como no caso do homem paralítico levado até Jesus (Lc 5.18), levar o vinho até o mestre-sala na festa de casamento (Jo 2.8), ou trazer a capa e os livros para Paulo (2Tm 4.13)”. Por consequência, no contexto desses versículos, o termo “não significa simplesmente ‘sustentar’, mas tem o sentido de um controle ativo, proposital sobre aquilo que está sendo carregado de um lado para outro”, em especial considerando que, no versículo

acima, phero aparece como um particípio presente, “o qual indica que Jesus está continuamente carregando todas as coisas no universo pela palavra do seu poder”.[17] Assim, eis o quadro: Deus, o Filho, mantém cada um e todos os aspectos da criação, até mesmo todos os aspectos maus, em suas “mãos” – isto é, dentro de sua palavra poderosa e eficaz; e conduz essa palavra para onde ela cumpre com exatidão o que ele deseja ver cumprido.

A passagem de Efésios 1.11 vai ainda além ao declarar que Deus em Cristo “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade”. Aqui o termo grego para “fazer” ou operar é energeo, que indica que Deus não apenas carrega todas as coisas e todos os acontecimentos do universo para seu fim estabelecido, mas que ele de fato realiza todas as coisas de acordo com sua vontade. Em outras palavras, não se trata apenas de que Deus consegue transformar os aspectos maléficos do nosso mundo em bem para aqueles que o amam, mas, ao contrário, que ele mesmo ocasiona esses aspectos para sua glória (ver Êx 9.13-16; Jo 9.3) e para o bem do seu povo (ver Hb 12.3-11; Tg 1.2-4). Isso inclui, por incrível e inaceitável que nos possa parecer, Deus tem ordenado a brutalidade nazista de Birkenau e Auschwitz, bem como a terrível matança de Dennis Rader e até mesmo o abuso sexual contra uma criança pequena (Pv 16.4).[18] “No dia da prosperidade, goza do bem; mas, no dia da adversidade, considera em que Deus fez tanto este como aquele” (Ec 7.14).

Como observou Thomas Goodwin, nessa passagem de Efésios, Paulo quer garantir a seus irmãos e irmãs judeu-cristãos que Deus operou a graça no coração deles como consequência de havê-los predestinado antes dos tempos para a salvação em Cristo, de modo que pudessem estar confiantes de sua herança eterna.[19] Assim sendo, como Paulo procede? Ele argumenta do princípio geral para o caso específico. Deus “‘faz todas as coisas conforme o conselho de sua vontade’; ele planejou todas as coisas com antecedência, portanto, certamente [esse acontecimento específico]”.[20] Deduzindo assim, do geral para o específico, Paulo argumenta com base no que seria óbvio para seus irmãos e irmãs judeus, conhecedores da Bíblia, para o que seria menos óbvio para eles como novos convertidos a Cristo. Esses judeu-cristãos saberiam que Deus – o Deus do Antigo Testamento a quem eles agora reconhecem como Pai de Jesus Cristo – declara que “desde o princípio anuncio o que há de acontecer” (Is 46.10) – e, como consequência, conhece e tem ordenado tudo o que acontece no intervalo, até mesmo predizendo e ordenando todas as palavras que pronunciaremos (ver Sl 139.4 com Pv 16.1).[21] Eles reconheceriam que aquele que disse: “Meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”, é o

mesmo que garante isso realizando todas as coisas, até no contexto imediato das palavras de Isaías: “que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua” (Is 46.10s.) – isto é, Ciro, o Grande, rei da Pérsia entre 559-530 a.C., que conquistaria Babilônia em 539 a.C. e, então, permitiria que os judeus voltassem para Jerusalém de modo que pudessem reconstruir o templo (ver Ed 1.1-4). Aqui Deus chama o pagão e descrente Ciro de “o homem do meu conselho” (Is 46.11). Desde acontecimentos tão pequenos, como a queda do menor pardal (ver Mt 10.29), até a morte de seu querido filho nas mãos de homens iníquos (ver At 2.23 com 4.28), Deus fala e depois cumpre ou executa a sua palavra (ver Is 46.11). Nada que existe ou ocorre escapa da vontade ordenadora de Deus.[22]

Nada, inclusive nenhuma pessoa, coisa, acontecimento ou feito iníquo e mal. A preordenação ou predestinação de Deus é a razão final por que tudo acontece, até mesmo a existência de todas as pessoas e coisas más e a ocorrência de todo e qualquer ato ou acontecimento iníquo. Nesse caso, não seria impróprio falar de Deus como o criador, o mandante, o autorizador e, algumas vezes, como o instigador do mal. É isso que as Escrituras alegam explicitamente. Por exemplo, Isaías 45.7 apresenta Deus declarando: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas estas coisas”. A palavra para “criar” nesse versículo é o termo hebraico bara’, a mesma palavra que é usada para descrever o trabalho criativo de Deus em Gênesis 1; e a palavra para “mal” é ra‘, que é quase sempre traduzida por “mal” no Antigo Testamento, e que podemos encontrar em lugares como Gênesis 2–3; 6.5; 13.13 e 50.15,20.[23] E também, quando Amós pergunta retoricamente: “Tocar-se-á a trombeta na cidade, sem que o povo se estremeça? Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (3.6).[24] Isaías também diz: “O Senhor derramou no coração deles [os líderes da cidades egípcias de Zoã e Mênfis] um espírito estonteante;[25] eles fizeram estontear o Egito em toda a sua obra” (19.14).

Tampouco manter que Deus nunca faça o mal é equivalente a dizer que ele não envia o mal. Algumas vezes ele envia espíritos maus – como o que atormentou o rei Saul (ver 1Sm 16.14-23), outro que levou os líderes de Siquém a agirem traiçoeiramente com o rei Abimeleque (ver Jz 9.23), e um terceiro para mentir por meio dos profetas de Acabe, levando-o a viajar até Ramote-Gileade, onde seria morto (ver 1Rs 22.13-40). E algumas vezes ele envia ilusão, como afirma Paulo quando diz que: “aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos [...] Deus lhes manda a operação do erro, para darem crédito à mentira, a fim de serem julgados todos quantos não deram crédito à

verdade; antes, pelo contrário, deleitaram-se com a injustiça” (2Ts 2.10s.).

Em Gênesis 19, Deus manda seus anjos para destruírem Sodoma e Gomorra (ver especialmente v. 13). Em Êxodo 7–12, ele envia dez pragas. Em Números 21.6, ele envia cobras venenosas para picar os israelitas resmungões. Em 2Samuel 24, ele enviou sobre Israel uma peste que matou 70 mil homens. Em 2Reis 24.2-4, após haver jurado anteriormente que, em razão dos pecados de Manassés ele traria sobre Jerusalém e sobre Judá “tais males (ra‘) [...] que todo o que os ouvir, lhe tinirão ambos os ouvidos” (2Rs 21.12), Deus mandou, contra Judá, bandos de saqueadores estrangeiros para destruí-la por causa dos pecados do rei Manassés. Tudo isso veio sobre Judá pela palavra de Deus (ver 24.3).[26] Em Isaías 10, Deus promete enviar a Assíria contra o Judá infiel, mas depois promete também que “castigará a arrogância do coração do rei da Assíria“ (v. 12) enviando uma praga entre seus guerreiros (v. 16). Quando o anjo do Senhor executou esse juramento, 185 mil guerreiros assírios morreram (ver Is 37.36).[27]

As Escrituras também estabelecem que Deus permite que outros façam o mal, como quando ele permitiu a Satanás que destruísse as propriedades e os filhos de Jó, pois isso deixaria claro que mesmo assim Jó não amaldiçoaria a Deus (ver Jó 1.6-12), e quando ele permitiu que as nações estrangeiras no Antigo Testamento andassem cada uma em seus caminhos pecaminosos (ver At 14.16). A ideia de que ninguém jamais fará o mal contra outra pessoa a não ser que Deus o permita ou conceda é sugerida por outras passagens como Gênesis 31.7, em que Jacó diz às suas esposas que Deus não permitiu que Labão, o pai delas, lhe fizesse ra‘; e em Êxodo 12.23, em que Moisés afirma que Deus não permitirá que o destruidor entre nos lares judeus para matar seus primogênitos; e em Lucas 22.31, onde o uso do termo grego exaiteo parece indicar que Satanás precisaria pedir permissão a Deus antes de poder peneirar Simão.[28]

Na realidade, algumas passagens bíblicas, como Isaías 19.2, retratam Deus induzindo outros a fazer o mal: “Farei com que egípcios se levantem contra egípcios, e cada um pelejará contra seu irmão e cada um contra seu próximo; cidade contra cidade, reino contra reino” (ver também 9.11). Em 2Samuel 24.1 afirma-se que: “Tornou a ira do Senhor a acender-se contra os israelitas, e ele incitou a Davi contra eles, dizendo: Vai, levanta o censo de Israel e de Judá”.[29] Além disso, a leitura de Jó 1.6-12 nos leva a concluir que, quando Deus disse a Satanás, no versículo 8: “Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal”, ele estava realmente colocando Jó sob a mira de Satanás.

Debrucei-me sobre as Escrituras com o propósito de provar este ponto: como um de meus alunos afirmou maravilhosamente em resposta ao teísmo aberto: “Os adeptos do teísmo aberto (ou teologia relacional) estão tentando inocentar Deus do mal. Mas Deus não quer ser inocentado”. Os versículos citados por mim estabelecem que as Escrituras repudiam a alegação de que Deus faz o mal, ao mesmo tempo em que indicam ou inferem, ao longo de toda a Bíblia, que Deus ordena qualquer mal que existe. Dizer que Deus “ordena” algo é dizer que ele o planejou, decidiu e desejou. Isso desde antes da criação do mundo – ou seja, desde antes do início dos tempos.[30] E o que quer que Deus tenha planejado, decidido e desejado – o que quer que ele tenha, nesse sentido, preordenado – inevitavelmente acontece; dizer que Deus ordenou (ou preordenou) algo é dizer que Deus determinou que isso acontecesse.[31] Como coloca Isaías: “Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e, como determinei, assim se efetuará… Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem, pois, o invalidará?” (14.24,27). Nada – nenhuma obra, pessoa, acontecimento ou ação maligna – está fora da vontade ordenadora de Deus. Nada acontece, existe ou permanece independentemente da vontade de Deus. Portanto, mesmo quando o pior dos males nos assalta, em última análise ele não procede de nenhum outro lugar senão das mãos de Deus.

Liberdade humana e responsabilidade

Isso é alimento forte. Digerir essas verdades pode ser muito difícil para nós. Entretanto, mesmo a consideração dessas alegações levanta outras questões. Pois, se essas alegações são verdadeiras, então o que acontece com a liberdade humana? Se tudo o que ocorre, ocorre porque Deus assim o desejou antes do início dos tempos, então como as ações humanas podem ser livres? E se não somos livres, então o que acontece com a noção crucial de responsabilidade humana? Como poderia jamais ser certo louvar ou culpar, premiar ou punir alguém?

Esse é o segundo conjunto de questões para o qual precisamos dirigir nossa atenção. Precisamos investigar como as Escrituras apresentam o relacionamento entre preordenação divina e liberdade humana. Em outras palavras, precisamos pensar sobre como o que Deus quis se relaciona com o que nós queremos. E é

necessário determinar o que as Escrituras afirmam sobre a responsabilidade humana.

Os que aceitam o teísmo aberto são o que os filósofos chamam de partidários da doutrina do livre-arbítrio.[32] Essa posição filosófica envolve uma alegação sobre o que seria verdadeiro se os seres humanos devem ser verdadeiramente livres e, portanto, capazes de genuína responsabilidade. Para os partidários da doutrina do livre-arbítrio, a verdadeira liberdade envolve mais do que apenas fazer o que eu escolho fazer. Essa liberdade de escolha, argumenta Robert Kane, é apenas "liberdade superficial",[33] pois alguém poderia manipular-me de modo que eu sempre escolha o que essa pessoa deseja que eu escolha.[34] A verdadeira liberdade, sustenta Kane e outros partidários da doutrina do livre-arbítrio, exige que uma pessoa não apenas seja capaz de fazer escolhas específicas, mas também que, no momento em que fez sua escolha, ela seja capaz de escolher de modo diferente do que na realidade o fez. Ou seja, eu escolhi livremente tomar um sorvete de chocolate se, ao fazer a escolha deste, e não de um sorvete de passas ao rum, eu pudesse de fato ter escolhido o de passas ao rum. Em outras palavras, você é livre em sua escolha de permanecer sentado, se você pode também escolher levantar-se. Mas se algo tentar impedi-lo de levantar-se (digamos que se alguém sentado ao seu lado o segurasse quando você tentasse se levantar) então, mesmo que (em vez de lutar com esta pessoa) você decidisse permanecer sentado, você não é realmente livre. Para Kane e outros partidários da doutrina do livre-arbítrio, tudo isso significa que devemos possuir o que eles denominam liberdade de vontade – isto é, liberdade para decidir o que desejaremos e assim determinar por nós mesmos quem seremos e, portanto, o que escolheremos – além de liberdade de escolha.[35]

Agora, aqui está o ponto crucial: para os partidários da doutrina do livre-arbítrio não podemos ser considerados responsáveis por aquilo que somos ou fazemos se nossa vontade não é livre nesse sentido indeterminista. Se a explicação final para as escolhas que faço encontra-se fora de mim, então não sou realmente livre, e não posso ser responsabilizado pelo que escolho. E se não posso ser responsabilizado, então não posso ser, com justiça, louvado, ou culpado, ou premiado, ou punido pelo modo como escolho. No nível da vida cotidiana, isso parece fazer sentido. Sabemos que todos os assassinos seriais sofreram abuso sexual quando crianças e, portanto, parece próprio colocar parte da culpa por aquilo que eles se tornaram sobre aqueles que abusaram deles e não apenas sobre os próprios assassinos.[36] É isso que faz parecer necessário aos partidários da doutrina do livre-arbítrio que tenhamos liberdade de vontade se Deus deve ser

considerado justo em nos considerar responsáveis pelo que fazemos. E com certeza devemos admitir que, nas Escrituras, Deus realmente nos considera responsáveis pelo que fazemos – leia, por exemplo, Romanos 1.18–3.20. Assim, os partidários da doutrina do livre-arbítrio concluem que devemos possuir liberdade de vontade, o que significa que Deus não pode preordenar o que fazemos.

Para os partidários do teísmo aberto, existe uma dificuldade adicional, por causa da noção que eles têm das exigências para possuirmos essa liberdade indeterminista. Eles abrangem apenas uma subdivisão dos partidários da doutrina do livre-arbítrio, pois mantêm, enquanto alguns adeptos dessa doutrina não fazem, que, se Deus sabe o que vou escolher, por exemplo, na próxima semana, então o que vou escolher já deve estar determinado de algum modo. Eles afirmam que, se Deus sabe agora que na próxima semana vou escolher sorvete de chocolate em vez de sorvete de passas ao rum, isso significa que a afirmação: “Mark vai escolher sorvete de chocolate em vez de passas ao rum na próxima semana” é verdadeira desde já, o que significa que minha escolha na próxima semana já está determinada. Quando a hora chegar, pode parecer como se eu estivesse livremente escolhendo agir como o faço, mas de fato isso não pode acontecer. Assim, os partidários do teísmo aberto insistem que, se os seres humanos devem ser seres livres e responsáveis, Deus não pode saber de antemão o futuro.[37]

Tudo isso parece ser um arrazoado muito interessante, embora, na realidade, haja muitas respostas possíveis para essa argumentação.[38] Entretanto, agora não estou interessado em argumentar filosoficamente contra os partidários da doutrina do livre-arbítrio ou do teísmo aberto; quero saber o que as Escrituras dizem. E o que encontramos nas Escrituras é o seguinte: as Escrituras afirmam que os seres humanos agem com responsabilidade quando Deus sabe de antemão o que eles escolherão, mesmo quando essas Escrituras afirmam ou inferem que Deus predestinou ou preordenou o que eles escolherão.

Além de alguns versículos que já citei na seção anterior,[39] estou pensando aqui, em particular, sobre o que aconteceu durante o sermão de Pedro no Pentecostes. A certa altura, ele declarou: “Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes crucificando-o por mãos de iníquos” – ou seja, “homens”

iníquos, mas, ainda assim, responsáveis (At 2.22,23). Qual foi, então, a reação dos israelitas à acusação de Pedro de que eles haviam sido cúmplices da vontade de Deus na crucificação de Cristo? Alegaram eles que não eram responsáveis apenas porque suas ações já eram conhecidas de Deus com antecedência e faziam parte de seu plano predeterminado – em outras palavras, por que a morte de Cristo, incluindo a própria escolha feita por eles de crucificá-lo nas mãos de homens iníquos fazia parte da ação de Deus operando todas as coisas de acordo com o conselho de sua vontade?[40] Alegaram que não poderiam ser considerados culpados porque Deus sabia com antecedência o que eles escolheriam? Não! Lucas nos diz, alguns versículos depois, que, "ouvindo eles estas coisas [que Deus havia feito do Jesus a quem eles crucificaram, Senhor e Cristo], compungiu-se-lhes o coração"; em outras palavras, eles reconheceram a profundidade de seu erro a respeito do Cristo de Deus – "e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos?" E Pedro lhes respondeu: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados" (2.37-38a). Nós só precisamos pedir perdão pelo que somos responsáveis.[41] Assim, nas Escrituras, a presciência divina e a responsabilidade humana são tidas como compatíveis.

A seguir, consideremos as palavras do Senhor na Última Ceia. Enquanto seus discípulos participavam com ele de sua última festa da Páscoa, Jesus lhes disse que um deles iria traí-lo. Isso os deixou muito tristes, e eles começaram a perguntar um após o outro: "Porventura, sou eu, Senhor?" Jesus respondeu com as seguintes palavras: "O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá. O Filho do Homem vai, como está escrito" – isto é, como fora previamente predito – "a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!" (Mt 26.22-24). Porventura isso soa como se o discípulo que haveria de trair Jesus não devesse ser considerado culpado pelo que estava prestes a fazer? Sem dúvida, não! Atos 1.18 qualifica a escolha de Judas de trair Jesus como um ato de iniquidade; e a frase "melhor lhe fora não haver nascido" tem a intenção de comunicar que ele enfrentará um terrível julgamento pelo que fez. Além do mais, somos informados em João 6.64 que "Jesus sabia, desde o princípio [...] quem o havia de trair". Ainda assim, Judas era responsável pela iniquidade que escolheu fazer, como ele mesmo reconheceu (ver Mt 27.4).[42]

Finalmente, consideremos Atos 4.24-28, em que os crentes oram depois de Pedro e João terem sido libertados da prisão na qual estavam por proclamar o Evangelho. Todos lembram da oração que eles fizeram:

Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há; que disseste por intermédio do Espírito Santo, por boca de Davi, nosso pai, teu servo:

Por que se enfureceram os gentios, e os povos imaginaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido;

porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram.

Conspirar é algo que as pessoas escolhem fazer, e colocar-se contra alguém é outra coisa que os seres humanos escolhem fazer ou não fazer. Aqui, Herodes e Pôncio Pilatos, os gentios e os israelitas, se uniram colocando-se contra Deus e contra Cristo – e realmente não há dúvida de que todos estão sendo acusados pelo que escolheram fazer; em outras palavras, estão sendo considerados responsáveis pelas escolhas que fizeram, muito embora aquilo que tramaram e se dispuseram a fazer seja o que a mão de Deus e seu plano havia predestinado que deveria acontecer.[43] Assim, parece que, nas Escrituras, Deus haver preordenado que algumas escolhas serão feitas não é incompatível com manter aqueles seres humanos responsáveis por aquelas escolhas.

Portanto, não importa o que dizem os partidários da doutrina do livre-arbítrio e os do teísmo aberto, nem a presciência de Deus, nem sua preordenação de todas as coisas, inclusive todos os atos e escolhas humanas, excluem a responsabilidade humana.

Escolher e desejar

As Escrituras enfatizam que possuímos o que os partidários da doutrina do livre-arbítrio denominam liberdade de escolha. Isso fica evidente nas muitas passagens nas quais nossas escolhas e suas consequências são enfatizadas, passagens como Deuteronômio 30.19: “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência”; e Josué 24.14-15: “Agora, pois, temei ao Senhor e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao Senhor. Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei, hoje, a quem sirvais”. Então, temos Provérbios 1.29,31: “Porquanto aborreceram o conhecimento e não preferiram o temor do Senhor [...] Portanto, comerão do fruto do seu procedimento e dos seus próprios conselhos se fartarão”; e Provérbios 3.31: “Não tenhas inveja do homem violento, nem sigas nenhum de seus caminhos”. Novamente temos Provérbios 16.16: “Quanto melhor é adquirir a sabedoria do que o ouro! E mais excelente, adquirir a prudência do que a prata”; e Isaías 56.4-5:

... assim diz o

Senhor

: Aos eunucos que guardam os meus sábados, escolhem aquilo que me agrada e abraçam a minha aliança, darei na minha casa e dentro dos meus muros, um memorial e um nome melhor do que filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará.

Finalmente, há Lucas 10.41-42: “Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”.

Muitas outras passagens não mencionam explicitamente uma escolha, mas pressupõem nossa liberdade de escolher, como a ordem em Levítico 19.4: “Não vos virareis para os ídolos, nem vos fareis deuses de fundição. Eu sou o Senhor, vosso Deus”; e as quatro vezes que os israelitas foram exortados no primeiro capítulo de Josué a serem fortes e corajosos ao cruzar o rio Jordão para tomar

posse da Terra Prometida. Há exortações como as encontradas no salmo 85.8: “Escutarei o que Deus, o Senhor, disser, pois falará de paz ao seu povo e aos seus santos; e que jamais caiam em insensatez”; e Provérbios 4.20, 22-24, 26-27:

Filho meu, atenta para as minhas palavras; aos meus ensinamentos inclina os ouvidos. [...]

Porque são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo.

Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.

Desvia de ti a falsidade da boca e afasta de ti a perversidade dos lábios [...]

Pondera a vereda de teus pés, e todos os teus caminhos sejam retos.

Não declines nem para a direita nem para a esquerda; retira o teu pé do mal.

E há também os conselhos e exortações para os cristãos andarem na luz (ver Jo 12.35s. e 1Jo 1.5-7) e pelo Espírito (Gl 5.16-25; 1Ts 2.12; 4.1-7), porque foi para isso que Cristo nos libertou (ver Gl 5.1,13; cf. Ef 2.10). Há também advertências como aquelas encontradas em Provérbios 3.7: “Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal”; e Provérbios 4.14s.: “Não entres na vereda dos perversos, nem sigas pelo caminho dos maus. Evita-o; não passes por ele; desvia-te dele e passa de largo”; e Efésios 5.3-21 e Hebreus 2.1-3, 4.11 e 12.25, assim como as combinações de advertências e promessas encontradas em

Ezequiel 3.16-21 e 18.19-32. Em Ezequiel 33.11, Deus exorta os israelitas a deixarem seus maus caminhos para que vivam. Em Atos 14.15-18, Paulo e Barnabé imploram ao povo de Listra para que não cometam a blasfêmia de oferecer sacrifícios a eles. Em Atos 26, Paulo conta ao rei Agripa sua conversão e como Deus o enviou aos gentios "para lhes abrires os olhos e os converteres das trevas para a luz e da potestade de Satanás para Deus, a fim de que recebam eles remissão de pecados e herança entre os que são santificados pela fé [em Cristo]" (v. 18). Em 2Timóteo 3.5 e Tito 3.9, Paulo ordena a seus leitores a evitar tipos específicos de pessoa e controvérsia.

Portanto, tanto nossa liberdade de escolha, como nossa responsabilidade, são afirmadas ao longo das Escrituras como um todo. De fato, nossa capacidade de ouvir e escolher e de agir à luz da instrução, do ensino e do conselho é parte daquilo que nos diferencia dos animais. "Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir e, sob as minhas vistas te darei conselho. Não sejais como o cavalo ou a mula, sem entendimento, os quais com freios e cabrestos são dominados; de outra sorte não te obedecem" (Sl 32.8-9).

Mas será que as Escrituras corroboram a afirmação dos partidários da doutrina do livre-arbítrio de que os seres humanos são responsáveis pelos seus atos porque possuem liberdade de vontade? Em outras palavras, podemos dizer que as Escrituras endossam a tese de Kane de que a verdadeira liberdade – a liberdade que realmente vale a pena ter sem a qual (é a sua afirmação) não somos verdadeiramente responsáveis nem verdadeiramente merecedores de receber louvor, ou reprovação, ou recompensa, ou punição – exige que sejamos livres no sentido de sermos capazes de escolher não apenas quais dos nossos desejos e ambições iremos satisfazer, mas que sejamos capazes de escolher o que iremos desejar e querer, e assim sejamos a fonte ou origem última de nossas ações? Podemos dizer que as Escrituras representam a forma final de nossa vida como sendo já agora "de nossa competência" e "está em nós" em vez de ser da competência de outro ou estar em outro?

Decerto que não. Na realidade, ela nega de forma enfática que possuímos a liberdade de moldar nossa própria vida no aspecto mais fundamentalmente importante – isto é, no que diz respeito a permanecermos escravos do pecado ou nos tornarmos servos da justiça e da retidão (ver Rm 6.16-19; 2Pe 2.19). As Escrituras afirmam ou assumem em todos os lugares que neste mundo pós-queda, cada um e todos nós estamos, por natureza, espiritualmente mortos (ver Ef 2.1-3; Cl 2.13) e, portanto, incapazes de determinar por nós mesmos, no nível

mais profundo e mais crucial de nossa existência, quem seremos nós.[44] Como diz Paulo, “o pendor da carne” – isto é, a mente que está espiritualmente morta e assim nos escraviza ao pecado – “é inimizade contra Deus, pois não está sujeita à lei de Deus, nem mesmo pode estar” (Rm 8.6,7). Estar espiritualmente morto significa não possuir o poder para escolher a santidade, escapando assim da corrupção que está no mundo em razão do desejo pecaminoso (ver 2Pe 1.3s.). No entanto, os espiritualmente mortos não são inativos – na realidade, sua natureza pecaminosa os controla e mesmo os dirige (ver Rm 8.8), pois suas mentes estão fixadas no que essa natureza deseja e escravizadas a isso (ver Rm 8.5).[45] Nessa condição, como observa Peter O’Brien, “não conseguimos reagir às decisões da vida com neutralidade”, pois “somos profundamente afetados pelas influências determinantes do mal” que “podem ser descritas em termos do ambiente (‘o presente século’), um poder oponente sobrenatural (‘o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora trabalha entre aqueles que são desobedientes’ [cf. Jo 8.44]), e uma inclinação interior para o mal (‘a carne’)”.[46]

As Escrituras – e especialmente o Novo Testamento – insistem no fato de que cada um e todos nós ou estamos ainda dominados pelo pecado – como Jesus afirmou: “Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado” (Jo 8.34) – ou fomos libertados por Deus para viver uma vida de retidão: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (Jo 8.36; cf. 2Co 3.17). Ou somos a favor de Deus, o qual é o Pai de Jesus Cristo, ou somos contra ele (ver Mc 9.40); não existe meio-termo (ver Tt 1.15s.), pois, colocando em termos diferentes, cada um de nós ou é uma criatura da luz ou uma criatura das trevas (ver 2Co 6.14; 1Jo 1.5s.).[47] Cada ser humano neste mundo pós-queda começa como escravo do pecado (ver Rm 6.17; Ef 2.3s.; Cl 2.7), pois essa é a herança inescapável que recebemos de Adão (ver Rm 5.12,19). A desobediência de Adão tornou-nos a todos filhos e filhas da desobediência (ver Rm 5.19 com Ef 2.2). Como disse o próprio Deus quando olhou os seres humanos após o dilúvio: toda inclinação do coração humano não redimido é ra‘ desde a infância (ver Gn 8.21). Assim afirma Davi e Paulo reitera:

Diz o insensato no seu coração: Não há Deus.

Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem.

Do céu olha o

Senhor

para os filhos dos homens, para ver se há quem entenda, se há quem busque a Deus.

Todos se extraviaram e juntamente se corromperam; não há quem faça o bem, não há nem um sequer (Sl 14.1-3; cf. Rm 3.9-20).

“Desviam-se os ímpios” – isto é, o que cada um de nós naturalmente é em nossa “carne”, enquanto não formos espiritualmente renascidos do Espírito de Deus (ver Jo 3.1-8 com Jr 25.30s. e Rm 7.5 e 8.1-14) – “desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras” (Sl 58.3). Somos todos pecadores desde o momento em que somos concebidos e, portanto, nascemos como iníquos; essa é a verdade que o adúltero e assassino rei Davi descobriu “no seu íntimo” (Sl 51.5s.). O mundo todo se encontra sob o controle do Maligno (ver 1Jo 5.19; cf. 2Co 4.4; Ef 2.2) e permaneceria assim para sempre não fosse pela rica – realmente imensurável – graça e misericórdia de Deus em Cristo (ver Ef 2.1-10).

Por consequência, não é “nem da nossa competência”, tampouco “está em nós” escolher se permaneceremos escravos do pecado ou nos tornaremos servos da retidão. Assim como aconteceu com os israelitas que nasceram escravizados sob o domínio de Faraó, a libertação divina é nossa única esperança (ver Ef 2.1-10 e Cl 2.13-15 com Êx 13.3). Como disse Jesus a Nicodemos, devemos nascer de novo do Espírito de Deus se quisermos ver o seu reino (ver Jo 3.1-8). Porém, esse nascimento é fruto “não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem”, mas temos de “nascer de Deus” (Jo 1.13). “Ninguém pode vir a mim”, disse Jesus aos judeus murmuradores, “se o Pai, que me enviou, não o trouxer” (Jo 6.44); “ninguém poderá vir a mim”, reiterou Jesus aos seus discípulos momentos mais tarde: “se, pelo Pai, não lhe for concedido” (Jo 6.65). Deus precisa colocar seu Espírito dentro de nós e, então, provocar ou induzir-nos – sim, induzir-nos[48] – a andar em sua retidão (ver Ez 36.27). “Pois, segundo o

seu querer", declara Tiago aos seus irmãos e irmãs cristãos, "ele nos gerou pela palavra da verdade" (Tg 1.18). O Espírito caminha ao longo da vereda da santa Palavra de Deus (ver Jo 6.63), mas nosso coração se abrirá para recebê-lo como a fonte sobrenatural da vida espiritual somente se Deus nos capacitar a ouvir a palavra do evangelho com fé (ver Gl 3.2 com Ef 2.8 e At 16.14). E assim será com todos nós como foi com os gentios em Antioquia da Pisídia: quando ouvirmos o Evangelho pregado, todos aqueles entre nós a quem Deus tem ordenado para a vida eterna crerão (ver At 13.48 com Rm 10.14-17).[49]

Então, a verdadeira liberdade somente será nossa se Deus nos levar para a vida espiritual pelo nascimento por meio do Espírito. Apenas então estaremos de tal modo libertados que nos tornaremos capazes de escolher ser servos da justiça e da retidão (ver Rm 6; 8.2-8; Gl 5.13; 1Pe 2.16). Talvez não seja muito dizer que somente após Deus nos haver regenerado é que possuímos verdadeira liberdade da vontade, pois é apenas depois do nosso renascimento espiritual que somos capazes, por meio do Espírito de Deus que vive em nós, de escolher qualquer coisa, menos o pecado. No entanto, ao contrário do que dizem os partidários da doutrina do livre-arbítrio, antes disso, mesmo enquanto ainda éramos incapazes de nos ajudar e infelizes escravos do pecado, éramos apropriadamente passíveis de punição (ver Ef 5.6; Cl 3.5-10).[50] De fato, como Paulo coloca em Efésios 2.3, enquanto formos não regenerados, e precisamente porque somos não regenerados, somos "por natureza filhos da ira". De acordo com as Escrituras, portanto, nem louvor, nem reprovação, nem culpa, nem recompensa, nem punição dependem de possuirmos liberdade de vontade, como os partidários da doutrina do livre-arbítrio a definem.

A história de José

Como pode ser isso? O arrazoado dos partidários da doutrina do livre-arbítrio parece bem plausível: o tipo de liberdade que deveríamos possuir se devemos ser considerados responsáveis e, portanto, passíveis de receber louvor ou culpa e recompensa ou punição, deveria envolver a possibilidade de nos moldar a nós mesmos no nível mais fundamental da nossa personalidade – o nível de escolher quem seremos pela capacidade de escolhermos quais são nossos desejos e aparições. Porque se possuímos não mais do que a capacidade de escolher quais

dos nossos desejos e aspirações iremos satisfazer, então parece que a responsabilidade última no que concerne a quem somos dependeria de Deus, ou do destino, ou de uma necessidade física ou psicológica ou do que quer que seja que determine, em última análise, quais são nossos desejos e aspirações.[51]

De fato, entretanto, a posição bíblica parece ser, claramente, as duas coisas: que Deus ordenou tudo o que acontece em nosso mundo de tempo e espaço e que agora não "é da nossa competência" nem está "em nós" escolhermos se permaneceremos como escravos do pecado ou se nos tornaremos servos da justiça.[52] Aqueles que amam o mal odeiam o bem (ver Mq 3.2; Sl 52.3; cf. Sl 45.7; 101). A luz não pode ter comunhão com as trevas (ver 2Co 6.14). Ninguém pode servir a dois senhores; portanto, somos ou inclinados ao pecado ou à retidão (ver Mt 6.19-24). Ainda assim, como já vimos, a qual desses dois somos inclinados não é, em última análise, "da nossa competência". E mesmo assim as Escrituras mantêm que escolhemos de modo livre e com responsabilidade e, assim sendo, permanecemos corretamente passíveis de punição pelos nossos malfeitos.

Com exceção dos relatos da crucificação de nosso Senhor em Atos, que já examinamos anteriormente, o Gênesis nos fornece o mais claro exemplo desse fato que podemos encontrar nas Escrituras.[53] Esse é o foco da história de José, que foi o primeiro dos dois filhos que Jacó teve com sua amada esposa Raquel, a qual morreu ao dar à luz seu segundo filho, Benjamim. Ao todo, Jacó teve 12 filhos, seis de Lia, sua esposa menos amada, dois de Raquel, dois de Bila, a serva de Raquel, e dois de Zilpa, a serva de Lia. Se há famílias que foram destinadas a enfrentar rivalidades familiares, essa é uma delas.

A história de José realmente se inicia em Gênesis 37, onde lemos que ele era o preferido de seu pai. Jacó, de modo insensato presenteava com generosidade a José, tendo dado a ele, por exemplo, uma capa de muitas cores. Isso levou seus irmãos a compreenderem que seu pai amava a José mais do que a eles e, portanto, nos diz a história: "Seus irmãos [...] odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente" (37.4). Para tornar as coisas ainda piores, quando tinha 17 anos, José teve dois sonhos predizendo que ele governaria sobre toda a sua família e ele, de maneira tola, contou-os aos seus irmãos.

Tudo isso levou os irmãos de José a tramarem matá-lo, mas então, só porque a oportunidade apareceu, eles o venderam como escravo. José terminou no Egito. Ali o jovem passou por altos e baixos, até mesmo tendo ficado preso durante

dois anos sob a falsa acusação de ter tentado seduzir a esposa do seu patrão. Finalmente ele se ergueu, tornando-se o segundo em comando após o Faraó. Então, Jacó enviou os irmãos de José ao Egito para comprar comida, pois havia fome em Canaã. Sem dúvida José os reconheceu, mas não lhes disse nada a respeito de si mesmo. Ao contrário, forçou-os a voltar para casa e buscar seu irmão Benjamim, enquanto Simeão era mantido na prisão até a volta dos irmãos. José, então, testou seus irmãos para ver como eles reagiriam à ideia de manter Benjamim como seu servo e, por fim, ao ver a reação de tristeza deles, lhes revelou quem era.

E aqui está o ponto crucial: quando José finalmente revelou quem ele era a seus irmãos, ele não negou que havia sido a atitude pecaminosa deles de muitos anos atrás a responsável por ele estar no Egito. Em Gênesis 45.4 nós o encontramos dizendo: “Chegai-vos a mim [...] Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito”. Ele, entretanto, tenta não os deixar tão medrosos ou aflitos pelo fato de vê-lo de novo em tais circunstâncias – onde ele decerto exercia poder sobre eles, exatamente como sonhara – afirmando que, em última análise, aquilo fora feito por Deus: “Agora, pois, não vos entristeçais, nem vos irriteis contra vós mesmos por me haverdes vendido para aqui; porque, para conservação da vida, Deus me enviou adiante de vós” (45.5). Deus enviou José ao Egito por meio do ato de seus irmãos o venderem como escravo. José, então, reforça, sem mencionar outra vez o papel de seus irmãos, que Deus o enviara ao Egito: “Deus me enviou adiante de vós, para conservar vossa sucessão na terra e para vos preservar a vida por um grande livramento” (45.7). Assim, ele finalmente conclui: “Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, e sim Deus” (45.8). Quando lemos toda a história com cuidado, fica claro que José apela para a vontade de Deus como sendo a explicação final de tudo que sucedeu a ele, e, em última análise, Deus recebe os créditos por todo o bem resultante.

É claro que isso não significa negar a parte dos irmãos de José no drama todo, nem o mal que fizeram, nem sua responsabilidade nem sua culpa. Tudo isso, está claro, as Escrituras consideram compatível com a alegação de que Deus ordenou que escolhessem do modo como o fizeram. Na realidade, essa mesma conclusão é apresentada no fim da história, nos últimos versículos do livro de Gênesis. Após a morte de Jacó, os irmãos de José, ainda perseguidos pelo que eles mesmos chamavam de “o mal todo que lhe fizemos” (50.15), inventaram uma história e a enviaram a José por um mensageiro, sem dúvida porque estavam com medo de mostrar seu rosto, temerosos de que José agora se vingasse deles. A história dizia: “Teu pai ordenou, antes de sua morte, dizendo: Assim direis a

José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai" (50.16-17). Como José respondeu quando os viu face a face? Ele disse: "Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (50.19-20).

Porém, compreender a construção dessa resposta: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem", é absolutamente crucial se quisermos entender o relacionamento entre a vontade de Deus e nossa vontade, entre Deus ordenar que alguém cometa um ato perverso e algum ser humano na realidade o cometer. A palavra para "mal", nesse caso, é novamente a palavra hebraica ra'. Ra' está no caso feminino singular. Em línguas como grego e hebraico, o caso de substantivos, pronomes e adjetivos indica as relações gramaticais entre as várias palavras. E o pronome "o" nessa afirmação – Deus o tornou em bem – também está no feminino singular. Assim, pelas leis da gramática, "o" claramente toma como seu antecedente a expressão ra'. Em outras palavras, o pronome "o" refere-se ao substantivo "mal", assim como "o" se referiria à palavra "livro" na frase: "Por favor, traga-me aquele livro. Apanhe-o na estante". Nesse caso, a afirmação de José seria traduzida de maneira mais acurada e precisa (com uma pequena expansão para tornar mais claro o que estamos dizendo) do seguinte modo: "Quanto a vocês, meus irmãos, ao vender-me como escravo vocês intentaram o mal contra mim, mas Deus intentou aquele ato mal para o bem".

Em outras palavras José, refere-se aqui a apenas um acontecimento específico, isto é, o fato de seus irmãos o terem vendido para os ismaelitas, que então o levaram para o Egito. Entretanto, ele explicou a ocorrência desse único acontecimento de duas maneiras: seus irmãos intentaram fazer-lhe mal ao venderem-no como escravo – lembrem-se que eles o odiavam e haviam, inclusive, planejado matá-lo – ao mesmo tempo em que Deus intentou essa venda para o bem de José e muitos outros (até mesmo de seus irmãos). À luz do que temos concluído até aqui, isso significa que Deus ordenou o desejo mal dos irmãos de José, mas como parte de um bem maior.

Explicações duplas como essa estão espalhadas ao longo das Escrituras. Encontramos uma no início do livro de Jó, imediatamente depois que Deus coloca Jó na mira de Satanás e, então, dá a Satanás permissão para fazer qualquer coisa, menos estender a mão contra o próprio Jó. Assim, Satanás

enviou os sabeus para roubar os bois e as jumentas de Jó e matar seus servos, em seguida fez com que um raio eletrocutasse as ovelhas e os pastores que cuidavam delas, e então enviou os caldeus que levaram os camelos e degolaram seus cuidadores e depois provocou um grande vento que matou seus filhos. Quando Jó soube de todos esses males, rasgou seu manto, raspou sua cabeça e "lançou-se em terra e adorou", dizendo: "Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!" (1.20-21). Em outras palavras, Jó tomou a vontade de Deus como sendo a explicação última para todo esse mal. E o autor do livro de Jó, então, certifica-se de que entendemos que isso está certo, pois acrescenta: "Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma" (1.22). Em outras palavras, não era pecado nem errado que Jó afirmasse que Deus tinha sua mão poderosa e soberana nesses males. Deus não os fez, Satanás fez, mas os males que Satanás operou ele os fez apenas com a permissão de Deus, o que as próprias Escrituras afirmam, significa a preordenação de Deus. Satanás fez esses males para causar sofrimento a Jó, mas Deus os ordenou para sua própria glória e, afinal, para o bem dele.

A história do naufrágio de Paulo em Atos 27 envolve o mesmo tipo de explicação dupla. Nos versículos 22-25, Deus promete categoricamente, por intermédio de Paulo, que ninguém no navio se perderia. Entretanto, mais tarde, quando alguns dos marinheiros tentavam deixar o navio, Paulo declarou ao centurião e aos soldados: "Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos" (ver v. 30-32). Isso levou os soldados a agirem de modo a manter os marinheiros a bordo. E todos foram salvos como Deus havia ordenado. Desde que Deus havia por antecipação prometido que ninguém se perderia, podemos concluir que a atitude dos soldados de manter os marinheiros a bordo estava entre os acontecimentos que Deus preordenou.

Novamente, no livro de Jonas, somos informados de que, a seu pedido, os marinheiros no navio em que estava Jonas o lançaram no mar (ver 1.14s.) e, então, quando estava no ventre de um grande peixe, Jonas diz a Deus: "Pois me lançaste no profundo" (2.3). Além desses, versículos como Provérbios 21.1 – "Como ribeiros de água assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina" – esclarecem que até mesmo os reis, cuja vontade é soberana na terra, desejam aquilo que Deus deseja que desejem, pois Deus governa o coração deles. Um exemplo notável disso envolve o suicídio do rei Saul, que o cronista descreve como sendo uma situação em que Deus o matou por sua falta de fé ao não obedecer à ordem que lhe dera por meio de Samuel e

por ter Saul ido consultar uma necromante em En-dor (ver 1Cr 10.1-14 com 1Sm 10.8; 13.7-14 e 28.1-19).[54]

Portanto, parece que podemos apropriadamente concluir com o grande teólogo Charles Hodge que “o que é verdadeiro na história de José é verdadeiro a respeito de toda a história”.[55] Toda a história é composta deste tipo de explicação dupla: Deus preordena o que os seres humanos escolhem. Ele nunca está ausente ou inativo quando os seres humanos causam sofrimento uns aos outros ou a si mesmos. Na pessoa de seu Filho, ele está sempre entre nós, como aquele que mantém em suas mãos cada um e todos os aspectos da criação, até mesmo todos os seus aspectos maus de modo que possa dirigir tudo para onde será realizado exatamente o que ele deseja. As Escrituras incluem versículos que, pelo menos numa primeira leitura, e talvez mesmo numa segunda ou terceira leitura, podem parecer indicar algo diferente.[56] Mas, como já vimos, essa é a perspectiva central para a interpretação escriturística da crucificação de nosso Senhor; e é a perspectiva de versículos como de Hebreus 1.3 e Efésios 1.11, que claramente intentam cobrir tudo o que acontece no nosso mundo. Sem dúvida, a crucificação de nosso Senhor é a suprema instância de como Deus ordena um mal real para sua glória e para o bem de seus filhos: nesse caso, o ato mais terrível jamais praticado – a crucificação, por homens ímpios, porém responsáveis, do Filho único de Deus, “o Santo e Justo” que é o verdadeiro “Autor da vida” (At 2.23 e 3.14s.) – foi e é o mais maravilhoso acontecimento que nunca ocorreu, pois foi mediante essa crucificação e morte absolutamente injusta e não merecida que Deus estava reconciliando consigo o mundo (ver 2Co 5.18-21).

A vontade de Deus e nossas vontades

Não é por acidente que bem no início do Gênesis, muito antes de chegarmos à história de José, nos é dito que “é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade” (Gn 8.21, cf. 6.5). Hoje sabemos o que isso traduz: significa que cada um de nós entra neste mundo pós-queda como um escravo do pecado. Como declara Paulo, “por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12). O pecado reina em todos os descendentes de Adão porque ele pecou. Pela sua desobediência, ele trouxe o mal para o coração da raça humana. Exceto

pela graça redentora de Deus, ele agora perpassa por todos nós como nossa inclinação primária. Todo filho ou filha de Adão e Eva é, naturalmente, dominado pelo pecado. Sabemos, portanto, o que motivou os irmãos de José. Sabemos o que eles traziam ao enfrentar a situação de José. Deus, como aquele que sustém de forma ativa todas as coisas (ver de novo Hb 1.13 com Cl 1.17), era a fonte do seu ser. Mas eles, como descendentes de Adão, eram a única fonte de seu pecado. Sua inclinação pecaminosa tornou-os autores de seu próprio pecado. E, consequentemente, eles fizeram o mal e não Deus, pois embora Deus os sustentasse em seu pecado, ele não era a fonte desse pecado. Essa é a razão por que as Escrituras afirmam que Deus cria, manda, permite e até inclina os outros a fazerem o mal, embora nunca por si mesmo ou faça. Ele cria e sustenta pessoas pecadoras sem ser, ele próprio, a fonte do pecado delas.

Deus ordena o mal desejando que pessoas, e coisas, e acontecimentos, e atos maus existam e persistam. Os irmãos de José nunca teriam existido se Deus não tivesse desejado sua existência. Ele formou o interior de cada um deles e os teceu no ventre de suas mães (ver Sl 139.13).[57] Eles não teriam tido nenhum poder para escolher ou agir se Deus não os tivesse sustentado momento após momento. Deus escreveu cada um dos dias da vida deles no seu livro antes do início do tempo (ver Sl 139.16). Ele os rodeou “por trás e por diante” (139.5; cf. Jó 13.27). Nada a respeito dele, nem suas escolhas ou seus atos surpreenderam Deus.[58] Deus nunca se tornou vítima ou presa de uma vã confiança na bondade do ser humano, como o fez Wiesel.

No entanto, como as reações culposas dos irmãos de José sugerem (Gn 42.21s. com 44.16; 45.3,5; 50.15-17), deveríamos saber que o fato de Deus haver ordenado tudo, inclusive nossas livres escolhas, não elimina nem diminui nossa responsabilidade, nossa culpa ou probabilidade de sermos punidos pelos nossos pecados (ver Gl 6.7).

Portanto, o que o nosso exame das Escrituras revelou? O seguinte: encontramos, espalhados por todo o Antigo e o Novo Testamentos, exemplos em que intenções, escolhas e atitudes humanas, assim como intenções, escolhas e atitudes divinas, correm paralelas, exemplos em que todos, as intenções, as escolhas e os atos humanos e as intenções, as escolhas e os atos divinos são vistos como referências e explicações cabais do mesmo objeto ou acontecimento – e essas intenções, escolhas e atos divinos e humanos são, cada um, de modos diferentes, tomados como explicativos da mesma realidade. Por exemplo, pelo seu ato perverso, os irmãos de José intentaram fazer-lhe mal; mas, por meio da

ordenação daquele ato mau, Deus desejou fazer o bem a José e há muitos outros. Mas cada escolha – a que foi feita pelos humanos pecadores, e a outra realizada pelo nosso Deus perfeitamente bom – é tomada como uma explicação cabal e completa do mesmo objeto ou acontecimento.

Assim sendo, a posição bíblica é a seguinte: Deus ordenou, desejou ou planejou tudo o que acontece no nosso mundo desde antes da criação. Deus é o agente primário – a causa imediata e a explicação final e última – de tudo o que acontece; ao mesmo tempo, o relacionamento causal entre Deus e suas criaturas é de tal sorte que o fato de ele haver preordenado tudo é compatível e, na realidade, não retira nada do poder e da eficácia das criaturas. Exceção feita ao fato de estarmos lidando com uma situação em que Deus tenha miraculosamente se envolvido e assim suprimido ou anulado a mera causalidade ou atividade da criatura – como causas "secundárias" ou "imediatas" consideradas simplesmente no nível do criado. E tudo isso é verdadeiro no que diz respeito ao relacionamento entre a atuação divina e a livre atuação humana, assim como o é quanto ao relacionamento entre o divino e natural – isto é, as atividades física e biológica.[59]

"Mas", pode-se perguntar, "como isso é possível? Como podem os irmãos de José terem agido livre e responsavelmente se o que eles fizeram foi o que Deus havia previamente ordenado? Como podem Pilatos, Herodes e Judas e o povo judeu serem de forma correta acusados por aquilo que Deus havia predestinado que haveria de acontecer? Como pode Deus governar as escolhas dos seres humanos sem que isso acarrete necessariamente que essas escolhas não são mais livres? Como pode um mesmo acontecimento ter duas explicações completas?" Minha resposta é a seguinte: Nós não conseguimos compreender como isso é possível. Não podemos compreender como algum ato humano possa ser explicado como um todo em termos de Deus haver livremente tencionado esse ato sem que tal explicação cancele a liberdade e a responsabilidade da intenção humana. Não conseguimos compreender como as atuações divina e humana são de tal modo compatíveis que podem permitir que o exercício de cada tipo de atuação seja cabalmente explanatório do mesmo objeto ou acontecimento. E, no entanto – e aqui está um ponto em absoluto crucial –, nós podemos compreender por que não conseguimos entender. É porque nossos esforços para compreender isso envolvem nossa tentativa de compreender um relacionamento único entre Criador e suas criaturas em termos de nossa compreensão de relacionamentos de criatura-criatura. Mas essas tentativas, deveria ser óbvio, colocam-nos num tipo de "erro de categoria", o que arruína nossa tentativa desde o início. Um "erro de

categoria” envolve a tentativa de refletir sobre alguma coisa sob uma categoria errada. Como a atuação do Criador se relaciona com a atuação da criatura deve ser colocado sob uma categoria muito diferente do que a consideração sobre como a atuação de uma criatura se relaciona com a de qualquer outra criatura. Isso deveria ser óbvio simplesmente por lembramo-nos de que Deus criou todas as coisas ex nihilo, isto é, do nada, ao passo que todo ato criativo da criatura envolve algum tipo de ação limitada sobre “algo” preexistente.

Quando as Escrituras revelam algo sobre o relacionamento entre a atuação divina e a humana, elas meramente afirmam o que José declarou em Gênesis 50.20 – ou seja, afirmam tanto atuação divina quanto a humana, com ambos os tipos de atuação referindo-se ao mesmo acontecimento e explicando-o, mas cada tipo de atuação explicando esse acontecimento à sua própria maneira. Assim, as Escrituras revelam que ambas, tanto a atuação humana quanto a divina, devem ser cabalmente afirmadas, sem tentarmos explicar como isso acontece, porque não temos como compreender, não importa o que as Escrituras digam: todas as nossas analogias alusivas a agentes diferentes ou diferentes tipos de atuação são necessariamente deduzidas daquilo que é verdadeiro entre criaturas e, portanto, faltam-nos por completo os recursos para sondar como a atuação pré-ordenatória de Deus possibilita e mesmo governa a nossa livre atuação.[60] Como disse Davi, após confessar que Deus sabia cada palavra antes mesmo que ela lhe chegasse à língua, tal conhecimento é maravilhoso demais para nós; é, literalmente, sobremodo elevado, não o podemos atingir (ver Sl 139.4-6).[61]

Resumindo, isso significa que devemos afirmar a secular doutrina cristã da total providência de Deus sobre tudo. Deus soberanamente ordenou tudo o que acontece em nosso mundo, mas de tal maneira que isso não violenta as causas secundárias da criação e de modo nenhum diminui a liberdade e a responsabilidade humanas.[62]

Além de qualquer dúvida

Se tudo isso é verdadeiro, então do que podemos estar certos quando somos feridos por outros ou quando nos ferimos a nós mesmos? Quando pensamos sobre o sofrimento humano e seus relacionamentos com a vontade de Deus e

com nossa vontade, o que deveria estar além de qualquer dúvida?

Deveria estar além de qualquer dúvida que ninguém sofre nada vindo das mãos de qualquer outra pessoa sem que Deus tenha ordenado esse sofrimento. Durante suas primeiras horas em Birkenau, Elie Wiesel viu o notório Joseph Mengele, como o "típico oficial da SS: uma face cruel, embora inteligente, completa, com monóculo".[63] Mengele fazia algumas perguntas aos recém-chegados e, então, com uma batuta, os orientava casualmente para sua esquerda, e estes iam de imediato para as câmaras de gás, ou para sua direita, para os trabalhos forçados no campo. Quando olhava para Mengele, Wiesel olhava para um homem muito cruel, o qual, no entanto, Deus estava sustentando e governando a cada segundo ao longo de toda a sua existência má. E podemos ter certeza de que, antes que o tempo começasse a existir, Deus tinha ordenado que aquele lugar, naqueles momentos estaria cheio daquelas pessoas, fazendo e sofrendo do modo exato como aconteceu. Podemos ter certeza, em razão daquilo que Deus disse em passagens como Hebreus 1.3 e Efésios 1.11, de que mesmo aquelas pessoas naqueles momentos não escaparam das "mãos" de Deus, mas que na realidade, ele fez acontecer toda aquela situação guiando-a, governando-a e conduzindo-a por sua palavra todo-poderosa e sempre eficiente para onde ela cumpriria exatamente aquilo que ele desejara.

Podemos também estar certos de que quando causamos sofrimento uns aos outros, o Deus que nos fez à sua imagem está vigiando e nos chamará para prestar contas (ver Gn 9.4-6). Embora ele ordene todas as nossas livres escolhas, essas escolhas ainda "contam" e nós somos considerados como responsáveis por elas. Embora ele tenha ordenado os atos de um Joseph Mengele, Deus não permitirá que o sangue de suas vítimas grite para sempre. Ele chamará Mengele e todos os malfeitores à justiça (ver Dt 32.35, citado em Rm 12.19; Sl 94). Ele vingará o sangue inocente punindo aqueles que o derramaram (Jl 3.17-21).[64]

Também podemos estar seguros de que, o que quer que Deus esteja realizando enquanto ativamente conduz todas as coisas, isso é justo e reto. Como as Escrituras com ênfase declaram, Deus é, decerto, a Rocha sobre a qual nós, mesmo nos momentos mais terríveis da vida, podemos descansar, aquele cujas obras são perfeitas e cujos caminhos são todos justos. Ao ordenar as obras más de outros, ele mesmo não faz o mal, "íntegro e justo é ele".

Sem dúvida, isso não quer dizer que sempre sabemos o que Deus está realizando por meio dos males que sofremos ou fazemos. Podemos, no entanto, estar certos,

como confirmam as Escrituras, de que Deus fez todas as coisas para seu propósito, mesmo as pessoas más como Joseph Mengele e Dennis Rader. Podemos estar certos de que Deus fez os momentos mais terríveis de nossa vida, assim como os melhores. Ainda assim, o motivo pelo qual ele ordenou que essas determinadas pessoas más praticassem aquelas específicas maldades pode ser tão obscuro para nós quanto os sofrimentos de Jó o eram para ele.

No entanto, se somos cristãos, podemos estar certos, além de qualquer dúvida, de que Deus está causando (induzindo) todas as coisas – inclusive todo o nosso sofrimento nas mãos de pessoas más – para trabalhar conjuntamente para o bem, porque ele nos chamou de acordo com o seu propósito (ver Rm 8.28). Podemos ter certeza de que mesmo mais terrível sofrimento algum dia será revelado como sendo parte integrante de "todo o bem que há em nós, para com Cristo" (Fm 6). Pois Deus assim o prometeu. E as promessas de Deus são como feitos já realizados. Como escreveu o apóstolo Paulo:

> Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou (Rm 8.29-30).

Nossa futura glorificação é tão certa que é vista por Paulo como já tendo sido alcançada, e assim ele a coloca no tempo passado. E dessa confiança surge a grande exclamação de Paulo.

> Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? [...] Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito:

Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro.

[Não!] Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.[65]

Como nos diz o versículo 37: “Não, a despeito de todas estas coisas, temos vitória avassaladora por meio de Cristo” (New Living Translation), que nos amou com amor eterno e que será fiel a nós para sempre (ver Jr 31.3).

Ainda assim, algumas vezes essas grandes afirmações certamente não parecem verdadeiras. Algumas vezes nos parece que aquilo que está acontecendo a nós, ou a outros cristãos a quem amamos ou até mesmo a outros cristãos como Suzanne de Boyd, a respeito de quem lemos, é tão ruim que parece impossível que Deus o tenha ordenado para o nosso bem.[66]

Eu mesmo acho muito difícil compreender como isso se aplica a alguns dos atos mais terríveis que os seres humanos cometem, como o abuso sexual de crianças pequenas, estupro ou a tortura impiedosa de alguém. E, sem dúvida, coisas muito menos horríveis do que estas podem nos acontecer e que ainda nos deixam imaginando como Deus pode estar ordenando tudo isso para nosso bem. Tenho visto casamentos se romperem após 35 anos e sentido algo da dor e da absoluta perturbação do cônjuge abandonado. Tenho observado tragédias desenrolando-se que parecem eliminar toda a possibilidade de ainda se obter alguma felicidade terrena.

Mas, sem dúvida, nada disso é novo. Nas Escrituras há muita tristeza e tragédia, e grande parte delas causada por outras pessoas. Quando lemos as Escrituras podemos ouvir os lamentos e gemidos e bramidos do povo de Deus:

Estou cansado de tanto gemer; todas as noites faço nadar o meu leito, de minhas lágrimas o alago.

Meus olhos de mágoa se acham amortecidos, envelhecem por causa de todos os meus adversários (Sl 6.6-7).

Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?

Por que se acham longe de minha salvação as palavras do meu bramido?[67]

E há também aquelas palavras absolutamente pungentes de Jó no início de seu livro, após haver perdido quase tudo, inclusive seus filhos:

Por que se concede luz ao miserável e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte, e ela não vem?

Eles cavam em procura dela mais do que tesouros ocultos.

Eles se regozijariam por um túmulo e exultariam se achassem a sepultura.

Por que se concede luz ao homem, cujo caminho é oculto, e a quem Deus cercou de todos os lados?

Por que em vez do meu pão me vêm gemidos, e os meus [lamentos][68] se derramam como água?

Aquilo que temo me sobrevém, e o que receio me acontece.

Não tenho descanso, nem sossego, nem repouso, e já me vem grande perturbação (Jó 3.20-26).

Poderia haver palavras mais pungentes do que essas? Talvez somente aquelas de nosso Senhor quando foi desamparado pelo seu Pai na cruz.

Mas é sobre essas coisas que o apóstolo Paulo escreve quando grita em Romanos 8, que nada em toda a criação pode separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor. Paulo não falava sobre abstrações, e sim de sua própria experiência como fica claro quando defende seu apostolado:

São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas. Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame? (2Co 11.23-29).

Paulo menciona aflições tão severas que ele e os companheiros que estavam com ele “desesperaram até da própria vida” (2Co 1.8; ver v. 8-11).

Muitos de nós já sentimos essa dor. Conheci aflições muito piores do que a minha paralisia. Já passei por períodos de perplexidade a respeito da providência de Deus tão profundos que noite após noite o sono fugiu de mim. No entanto, essas aflições têm sido dons de Deus. Pois apenas por meio de sofrimentos tão severos meu Pai amoroso me libertou de algumas de minhas mais profundas idolatrias. Nas vigílias da noite, enquanto outros dormem, meu coração desperto deve encontrar o descanso nele, ou não encontrará descanso nenhum.

“Tem misericórdia de mim, ó Deus”, orou Davi quando os filisteus o capturaram em Gate, “porque o homem procura ferir-me; e me oprime pelejando todo o dia. Os que me espreitam continuamente querem ferir-me; e são muitos os que atrevidamente me combatem. Em me vindo o temor”, afirma ele:

Hei de confiar em ti.

Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei.

Que me pode fazer um mortal?

“Todo o dia torcem as minhas palavras”, continua Davi;

Os seus pensamentos são todos contra mim para o mal.

Ajuntam-se, escondem-se, espionam os meus passos, como aguardando a hora

de me darem cabo da vida (Sl 56.1-6).

Mas Deus, Davi sabia, tomou conta de suas agitações noturnas; ele enumerou suas andanças inúteis, ele registrou todas as tristezas de Davi. Ele recolheu num odre as lágrimas de Davi e escreveu todas as suas angústias em seu livro.[69] E Davi sabe que este Deus, que tem por ele tanto cuidado, nunca o abandonará. "Bem sei isto", declara o salmista, "que Deus é por mim. Em Deus, cuja palavra eu louvo, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei. Que me pode fazer o homem?" (Sl 56.9b-11). Davi sabe que Deus guardará seus pés de escorregarem de modo que ele ainda poderá andar na presença de Deus "na luz da vida" (Sl 56.13).

Não pretendo dizer a alguém que tenha sido sexualmente abusado quando criança como Deus intentou aquele mal para seu bem. Mas conheço alguns homens e mulheres que descobriram que esse abuso foi uma dádiva de Deus. Eu não diria a uma Suzanne enraivecida que posso ver claramente como Deus pretendeu o seu bem mediante o pecado do seu marido. Mas sei de alguns que reconhecem a mão de Deus mesmo em tais sofrimentos. Não estou em posição de dizer a Elie Wiesel que os 10 mil que suspiraram suas orações de louvor a Deus naquele Rosh Hashaná, há tanto tempo, obtiveram algo melhor do que ele que permaneceu à parte de sua fé. Talvez Corrie ten Boom pudesse testemunhar a ele sobre a providência e misericórdia amorosa de Deus mesmo em dificuldades tão severas.

O mistério do motivo pelo qual Deus ordenou os males que existem é tão profundo quanto o mistério dos males no nosso coração. E apenas Deus pode sondar as profundidades do nosso coração; portanto, apenas Deus sabe como os sofrimentos que causamos uns aos outros e a nós mesmos figuram em sua cura amorosa de cada um de nós a quem ele acolhe sob o sangue e a retidão de seu Filho. Nem sempre estamos em posição de tentar dar uma resposta àqueles que questionam a bondade de Deus por causa dos males que outros lhes fizeram ou que eles fizeram a si mesmos; algumas vezes, precisamos permanecer em silêncio ao lado deles. Além do mais, por enquanto, nem sempre teremos as respostas para nós mesmos. Mas na glória as respostas serão claras, quando veremos Jesus face a face. Então veremos que Deus na verdade fez tudo o que desejava e o fez perfeitamente, tanto para sua glória quanto para o nosso bem, pois à luz do semblante de Jesus – naquela "luz da vida" – veremos que, por

meio dos nossos sofrimentos, o nosso Pai amoroso esteve nos moldando à imagem do seu Filho.

Como disse Davi: “Ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5).[70]

---

5 Uma palavra aos meus leitores sobre como abordar um trabalho como este livro e outros semelhantes a este: nunca deveríamos esperar compreender ideias importantes, mas difíceis, numa única leitura. A compreensão de ideias difíceis sempre exige perseverança e releitura. Bons escritores o ajudam a formular novas perguntas a cada nova leitura de um livro às quais leituras posteriores deverão ajudá-lo a responder. Tentei escrever esta obra de modo que ela possa ser entendida sem a leitura das notas de rodapé. Portanto, leia-a sem essas notas até que tudo comece a fazer sentido; então, comece novamente, mas dessa vez incluindo as notas de rodapé. Elas servem para acrescentar alguns pontos que esclarecerem e apoiam o que está sendo dito no corpo do texto. Sobretudo, não se sinta desencorajado! Você não tem obrigação de entender um texto como este em uma semana, em um mês ou mesmo em um ano. Portanto, continue a ler lembrando as palavras das Escrituras: “Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro fino. Mais preciosa é do que pérolas, e tudo o que podes desejar não é comparável a ela. [...] É árvore de vida para os que a alcançam, e felizes são todos os que a retêm” (Pv 3.13-15,18). Você compreenderá se continuar tentando.

6 Elie Wiesel, Night (Nova York: Hill and Wang, 2006; publicado pela primeira vez em francês em 1958), 28-34. Em novo prefácio, Wiesel fala sobre esses bebês:

Eu não afirmei [em Night] que eles estavam vivos, mas que foi isso que eu pensei. Mas então eu me convenci: não, eles estavam mortos, se não fosse assim, eu certamente teria ficado louco. Entretanto, outros internos também os viram; eles estavam vivos quando foram jogados no fogo. Os historiadores… confirmam isso. (xiv)

7 Ibid., ix. Essas palavras foram escritas em 2006 como prefácio para nova tradução.

8 Ibid., 63-65.

9 Ibid., 67s.

10 Ibid., xs. Essa passagem é encontrada no novo prefácio de Wiesel, em que ele nos diz que “esses comentários cínicos” eram o modo como a versão original em iídiche de seu livro se iniciava, antes que seu editor os cortasse.

11 Como veremos, “permitir ou consentir” são termos teologicamente carregados nesses contextos. Argumentarei que Deus não apenas permite essas coisas de modo passivo ao ficar de lado e não lhes colocando um fim. Ao contrário, ele ativamente as deseja, ordenando-as e, então, fazendo-as realizarem-se, embora sem que ele mesmo se torne autor do pecado. Como os reformadores insistiram, embora Deus não seja o autor do pecado, ele também não é um mero “espectador inativo” dele. (Eu explico o conceito de Deus ordenar algo no fim de minha segunda seção).

12 Gregory A. Boyd, God of the Possible: A Biblical Introduction to the Open View of God (Grand Rapids, MI: Baker, 2000), 103-6.

13 Escrevi sobre meu acidente e a jornada teológica iniciada por ele em “True Freedom: The Liberty that Scripture Portrays as Worth Having” em Beyond the Bounds: Open Teism and the Undermining of Biblical Christianity, org. por John Piper, Justin Taylor e Paul Kjoss Helseth (Wheaton, III.: Crossway Books, 2003), 77-109. Nesse ensaio refleti sobre uma esfera mais ampla de males do que no presente volume e discuti com mais cuidado a respeito das alegações específicas do teísmo aberto (ou teologia relacional).

14 Para um relativamente franco reconhecimento por parte de um partidário da doutrina do teísmo aberto de que Deus pode estar e tem estado equivocado a respeito de algumas coisas, ver John Sanders, The God Who Risks: A Theology of Providence (Downers Grove; III.: InterVarsity Press, 1998), 132. O caso de Suzanne se encaixaria perfeitamente em uma das maneiras como Sanders caracteriza um equívoco. Ele diz que: “poderíamos dizer que Deus estaria equivocado se ele cresse que X aconteceria” – nesse caso pensando em Deus como crendo que o casamento de Suzanne e seu marido seria uma união feliz e que teriam um ministério frutífero, “mas, na verdade esse X não se tornou

realidade. Nesse sentido", afirma Sanders, "a Bíblia não atribui alguns erros a Deus".

15 Induzir alguém ao mal não é o mesmo que tentar essa pessoa a fazer o mal. As Escrituras nos dizem que Deus a ninguém tenta (ver Tg 1.13). Sobre qual seria a diferença entre induzir alguém ao mal e tentar essa pessoa a fazer o mal, ver passagens de W. G. T. Shedd citadas na nota 56 e, especialmente, 318-22.

16 Ver William L. Lane: Hebrews 1–8, Word Biblical Commentary, vol. 47A (Dallas: Word, 1991), loc. cit.: "A [...] cláusula confere ao Filho o governo providencial de toda a existência criada, o que é função do próprio Deus. Como a Sabedoria de Deus existente antes da criação, o Filho não apenas incorpora a glória de Deus, mas também a revela ao universo à medida que sustenta todas as coisas e as conduz para o fim determinado por sua palavra onipotente".

17 Wayne Grudem, Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1994), 316.

18 A palavra hebraica para "mal", nesse versículo é ra', assim como é também a palavra para "adversidade" em Eclesiastes 7.14. Ra', como argumento abaixo em relação a Isaías 45.7, é o principal termo hebraico para "mal".

19 Os versículos 11 e 12 dizem: "nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade, a fim de sermos para louvor da sua glória". O versículo 13 começa, então, com as seguintes palavras: "em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade". Goodwin, F. F. Bruce, Gordon Fee, Peter O'Brien e outros argumentam, desde a expressão "vós também", que os versículos 11 e 12 se referem aos primeiros judeu-cristãos e que o versículo 13 introduz os cristãos gentios posteriores. Essa interpretação parece ser corroborada por Atos 18.24–19.20.

20 Thomas Goodwin, An Exposition of the First Chapter of the Epistle to the Ephesians em The Works of Thomas Goodwin, vol. 1 (Eureka, Calif.: Tanski Publications, 1966), loc. cit.; ênfase minha. Goodwin viveu de 1600 a 1680. Seu comentário aos Efésios foi publicado um ano após sua morte. Goodwin foi um dos maiores puritanos ingleses.

Normalmente, se fôssemos dizer que alguém fez algo de acordo com o conselho de sua própria vontade, o que diríamos é que essa pessoa primeiro planejou para

si mesmo aquilo que faria e, então, realizou o que havia determinado fazer sem levar em consideração nada além disso. Em outras palavras, o que ele havia determinado fazer era tudo o que importava ao agir como o fez; ele não teria de ajustar o que fez a nada além do que ele havia determinado fazer. Portanto, se interpretarmos essa parte de Efésios 1.11 de acordo com seu sentido evidente, então, teremos de afirmar com as Escrituras que: “No céu está o nosso Deus, e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115.3; ver também 135.6; Dn 4.35; e Is 46.10, o qual é citado abaixo).

A essa altura, pode parecer que os partidários da doutrina do teísmo aberto (ou teologia relacional) têm uma possibilidade a mais aberta para eles. Aparentemente, eles poderiam replicar que o que Deus se agrada em fazer é dar aos seres humanos o tipo de liberdade que envolve decidirmos o que vamos fazer em vez de ele mesmo determinar o que faremos. Porém, essa argumentação realmente não é uma opção bíblica, dado o fato de que Deus não estaria, então, dirigindo todas as coisas “de acordo com o conselho de sua própria vontade”. Pois ele, então, levaria em conta não apenas o que ele desejou, mas o que desejamos.

21 Em Isaías 46.9, Deus declara que ele é Deus “e não há outro, eu sou Deus e não há outro semelhante a mim”, o que é imediatamente seguido pelas palavras do versículo 10: “que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”. O fato de que o versículo 10 é precedido dessa declaração de Deus afirmando que não há nenhum como ele, sugere ou subentende que a absoluta presciência de Deus é o que os teólogos chamam de differentium – ou seja, uma característica distintiva ou algo que o coloca à parte e o torna diferente de todos os outros seres. Aqui a New Living Translation capta muito bem a intenção desses dois versículos: “Não se esqueça das coisas que fiz ao longo da história. Pois eu sou Deus – eu somente! Eu sou Deus e não há nenhum outro como eu. Apenas eu posso dizer o que vai acontecer, até mesmo antes que aconteça. Tudo o que eu planejo acontecerá, pois eu faço aquilo que desejo”.

22 É crucial reconhecer, como Goodwin fez, que o argumento de Paulo não surtiria efeito se ele não pudesse assumir que seus irmãos judeu-cristãos concordariam que Deus dirige todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade. Se qualquer coisa que fosse pudesse escapar da vontade de Deus, então, por que não seria a herança eterna dos seres humanos? Isso significa que nem o

próprio Paulo nem qualquer dos judeus piedosos do seu tempo considerariam o teísmo aberto como uma possibilidade bíblica.

Os partidários da doutrina do teísmo aberto (ou teologia relacional) frequentemente alegam que as Escrituras incluem declarações que podem ser tomadas como defesa ou apoio de sua posição assim como declarações que apoiam a posição de seus oponentes. Então argumentam que as passagens que apoiam sua posição devem ser consideradas como determinantes de como deveríamos interpretar as passagens que apoiam seus oponentes. Mas aqui temos um argumento de Paulo que esclarece o que ele e seus irmãos e irmãs judeus aceitavam como acima de qualquer questão: Deus dirige todas as coisas de acordo com o conselho da sua vontade. Isso estabelece que não deveríamos tomar as passagens bíblicas que podem ser entendidas como apoio ao teísmo aberto como determinantes para nossa interpretação daquelas que não o aprovam. Segundo o argumento de Paulo, devemos tomar as passagens bíblicas que contradizem o teísmo aberto como textos determinantes e, então, interpretar as passagens supostamente "abertas" à luz dessas passagens, se é que queremos permanecer fiéis ao que Deus pretendeu que compreendêssemos a respeito de sua palavra. (De fato essa é uma razão para interpretar versículos como Sl 139.4 e Pv 16.1 como eu o fiz nesse raciocínio, e assim temos razão para rejeitar, p. ex., a interpretação desses versículos feita por David J. A. Clines em seu trabalho "Predestination in the Old Testament" em Grace Unlimited, org. por Clark H. Pinnock (Minneapolis: Bethany House, 1975), 116s. É interessante que partidários da doutrina do teísmo aberto como Boyd e John Sanders nunca reconhecem Efésios 1.11, muito menos se dedicam a estudar o argumento de Paulo.

Explico os conceitos da vontade ordenadora de Deus e de sua predestinação (como são mencionados na segunda sentença do próximo parágrafo) no último parágrafo desta seção. O que Deus ordena muitas vezes difere daquilo que ele comanda. Por exemplo, Deus comanda que todos os seres humanos devem adorar seu Filho (ver, p. ex., Fp 2.9-11), mas ele ordenou que certos seres humanos específicos desobedeceriam a essa ordem e blasfemariam contra ele (ver, p. ex., 2Pe 2 e Jd, especialmente v. 4,8,13-15). De novo ele comanda que todas as pessoas, em todos os lugares se arrependam (ver At 17.30); no entanto, ele ordenou que alguns não se arrependerão (ver 2Pe 2, em particular v. 9 e 17). Nos círculos reformados, essa distinção entre o que Deus ordena e o que ele comanda é frequentemente assinalada como a distinção entre sua vontade secreta – que nunca é frustrada – e sua vontade revelada – que os seres humanos violam

de maneira contínua. Para bom sumário a respeito dessa distinção, ver Grudem, op. cit., 213-16.

23 A atividade criadora de Deus em Isaías 45.7 é declarada em termos de formar, fazer ou criar categorias ou tipos completos de coisas. Nesse versículo, ele não é apresentado criando uma luz especial ou uma calamidade particular; Deus cria luz como tal e calamidade como tal. Portanto, esse versículo elimina a possibilidade de que Deus às vezes cria o mal e às vezes não.

24 A tradução da segunda metade desse versículo (Am 3.6) apresentada pela NVI me parece preferível a outras traduções, como a ESV, que traz “sucederá algum mal à cidade, sem que o

Senhor

o tenha feito?” [que é a mesma da versão ARA – N. do T.], pois ela evita a potencial confusão do leitor com a possibilidade de que Deus faz mal. Como Douglas Stuart observa em seu Hosea – Joel, Word Biblical Commentary, vol. 31 (Waco, Tex.: Word, 1987), 324, o foco dos versículos 3-6 do capítulo 3 está “sobre certas associações naturais de causa e efeito”, portanto, traduzir a palavra hebraica ‘asah como “mandar” em vez do muito mais comum “fazer”, certamente não é impróprio.

Como Grudem ressalta com relação à interpretação de Isaías 45.7, embora alguém pudesse tentar restringir o tipo de mal que Deus cria a nada mais do que desastres naturais, não há razão para tomar isso de maneira tão restrita (ver op. cit., 326, n. 7). De fato, uma interpretação apropriada de Amós 3.6 implica que tal restrição é imprópria. Pois trombetas de advertência eram tocadas nas cidades antigas em primeiro lugar para avisar que essas cidades enfrentavam um ataque militar (ver Stuart, op. cit., 325: “Todos conheciam o significado do toque de uma [trombeta] na cidade. Era o modo de soar o alarme (cf. Os 5.8) e normalmente era o aviso de um ataque inimigo”). Portanto, Amós 3.6 afirma que Deus é a causa última até mesmo daqueles desastres que podem ser atribuídos à escolha humana.

O exame de Grudem do relacionamento entre Deus e o mal, como encontrado nas p. 322-30 de seu livro, está entre os melhores.

25 A tradução da palavra hebraica ‘av‘eh como “desorientados” e “cambalear” parece fraca demais.

26 Para evitar confusão com a distinção que fiz na nota 18 sobre o que Deus ordena e o que ele comanda provavelmente seria importante observar que a expressão no geral traduzida aqui como “por mandado” seria mais literalmente traduzida como “vindo da sua boca”. Em outras palavras, o que esse versículo está sustentando é que tudo isso aconteceu porque era parte da palavra todo-poderosa e sempre eficiente de Deus.

27 Em 2Reis 17.23-25 lemos que Deus enviou leões para o meio dos povos estrangeiros que o rei da Assíria havia transportado para Samaria para tomar o lugar dos israelitas que ele tinha exilado. Muitos de nós, provavelmente, nos colocamos ao lado dos israelitas exilados, e não dos estrangeiros, e quase que certo não reconhecemos com facilidade que para os estrangeiros isso foi um verdadeiro mal, mesmo que tenha sido um mal por meio do qual Deus estava compensando o mal feito contra seu povo. O mesmo podemos ter em mente, por exemplo, quando Deus enviou chuva de pedras sobre os egípcios na sétima praga (Êx 9.23-26), o que para os egípcios foi enorme tragédia, como fica claro pelo fato de que Faraó exclamou: “Esta vez pequei; o

Senhor

é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios. Orai ao

Senhor

pois já bastam estes grandes trovões e a chuva de pedras” (v. 27s.). Essa foi a única vez em que Faraó se sentiu tão afetado por uma das pragas que admitiu seu pecado. (Em Dt 6.22 Moisés diz: “Aos nossos olhos fez o

Senhor

sinais e maravilhas, grandes e terríveis, contra o Egito, e contra Faraó, e contra toda a sua casa”).

28 Esta é a interpretação de Lucas 22.31 em versões como a NVI e a NASB. Essa declaração pode, em última análise, ser expandida para uma compreensão de que nenhum mal – quer seja ele ou não praticado por outra pessoa – pode atingir o povo de Deus sem a permissão de Deus. Assim, o salmo 16.10 sustenta que Deus não permitirá que Davi experimente corrupção. De modo semelhante o salmo 55.22 defende que Deus “jamais permitirá que o justo seja abalado”. Os salmos 66.9 e 121.3 e 1Coríntios 10.13 ratificam a afirmação de que Deus

protege seu povo e não permitirá que nenhum dano espiritual definitivo ocorra a ele. Em cada um desses casos a NASB nos dá o que penso ser a versão mais feliz, traduzindo os termos implicados como “permitir”, em vez de “deixar”, que encontramos na ESV. Deixo aos meus leitores a tarefa de descobrir, com base nas Escrituras, as implicações de que nenhum mal acontece a ninguém – nem mesmo aos ímpios – sem a permissão de Deus.

29 A passagem paralela encontrada em 1Crônicas 21.1 nos diz que foi Satanás quem incitou Davi a cometer esse mal, o que sugere que Deus incitou Davi a fazer esse mal ao permitir que Satanás o incitasse.

30 Para o conceito geral de que Deus ordena todas as coisas antes do início dos tempos e, então, as faz acontecer na história, ver, p. ex., 1Coríntios 2.7 com Efésios 1.7-10. Até mesmo Boyd admite que Deus predestinou alguns acontecimentos desde antes da criação e depois os realizou no decorrer do tempo, inclusive a encarnação e a crucificação (ver seu God of the Possible, 45).

31 Isso transparece claramente ao compararmos várias traduções de Isaías 37.26. Na NVI lemos o seguinte: “Você não soube que há muito eu já o havia ordenado, que desde os dias da antiguidade eu o havia planejado? Agora eu o executo e faço você [Deus falando a Senaqueribe, rei da Assíria] transformar cidades fortificadas em montões de pedra”. Na ESV [assim como na ARA], lemos: “Acaso não ouviste que já há muito dispus eu estas coisas, já desde os dias remotos o tinha planejado? Agora, porém, as faço executar e eu quis que tu reduzisses a montões e ruínas as cidades fortificadas”. A palavra hebraica aqui traduzida como “ordenar” ou “dispor” é ‘asah, que significa fazer.

32 Para prevenir alguma possível confusão, talvez seja importante observar que a doutrina do livre-arbítrio e o livre-arbítrio político são muito diferentes. Além disso, como observei dois parágrafos depois, nem todos os que defendem a doutrina do livre-arbítrio são partidários do teísmo aberto (ou teologia relacional).

33 Ver Robert Kane, A Contemporary Introduction to Free Will (Nova York e Oxford: Oxford University Press, 2005), 2. Como Harry Frankfurt salientou, mesmo os animais possuem alguma liberdade de escolha porque “um animal pode se sentir livre para correr em qualquer direção que desejar” (“Freedom of the Will and the Concept of a Person”, in Harry G. Frankfurt, The Importance of What We Care About: Philosophical Essays [Cambridge e Nova York:

Cambridge University Press, 1988], 20).

34 Por exemplo, algumas vezes vemos pais induzindo seus filhos a não fazer algo, oferecendo-lhes outra coisa diferente que talvez eles desejem ainda mais. Como demonstra Kane, o livro de Aldous Huxley, Brave New World [Admirável Mundo Novo] retrata um mundo em que os cidadãos comuns são deixados livres para escolher o que desejam, mas o que eles desejam está estabelecido e controlado pelo Estado (ver op. cit., 3s.). A doutrina do livre-arbítrio do próprio Kane está mais completamente desenvolvida em seu Significance of Free Will (Nova York e Oxford: Oxford University Press, 1996).

35 Segundo Kane, a liberdade de escolha é importante porque nos permite satisfazer nossos desejos. Quando temos liberdade de escolha podemos escolher obter o que desejamos.

Mas, o livre-arbítrio é mais profundo do que essas liberdades comuns. Para compreender, suponha que tivéssemos a máxima liberdade de fazer escolhas do tipo mencionado, isto é, para satisfazer nossos desejos; ainda assim as escolhas que faríamos seriam, de fato, manipuladas por outros, pelos poderes que existem. Num mundo assim, teríamos uma grande quantidade de liberdade diária de fazer qualquer coisa que desejássemos; entretanto, a nossa liberdade de vontade seria extremamente limitada. Estaríamos livres para agir ou escolher o que desejássemos, mas não teríamos o poder final sobre o que é que desejamos (Contemporary Introduction, 2).

Para os partidários da doutrina do livre-arbítrio como Kane, só seremos verdadeiramente livres se nossas vontades e nossos desejos – o que escolhemos satisfazer ou não – competissem a nós, um mundo onde as “fontes ou origens últimas de nossas ações estivessem [...] ‘em nós’ [e não] em algum outro lugar (como decretos do destino, os atos predestinados de Deus, ou causa e leis antecedentes da natureza) que estão fora de nós e além do nosso controle” (6; ênfase minha).

36 Ver a obra de Kane, Contemporary Introduction, 4s. Para um relato mais completo de um exemplo da vida real, em que parece que parte da culpa pelo modo como uma pessoa se tornou precisa ser colocada sobre outros, ver o relato

feito por Gary Watson da história de Robert Harris em Perspectives on Moral Responsibility, org. por John Martin Fisher e Mark Ravizza (Ithaca e Londres: Cornell 1993), 131-37.

Somente Deus conhece o coração humano; portanto, só ele pode avaliar com justiça quanta culpa cada um de nós merece pelo que fazemos. A culpa sempre cairá, em primeiro lugar, sobre os que perpetraram determinado mal – em outras palavras, os assassinos seriais são essencialmente responsáveis pelos seus crimes – e, portanto, os perpetradores são de início culpáveis e condenáveis pelos seus próprios atos (ver Dt 24.16; 2Rs 14.1-6; Is 3.11; Jr 31.30; Gl 6.7). Isso não quer dizer, no entanto, que os pecados de outros não podem ter um efeito negativo sobre nós (ver Êx 20.5; Nm 14.18). Na realidade, os atos e omissões de outros, até onde podem contribuir para o pecado de alguém, pode torná-los culpados e puníveis também (ver Ez 3.16-21; Mt 18.6s.).

37 Estritamente falando, o que eles sustentam é que Deus não pode saber nossas futuras escolhas, pelo menos não com certeza. Em geral eles admitem que Deus é muito competente em predizer o que nós muito provavelmente faremos. Ele pode saber com certeza outras verdades, desde que o seu conhecimento dessas verdades não viole nossa capacidade de escolher de modo livre.

38 Para os que querem obter uma elaboração filosófica, ver o trabalho de Brian Leftow, Time and Eternity (Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1991) e o trabalho de Paul Helm, Eternal God: A Study of God Without Time (Nova York: Oxford University Press, 1988).

39 Se nós, seguindo Jesus e os discípulos, assumimos que Deus é o principal autor das Escrituras, então, não apenas podemos, mas devemos ler cada parte dela à luz de todas as outras partes e procurar formular um sentido consistente da Bíblia como um todo. Devemos, além disso, permitir que suas afirmações mais claras e mais abrangentes determinem a interpretação das afirmações menos claras e menos abrangentes. Hebreus 1.13 e Efésios 1.11, propriamente interpretados, são afirmações claras e abrangentes de que nada do que existe ou ocorre escapa da vontade soberana de Deus. Portanto, tomando por base essas duas passagens, afirmo que Deus conhece e ordena com antecedência todos os atos humanos, inclusive aqueles que são relatados nas passagens de Atos, Mateus e João que discutirei a seguir. Consequentemente, a única questão à qual preciso me referir agora é se nas Escrituras os seres humanos serão considerados culpados por esses atos.

Para excelente sumário sobre o que as Escrituras afirmam, assumem e inferem a respeito de si mesmas, ver Grudem, op. cit., 47-138.

40 A frase “sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus” – ou na tradução da NVI, “este homem lhes foi entregue pelo propósito determinado e pré-conhecimento de Deus” – sugere que a traição de Judas, a disposição de Caifás de sacrificar Jesus pelo bem do povo (ver Jo 18.14 com 11.45-50) e a covardia de Pilatos em enfrentar os judeus depois que Jesus lhe foi entregue (ver Jo 18.28–19.16) eram todas partes específicas do plano predeterminado de Deus. Muitos anos antes, Senaqueribe havia sido um instrumento involuntário dos grandes propósitos de Deus, como lemos em Isaías 10.6s.: “Envio-a contra uma nação ímpia e contra o povo da minha indignação lhe dou ordens [...] e oponha para ser pisado aos pés como lama das ruas. Ela, porém, assim não pensa, o seu coração não entende assim; antes intenta consigo mesma destruir e desarraigar não poucas nações”. Portanto, parece razoável concluir, contra os tipos de argumento que citei dos partidários da doutrina do teísmo aberto nas notas 38 e 39, que esses três homens (com Herodes e outros), falaram e agiram exatamente como Deus havia ordenado (ver, por ex., Jo 11.51-53).

41 Embora após o acontecido possa dizer “Sinto muito!”, realmente não preciso pedir desculpas pelos meus arranhões e colisões contra você a não ser que essas colisões tenham sido resultado de minha falta de cuidado.

42 Sanders não comenta sobre essas passagens em Mateus e João. Boyd fornece uma interpretação razoavelmente alentada de João 6.64 e de outras passagens desse Evangelho numa tentativa de mostrar (1) que João 6.64 não insinua que Jesus sabia, desde a eternidade que Judas o trairia; (2) que João 17.12 não fornece base para a posição de que “Judas foi condenado desde o início dos tempos”, e (3) que, embora Judas tenha sido aquele que cumpriu as Escrituras traindo a Jesus, ele não tinha de ser aquele que cumpriria esse papel (ver 37-39).

Se admitirmos com base em passagens como Isaías 46.10-11 que Deus possui total pré-conhecimento de todos os acontecimentos futuros, incluindo todas as escolhas humanas, então não há razão por que não deveríamos ler João 6.64 do modo tradicional, uma vez que decerto é possível que o Jesus encarnado, como Deus o Filho, podia e realmente sabia disso durante sua encarnação, assim como ele predisse em Mateus 26.33-35 que antes que o galo cantasse Pedro o negaria três vezes. O segundo e o terceiro pontos de Boyd não serão admitidos por

aqueles que interpretam passagens como Hebreus 1.3 e Efésios 1.11 como o faço.

A implausibilidade da explicação de Boyd da predição de Jesus a respeito da negação de Pedro por três vezes antes que o galo cantasse em Mateus 26.33-35 mostra como são fracos alguns dos argumentos dos teólogos adeptos da teologia relacional (teísmo aberto). Boyd argumenta que podemos explicar essa predição "simplesmente supondo que o caráter de uma pessoa, combinado com o perfeito conhecimento do Senhor a respeito de todas as variáveis futuras, torna o comportamento futuro da pessoa como algo certo" (35). Diz ele:

Ao contrário daquilo que muitos assumem, não precisamos crer que o futuro está absolutamente determinado para explicar essa predição. Apenas precisamos crer que Deus o Pai conhecia e revelou a Jesus um aspecto muito previsível do caráter de Pedro. Qualquer pessoa que conhecesse perfeitamente o caráter de Pedro poderia ter predito que, sob certas circunstâncias de alta pressão (que Deus facilmente poderia orquestrar), ele agiria exatamente como o fez (35).

Entretanto, para que Jesus arriscasse fazer uma predição de que Pedro o negaria três vezes antes que a madrugada raiasse (lembrem-se: no Antigo Testamento, um profeta era desacreditado como porta-voz de Deus se todas as suas predições não se mostrassem verdadeiras [ver Dt 18.20s.]), as circunstâncias que Deus teria de orquestrar teriam incluído sua certeza de que Pedro seria confrontado com exatidão três vezes a respeito de suas relações com Jesus. E como Deus poderia assegurar isso sem, pelo menos potencialmente, suprimir a liberdade dos questionadores para assegurar o resultado?

43 Em geral, os partidários da doutrina do teísmo aberto como Boyd e Sanders, fazem grande esforço para mostrar como passagens como essas e aquela de Atos 2 podem aceitar uma interpretação "aberta" e, portanto, não apoiam os tipos de afirmação que faço. Portanto, é surpreendente perceber como eles dão tão pouca atenção a essas duas passagens. Boyd simplesmente declara que, conquanto:

as Escrituras retratem a crucificação como um acontecimento predestinado, ela

nunca sugere que os indivíduos que participaram desse evento eram predestinados para fazer isso, ou conhecidos com antecedência como os que o fariam. Era certo que Jesus seria crucificado, mas não era certo desde a eternidade que Piloto (sic), Herodes ou Caifás fariam os papéis que fizeram na crucificação (God of the Possible, 45; ênfase minha).

Essas são meras alegações que, além disso, parecem não reconhecer a interpretação mais natural da passagem e lançar mão dela. Pois esta afirmação "porque verdadeiramente se juntaram nesta cidade contra o teu santo servo Jesus [...] Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel para fazer tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram" é mais naturalmente interpretada como envolvendo o soberano Deus do universo usando aqueles que se juntaram contra Jesus como instrumentos para realizar sua vontade. Isso se segue tanto do fato de que os sujeitos naturais da cláusula final são Herodes e Pôncio Pilatos e os gentios e israelitas, quanto à luz de passagens como Hebreus 1.3 e Efésios 1.11.

Sanders também trata essas duas passagens de maneira breve demais, dizendo que: "Era propósito explícito de Deus [...] entregar o Filho nas mãos daqueles que possuíam um longo histórico de resistência à obra de Deus" (op. cit., 103). Com isso ele parece reconhecer que Deus tencionava usar Herodes e Pilatos, os gentios e judeus como instrumentos para realizar sua vontade. Mas, então, ele cita Lucas 7.30 – "os fariseus e os intérpretes da lei rejeitaram, quanto a si mesmos, o desígnio de Deus" – como prova de que os seres humanos podem resistir à vontade de Deus. Entretanto, aqui podemos responder que os fariseus e intérpretes da lei resistiam à vontade revelada de Deus e que nem eles nem ninguém mais podem resistir à sua vontade secreta. Vemos essa distinção funcionando, por exemplo, em 1Samuel 2.12-15 em que os filhos de Eli tratavam com desrespeito a vontade revelada de Deus no que dizia respeito ao sacrifício, mas quando Eli os advertiu sobre o julgamento de Deus por seu mau procedimento, somos informados de que: "não ouviram a voz de seu pai" – que estava sem dúvida proclamando a eles a vontade revelada de Deus – "porque o

Senhor

os queria matar" (v. 25).

44 Comentando sobre Efésios 2.1, Peter T. O'Brien diz: "aqui [Paulo] emprega o adjetivo 'mortos' de modo figurado para descrever o estado daquele que está perdido e sob o domínio da morte [...] É muitas vezes chamado de morte espiritual e indica um estado de alienação ou separação de Deus" (The Letter to the Ephesians [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999]), loc. cit.

45 Pedro diz que eles estão cheios de "paixões carnais, por suas libertinagens" (2Pe 2.18), que João enumera como: "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1Jo 2.16).

Pode parecer um paradoxo que alguém esteja morto espiritualmente, porém ativo, mas pense sobre os assassinos sociopatas. Os assassinos seriais são descritos, até com certa frequência, por aqueles que os tratam, como parecendo ter algo morto dentro deles e ainda assim eles empregam toda a sua energia para executar seus horrores. Na realidade, é aquilo que está morto dentro deles que permite, e mesmo os impulsiona para fazer o que fazem. Pois a consciência deles está morta, o que os torna ainda mais perigosos, pois não possuem mais o monitor interno que os impediria de nem sequer pensar em executar seus atos terríveis. Outras escolhas ainda se abrem diante deles precisamente porque sentem tão pouca compulsão para fazer apenas o que é certo. De fato, Judas nos dá um retrato de como alguém morto espiritualmente pode ser muito ativo em sua maldade quando condena certas pessoas que se infiltraram na Igreja, às quais ele descreve como blasfemando sobre aquilo que não entendem e sendo destruídas "quando tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem" (Jd 10). Ele chama essas pessoas de: "rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteando-se juntos, sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; [...] árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas; ondas bravias do mar, que espumam suas próprias sujidades; estrelas errantes" (12s.). Essas pessoas são mais livres que os cristãos verdadeiros para fazer o mal. Do mesmo modo, Isaías descreve Sodoma e Gomorra de tal maneira a deixar claro que seus habitantes estavam mortos para qualquer sentimento de vergonha com relação ao que faziam (ver Is 3.9). É à medida que os seres humanos se tornam espiritualmente cegos, à proporção que se tornam alienados da vida de Deus, conforme seu coração se endurece e se torna insensível, que eles então não têm mais nada que os impeça de dar-se a todos os tipos de sensualidade e podem até mesmo tornar-se "insensíveis [...] para com avidez cometerem toda sorte de impureza" (Ef 4.17-19).

46 Esse é o comentário de O'Brien que resume a afirmação de Paulo em Efésios 2.1-3 (ver 163s.). Como O'Brien ressalta, as afirmações de Paulo são consistentes com o que encontramos em outros lugares do Novo Testamento; ver, por exemplo, Tiago 3.15 e 1João 2.15-17 e 3.7-10.

47 João 12.46, Atos 26.18, Efésios 5.8 e 1Pe 2.9, todos assumem que somos, todos nós, para começar, criaturas das trevas, as quais, para que haja qualquer esperança, devem ser libertadas desse domínio e transferidas para o reino da luz (ver Cl 1.13). 2Coríntios 6.14s. tem por certo que existem apenas duas classes de seres humanos variadamente descritos como justos ou injustos (a palavra grega é anomia, que significa "sem lei" ou "anárquico" e, portanto, "injustiça" ou "impiedade"), ou aqueles que pertencem à luz e aqueles que pertencem às trevas, ou os que estão em Cristo e aqueles que são de Satanás.

48 Em Ezequiel 36.27 (ESV [e também ARA – N. do T.]) lemos: "Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis". A palavra hebraica para "farei" é 'asah, a qual, como já vimos, significa fazer. A maior parte das versões em nossa língua traduz a expressão como "fazer". A tradução da NVI, de modo atípico, apresenta "os levarei a", o que parece muito fraco, pois alguém poderia levar uma pessoa a realizar algo sem na realidade, fazê-la agir daquela maneira. Traduzir 'asah como "fazer" se harmoniza com o fato de que as Escrituras sempre nos representam como passivos no processo do renascimento espiritual. A regeneração – que é o termo técnico quando usado em seu sentido mais restrito para nosso novo nascimento – é inteiramente uma obra de Deus.

49 A palavra grega traduzida aqui como "destinados" (ESV [tb. ARA]), em Atos 13.48, é tasso, que pode ser traduzida como designar, ordenar ou mandar. Assim a RSV apresenta [como a versão ARA –

N. do T.]: "Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna".

A supremacia de Deus em todo o processo da nossa salvação é enfatizada pela admissão por parte das Escrituras de que ele escolhe aqueles que irão à fé. Ver, por exemplo 1Tessalonicenses 1.4s. – "reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição, porque nosso Evangelho não chegou até vós tão somente em palavra, mas, sobretudo em poder, no Espírito Santo e em plena convicção" – e 2Tessalonicenses 2.13 – "Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós,

irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade" – assim como o salmo 65.4 "Bem-aventurado aquele a quem escolhes e aproximas de ti, para que assista nos teus átrios".

F. F. Bruce enfatiza a soberania de Deus no processo pelo modo como traduz Efésios 1.11 – "Foi também em Cristo que fomos reivindicados por Deus como sua porção, tendo sido predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade". Ele comenta:

O verbo traduzido como "fomos reivindicados [...] como sua porção" tem sido traduzido mais livremente em várias versões recentes. [...] Mas estamos trabalhando com a voz passiva do verbo, que significa "designados por quinhão", "distribuídos", "consignados", e a voz passiva deveria ser enfatizada a não ser que haja boa razão para não o fazer. A razão para traduzir: "fomos reivindicados por Deus como sua porção" (em vez de "nossa porção nos foi designada"), é o fato de que o primeiro modo concorda com o precedente do Antigo Testamento [ver, p. ex., Dt 32.8s.] [...] aqui os crentes em Cristo são o povo escolhido de Deus, reivindicados por ele como sua porção ou herança [...]

A ideia da predestinação divina é repetida a partir do versículo 5. Ali se diz que Deus predestinou seu povo "segundo o beneplácito de sua vontade"; e afirma-se que isso é parte de seu governo eterno do universo, porque ele "faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade". Sua vontade pode ser desobedecida, mas seu propósito último não pode ser frustrado, pois ele sujeita a desobediência de suas criaturas de tal maneira que ela serve aos seus propósitos. (F. F. Bruce, Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians [Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1984], 262-64).

A imagem apresentada aqui é que o soberano Senhor de todo o universo apenas aponta para aqueles a quem deseja salvar e diz: "Eu ficarei com estes". Sem dúvida a distinção de Bruce entre a vontade de Deus e seu propósito último é a mesma distinção que a teologia reformada faz entre a vontade revelada de Deus e sua vontade secreta (ver nota 18).

50 “Apropriadamente” porque estamos, neste estado, sujeitos à ira de Deus – e o juiz de toda a terra sempre fará o que é justo e direito (ver Gn 18.25). Como afirma O’Brien:

A “ira” em questão [em Ef 2.3] é a ira santa de Deus contra o pecado e o julgamento que disso resulta (cf. Ef 5.6; Cl 3.5-6). Não representa nem um processo impessoal de causa e efeito nem uma raiva defensiva ou justificativa, nem uma vingança injusta e desenfreada nem uma explosão passional e exaltada. A ira não descreve nem uma entidade autônoma lado a lado de Deus nem um princípio de retribuição que não deva ser intimamente associado à sua personalidade (163).

51 Embora de início esse raciocínio pareça bem plausível, na realidade está errado. Pois assume que nossos desejos e aspirações são tudo o que levamos em consideração ao fazer nossas escolhas, e nesse caso segue-se que o âmbito de nossas escolhas seria restringido pelo âmbito de nossos desejos e aspirações. Consequentemente, se Deus, ou o destino, ou fatores físicos, ou psicológicos (ou qualquer outra coisa) determinarem o âmbito de nossos desejos e aspirações, então, Deus, ou o destino, ou fatores físicos, ou psicológicos (ou qualquer outra coisa) indireta, mas inevitavelmente, determinam o âmbito de nossas escolhas. As Escrituras, no entanto, assumem e afirmam que devemos levar em conta mais do que nossos desejos e aspirações ao fazer nossas escolhas – ou seja, devemos levar Deus e sua lei em consideração, com o entendimento de que, se sua lei vai contra nossos desejos e aspirações, então, devemos escolher seguir sua lei em vez de satisfazer esses desejos e aspirações. E, de acordo com as Escrituras, todo ser humano sabe disso (ver, p. ex., Rm 1.18–2.16). Portanto, não necessitamos do livre-arbítrio para sermos responsáveis. Tudo de que precisamos é liberdade de escolha mais uma percepção de que, às vezes, Deus nos ordena seguir sua lei em vez de satisfazer nossos desejos e aspirações.

52 Em outras palavras, de acordo com as Escrituras, cada um de nós possui uma inclinação primária ou para o pecado ou para a retidão. Essa inclinação primária determina nossos desejos e aspirações. Portanto, não existe isso de liberdade da vontade no nível mais fundamental do ser humano. Como afirmou o Senhor, cada um de nós é a favor dele ou contra ele (ver Lc 11.14-28). Na esfera espiritual, como deveria estar claro desde nossa discussão sobre Efésios 2.1-3, a neutralidade é impossível.

Com alguma reflexão cuidadosa, podemos perceber por que não pode haver isso

de liberdade de vontade no nível mais fundamental do ser humano. Em última análise, embora devêssemos ser motivados a fazer nossas escolhas nos termos da lei de Deus, nossa motivação real ao fazermos uma escolha entre quaisquer duas possibilidades – vamos designá-las possibilidades A e possibilidade B – é que ou A ou B será mais consistente com a nossa inclinação primária. (Se pela graça regeneradora de Deus minha inclinação primária é para a retidão, então, de fato serei motivado por aquilo que deveria motivar-me). Consequentemente, se não tivéssemos nenhuma inclinação primária, então não poderíamos ser induzidos a fazer qualquer escolha. Além do mais, é impossível escolhermos nossa inclinação primária, pois não temos nada mais primário do que ela para motivar tal escolha.

53 Daqui até o fim da próxima seção, de certo modo, dependerei do que já disse num trabalho anterior, “True Freedom”, em Beyond the Bounds, 88-100. Essa obra trata explicitamente de algumas objeções que os partidários da doutrina do teísmo aberto fariam de minha interpretação da história de José.

54 O relato do cronista diz o seguinte: Saul havia sido ferido pelos flecheiros filisteus e, temendo ser abusado por eles se caísse em suas mãos, pediu ao seu escudeiro que o matasse. Mas o escudeiro recusou-se. Então, Saul tomou sua própria espada e matou-se caindo sobre ela. Portanto, quando o cronista observa no versículo 14 que “o S

enhor

[...] o matou”, ele quer dizer que Deus fez isso induzindo Saul a escolher, de forma voluntária e sem dúvida responsavelmente, acabar com a própria vida. Somos informados de que o escudeiro de Saul se recusou a matá-lo porque “temia muito” (1Cr 10.4). Creio que a interpretação mais plausível dessas palavras é que o escudeiro de Saul compreendia que ele seria tido como responsável se escolhesse atender ao pedido de Saul. Portanto, todo o relato parece estar saturado de escolhas e responsabilidades humanas; no entanto, tudo exercitado segundo a vontade secreta de Deus.

55 Charles Hodge, Systematic Theology, 3 vols. (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986 [primeira publicação em 1871]), 1:544.

56 Por exemplo, 1Timóteo 2.4 afirma que Deus: “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”; 2Pedro 3.9 diz que

ele não deseja que ninguém pereça; e Ezequiel 18.32 declara que ele não tem "prazer na morte de ninguém". Esses versículos claramente aparentam ir ao contrário da afirmação de que nosso Senhor sustenta o universo de tal maneira que tudo dentro dele realiza com exatidão o que ele deseja. Não posso discutir esses versículos aqui. Para uma exposição cuidadosa de versículos como esses ver, por exemplo, Thomas R. Shreiner e Bruce A. Ware (orgs.), The Grace of God, the Bondage of the Will: Biblical and Pratical Perspectives on Calvinism (Grand Rapids, MI: Baker, 1995), 2 vols., e David N. Steele, Curtis C. Thomas e S. Lance Quinn, The Five Points of Calvinism: Defined, Defended, and Documented (Phillipsburg, N. J.: P&R, 2004, 2ª edição).

57 As palavras do salmo 139 são de Davi, que é um dos escolhidos de Deus, mas há todas as razões para crermos que de modo virtual todas essas palavras, até o versículo 16, se aplicam igualmente bem a todos os seres humanos.

58 Sanders afirma que Deus "não tinha motivo para suspeitar" que Adão e Eva iriam pecar. O pecado deles tomou Deus de surpresa. Ver The God Who Risks, 45-49, e minha resposta em "True Freedom", 94s.

59 Não é difícil compreender como a atuação de Deus se relaciona com a atuação natural: Deus criou seres físicos e biológicos e as leis naturais a que esses seres obedecem, e assim os sustenta de modo que eles se afetam mutuamente de acordo com essas leis. Portanto, quando o vento sopra, o berço balança porque o vento é a causa "secundária" ou "próxima" do balanço do berço, dadas as leis físicas que Deus estabeleceu para o universo. De novo, eu, como um ser biológico, fico machucado quando o vento sopra tão forte que o galho da árvore se quebra e cai sobre mim, porque isso é o que acontece quando Deus mantém a ambos, a mim e ao galho da árvore e as leis físicas e biológicas que governam como galhos de árvore caem e corpos animais se relacionam um com o outro. Em ambos os exemplos, Deus é a causa "primária" do que acontece porque, se ele não mantivesse esses seres e as leis que obedecem, eles não teriam nenhuma existência e nenhum poder para afetar coisa alguma. Então, não parece haver qualquer problema em afirmar que Deus ordenou, desejou ou planejou que esses seres interagissem uns com os outros dessa maneira desde antes da criação. A predestinação de Deus a respeito desses seres e acontecimentos não parece violar de modo nenhum suas interações "naturais".

Mas é muito mais difícil compreender como Deus pode ordenar, desejar ou planejar nossos atos livres desde antes do início dos tempos sem que sua

predestinação cancele a liberdade desses atos. De fato, como comento no parágrafo seguinte do texto, simplesmente não conseguimos compreender na totalidade como isso acontece. No entanto, temos visto como as Escrituras afirmam ambos: a atuação primária de Deus, que envolve o fato e que a sua vontade soberana é a última e final explicação para nossos atos livres, e o fato de que ainda os executamos de modo livre e responsável. Ou aceitamos o testemunho das Escrituras ou não. As notas 56 e 58 nos mostram como importantes teólogos têm estado dispostos a morder a isca a esse respeito e aceitar o fato de que tanto a atuação divina e a livre atuação humana existem numa espécie de explicação dupla que explorei na seção anterior. Aqui está alguma coisa mais da Confissão de Fé de Westminster sobre o mesmo tópico:

Pela mui sábia providência, segundo sua infalível presciência (ver At 15.17) e o livre e imutável conselho de sua própria vontade (ver Sl 33.10s.), Deus, o grande Criador de todas as coisas (ver Dn 4.34s.; Sl 135.6; At 17.25-28; Jó 38–41), para louvor da glória da sua sabedoria, do seu poder, da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia (ver Is 63.14; Sl 145.7), sustenta, dirige, dispõe e governa todas as criaturas, todas as ações delas e todas as coisas, desde a maior até a menor (ver Pv 15.3; Sl 104.24; 145.17).

Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente; contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam necessária, livre ou contingencialmente, de acordo com a natureza das causas secundárias (ver Gn 8.22; Êx 21.12-14 com Dt 19.4-6; 1Rs 22.1-38; Is 10.5-7)...

A onipotência, a sabedoria inescrutável e a bondade infinita de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda e a todos os outros pecados dos anjos e dos homens (ver Rm 11.32s.; 1Cr 10.4-14; 2Sm 16.5-11), e isso não por mera permissão, mas por uma permissão tal que, para seus próprios e santos desígnios (ver Is 10.6s.), sábia e poderosamente os limita (ver 2Rs 19.28), regula e governa em múltipla dispensação; mas essa permissão é tal que a pecaminosidade dessas

transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justo, não pode ser o autor do pecado nem pode prová-lo (ver 1Jo 2.16; Sl 50.21) (Confissão de Fé de Westminster, 5.1,2,4).

Incluí algumas das provas textuais da Confissão, mas apenas aquelas que são mais importantes e que não foram discutidas no texto deste trabalho. Vale a pena ler cada uma delas.

60 Não quero dizer com isso que as maneiras pelas quais Deus governa tanto os justos quanto os ímpios são completamente obscuras para nós. Em seu Dogmatic Theology (Phillipsburg, NJ.: P&R, 2003; 3ª edição em 1 volume, org. por Alan Gomes [De início publicado em três volumes em 1888 e 1894]), W. G. T. Shedd faz algumas observações muito esclarecedoras nas seções em que trata dos decretos eficazes e permissivos (318-322) e sobre eleição e condenação (326-44). Mas em ambos os casos, isto é, naqueles sobre os quais podemos ter uma percepção melhor e naqueles em que não podemos, devemos afirmar com o salmista que Deus forma o coração de todos os seres humanos (Sl 33.15).

Os que querem rejeitar essa posição, frequentemente a rotulam de “calvinismo”, mas Fergus Kerr, O. P. tem enfatizado que essa é também a posição do grande pensador católico medieval Tomás de Aquino:

Para Tomás, Deus é a causa que capacita todos os agentes a atuarem do modo como o fazem [...] Não há nenhum problema. Ele cita Isaías 26.12 [“

Senhor

[...] todas as nossas obras tu as fazes por nós”] [...] com João 15.5: “[...] porque sem mim nada podeis fazer” e Filipenses 2.13: “porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade”. Evidentemente, para Tomás de Aquino as Escrituras estabelecem isso; não há necessidade de explanações teóricas sobre como a liberdade divina e a liberdade humana não devem e não são consideradas como invadindo ou usurpando uma à outra. [...] Tomás de Aquino apenas exclui certas noções tentadoras: sim, Deus faz todas as coisas, Deus não é um parceiro na existência e nas atividades do mundo; entretanto, Deus faz todas as coisas de tal maneira que a autonomia e a realidade dos agentes criados são respeitadas. Sobretudo: o efeito não é atribuído a um agente humano e a uma atuação divina de tal modo que ela seja parcialmente

realizada por Deus e em parte pelo agente humano; ao contrário, é realizada de forma integral por ambos de acordo com um curso ou método diferente, de modo que o mesmo efeito é integralmente atribuído ao instrumento e também no total atribuído ao agente principal – mas agora, Tomás de Aquino nos remete a uma analogia, e nós ou a compreendemos ou não. No fim, ele exclui certas noções e nos deixa simplesmente com o mistério do relacionamento entre a criatividade divina e a autonomia humana [...] Tomás de Aquino não tem nada mais básico para oferecer do que essas observações. (Fergus Kerr, O. P., After Aquinas: Versions of Thomism [Oxford: Blackwell, 2002], 44-46. Minha gratidão ao meu ex-aluno Michael Ajay Chandra, por chamar a minha atenção para essa passagem.)

61 Como Justin Taylor recentemente comentou, se formos bíblicos a respeito de todas essas coisas, sabemos que nunca seremos considerados responsáveis por explicar como as atuações divina e humana são compatíveis, mas seremos considerados responsáveis por crer que elas o são.

62 Aqui está como a Confissão de Fé de Westminster (3.1) apresenta essa seção. Observe quão próxima ela é de Tomás de Aquino:

Desde a eternidade e pelo mui sábio conselho de sua própria vontade, Deus ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece (ver Ef 1.11; Rm 11.33; Hb 6.17; Rm 9.15,18), porém de modo que nem Deus é o autor do pecado (ver Tg 1.13,17; 1Jo 1.5), nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das causas secundárias, antes estabelecidas (ver At 2.23; Mt 17.12; At 4.27-28; Jo 19.11; Pv 16.33).

63 Night, 32. Mengele era um médico cujo apelido era “O Anjo da Morte”. Ele praticava experimentos indizíveis em alguns de seus prisioneiros, inclusive a injeção de material químico nos olhos das crianças numa tentativa de mudar a cor dos olhos de castanho para o preferido azul ariano. Ele visitava as crianças agindo com bondade e levando doces e roupas para mantê-las calmas e felizes, e então as transportava em algo semelhante a um caminhão da Cruz Vermelha ou em seu carro particular para seu próprio laboratório, ao lado do crematório onde realizava seus terríveis experimentos e depois cremava os seus corpos. Ele se especializou em experimentos em gêmeos idênticos. Estava interessado em descobrir se poderia fazê-los se diferenciar geneticamente por meio de, entre outros horrores, realizar operações de mudança de sexo em um deles ou removendo os membros ou órgãos de um dos gêmeos em procedimentos

cirúrgicos macabros, realizados sem a administração de anestesia e que não possuíam nenhuma base ou valor científico.

64 Isso é verdadeiro mesmo quando os cristãos fizeram o que é errado, embora nossa punição possa ser completamente assumida pelo sacrifício de Cristo.

65 Romanos 8.31s., 35-39. Mudei a pontuação no início do versículo 37 para tornar o "Não" de Paulo tão enfático quanto ele desejava.

66 Aqui, especifico os cristãos, porque a promessa de Deus de que todas as coisas trabalham juntas para o bem é dirigida a eles, e não a todos os seres humanos. É mediante nossa reconciliação pela fé na obra reconciliadora de Cristo que recebemos o direito de sermos chamados filhos de Deus e assim ter o imensurável conforto de saber que Deus é nosso Pai amoroso o qual, temos sua promessa, opera todas as coisas para o nosso bem.

67 No salmo 22.1, em traduções mais antigas (KJV), a palavra hebraica sheagah é "rugido" ou "bramido", o que de certo modo é melhor do que traduções mais recentes como "gemido". A palavra refere-se de início e principalmente ao rugido de um leão e, portanto, penso que há boa razão para acreditar que a experiência de Davi tenha sido como a experiência de alguém numa unidade de emergência onde ele de forma genuína ruge como um leão em sua dor.

68 A palavra hebraica é sheagah.

69 Minhas duas sentenças anteriores compilam várias versões das palavras difíceis de traduzir do salmo 56.8. Também prefiro a leitura marginal do v. 5a na ESV.

70 Minha gratidão aos meus alunos Rose Acquavella, John Higgins, Luke Damoff, Andrew Herther, Megan Ensor e Jon Searle pelos úteis comentários feitos a respeito de um esboço anterior

Parte 2 Os propósitos de Deus no sofrimento

Capítulo 3 O sofrimento de Cristo e a soberania de Deus John Piper

O que eu gostaria de fazer neste capítulo é engrandecer a Cristo em seu sofrimento. No processo, gostaria de arriscar uma explanação bíblica concludente para a existência do sofrimento. E gostaria de fazê-lo de tal maneira que você e eu nos sentiríamos libertados dos efeitos paralisantes tanto do desânimo e da autocomiseração, como do medo e do orgulho, de modo que nos entregaríamos, tanto os plenamente capacitados quanto os deficientes, a espalhar a paixão pela supremacia de Deus em todas as coisas (inclusive no sofrimento) para a alegria de todas as pessoas por meio de Jesus Cristo.

A explicação Bíblica concludente para a existência do sofrimento

Creio que todo o universo existe para manifestar a grandeza da glória da graça de Deus. Eu poderia ter dito de modo mais simples, que o universo inteiro existe para manifestar a grandeza da glória de Deus. Isso seria verdadeiro. Mas a Bíblia é mais específica. A glória de Deus brilha com maior esplendor, mais integralmente, de modo mais belo na manifestação da sua graça. Portanto, esse é o objetivo último e a explicação final para todas as coisas – inclusive o sofrimento.

Deus decretou, desde toda a eternidade, revelar a grandeza da glória da sua graça para o contentamento de suas criaturas e nos revelou que esse é o objetivo e a explicação últimos da existência do pecado e de termos um grande Salvador sofredor. Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio em carne para sofrer e morrer e, por esses sofrimentos e morte, salvar pecadores indignos como você e eu. Essa vinda para sofrer e morrer é a suprema manifestação da grandeza da glória da graça de Deus. Ou, em outras palavras, a morte de Cristo em supremo sofrimento é a mais alta, mais clara e mais perfeita demonstração da glória da graça de Deus. Se isso é verdadeiro, então uma verdade assombrosa é revelada, qual seja, o sofrimento é uma parte essencial do universo criado no qual a grandeza da glória da graça de Deus pode ser mais perfeitamente revelada. O sofrimento é uma parte essencial da tapeçaria do universo, de modo que a urdidura da graça possa ser vista pelo que ela realmente representa.

Ou, para colocar isso de modo ainda mais singelo: a razão última para a existência do sofrimento no universo é para que Cristo possa revelar a grandeza

da glória da graça de Deus, tendo ele mesmo sofrido para conquistar nossos sofrimentos. O sofrimento do absolutamente inocente e infinitamente santo Filho de Deus no lugar de pecadores indignos por absoluto para nos levar à glória eterna é a mais absoluta demonstração da glória da graça de Deus que jamais existiu ou nunca poderia existir.

Aquele foi o momento – a Sexta-feira Santa – para o qual tudo no universo foi planejado. Ao conceber um universo onde fosse possível revelar a glória da sua graça, Deus não escolheu o plano B. Não poderia haver maior demonstração da glória da graça de Deus do que o que aconteceu no Calvário. Tudo o que levou àquele momento e tudo o que flui dele é explicado por isso, incluindo todo o sofrimento no mundo.

A trajetória bíblica que nos leva a esta verdade

Caminhem comigo agora, por favor, pela trajetória bíblica que me levou a esta verdade. Nesse ponto ela se parece apenas com uma teologia ou filosofia pretensiosa. Mas é muito mais do que isso. São as próprias palavras das Escrituras claramente ensinadas.

Apocalipse 13.8

Comecemos com Apocalipse 13.8. João escreve: “E adorá-la-ão [à besta] todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto”. Essa é uma tradução boa, cuidadosa, literal. Isso significa que antes que o mundo fosse criado havia um livro chamado Livro da Vida do Cordeiro que foi morto. O Cordeiro é Jesus Cristo crucificado. O livro é o livro de Jesus Cristo crucificado. Portanto, antes que Deus fizesse o mundo, ele tinha em vista Jesus Cristo crucificado, assim como um povo comprado pelo seu sangue escrito no livro. Portanto, o sofrimento de Jesus não foi uma reflexão posterior, como se a obra da criação não tivesse saído como Deus planejara. Antes da fundação do mundo, Deus tinha um livro chamado

Livro da Vida do Cordeiro que foi morto. A morte do Cordeiro estava em perspectiva antes que a obra da criação começasse.

2Timóteo 1.9

E agora considere 2Timóteo 1.9. Paulo olha retrospectivamente para a eternidade antes do início do tempo e diz: “[Deus] que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada [isto é, ele nos deu esta graça] em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos”. Deus nos deu graça [favor não merecido – favor para com pecadores, graça!] em Cristo Jesus antes do início dos tempos. Ainda não tínhamos sido criados. Não havíamos existido para que pudéssemos pecar. Mas Deus já havia decretado que essa graça – uma graça “em Cristo”, graça comprada com sangue, graça que sobrepuja o pecado – viria a nós em Cristo Jesus. Tudo isso antes da criação do mundo.

Portanto, existe um Livro da Vida do Cordeiro que foi morto, e existe “graça” fluindo para pecadores indignos que ainda não haviam sido criados. Não perca a magnitude da palavra “morto” (esphagmenou): “o Cordeiro que foi morto”. Ela é usada no Novo Testamento apenas pelo apóstolo João e significa “assassinar”. Assim, aqui temos sofrimento – o assassinato do Filho de Deus – na mente e no plano de Deus antes da fundação do mundo. O Cordeiro de Deus irá sofrer. Ele sofrerá a morte. Esse é o plano.

Por quê? Eu lhes indicarei o texto bíblico que contém a resposta, mas antes quero afirmar novamente: é porque o objetivo da criação é a mais completa, mais clara, mais verdadeira revelação da grandeza da glória da graça de Deus. E essa revelação seria a morte do melhor ser do universo em favor de milhões de pecadores indignos. O sofrimento e a morte do Cordeiro de Deus na história são a melhor manifestação possível da glória da graça de Deus. Essa é a razão por que Deus a planejou antes da fundação do mundo.

Efésios 1

Aqui está a base bíblica, primeiro em Efésios 1. Nos versículos 4 a 6, Paulo afirma: “[Deus] nos escolheu nele [isto é, em Cristo], antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça”. O objetivo de toda a história da redenção é ocasionar o louvor da glória da graça de Deus.

Mas repare que nesses versículos, por duas vezes Paulo diz que esse plano aconteceu “nele” [em Cristo] ou “por meio de Cristo” antes da fundação do mundo. Ele diz que Deus nos escolheu “em Cristo” antes da fundação do mundo para o louvor da glória de sua graça. E, nos versículos 5 e 6, ele diz que Deus predestinou a nossa adoção por meio de Cristo antes da fundação do mundo para louvor da glória de sua graça. O que significa dizer que “em Cristo” fomos escolhidos e que nossa adoção deveria acontecer “por meio de Cristo”? Sabemos que, de acordo com Paulo, Cristo sofreu e morreu como redentor para que pudéssemos ser adotados como filhos de Deus (Gl 4.5). Nossa adoção não poderia acontecer à parte da morte de Cristo.

Portanto, o que Paulo quer dizer é que nos escolher “em Cristo” e planejar adotar-nos “por meio de Cristo”, era planejar o sofrimento e morte de seu Filho antes da fundação do mundo. E Efésios 1.6,12 e 14 deixa claro que o objetivo desse plano era ocasionar “o louvor da glória da graça de Deus”. Esse era o objetivo de Deus. E essa é a razão pela qual ele planejou o sofrimento e a morte de seu Filho antes da criação do mundo.

Apocalipse 5.9-12

Agora considere o segundo apoio bíblico de que o objetivo da criação é a mais completa revelação da glória da graça de Deus na morte do seu Filho. Vemos isso em Apocalipse 5.9-12. Aqui as hostes celestiais adoram o Cordeiro precisamente porque ele foi morto, assassinado.

E entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação [...] Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono [...] milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor.

As hostes celestiais centralizam seu culto não simplesmente no Cordeiro, mas no "Cordeiro que foi morto". E em Apocalipse 15.3 eles ainda cantam esse hino. Portanto, podemos concluir que o centro do culto no céu, para toda a eternidade será a revelação da glória da graça de Deus no Cordeiro que foi morto. Os anjos e todos os remidos cantarão a respeito do sofrimento do Cordeiro para sempre. O sofrimento do Filho de Deus nunca será esquecido. O maior sofrimento na história estará no centro de nosso culto e de nossa admiração para todo o sempre. Isso não é um pensamento posterior de Deus. Esse é o plano dele antes da fundação do mundo.

Tudo o mais está subordinado a esse plano. Tudo o mais é colocado em razão desse plano: a revelação da glória da graça de Deus no sofrimento do Amado é o objetivo da criação e o objetivo de toda a história.

O mistério de Deus ordenar, mas não cometer pecado

Percebem o que isso implica no que diz respeito ao pecado e ao sofrimento no universo? De acordo com esse plano divino, Deus permite que o pecado entre no mundo. Deus ordena que aquilo que ele odeia acontecerá. Em Deus, não é pecado desejar que o pecado exista. Não precisamos esquadrinhar esse mistério. Podemos contentar-nos em dizer a respeito do pecado de Adão e Eva o mesmo que José falou sobre o pecado de seus irmãos quando o venderam para a escravidão: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem" (Gn 50.20).

Quanto a vocês, Adão e Eva, vocês realmente intentaram o mal contra Deus ao rejeitá-lo como seu Pai e seu Tesouro, mas oh!, que bem infinito ele planejou por

meio da queda de vocês! A Semente da mulher um dia esmagará a cabeça da grande Serpente, e pelo seu sofrimento ele revelará a grandeza da glória da graça de Deus. Vocês não desfizeram seu plano. Assim como José foi vendido pecaminosamente para a escravidão, vocês se venderam por uma maçã. Vocês caíram e agora o palco está armado para a ostentação da grandeza da glória da graça de Deus.

Pois não apenas o pecado entrou no mundo, mas por meio do pecado veio o sofrimento e a morte. Paulo nos diz que Deus sujeitou o mundo à futilidade e à corrupção sob sua santa maldição. Eis como ele coloca isso em Romanos 8.20-23:

... a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós [...] igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Quando o pecado entrou no mundo, coisas horríveis se seguiram. Doenças, defeitos, incapacidades, catástrofes naturais, atrocidades humanas – desde o mais novo bebê até o ancião mais amalucado, do mais vil canalha até o mais manso dos santos –, sofrimento sem acepção de pessoas. Essa é a razão das palavras de Paulo em Romanos 8.23: "... nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo".

Ezequiel nos diz que Deus não se agrada de sofrimento: "Tão certo como eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso" (Ez 33.11). Mas o plano permanece, e Jeremias nos dá um lampejo da complexidade misteriosa da mente de Deus em Lamentações 3.32-33: "Pois, ainda que entristeça a alguém, usará de compaixão segundo a grandeza de suas misericórdias; porque não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens". Literalmente: "Ele, de seu próprio coração [millibô], não aflige nem entristece os filhos dos homens". Ele ordena a vinda do sofrimento – "embora

ele cause dor" – mas seu prazer não está no sofrimento, mas no grande propósito da criação: revelar a glória da graça de Deus no sofrimento de Cristo para a salvação dos pecadores.

O palco já foi montado. O drama da história da redenção começa a desenrolar-se. O pecado agora está no seu momento de força mais violenta e mortal. Sofrimento e morte estão presentes e prontos para consumir o Filho de Deus quando ele vier. Todas as coisas estão no seu devido lugar para a maior revelação possível da glória da graça de Deus.

Portanto, na plenitude dos tempos Deus mandou seu Filho ao mundo para sofrer em lugar dos pecadores. Cada dimensão de sua obra salvadora foi realizada por meio do sofrimento. Na vida e na morte de Jesus Cristo, o sofrimento encontra sua explicação e seu propósito últimos: o sofrimento existe para que Cristo possa demonstrar a grandeza da glória da graça de Deus, sofrendo ele mesmo para conquistar nossos sofrimentos.

Tudo – tudo – o que Cristo realizou por nós, pecadores, ele o fez por meio do sofrimento. Tudo o que nós um dia gozaremos nos será dado por causa do sofrimento.

A demonstração da glória da graça de Deus nas realizações de Cristo por meio do seu sofrimento

Considere a revelação da glória da graça de Deus nas realizações de Cristo por seus sofrimentos.

1. Cristo absorveu a ira de Deus em nosso lugar – e ele fez isso por meio do sofrimento

Gálatas 3.13: "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar, porque está escrito: Maldito todo aquele que for

pendurado em madeiro". A ira de Deus que causaria nosso sofrimento eterno caiu sobre Cristo. Essa é a glória da graça, e só poderia vir por meio do sofrimento.

2. Cristo carregou os nossos pecados e comprou o nosso perdão – e ele fez isso mediante o sofrimento

1Pedro 2.24: "Carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados". Isaías 53.5: "Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades". Os pecados que deveriam ter nos esmagado sob o peso da culpa foram transferidos para Cristo. Essa é a glória da graça e só poderia acontecer por meio do sofrimento.

3. Cristo providenciou para nós uma perfeita retidão que se torna nossa nele – e ele fez isso mediante o sofrimento

Filipenses 2.7-8: "Antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz". A obediência de Cristo pela qual muitos são reputados justos (Rm 5.19) deveria ser uma obediência até à morte, e morte de cruz. Essa é a glória da graça e apenas poderia vir por meio do sofrimento.

4. Cristo venceu a morte – e ele fez isso sofrendo a morte

Hebreus 2.14-15: "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos

que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida". "Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de Jesus Cristo" (1Co 15.55-57). Essa é a glória da graça e só poderia ter vindo por meio do sofrimento.

5. Ele desarmou Satanás – e fez isso pelo sofrimento

Colossenses 2.14-15: "Tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós [...] removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz; e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz". Quando o registro de todas as nossas dívidas é pregado na cruz e cancelado, o poder de Satanás para nos destruir é quebrado. Satanás tem apenas uma arma que pode nos condenar ao inferno – pecado não perdoado. Essa arma Cristo arrancou das mãos de Satanás na cruz. Essa é a glória da graça, e somente poderia vir por meio do sofrimento.

6. Cristo conquistou a cura perfeita e final para todo o seu povo – e fez isso pelo sofrimento

"... o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (Is 53.5). "Pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda a lágrima" (Ap 7.17). O Cordeiro foi morto, e o Cordeiro foi ressuscitado dos mortos, e o Cordeiro com o Pai enxugará toda a lágrima de nossos olhos. Essa é a glória da graça, e só poderia vir mediante o sofrimento.

7. Cristo nos levará finalmente a Deus – e fará isso por meio do seu sofrimento

1Pedro 3.18: “Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus”. A conquista final da cruz não é ficarmos livres de doenças, mas sim, comunhão com Deus. Essa foi a razão pela qual Deus nos criou: ver, saborear e mostrar a glória de Deus. Essa é a glória da graça e só poderia acontecer pelo sofrimento.

A razão final para a existência do sofrimento

O propósito último do universo é demonstrar a glória da graça de Deus. A mais alta, mais clara e mais absoluta demonstração desta glória está no sofrimento da melhor pessoa do universo em favor de milhões de pecadores indignos. Portanto, a razão última para a existência do sofrimento no universo é que Cristo possa revelar a grandeza da glória da graça de Deus sofrendo ele mesmo para sobrepujar nosso sofrimento e ocasionar o louvor da glória da graça de Deus.

Cristão, lembre-se do que Carl Ellis, David Powlison, Mark Talbot, Steve Saint, Joni Eareckson Tada e Dustin Shramek dizem neste livro: todos eles, à sua própria maneira dizem que, quer sejamos perfeitos ou soframos com alguma deficiência, quer estejamos enfrentando perdas ou apreciando os amigos, sofrendo dor ou saboreando o prazer, todos nós que cremos em Cristo somos imensuravelmente ricos nele e temos muito por que viver. Não desperdice sua vida. Saboreie as riquezas que você tem em Cristo e gaste-se, qualquer que seja o custo, em espalhar essas riquezas por este nosso mundo desesperado.

Capítulo 4 Por que Deus ordena o sofrimento aos seus servos* John Pip

Por que Deus mandou que Paulo sofresse tanto como protótipo da fronteira missionária? Ele é soberano. Como toda criança sabe, ele poderia atirar Satanás na cova hoje, se quisesse, e todo o terrorismo dele contra a Igreja estaria acabado. Mas Deus desejou que a missão da Igreja avançasse em meio à tempestade e ao sofrimento. Quais são suas razões? Mencionarei seis.

1. O sofrimento aprofunda a fé e a santidade

Hebreus 12 nos diz que Deus disciplina seus filhos por meio do sofrimento. Seu objetivo é uma fé mais profunda e uma santidade mais profunda. “Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade” (Hb 12.10). Jesus experimentou a mesma coisa. “Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8). Isso não significa que Jesus tivesse amadurecido da desobediência para a obediência; o mesmo escritor diz que ele nunca pecou (Hb 4.15). Suas palavras significam o processo pelo qual ele demonstrou uma obediência cada vez mais profunda no processo do sofrimento. Para nós não há apenas a necessidade de termos nossa obediência testada e sua profundidade comprovada, mas também purificada de todos os remanescentes de autossuficiência e envolvimentos com o mundo.

Paulo descreve essa experiência em sua própria vida do seguinte modo:

... não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos (2Co 1.8-9).

Paulo não atribui seu sofrimento à mão de Satanás, mas diz que Deus o ordenou para o aumento de sua fé. Deus quebrou os suportes de vida no coração de Paulo, de modo que ele não tivesse outra escolha senão se apoiar em Deus e ter sua esperança na promessa da ressurreição. Este é o primeiro propósito do

sofrimento missionário: emancipar-nos do mundo e firmar nossa esperança plena e somente em Deus (ver Rm 5.3-4). Desde que a liberdade para amar flua desse tipo radical de esperança (Cl 1.4-5), o sofrimento é um meio primário de edificar a compaixão na vida dos servos de Deus.

Milhares de missionários através dos séculos têm descoberto que os sofrimentos da vida têm sido a escola de Cristo, onde as lições da fé são ensinadas, lições que não poderiam ser aprendidas em nenhum outro lugar. Por exemplo, John G. Paton, que nasceu em 1824 na Escócia, foi missionário nas Novas Hébridas (atual Vanuatu), nos Mares do Sul, de 1858 quase até a sua morte em 1907. Ele perdeu sua esposa quatro meses depois de ter desembarcado na Ilha de Tanna, com a idade de 34 anos. Duas semanas depois morreu seu filhinho, ainda bebê. Ele os enterrou sozinho, com suas próprias mãos. “Se não fosse por Jesus e pela comunhão que ele me concedeu ali, eu deveria ter enlouquecido e caído morto junto daquela sepultura solitária!”[72] Ele permaneceu na ilha por quatro tormentosos anos de perigos. Finalmente houve um levante urdido contra ele, quando acreditou ser de bom aviso tentar fugir. Buscou ajuda da única pessoa em quem podia confiar na ilha, seu amigo Nowar. Sua fuga foi uma inesquecível descoberta da graça, que deixou uma marca espiritual por toda a sua vida. Para escapar, Nowar lhe disse que ele não podia permanecer na vila, e sim, que devia esconder-se numa árvore que seu filho lhe mostraria, e que lá permanecesse até que a lua saísse.

Estando totalmente à mercê de amigos tão duvidosos e vacilantes, eu, embora perplexo, senti que era melhor obedecer. Subi na árvore e fui deixado lá sozinho na folhagem. As horas que passei ali estão vivas diante de mim, como se tudo tivesse acontecido ontem. Eu ouvia frequentes disparos de mosquetes e gritos dos nativos. Contudo, eu me sentei ali entre os galhos, tão seguro como se estivesse nos braços de Jesus. Nunca, em todas as minhas angústias, o meu Senhor esteve mais perto de mim, e falou mais suavemente em minha alma, do que quando a luz do luar cintilou por entre as folhas da castanheira e a brisa da noite tocou minha fronte que tanto tremia, enquanto eu derramava meu coração para Jesus. Sozinho, contudo, não sozinho! Se for para glorificar o meu Deus, eu não me queixarei de passar muitas noites a sós nessa árvore, para sentir de novo a presença espiritual do meu Salvador e usufruir sua consoladora comunhão. Se fosse abandonado à sua própria alma, sozinho, totalmente só, no meio da noite, entre arbustos, no abraço da própria morte, teria você um Amigo que não lhe

falharia, então?[73]

2. O sofrimento faz seu cálice transbordar

Ao suportar o sofrimento com paciência, a recompensa da nossa experiência da glória de Deus no céu aumenta. Isso é parte do que Paulo quer dizer em 2Coríntios 4.17-18.

... a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.

O sofrimento de Paulo está "preparando", ou "efetuando", ou "produzindo" um peso de glória além de comparação. Precisamos levar a sério as palavras de Paulo aqui. Ele não está meramente dizendo que tinha grande esperança no céu, que o capacitava a suportar o sofrimento. Isso era verdade. Mas aqui ele diz que o sofrimento tem um efeito sobre o peso de glória. Parece haver uma ligação entre o sofrimento suportado e o grau de glória usufruída. Decerto a glória a Deus desmascara o sofrimento infinitamente, como Paulo diz em Romanos 8.18: "Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós". Não obstante, o peso dessa glória ou a experiência dessa glória parece ser maior ou menor, dependendo em parte do sofrimento que tenhamos suportado com fé paciente.

Jesus apontou na mesma direção quando disse: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.11-12a). Isso traz o maior encorajamento para nos alegrarmos, se Jesus quis dizer que quanto mais suportarmos sofrimento na fé, tanto maior será nosso galardão. Se um cristão que muito sofra por Jesus, e outro que não sofra muito, experimentam a glória final de Deus de um modo e grau exatamente

igual, pareceria estranho dizer ao cristão sofredor que se regozije e se alegre (naquele mesmo dia, cf. Lc 6.23), por causa do galardão que receberia mesmo que não sofresse. O galardão prometido parece ser em resposta ao sofrimento e uma recompensa específica pelo mesmo. Se isso não está explícito e certo aqui, realmente parece estar implícito em outras passagens do Novo Testamento. Vou deixar Jonathan Edwards trazê-lo à luz, por meio de uma das mais profundas reflexões sobre essa questão que jamais li. Aqui Edwards trata, de um modo assoberbante, deste tema de como deve haver graus de felicidade num mundo de perfeita alegria.

Há diferentes graus de felicidade e glória nos céus [...] A glória dos santos nas alturas será de alguma forma proporcional à eminência em santidade e boas obras neste mundo [e paciência no sofrimento é uma das maiores boas obras; cf. Rm 2.7]. Cristo recompensará a todos segundo as suas obras. Aquele que recebeu dez talentos foi posto para reinar sobre dez cidades, e o que recebeu cinco talentos, sobre cinco cidades (Lc 19.17-19). “Aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura, com abundância também ceifará” (2Co 9.6). E o apóstolo Paulo nos diz que, assim como uma estrela difere de outra estrela em glória, assim também será na ressurreição dos mortos (1Co 15.4). Cristo nos diz que quem dá um copo de água fria a um discípulo em nome de um discípulo, de maneira nenhuma perderá a sua recompensa. Mas não pode ser verdadeiro que uma pessoa não tenha maior recompensa por realizar muitas boas obras do que por realizar umas poucas.

Nada poderá diminuir a felicidade daqueles que tiveram menor grau de felicidade e glória, mesmo havendo outros com grau mais avançado de glória acima deles: pois todos serão perfeitamente felizes, cada um estará perfeitamente satisfeito. Cada vaso que seja lançado neste oceano de felicidade estará cheio, embora haja alguns vasos bem maiores do que outros; e não haverá no céu nada parecido com inveja, mas o perfeito amor reinará por toda a sociedade. Aqueles que não estiverem tão elevados em glória como outros, não invejarão aqueles que estiverem acima, mas eles terão um tão grande, forte e puro amor por eles, que se alegrarão na felicidade superior deles; seu amor por eles será tal que eles se regozijarão de aqueles serem mais felizes do que eles próprios. Assim, em vez de terem de abafar sua própria felicidade, haverá mesmo acréscimo…

Portanto, por outro lado, aqueles que estão mais elevados em glória, como serão os mais amáveis, assim eles, proporcionalmente, serão mais expressivos em benevolência e amor pelos outros, e terão mais amor por Deus e pelos santos, do que os inferiores em santidade e felicidade. E, além disso, os que forem mais expressivos em glória também serão expressivos em humildade. Aqui neste mundo, os que estão acima dos outros são objeto de inveja porque [...] os outros os concebem como sendo mais elevados com essa inveja; mas no céu não será assim, mas os santos no céu, que tiverem maior felicidade também [terão mais] santidade, e, consequentemente, mais humildade [...] A exaltação de alguns no céu acima dos demais estará tão distante de diminuir a perfeita felicidade e a alegria dos demais abaixo deles, que eles não serão mais felizes por isso; tal será a união em sua sociedade que eles serão participantes cada um da felicidade dos outros. Então serão tornados plenos em sua perfeição, tal como está declarado em 1Coríntios 12.26:

"[...] se um [membro] é honrado, com ele todos se regozijam".[74]

Assim, um dos objetivos de Deus no sofrimento dos santos é ampliar a capacidade deles de usufruir sua glória, tanto aqui como no mundo vindouro. Quando seu cálice for pego como se fosse o "lixo do mundo" (1Co 4.13) e atirado no oceano da felicidade celestial, ele conterá mais felicidade por ter estado, há tanto tempo, desligado do mundo e feito para viver somente por Deus.

3. O sofrimento é o preço para tornar outros ousados

Deus usa o sofrimento de seus missionários para estimular outros a sair de sua sonolência de indiferença e torná-los ousados. Quando Paulo foi preso em Roma ele escreveu sobre isso para a Igreja em Filipos. "A maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus" (Fp 1.14). Se tiver de fazê-lo, Deus usará o sofrimento de

seus devotos mensageiros para fazer uma igreja sonolenta despertar e assumir riscos por ele.

Os sofrimentos e a dedicação do jovem David Brainerd exerceram efeito sobre milhares. Henry Martyn registrou repetidamente o impacto de Brainerd sobre sua vida em seu Journal.

11 de setembro de 1805: Que exemplo de efeito estimulante ele tem sido frequentemente para mim, especialmente quanto ao fato de que tinha uma constituição fraca e doentia!

8 de maio de 1806: Bendita seja a memória daquele santo homem! Considero-me um felizardo porque terei seu livro comigo na Índia e, assim, de certa maneira, gozarei do benefício de sua companhia e de seu exemplo.

12 de maio de 1806: Minha alma foi revitalizada hoje pela incessante compaixão de Deus, de modo que encontrei o refrigério da presença de Deus em deveres secretos; em especial fui abundantemente encorajado ao ler o relato de D. Brainerd sobre as dificuldades em realizar uma viagem para pregar aos nativos. Oh!, abençoada seja a memória desse querido santo! Nenhum escritor secular jamais me fez tanto bem. Eu me senti docemente alegre ao máximo por trabalhar entre os pobres nativos aqui; e minha disposição foi, penso eu, mais despida daquelas noções românticas que me haviam por vezes inflado com falsos ímpetos.[75]

Cinco esposas inspiradoras

Em nosso próprio tempo é difícil exagerar o impacto que o martírio de Jim Elliot, Nate Saint, Ed McCully, Pete Fleming e Roger Youderian teve sobre gerações de estudantes.[76]

A palavra que aparecia repetidas vezes nos testemunhos dos que ouviram a história de Huaorani[77] era “dedicação”. Porém, mais do que se tem sabido, foi a força das esposas desses homens, que fez muitos de nós sentirem um impulso de dedicação.

Bárbara Youderian, esposa de Roger, escreveu em seu diário naquela noite de janeiro de 1956:

Esta noite o capitão nos contou ter achado quatro corpos no rio. Um deles estava de camiseta e calça jeans. Roj era o único a se vestir assim [...] Deus me dera o seguinte versículo dois dias antes: Salmos 48.14: “[...] este é Deus, o nosso Deus para todo o sempre; ele será nosso guia até à morte”. Ao me deparar face a face com a notícia da morte de Roj, meu coração se encheu de louvor. Ele era merecedor desta ida para casa. Ajuda-me, Senhor, a ser tanto mãe quanto o pai.[78]

Não é difícil perceber o propósito bíblico que Paulo apresentava. O sofrimento dos servos de Deus, uma vez aceito com fé e até com louvor, é uma experiência devastadora para santos apáticos cuja vida está vazia em meio a incontáveis confortos.

O número de voluntários dobrou depois de sua morte

A execução de Chet Bitterman, obreiro da Missão Wycliffe, pelos guerrilheiros colombianos do grupo M-19, em 6 de março de 1981, desencadeou um zelo admirável pela causa de Cristo. Chet estava no cativeiro havia sete semanas, enquanto sua esposa, Brenda, e as filhas pequenas, Anna e Esther, esperavam em Bogotá. A exigência do M-19 era para que Wycliffe saísse da Colômbia.

Eles o mataram logo antes do amanhecer com uma só bala no peito. A polícia encontrou seu corpo no ônibus em que ele morreu, num estacionamento ao sul

da cidade. Ele estava limpo e barbeado, com o rosto calmo. Uma bandeira da guerrilha envolvia seu corpo. Não havia sinais de tortura.

No ano seguinte à morte de Chet, “a lista de voluntários para trabalho internacional da Wycliffe Bible Translators dobrou. Essa tendência permaneceu”.[79] Esse não é o tipo de mobilização missionária que qualquer de nós escolheria. Mas é o caminho de Deus. “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (Jo 12.24).

4. O sofrimento preenche o que falta nos sofrimentos de Cristo

O sofrimento dos mensageiros de Cristo ensina àqueles que estão sendo buscados e pode abrir-lhes as portas para o Evangelho. Esse foi um dos meios pelos quais Paulo levou o evangelho ao povo de Tessalônica. “[...] assim como sabeis ter sido o nosso procedimento entre vós e por amor de vós. Com efeito, vos tornastes imitadores nossos e do Senhor, tendo recebido a palavra, posto que em meio de muita tribulação, com alegria do Espírito Santo” (1Ts 1.5-6). Eles haviam imitado Paulo ao suportar muito sofrimento com alegria, o tipo de resistência que Paulo tinha evidenciado entre eles. De modo que foi o sofrimento dele que os moveu e os conduziu ao seu autêntico amor e sua verdade.

Esse é o tipo de ministério que Paulo tinha em mente quando disse: “Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo. Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação...” (2Co 1.5-6). Seus sofrimentos foram o meio que Deus usou para trazer salvação à Igreja de Corinto. Os crentes de Corinto puderam ver o amor sofredor de Cristo em Paulo. Ele estava, na verdade, compartilhando dos sofrimentos de Cristo e tornando-os uma realidade para a igreja.

Isso fazia parte do que Paulo quis dizer naquela espantosa afirmação em Colossenses 1.24: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja”. As aflições de Cristo não são incompletas em sua

suficiência para expiação. Elas são incompletas no sentido de ainda não serem conhecidas e sentidas pelas pessoas que não estavam na cruz. Paulo dedicou-se não apenas a levar a mensagem desses sofrimentos às nações, mas também a sofrer com Cristo e por Cristo, de tal modo que, o que as pessoas viam, eram "os sofrimentos de Cristo". Desse modo ele seguiu o padrão de Cristo ao dar sua vida pela vida da igreja. "Por esta razão, tudo suporto por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus, com eterna glória" (2Tm 2.10).

Quando vimos teus pés feridos

Enquanto eu trabalhava na primeira edição de Let the Nations Be Glad! [Que as nações se regozijem!] em 1992, tive a oportunidade de ouvir J. Oswald Sanders pregar. Sua mensagem tocou profundamente no tema do sofrimento. Ele estava com 89 anos na ocasião e ainda viajava e pregava pelo mundo afora. Ele havia escrito um livro por ano desde que completara 70 anos! Menciono isso só para exultar na total dedicação de uma vida entregue ao Evangelho, sem pensar em refugiar-se na autoindulgência dos 65 anos até à sepultura.[80]

Sanders contou a história de um missionário nativo na Índia, que andava descalço de vila em vila, pregando o Evangelho. Após um longo dia em que havia andado muitos quilômetros, muito desencorajado, chegou a certa vila onde tentou falar do Evangelho, mas foi barrado. Então, dirigiu-se à borda da vila desalentado, e deitou-se debaixo de uma árvore e dormiu de exaustão.

Quando acordou, toda a vila estava reunida para ouvi-lo. O chefe da vila contou-lhe que eles tinham vindo vê-lo enquanto dormia. Quando viram seus pés feridos, concluíram que ele devia ser um homem santo e que eles haviam agido mal ao rejeitá-lo. Lamentaram-se e desejaram ouvir a mensagem pela qual ele estivera disposto a sofrer tanto para lhes trazer.

À terceira chibatada as mulheres choraram

Um dos homens que menos se esperava que comparecesse à Conferência de Evangelistas Itinerantes em Amsterdã, promovida pela Associação Billy Graham, era um guerreiro massai chamado Joseph. Mas sua história conquistou-lhe uma entrevista com o próprio doutor Graham. A história é contada por Michael Card.

Um dia Joseph, que estava caminhando por uma daquelas calorentas e poeirentas estradas africanas, encontrou alguém que compartilhou o Evangelho de Cristo com ele. Então, ali mesmo ele aceitou Jesus como seu Senhor e Salvador. O poder do Espírito começou a transformar sua vida; ele se encheu de tanto contentamento e alegria que a primeira coisa que quis fazer foi retornar à sua própria vila e compartilhar essas mesmas boas-novas com os membros de sua tribo local.

Joseph passou a ir de porta em porta, contando a cada um que encontrasse sobre a cruz de Jesus e sobre a salvação que ela oferecia, esperando ver suas faces se iluminarem como havia acontecido com a sua. Para sua surpresa os habitantes não só não se importaram, como se tornaram violentos. Os homens da aldeia o agarraram e o seguraram contra o chão, enquanto as mulheres batiam nele com um chicote feito de arame farpado. Ele foi arrastado para fora da vila e deixado para morrer sozinho no matagal.

Joseph, de algum modo, conseguiu rastejar até um poço de água e lá, após dias passando da inconsciência para a consciência, achou forças para levantar-se. Ele ponderava sobre a recepção hostil que tivera de pessoas que conhecera a vida toda. Ele concluiu que talvez tivesse deixado algo fora ou que tivesse contado a história de Jesus de maneira incorreta. Após repassar a mensagem que tinha ouvido no começo, decidiu voltar e compartilhar sua fé mais uma vez.

Joseph manquejou para o círculo de cabanas e começou a anunciar Jesus. “Ele morreu por vocês, para que possam encontrar perdão e conhecer o Deus vivo”, afirmou. Novamente foi agarrado pelos homens da vila e imobilizado, enquanto

as mulheres o surravam, reabrindo as feridas que estavam começando a sarar. Novamente foi arrastado inconsciente para fora da vila e deixado para morrer.

Ter sobrevivido à primeira surra foi verdadeiramente admirável. Conservar-se vivo na segunda foi um milagre. Novamente, dias depois, Joseph despertou no deserto, ferido, marcado – e determinado a voltar.

Retornou ao vilarejo e, dessa vez, eles o atacaram antes que pudesse abrir a boca. Ao flagelá-lo pela terceira e provavelmente última vez, ele de novo lhes falou de Jesus Cristo, o Senhor. Antes de desmaiar, a última coisa que viu foi que as mulheres que o estavam açoitando começaram a chorar.

Dessa vez ele despertou em sua própria cama. Os mesmos que lhe bateram tão severamente estavam agora tentando salvar-lhe a vida e alimentá-lo para que voltasse à saúde. A vila inteira tinha se entregado a Cristo.[81]

Sem dúvida isso é uma parte do que Paulo quis dizer quando escreveu: “Preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24).

5. O sofrimento reforça a ordem missionária para ir

O sofrimento da Igreja é usado por Deus para recolocar o batalhão missionário em lugares para onde ele poderia, de outro modo, não ter ido. Isso é claramente o efeito do que Lucas quer mostrar-nos no relato do martírio de Estevão e da perseguição que veio a seguir. Deus empurra a Igreja para o serviço missionário pelo sofrimento que ela suporta. Portanto, não devemos julgar apressadamente os aparentes recuos e as derrotas táticas da Igreja. Se olharmos as coisas com os

olhos de Deus, o Estrategista-chefe, o que vemos em cada derrota é o posicionamento das tropas para maior avanço e maior demonstração de sua sabedoria, poder e amor.

Atos 8.1 delineia a estratégia divina para a perseguição: “Naquele dia [o dia da morte de Estêvão], levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém; e todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e Samaria”. Até então ninguém se tinha mudado para a Judeia e Samaria, a despeito do que Jesus havia dito em Atos 1.8: “Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria [...]”. Não é por acidente que essas são as mesmas duas regiões para as quais a perseguição enviou a Igreja. O que a obediência não conseguir, a perseguição conseguirá.

Para confirmar esse divino propósito missionário da perseguição, Lucas refere-se a ele em Atos 11.19: “Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus”. Porém, em Antioquia alguns falaram também aos gregos. Em outras palavras, a perseguição não somente enviou a Igreja para a Judeia e Samaria (At 8.1), mas também além, às nações (At 11.19).

A inércia do conforto, a apatia da abundância

A lição aqui não é apenas que Deus é soberano e transforma derrotas em triunfos. A lição é que o conforto, a folga, a abundância, a prosperidade, a segurança e a liberdade com frequência causam tremenda inércia na Igreja. As mesmas coisas que consideramos capazes de produzir obreiros, energia e investimento criativo de tempo e dinheiro para a causa missionária, produz, no entanto, exatamente o oposto: fraqueza, apatia, letargia, egoísmo e preocupação com segurança.

Estudos têm mostrado que quanto mais ricos somos, menor é o percentual de nossa renda que doamos à igreja e sua missão. A quinta parte mais pobre da igreja dá 3,4% de sua renda para igreja e a quinta parte mais rica dá 1,6% – a metade, em comparação com os membros mais pobres da igreja.[82] É um

princípio estranho, que provavelmente toca o âmago de nossa pecaminosidade e da suficiência de Cristo, que os tempos difíceis, como perseguições, muitas vezes produzem mais obreiros, mais oração, mais poder, mais bolsos abertos do que tempos de bonança.

Jesus disse ser difícil a um rico entrar no reino dos céus (Mt 19.23).Também é difícil aos ricos ajudar outros a entrar. Jesus disse isso na parábola do semeador. “Os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera” (Mc 4.19) – infrutífera para missões e para a maioria das outras boas obras.

A perseguição pode ter efeitos danosos para a igreja, mas a prosperidade parece até mais devastadora para a missão para a qual Deus nos chama. Minha ênfase aqui não é que devamos buscar a perseguição. Isso seria uma presunção – como saltar de cima do templo. O importante é que devemos estar muito precavidos quanto à prosperidade e ao excesso de facilidade, conforto e abundância. E não devemos ficar desanimados, mas cheios de esperança se formos perseguidos por causa da justiça, porque a ênfase de Atos 1.8 é que Deus faz a perseguição servir à missão da igreja.

Não podemos ser falastrões a respeito disso. O preço do avanço missionário é imenso. Estêvão pagou por ele com a própria vida. E Estêvão era uma das estrelas mais brilhantes nos céus de Jerusalém. Seus inimigos “não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito, pelo qual ele falava” (At 6.10). Decerto ele era mais valioso vivo do que morto, seguramente argumentaríamos. Ele era necessário! Não havia nenhum outro como Estevão! Mas Deus viu isso de modo diferente.

Como Joseph Stalin serviu à causa

O modo como Deus levou Cristo a aldeias inteiras no Uzbequistão, no século 20, é um grande exemplo do estranho uso que Deus faz de revoltas e desalojamentos. Bill e Amy Stearns contam a história em seu livro cheio de esperança intitulado Catch the Vision 2000.[83] O ator principal era Joseph Stalin.

Milhares de coreanos fugiram do que hoje é a Coreia do Norte na década de 1930, quando os japoneses invadiram o país. Muitos deles se estabeleceram nos arredores de Vladivostok. Quando Stalin, no fim da década de 30 e começo da de 40, começou a desenvolver Vladivostok como um centro de fabricação de armamentos, ele achou que os coreanos corriam perigo quanto à segurança. Então, os remanejou para cinco áreas espalhadas na União Soviética. Uma dessas áreas era Tashkent, um enclave de ferrenhos muçulmanos chamados uzbeques. Com uma força populacional de 20 milhões, os uzbeques haviam resistido violentamente durante centenas de anos a todos os esforços ocidentais para introduzir o cristianismo.

Quando os coreanos se estabeleceram ao redor de Tashkent, os uzbeques receberam bem sua operosidade e sua bondade. Em poucas décadas os coreanos estavam incluídos em cada faceta da vida cultural uzbeque.

Como é usual na orquestração que Deus faz dos acontecimentos globais, ele havia plantado entre os coreanos remanejados alguns fortes bolsões de crentes. Stalin nem suspeitava que esses coreanos não só experimentariam um avivamento avassalador em seu povo, mas que começariam a levar seus amigos muçulmanos uzbeques e cazaques a Cristo.

O primeiro sinal público do avivamento coreano e seus efeitos sobre os uzbeques e cazaques veio em 2 de junho de 1990, quando na primeira reunião ao ar livre na história da Ásia Central Soviética, um jovem coreano pregou para uma grande multidão nas ruas de Alma-Ata, a capital do Cazaquistão.

O resultado dessa reviravolta que levou décadas de manobras de Deus para posicionar seu povo em lugares inacessíveis, é que os muçulmanos, que nunca receberiam missionários, estão confessando que Issa (Jesus) é o caminho, a verdade e a vida. Essa foi uma estratégia custosa para muitos crentes. Ser arrancados de seu lar nativo na Coreia, e outra vez de seu novo lar perto de Vladivostok, deve ter sido um teste severo para a fé desses coreanos de que Deus

é bom e tinha um plano amoroso para a vida deles. A verdade era que Deus, de fato, tinha um plano amoroso não só para as suas vidas, mas também para as de muitos muçulmanos não alcançados entre os povos uzbeque e cazaque.

Avanço por meio da prisão

Os estranhos modos de Deus guiar o empreendimento missionário podem ser vistos igualmente na maneira como Jesus disse aos discípulos para que esperassem capturas e prisões como tática divina de convocação para pô-los junto a pessoas que de outra forma jamais atingiriam. “Lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho” (Lc 21.12-13; cf. Mc 13.9).

A edição de junho/julho de 1989 da Mission Frontiers trouxe um artigo assinado com o pseudônimo de Frank Marshall. Ele foi missionário num país latino-americano politicamente muito sensível.[84] Ele conta a história de sua recente prisão. Ele e seus companheiros tinham sido espancados e jogados na prisão muitas vezes antes. Dessa vez, os agentes federais o acusavam de fraude e suborno, porque assumiram que ele não poderia ter obtido seus documentos oficiais sem mentir. Eles não acreditavam que ele tivesse nascido no país.

Na prisão, o Senhor o poupou de sofrer violência sexual por parte de um homenzarrão envolto numa toalha, com quatro correntes de ouro em volta do pescoço e um anel em cada dedo. Quando foi posto na cela com esse homem, Frank começou a compartilhar o Evangelho com ele e a orar em seu coração: “Senhor, livra-me deste mal”. O homem mudou de cor, gritou para que Frank se calasse e lhe disse que o deixasse em paz.

Frank começou a contar a outros sobre Cristo quando os homens tinham tempo livre no pátio. Um muçulmano chamado Satawa aceitou Cristo na primeira semana e convidou Frank a responder perguntas de um grupo de 15 outros muçulmanos. Em duas semanas Frank finalmente pôde conseguir um advogado. Pediu também uma caixa de Bíblias. No domingo seguinte, 45 homens reuniram-se no pátio para ouvir Frank pregar. Ele falou sobre como era difícil para ele estar longe de sua família, e também falou sobre como Deus amava seu

Filho e, contudo, entregou-o por pecadores, de modo que pudéssemos crer e viver. Trinta desses homens permaneceram após o encontro para orar e pedir ao Senhor para guiá-los e perdoá-los. Frank foi logo libertado e deportado para os Estados Unidos. Mas ele agora sabe, em primeira mão, o sentido das palavras de Jesus: “Isto vos acontecerá para que deis testemunho”.

Milagres em Moçambique

Durante os anos de 1960, o senhor levantou um líder nativo na Igreja de Moçambique chamado Martinho Campos. A história de seu ministério, Life Out of Death in Mozambique, é um notável testemunho dos estranhos caminhos de Deus para trazer bênçãos missionárias.

Martinho dirigia uma série de reuniões na área administrativa de Gurue, a cerca de 90 quilômetros de sua própria região de Nauela. A polícia o prendeu e o lançou na prisão sem julgamento. O chefe de polícia, um europeu, entendeu que as reuniões tinham a ver com o movimento de guerrilha que surgia, chamado Frelimo. Mas, mesmo quando o padre lhe disse que aqueles homens eram apenas “um grupo de hereges”, ele não se preocupou com a justiça, embora se perguntasse por que as pessoas comuns haviam trazido tanta comida para o prisioneiro, como se fosse alguém importante.

Uma noite, o chefe da polícia guiava seu caminhão levando meia dúzia de prisioneiros e viu “o que parecia ser um homem vestido de um branco brilhante parado na estrada, encarando-o”. Ele desviou tão rapidamente que o caminhão capotou e ele ficou preso embaixo dele. Os próprios prisioneiros levantaram o caminhão, de sorte que o chefe de polícia pôde sair.

Após breve tratamento no hospital, ele voltou para falar com Martinho, porque ele sabia haver alguma ligação entre a sua visão e o prisioneiro. Ele entrou na cela de Martinho e pediu perdão. Martinho lhe falou da sua necessidade do perdão de Deus e como obtê-lo. O chefe de polícia disse humildemente: “Por favor, ore por mim”. Imediatamente o chefe de polícia pediu água quente para que o prisioneiro pudesse lavar-se, levou-o para fora da solitária e tomou providências para que um julgamento justo acontecesse. Martinho foi libertado.

Mas o mais admirável foi o que se seguiu: “Não só o chefe de polícia deixou claro o seu respeito pelas ideias de Martinho, como também lhe concedeu permissão oficial para viajar por toda a área sob sua jurisdição, a fim de pregar e dirigir cultos evangélicos”.[85] Não havia nenhuma outra maneira para que essa permissão fosse dada pelas vias normais. Mas Deus abriu caminho através do sofrimento. A prisão aconteceu para que o Evangelho fosse disseminado.

Deus foi mais bem servido na prisão

Em 9 de janeiro de 1985, Hristo Kulichev, um pastor congregacional na Bulgária, foi preso e posto na prisão. Seu crime era o de ter pregado em sua igreja, embora o estado houvesse indicado outro pastor, alguém que a assembleia não havia escolhido. O julgamento de Kulichev foi um simulacro da justiça, e ele foi condenado a oito meses de prisão. Durante sua permanência na cadeia, ele tornou Cristo conhecido de todos os modos que pôde.

Quando saiu, ele escreveu: “Tanto os prisioneiros como os carcereiros fizeram muitas perguntas e acabou acontecendo que tivemos ali um ministério muito mais frutífero do que poderíamos esperar na igreja. Deus foi mais servido por nossa presença na prisão do que se estivéssemos livres”.[86] Em muitos lugares do mundo, as palavras de Jesus são tão radicalmente relevantes como se tivessem sido pronunciadas ontem. “Lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres [...] e isto vos acontecerá para que deis testemunho” (Lc 21.12-13). A dor de nossos planos destruídos serve ao propósito da graça disseminada.

6. A supremacia de Cristo é manifesta no sofrimento

O sofrimento dos missionários é intentado por Deus para engrandecer o poder e a suficiência de Cristo. No fim das contas, o sofrimento tem o objetivo de exibir a supremacia de Deus. Quando Deus declinou de retirar o sofrimento do “espinho na carne”, ele disse a Paulo: “a minha graça te basta, porque o poder se

aperfeiçoa na fraqueza". A isso Paulo respondeu: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então é que sou forte" (2Co 12.9-10).

Paulo era forte nas perseguições porque "o poder de Cristo" estava sobre ele e foi aperfeiçoado nele. Em outras palavras, o poder de Cristo era o único poder quando os seus sofrimentos o levaram ao fim de seus recursos e o atiraram inteiramente sobre Jesus. Esse era o propósito de Deus no espinho de Paulo e é o seu propósito em todo o nosso sofrimento. Deus quer que confiemos totalmente nele. "Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós e sim no Deus que ressuscita os mortos" (2Co 1.9). A razão pela qual Deus quer isso é que esse tipo de confiança exibe seu supremo poder e amor para nos sustentar quando não podemos fazer nada para suster a nós próprios.

Iniciamos este capítulo com a seguinte colocação: a perda e o sofrimento, uma vez alegremente aceitos pelo reino de Deus, mostram a supremacia da Palavra de Deus de forma mais clara no mundo, até mesmo do que o culto e a oração. Essa verdade tem estado implícita nas seis razões que vimos considerando com relação a por que Deus determina sofrimento aos mensageiros de sua graça. Mas agora precisamos tornar explícito que a supremacia de Deus é a razão para que o sofrimento ocorra por meio e acima de todas as outras razões. Deus ordena o sofrimento porque, além de todas as outras razões, ele mostra ao mundo a supremacia do seu valor acima de todos os tesouros.

Jesus torna cristalinamente claro como podemos nos alegrar na perseguição. "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus" (Mt 5.11-12). A razão pela qual podemos nos alegrar na perseguição é que o valor de nossa recompensa no céu é tão maior do que o valor de tudo o que perdemos por causa do sofrimento na terra. Portanto, o sofrimento com alegria prova ao mundo que nosso tesouro está no céu e não na terra, e que esse tesouro é maior do que qualquer coisa que o mundo tenha a oferecer. A supremacia do valor de Deus rebrilha por meio da dor que seu povo suporta alegremente pelo seu nome.

Alegremente me gloriarei na fraqueza e na calamidade

Uso a palavra “alegremente” porque esse é o modo como os santos falaram do assunto. Por exemplo, acabamos de ver Paulo dizendo: “De boa vontade, pois, me gloriarei nas fraquezas, [...] nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias” (2Co 12.9-10). Ele diz a mesma coisa em Romanos: “Também nos gloriamos nas próprias tribulações”. E a razão que ele dá é que elas produzem a paciência e uma qualidade de vida testada e uma esperança infalível (Rm 5.3-4). Em outras palavras, sua alegria fluía de sua esperança, bem do jeito que Jesus disse que seria. E Paulo deixa claro que a recompensa é a glória de Deus. “Gloriamo-nos na esperança da glória de Deus” (Rm 5.2). E assim é a supremacia do valor de Deus cujo brilho transparece na alegria de Paulo na aflição.

Encontramos os outros apóstolos reagindo do mesmo modo em Atos 5.41, após terem sido açoitados por terem pregado: “E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome”. Essa alegria destemida, a despeito de perigo real e grande dor, é a revelação da superioridade de Deus sobre tudo o que o mundo tem a oferecer.

Alegremente aceitastes a pilhagem de vossa propriedade

E também os cristãos primitivos que visitaram seus amigos na prisão se alegraram, a despeito de isso lhes ter custado suas propriedades: “Porque não somente vos compadecestes dos encarcerados, como também aceitastes com alegria o espólio dos vossos bens, tendo ciência de possuirdes vós mesmos patrimônio superior e durável” (Hb 10.34). A alegria no sofrimento deriva da esperança de uma grande recompensa. Os cristãos não são chamados a viver vidas taciturnas de perseguição pesada. Somos chamados a alegrar-nos. “Alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo” (1Pe 4.13). “Tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações” (Tg 1.2).

O amor de Deus é melhor que a vida

A base dessa indômita alegria é a supremacia do amor de Deus acima da própria vida. “A tua graça é melhor que a vida” (Sl 63.3). Os prazeres desta vida são “transitórios” (Hb 11.25) e as tribulações são “leves e momentâneas” (2Co 4.17). Mas o amor imutável do Senhor é para sempre. Todos os seus prazeres são superiores e não haverá mais sofrimento. “Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16.11).

O sofrimento feliz brilha mais que a gratidão

É verdade que devemos dar testemunho da supremacia da bondade de Deus ao recebermos seus dons com ações de graça (1Tm 4.3). Porém, para muitos cristãos, isso se tornou a única maneira de verem seus estilos de vida glorificando a Deus. Deus foi muito bom ao lhes dar tantas coisas; portanto, o modo de dar testemunho da realidade de Deus é receber e ser agradecido.

Mas não obstante seja verdade que devamos usufruir agradecidos do que temos, há um insistente chamado na Bíblia para não acumularmos mais e mais coisas, mas dar mais e mais e privar-nos de coisas, se o amor o exigir. Não há regras fáceis para nos dizer se o chamado para nossa vida é o chamado do jovem rico a distribuir tudo o que temos, ou o chamado de Zaqueu a dar metade do que temos. O que está claro no Novo Testamento é que o sofrimento com alegria, e não a gratidão na riqueza, é a maneira pela qual o valor de Jesus brilha com mais força.

Quem poderia duvidar que a supremacia do valor de Cristo brilha mais fortemente numa vida como esta:

... o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as

considero como refugo, para ganhar a Cristo (Fp 3.7-8).

Não podemos mostrar a preciosidade de uma pessoa ficando feliz com suas dádivas. Certamente a ingratidão provará que o doador não é amado. Porém, a gratidão pelas dádivas não prova que o doador é estimado. O que prova que o doador é estimado é a prontidão feliz do coração para abandonar todas as suas dádivas para estar com ele. É por isso que o sofrimento é tão central na missão da Igreja. O objetivo da nossa missão é que pessoas de todas as nações adorem o Deus verdadeiro. Mas a adoração significa estimar a preciosidade de Deus acima de tudo o mais, incluindo a própria vida. Será muito difícil levar as nações a amar a Deus com base em um estilo de vida que comunique um amor às coisas. Portanto, Deus ordena na vida de seus mensageiros que o sofrimento corte nossa ligação com o mundo. Quando a alegria e o amor sobrevivem a esse corte, estamos aptos a dizer às nações com autenticidade e poder: a esperança está em Deus.

Como a esperança é tornada visível

Pedro fala da visibilidade dessa esperança: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Por que as pessoas perguntariam a respeito da esperança? Que tipo de vida devemos viver de modo a fazer as pessoas perguntarem sobre nossa esperança? Se nossa segurança e felicidade no futuro fossem abertamente asseguradas do modo como o mundo garante seu futuro, ninguém nos perguntaria sobre elas. Não haveria uma esperança fora do comum para ser vista. O que Pedro diz é que o mundo precisa ver uma esperança diferente na vida dos cristãos – não aquela baseada na segurança do dinheiro ou a segurança do poder, ou a segurança de casas, ou terras, ou realizações, mas a segurança da “graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.13).

Portanto, Deus determina o sofrimento para ajudar-nos a largar nosso apego às esperanças terrenas e colocar nossa esperança “em Deus” (1Pe 1.21). As provações incandescentes são mandadas para consumir as dependências terrenas

e deixar somente o ouro refinado da “fé preciosa” [ou genuína] (1Pe 1.7). “Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem” (1Pe 4.19). É a supremacia da grande fidelidade de Deus sobre todas as outras seguranças que nos liberta para nos alegrarmos na medida em que sejamos “coparticipantes dos sofrimentos de Cristo” (1Pe 4.13). Portanto, a alegria no sofrimento por causa de Cristo faz a supremacia de Deus brilhar mais claramente do que toda a nossa gratidão pela riqueza.

---

* Este capítulo, numa forma ligeiramente diferente, apareceu originalmente em John Piper, Let the Nations Be Glad: The Supremacy of God in Missions, 2ª ed. (Grand Rapids, MI.: Baker, 2003), 86-102. Usado com permissão. [Publicado no Brasil com o título Alegrem-se os Povos pela Cultura Cristã (N. do E.)].

72 James Paton (org.): John G. Paton: Missionary to the New Hebrides, an Autobiography (Edimburgo: Banner of Truth, 1965 [publicado originalmente em 1889, 1898], 80).

73 Ibid., p. 200. Para uma breve visão geral da vida e do ministério de Paton, veja John Piper: “‘You Will Be Eaten by Cannibals!’ Courage in the Cause of World Missions: Lessons from the Life of John G. Paton” em www.desiringgod.org.

74 Jonathan Edwards, The Works of Jonathan Edwards, 2 vols. (Edimburgo: Banner of Truth, 1974), 2:902. A parábola dos trabalhadores na vinha, que ganharam todos o mesmo salário (Mt 20.1-16) não está necessariamente em conflito com o que Edwards (e os textos que ele cita!) ensina aqui. O que essa passagem pode indicar é que todos nós somos colocados no mesmo oceano de felicidade. Outro ponto dessa parábola é que Deus é livre para dar a qualquer pessoa qualquer grau de bênção, mais do que é merecido; e se houver alguém com autopiedade ou orgulhoso de sua resistência, Deus é de fato livre para exaltar uma pessoa acima dessa outra, de modo a humilhá-la e fazê-la entender que todo o céu é todo de graça. Penso que Jonathan Edwards em definitivo responde à pergunta de Craig Blomberg: “Não seria fundamentalmente contraditório falar-se em graus de perfeição?”. “Degrees of Reward in the Kingdom of Heaven”, no Journal of the Evangelical Theological Society 35 (junho de 1992): 162-63. Quero, porém, me posicionar ao lado de Blomberg contra aqueles que falam de “conquistar” recompensas e que distorcem as

promessas condicionais do céu, transformando-as em promessas de níveis de recompensa no céu.

75 Journal and Letters of Henry Martyn, 240, 326-28.

76 Para conhecer a notável história deles, ver as seguintes fontes: Elisabeth Elliot, Through Gates of Splendor, edição do 40º aniversário (Wheaton, III.: Tyndale House, 1986); Elisabeth Elliot Shadow of the Almighty: The Life and Testament of Jim Elliot (São Francisco, Calif.: Harper San Francisco, 1989); Elisabeth Elliot, The Savage My Kinsmen, edição do 40º aniversário (Ann Arbor, MI: Servant Publications, 1996); Steve Saint, "Did They Have to Die?" Christianity Today 40, nº 10 (16 de setembro de 1996): 20-27; Russell T. Hitt, Jungle Pilot: The Gripping Story of the Life and Witness of Nate Saint, Martyred Missionary to Ecuador (Grand Rapids, MI: Discovery House, 1997).

77 Este é o nome da tribo anteriormente chamada auca, que significa "selvagem".

78 Citado em Through Gates of Splendor (Nova York: Harper & Row, 1957), 235-38, de Elisabeth Elliot.

79 Steve Estes, Called to Die (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1986), 252.

80 Para conhecer uma organização que se dedica a ajudar pessoas que se aproximam da aposentadoria a devotar sua energia, sua capacidade e seu coração à causa de Cristo, ver o Finishers Project: http://www.finishers.org/. Parte de sua declaração de visão diz: "Podemos entregá-los a Jesus para serem colocados como um tesouro no céu ou perdê-los".

81 Michael Card, "Wounded in the House of Friends", Virtue (março/abril de 1991): 28-29, 69.

82 O Minneapolis Star Tribune publicou um artigo na sexta-feira, 3 de maio de 1991, de onde esta informação foi tirada.

83 Bill e Amy Stearns, Catch the Vision 2000 (Minneapolis: Bethany, 1991), 12-13.

84 Frank Marshall, "Fear no Evil", Missions Frontiers, junho de 1989.

85 Phyllis Thompson, Live Out of Death in Mozambique (Londres: Hodder and Stoughton, 1989), 111.

86 Herbert Schlossberg, Called to Suffer, Called to Triumph (Portland: Multnomah, 1990), 230.

Capítulo 5 Soberania, sofrimento e trabalho de missões Stephen F. Sain

Não sei por que sou identificado com o sofrimento. Penso que é porque o sofrimento, como acampar, ou ser rico, é relativo. Sem dúvida, quando as pessoas ouvem minha história de vida elas se imaginam em minha posição e pensam: “Puxa, ele realmente sofreu”. Elas podem ver a si mesmas no meu sofrimento com muito mais facilidade do que poderiam compreender a incrível bênção e os benefícios que aqueles capítulos dolorosos de minha vida me trouxeram.

O sofrimento, como muitos outros acontecimentos na vida, é relativo. Ofereci-me para levar um amigo até a selva amazônica a fim de conhecer minha família na selva. Alguém ouviu nossa conversa e me confidenciou: “Não acho que seria uma ideia muito boa. Para Kelvin, uma noite no Hotel Hilton se parece com um ‘acampamento’”.

A riqueza também é relativa. Anos atrás, quando minha esposa, Ginny, e eu morávamos em Dallas, nossos vizinhos frequentemente se referiam aos ricos que moravam dentro do anel viário. Nossos amigos no anel viário referiam-se aos ricos que moravam no elegante bairro próximo ao centro de Dallas. Imagino que as pessoas ouvem ou leem sobre as pequenas tragédias de minha vida e, em comparação com a vida delas, parece que eu sofri. Mas eu comparo minha vida com as experiências das pessoas com quem tenho convivido e que são perseguidas e ameaçadas, que morrem de doenças que não são tão graves por terem pouco ou nenhum acesso a atendimento médico e então penso: “É, até que estou bem”.

Um cristão chinês, que me ouviu falar certa vez, perguntou-me se eu escreveria um folheto sobre sofrimento para seus companheiros crentes no Oriente. Eu lhe disse que pensaria no assunto. Mas quando meditei sobre o pedido descobri que, em comparação com aqueles cristãos chineses, eu sabia muito pouco sobre o assunto.

Isto eu sei: os sofredores querem ser atendidos por pessoas que tenham sofrido. Quando era adolescente, conheci uma família cujo filho ficou com terríveis queimaduras ao bater num carro com sua motocicleta, cujo tanque de gasolina explodiu. No hospital, na unidade de queimados, ele suplicou à sua mãe que simplesmente o deixasse morrer. Ela respondeu convidando amigos para animá-lo, mas ele se recusava a ver quem quer que fosse. Por fim, um dia alguém bateu à porta do seu quarto. Quando sua mãe abriu, ali estava em pé um desconhecido

com horríveis cicatrizes em toda a face e nos braços.

A mãe bateu a porta, esperando que seu filho não tivesse visto o homem. Mas ele tinha visto e insistiu que a mãe fizesse o homem entrar. A mãe resistiu, pensando que aquela visão deixaria seu filho ainda mais abatido. Em vez de desencorajar o rapaz, entretanto, aquele homem o convenceu que havia motivo para viver.

Pessoas que sofrem querem que pessoas que sofreram lhes digam que há esperança. Elas, com razão, suspeitam de pessoas que parecem ter vivido uma vida confortável. Para mim, não há dúvida de que essa é a razão pela qual Jesus sofreu de todos os modos que sofremos enquanto estava por aqui. 1Pedro 2.21 diz: “Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos”.

As razões para o sofrimento

A Bíblia identifica algumas razões para o sofrimento:

1. Deus usa o sofrimento como punição. Quando Davi foi punido por recensear os israelitas em 1Crônicas 21.12, Deus lhe deu a oportunidade de escolher um entre três sofrimentos: três anos de fome, três meses de derrotas nas mãos dos inimigos de Israel ou três dias de peste e morte nas mãos do anjo de Deus.

2. Deus também usa o sofrimento para demonstrar seu poder. Fiquei perplexo ao compreender que o pobre cego que pedia esmolas fora do templo em João 9 tinha sido cego durante toda a sua vida apenas para que Jesus pudesse provar o poder de Deus. Isso significava muito sofrimento numa sociedade sem as leis americanas para os deficientes físicos.

3. O sofrimento também produz perseverança e força de caráter, como revelado

em Tiago 1 e Romanos 5. Eu, na verdade, detestava os versículos de Tiago 1 que dizem: “Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes” (Tg 1.2-4).

4. Paulo revela em 2Coríntios 12.7-10 que Deus não removeu seu sofrimento pessoal causado por um “espinho na carne” porque este o mantinha humilde.

A evitação do sofrimento

Nos Estados Unidos e na maioria das nações altamente desenvolvidas e que têm sido exportadoras do Evangelho de Cristo, é geralmente aceito que a evitação do sofrimento é um objetivo respeitável e primário na vida. Mas em relação aos esforços missionários, nossa falta de sofrimento é um grande obstáculo para que sejamos eficientes em comunicar o plano de Cristo para as pessoas sofredoras nos países do terceiro e quarto mundos. Os sofredores que pensam que nós nunca sofremos são compreensivelmente descrentes quanto à nossa capacidade de compreendê-los, bem como de cuidar de suas feridas físicas, emocionais e espirituais.

Para ser justo, tenho de admitir que acho que há muito sofrimento nos Estados Unidos. Os ricos sofrem com os pobres, só que de modo diferente. Durante a Grande Depressão, os pobres não saltavam de edifícios altos; quem saltava eram os ricos que acabavam de se tornar pobres. Somos o país mais rico que o mundo já produziu na história. Contudo, nossa taxa de suicídios e de crimes é extremamente alta. O sofrimento é um dos poucos aspectos da vida que todo mundo experimenta. E ninguém precisa ser um cientista de foguetes para entender que as piores dores são aquelas que sentimos na própria carne.

Lembro-me da noite que passei no hospital após ter meu apêndice retirado. Acordei por volta das 2 horas da manhã, quando outro paciente era colocado no meu quarto. Durante a noite inteira, ele gemia sem parar, acordando-me. Finalmente perguntei-lhe que sofrimento tão grande era aquele que ele não

conseguia aquietar-se e me deixar dormir um pouco. Ele respondeu: “Mi pierna me duele. Mi pierna me duele”. Acendi a luz para ver o que é que em sua perna doía tanto. O fato é que ele havia sido atropelado por um carro e lhe haviam amputado a perna esmagada. Ele nem sabia que não tinha mais a perna.

Eu me senti como um idiota quando percebi que minha preocupação com o pequeno apêndice removido do meu intestino havia me tornado tão insensível para com um homem que acabava de ter sua perna inteira amputada. Mas meu remorso durou pouco porque, a despeito da importância do trauma daquele homem, minha pequena operação era o trauma que me afligia naquele momento.

Dois capítulos penosos

Já basta de afirmações genéricas e de teologia do sofrimento. O melhor modo de ilustrar que o sofrimento fornece benefícios significativos e que não deve se resistir a ele é compartilhar dois capítulos penosos de minha vida. Houve muitos outros, mas esses dois foram especialmente significativos para me dar uma paixão por ministrar a pessoas sofredoras no que geralmente nos referimos como missões.

Quanto eu tinha 5 anos, minha mãe chamou-me ao quarto dela e me disse que meu herói, o homem com que eu queria crescer e a quem eu queria imitar em tudo, o homem em quem todos os meus sonhos e aspirações se centralizavam, não voltaria nunca mais a viver conosco. Era meu pai, e eu me lembro de ter pensado que ele havia prometido que me ensinaria a voar; ele me prometeu isso. Como poderia ele nos deixar? Então, mamãe disse que ele havia partido para morar com Jesus; aí eu pensei: “Então… isso é algo que todos nós desejamos; mas eu não podia entender por que ele não viera para nos levar com ele; por que nos deixara para trás”.

Aquele último Natal que meu estivera em casa conosco tinha sido maravilhoso e me lembro de ter sentido grande sensação de expectativa. Na verdade, o Dia do Natal tinha acabado de passar e suas recordações estavam ainda muito vívidas na minha mente. Então pensei que fôssemos ter outra festa de Natal porque nossos amigos – os Elliots, os McCullys, os Youderians – vinham para a nossa casa. Achei que isso seria realmente bom; vamos continuar a festejar. Mas eu não

entendia que toda aquela agitação era por uma razão diferente: meu pai e seus quatro amigos estavam prestes a tentar contatar uma tribo de pessoas violentas na selva antes que uma companhia de petróleo se instalasse ali. A tribo havia tentado defender seu território matando os funcionários de indústria petrolífera. Então, a empresa abordou o governo, explicando que se o país precisava de petróleo, seria bom que eles tratassem de se livrar daquele “problema”.

Apocalipse 5.9 diz que no fim dos tempos membros de todas as tribos, nações e línguas estarão na presença de Deus e que Deus fará deles um sacerdócio real. Estes teriam de ser crentes. Meu pai e seus amigos entendiam isso e se sentiam compelidos a contatar essas pessoas antes que a companhia de petróleo se encarregasse da solução de seu problema. Mas não foi uma compulsão temerária; tratava-se de algo que sentiam prazer em fazer.

Meu pai e seus amigos sabiam que não poderiam simplesmente entrar na floresta e encontrar essas pessoas; outros tinham tentado fazer isso e falharam, até mesmo as companhias de petróleo. Essa tribo havia matado todos os que se aventuravam a entrar em seu território. O que meu pai e seus amigos não sabiam é que a tribo habitual e ferozmente matava seus próprios membros. A taxa de homicídios dentro da tribo era a maior que os antropólogos jamais haviam encontrado. Mais de 60% de toda a população da tribo tinha morrido em consequência de haver sido atingido por uma lança ou picado em pedaços com uma faca de mato por membros de sua própria tribo. Não conheço nenhuma pessoa na tribo, que tenha minha idade, cujo pai tenha morrido de causas naturais.

Meu pai e seus amigos sabiam que uma maneira universal de mostrar amizade é trocar presentes. Embora não soubessem como poderiam trocar presentes com os waodani, sabiam que dar presentes a eles seria uma maneira de demonstrar que eram benquistos. Meu pai havia projetado um modo de voar em círculos fechados de maneira que, do avião, poderiam pendurar uma cesta amarrada a uma corda que ficaria suspensa quase sem movimento bem perto do chão. Usaram esse sistema para dar presentes úteis à tribo. Depois de tentar por umas três vezes, os waodani não apenas retiraram os presentes da cesta como também colocaram outros presentes de volta. Continuaram a trocar presentes desse modo durante 13 semanas.

Meu pai, então, encontrou um pequeno banco de areia não muito longe da aldeia. Aterrissaram ali e esperaram que as pessoas viessem. Terça-feira, quarta, quinta.

De repente, na sexta-feira, depois de vários dias de espera sem que nada acontecesse – o avião preparado no banco de areia perto de uma pequena cabana construída na árvore para onde poderiam correr em caso de serem atacados –, eles ouviram vozes vindo do outro lado do rio. Duas mulheres e um homem saíram da floresta e atravessaram o rio pequeno e raso. Passaram o dia com meu pai e seus amigos como se estivesse tudo bem. Temos um vídeo do filme que foi rodado e fotografias que foram tiradas naquele dia. Nós o chamamos de "Sexta-feira amigável". Tudo parecia tão promissor! Papai telefonou para minha mãe e lhe contou o que havia acontecido, e a história correu entre as cinco esposas. Sabíamos que algo importante estava ocorrendo.

No sábado, meu pai voou sobre a pequena aldeia para ver por que o homem e as mulheres não tinham voltado, mas não havia ninguém lá. Quando voava de volta desde o rio Domointado, depois de cruzar o rio Tewaeno e a seguir o rio Awanguno, onde deixavam o avião, ele olhou para baixo e viu toda uma delegação de pessoas nuas caminhando pela trilha. Assim, ligou para minha mãe e lhe contou as novidades: "Parece que eles estarão conosco para o culto da noite". Meu pai, então, aterrissou e disse aos outros: "Eles estão vindo pela trilha". Uma vez que já tinham feito um contato amigável direto, todos estavam excitados com o encontro.

Três mulheres saíram da floresta, na parte da nascente do rio. Jim e Pete começaram a andar na direção delas, enquanto meu pai, Roger e Ed permaneciam atrás, pois não queriam assustá-las. Repentinamente, membros da tribo saíram correndo da floresta – Gikita com Mincaye, Kimo e Dyuwi logo atrás, e Nimongo e Nampa um pouco à frente –, eles posicionaram-se para separar meu pai de seus amigos. Então, Gikita avançou para meu pai dizendo: "Vou atingir o mais velho primeiro". (Meu pai era a pessoa que eles reconheceram do avião.) Um por um eles atingiram com a lança, meu pai e seus amigos, e os retalharam, e, então, fizeram algo ainda pior pelos seus padrões culturais – pegaram o que havia sobrado dos corpos e jogaram no rio para serem comidos pelos peixes e tartarugas.

Não soube dos detalhes enquanto era pequeno, mas posso lhes dizer que a morte deles ainda esmaga meu coração. O incidente reestruturou minhas crenças de uma maneira que eu não poderia antecipar. Antes dele eu cria no que muitos de vocês provavelmente também creem: quando coisas más acontecem, Deus simplesmente as permite. Descobri os detalhes a respeito da morte de meu pai depois que a minha tia Raquel morreu. Durante todos os anos em que ela viveu

com a tribo, a morte do seu irmão e dos outros nunca foi discutida; ela não queria que eles pensassem que ela vingaria aquelas mortes. Quando tia Raquel morreu, representei a família no seu enterro, e foi então que muitas respostas vieram à tona. Como a tia Raquel se fora, a tribo sentiu-se livre para falar sobre os acontecimentos que haviam levado àqueles assassinatos e o conflito "familiar" que precipitou o ataque.

A morte dos cinco missionários martirizados e a impressionante mudança que se operou no povo waodani depois que tia Raquel e Elizabeth Elliot foram convidadas pela tribo para lhes ensinar os "entalhes" de Deus, é hoje uma história bem conhecida. Incontáveis vidas já foram marcadas por ela, milhares de missionários a citam como a razão pela qual seu coração foi tocado para responder ao chamado de Deus. Nossa família tem sido abençoada pelo amor, pela amizade – parentesco – com o povo waodani.

Alguém chegou perto de mim, no lugar onde eu estava falando e disse: "Sabe, se seu pai e os amigos dele tivessem agido de modo diferente, eles não teriam de morrer". A princípio, senti repulsa por essa sugestão, mas então compreendi que a pessoa estava certa. Eles nem ao menos tinham de ir à floresta. Mas então pensei: se pudesse mudar alguma coisa, não mudaria nada. Simplesmente olhei para o homem que estava em pé ao meu lado, um dos meus mais queridos amigos no mundo inteiro, e compreendi que ele não estaria ali nesse momento se meu pai, Roger, Pete, Ed e Jim não tivessem morrido. Nós o chamamos de vovô Mincaye porque ele se tornou um dos membros queridos da nossa família.

Deus planejou a morte de meu pai

Sabem qual é a minha conclusão? Não creio que deus tenha meramente tolerado a morte de meu pai. Não penso que ele se tenha afastado quando tudo estava acontecendo. Penso que ele a planejou. De outra sorte, não creio que tivesse acontecido. Essa foi uma conclusão difícil para mim. Certa vez afirmei isso quando falava numa igreja, e um homem depois veio a mim e disse: "Nunca mais diga isso a respeito do meu Deus". Depois disso, encontrei esses versículos em Atos 2:

Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos (v. 22-23).

Então pensei: Ninguém venha me dizer que isso não pode ser. Se Deus pode planejar a morte de seu próprio Filho justo, por que não poderia ter planejado a morte de meu pai?

Deus planejou a morte de minha filha

Creio que Deus planejou a morte de minha filha. Nos anos anteriores à sua morte, muitas pessoas começaram a pedir que eu viajasse e falasse, mas descobri que havia uma deficiência em meu coração e em minha vida: eu não conseguia enxergar o mundo da maneira como Deus o faz. Cuidado por aquilo que você ora. Orei e implorei a Deus, e disse a Ginny: "Não posso continuar a fazer isso. Viajo e falo às pessoas o que está em minha mente, e isso não funciona. Não posso continuar. Não posso falar a não ser que eu sinta paixão por isso". Portanto, comecei a orar. "Ó Deus, por favor, por favor, permita que eu tenha o teu coração para com este mundo sofredor. Eu o vejo e consigo sentir alguma empatia, mas não tenho paixão por ele". Agora não exagerem. Talvez muitos de vocês lutem com a mesma coisa. Eu apenas não conseguia continuar a viajar e falar sobre o que eu tinha visto Deus realizar sem a paixão por compartilhar isso. E eu não tinha a menor ideia se Deus me daria essa paixão, nem como ele o faria. Sou mais mecânico; é esse tipo de coisa que faço bem. Eu me lanço; tudo vem de forma natural, está nos genes, não preciso procurar – simplesmente está lá. Mas paixão é outra história; portanto, implorei a Deus que me permitisse ver seu coração.

Temos uma noção de que se fizermos o que Deus quer que façamos, então ele deve estar obrigado a retirar de nós o sofrimento. Eu cria nisso; não creio mais.

Ginny e eu tivemos três meninos, e então, finalmente, tivemos uma menininha.

Eu a fiz prometer que ela nunca cresceria. Ela quebrou a promessa e foi para a universidade. Então um período de sofrimento começou quando a Mocidade para Cristo convidou Stephenie, que tocava muito bem piano, assim como o baixo, para viajar com eles ao redor do mundo durante um ano para pregar o Evangelho. Mas sabem? Para mim, isso não valia muito; eu queria minha filha em casa. Sabia que algum dia provavelmente ela encontraria um bom rapaz e então sairia. Ela era alta e magra e, aos meus olhos, muito bonita. Era a amiga querida de Ginny. Ela era nosso bebê. Ela começou a viajar ao redor do mundo e foi um ano penoso. Mas, por fim, o ano terminou e ela voltou para casa. Ginny e eu fomos buscá-la no aeroporto em Orlando. Vovô Mincaye estava lá também. Nós tínhamos feito um cartaz para ele segurar dizendo "Bem-vinda ao lar, Stephenie", mas, como ele não sabia ler, o segurou de cabeça para baixo. Ele, que tinha grandes furos nas orelhas e usava um cocar de penas na cabeça, pulava o tempo todo. Ele não combinava com o ambiente! Stephenie chegou, viu e tentou fazer de conta que não nos havia visto, mas Mincaye subiu, agarrou-a e começou a pular com ela. Então saímos para uma festa de boas-vindas – foi uma ocasião de muita alegria.

Mais tarde, quando passei por Stephenie na sala, ela se recostou em mim e disse: "Papai, eu amo você". Eu pensei: "Deus, arrebata-me agora mesmo. Deixa-nos ir quando estamos no auge. As coisas podem ficar melhores do que estão? Todos os nossos filhos o estão seguindo e Stephenie está em casa. E Ginny e eu vivemos em lua de mel há 27 anos. Deixa-nos partir agora mesmo".

Um pouco depois Ginny disse: "Steve, Stephenie foi para seu quarto. Vamos até lá para ficarmos um pouco com ela". Então, deixamos todos os outros e fomos. Stephenie estava com dor de cabeça e pediu que eu orasse por ela. Ginny sentou-se na cama e segurou Stephenie, e eu coloquei meus braços ao redor dessas duas garotas a quem eu amava de todo o coração e comecei a orar.

Enquanto eu orava, Stephenie teve uma forte hemorragia cerebral. Corremos para o hospital. Fui com a ambulância enquanto nosso filho Jaime, Ginny e Mincaye seguiam no carro. Vovô Mincaye nunca havia visto esse tipo de veículo com luzes piscando, não entendia por que estranhos tinham entrado correndo em casa, pegado Stephenie e saído correndo com ela. Agora ele a via no hospital deitada numa maca com um tubo passando por sua garganta e agulhas em seu braço. Ele me agarrou e disse: "Quem fez isso com ela?". E eu vi uma expressão em sua face que já tinha visto antes, e eu sabia que ele estava disposto a matar novamente para salvar aquela neta a quem ele amava.

Eu não sabia o que dizer: “Eu não sei, Mincaye. Ninguém está fazendo isso”.

E de imediato esse selvagem da floresta agarrou-me de novo e disse: “Babae, você não percebe?”.

Não, eu não percebia nada. Meu coração estava absolutamente despedaçado. Eu não sabia o que estava acontecendo.

Ele disse: “Babae, Babae, agora enxergo bem. Você não enxerga? O próprio Deus está fazendo isso”.

E eu pensei: “O que você está dizendo?”.

Mincaye começou a dirigir-se a todas as pessoas na sala de emergência dizendo: “Gente, gente, vocês não veem? Deus ama Estrela, ele a está levando para viver com ele”. Então, ele disse: “Olhem para mim, eu sou um homem velho, logo, logo eu vou morrer também e vou para lá”. Então, com uma expressão suplicante no rosto, ele completou: “Por favor, por favor, vocês não seguirão a trilha também? Quando chegarem ao lugar de Deus, Estrela e eu estaremos lá esperando para lhes dar as boas-vindas”.

Por que desejamos que cada capítulo seja bom quando Deus promete que apenas no último capítulo ele fará com que todos os outros capítulos façam sentido, e ele não promete que veremos esse último capítulo enquanto estivermos aqui? Quando Stephenie estava morrendo o médico disse: “Não há nenhuma esperança de cura para um dano como este”. Compreendi que aquela ou seria a hora de perder minha fé ou seria uma oportunidade de mostrar ao Deus que havia dado seu Filho para morrer pelo meu pecado que eu o amava e confiava nele. E então fiquei atento. Acompanhei com atenção minha doce esposa aceitar tudo como vontade de Deus e plano dele. E sabem o que Deus fez por meio de tudo isso? Ele transformou o meu coração. Ele o quebrou. Ele o estraçalhou. E no processo ele me ajudou a ver o que ele vê. Eu pensava que a pior coisa que poderia acontecer na vida era que pessoas fossem para uma eternidade sem Cristo. Há algo pior do que isso. É que nosso amoroso Pai celestial, o Deus e Criador do universo, está sendo separado todos os dias daqueles a quem ele ama desesperadamente, e ele nunca se reunirá de novo com eles, se o que este livro diz está certo.

Não sei que papel ele tem para você, mas sei que ele tem um papel. Sua grande paixão é expressa na Grande Comissão, e ele a conferiu a pessoas desleixadas e confusas como você e eu. Ele nos fez seus embaixadores da reconciliação.

O megafone de Deus para o mundo

Mincaye e eu viajamos com Steven Curtis Chapman como parte de um circuito de concertos em 2002. A cada noite, depois que Steven e sua banda contavam a história de como Mincaye e eu nos tornamos uma família, usando vídeo e música, Maemae Mincaye e eu gastávamos alguns minutos conversando com os presentes.

Certa noite, Mincaye foi particularmente incisivo ao tentar comunicar-se com o público. Com toda a força, afirmou: “Waengongi (O Deus Criador) não acha bom que nós caminhemos em sua trilha”.

Hesitei em traduzir o que ele havia dito. A afirmação contradizia diretamente tudo o que eu cria e sabia que Mincaye acreditava. Por fim, eu traduzi o que o vovô havia dito. Felizmente ele resolveu o conflito com uma palavra. Ele continuou: “Waengongi não acha bom que caminhemos por sua trilha sozinhos!”. Ele continuou: “Vocês não acham que Waengongi ama todos os seus filhos?”.

Se temos de imitar nosso Salvador, temos de identificar-nos com o povo para o qual levamos as boas-novas. Não advogo que devemos procurar pelo sofrimento; a vida por si mesma já nos traz o suficiente. Mas o que advogo é que o sofrimento é um pré-requisito importante para ministrar a pessoas que sofrem. Cristo tomou sobre si nossa semelhança e sujeitou-se ao sofrimento que nos aflige.

Estou convencido de que não devemos fazer esforços heroicos e gastar vastos recursos como faz o resto de nossa sociedade para evitar o sofrimento. Também apenas a disposição para experimentar a dor não nos daria credibilidade perante as pessoas que sofrem, mas isso daria a Deus uma oportunidade de provar sua suficiência em atender às nossas necessidades. Um homem sábio disse: “Deus sussurra para nós em nossos prazeres, fala à nossa consciência, mas grita em

nossas dores: é o seu megafone para acordar um mundo surdo".[87]

A poetisa Martha Snell Nicholson escreveu um pequeno poema que expressa isso de modo muito eloquente. Ela escreve:

Coloquei-me como um mendicante de Deus diante de seu trono real

E supliquei-lhe por um dom inestimável que pudesse chamar de meu.

Apanhei de suas mãos a dádiva, mas ao partir

Gritei: "Mas, Senhor, isso é um espinho e espetou meu coração.

Que estranha e dolorida dádiva o Senhor me deu".

Ele disse: "Filha, eu dou boas dádivas e lhe dei a melhor que tinha".

Levei-o para casa e embora no começo a ferida cruel do espinho doesse,

No passar de longos anos aprendi afinal a amá-lo mais e mais.

Aprendi que ele nunca dá o espinho sem esta graça adicional:

Ele usa o espinho para prender a cortina que esconde a sua face.[88]

---

87 C. S. Lewis, The Problem of the Pain (Nova York: MacMillan, 1962), 93.

88 Martha Snell Nicholson "The Thorn".

Capítulo 6 A soberania de Deus e o sofrimento de base étnica Carl F. El

Servimos ao Deus soberano que sempre cumprirá sua vontade. Essa verdade pode ser remontada à criação. Quando fomos criados, gozávamos uma relação de aliança com Deus. Essa era a aliança da criação (outros a denominam aliança das obras). De acordo com os termos dessa aliança, a obediência resultaria em bênção. Experimentaríamos satisfação à medida que a vontade soberana de Deus fosse cumprida por intermédio de nós.

Pelo texto bíblico, sabemos que quebramos essa aliança. A queda foi o resultado, e o caminho do sofrimento foi a consequência. Ao comer do fruto proibido, os seres humanos estavam, em essência, tentando tomar o lugar de Deus como juízes finais do bem e do mal. Deus disse: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás” (Gn 2.16-17). A questão não era o fato de que eles não compreendiam a natureza do bem e do mal. A tentação real era: qual seria a base para se julgar o bem e o mal? Seria a palavra de Deus ou a opinião humana?

O que acontece imediatamente antes de cairmos em tentação? Nós decidimos que o que desejamos é bom para nós. Em essência, reencenamos a queda todas as vezes que cedemos à tentação. Quando Adão e Eva comeram do fruto proibido, eles rejeitaram a Palavra de Deus como base para a vida. Esse foi um exemplo de “centralidade na criatura” – a criatura tentando julgar o Criador pelos padrões da criatura.

Em vez de nos mandar de imediato para o lago de fogo, Deus nos mostrou a graça. Ele nos deu outra aliança, a aliança da salvação (aliança da graça, como alguns a chamam). A aliança da salvação foi projetada para libertar-nos da maldição da aliança da criação que havia sido quebrada. Até que a salvação fosse totalmente aplicada, ainda sofreríamos muitos efeitos da queda. Entre esses efeitos estariam os diferenciais de poder humano. Esses diferenciais de poder humano gerariam lutas de poder humano. Essa é a base do sofrimento e das lutas que surgem das diferenças étnicas.

Faremos algumas observações a respeito de poder. A Bíblia nos diz que Deus é todo-poderoso, mas não há nenhuma luta de poder entre as pessoas da Trindade. Por quê? Porque Pai, Filho e Espírito Santo são um. Antes da queda, Adão e Eva tinham um poder significativo de domínio, entretanto, não havia lutas de poder entre eles. Por quê? Porque eles eram um. Sua unidade era semelhante à unidade de Deus, só que num nível humano. Essa é uma perspectiva sobre o que significa

ser à imagem de Deus. Adão era o cabeça, mas ele era o primeiro entre iguais.

Depois da queda, a unidade deles foi quebrada. E é exatamente esse o ponto onde começamos a ter problemas. Começamos a pensar de modo individualista e isso nos leva ao egocentrismo. Vejam o que Adão disse a Deus depois que foi confrontado a respeito do seu pecado: “Então disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi” (Gn 3.12). O homem e a mulher começaram a procurar por domínio e dominância um sobre o outro, e o resultado foi a desigualdade.

Portanto, a primeira manifestação da luta humana pelo poder ocorreu dentro do relacionamento conjugal. Quando Deus falou à mulher em Gênesis 3.16, ele disse: “O teu desejo será para o teu marido, e ele te governará”. Quando Deus disse: “O teu desejo será para o teu marido”, ele não falava sobre um tipo de desejo “chega mais perto”. A palavra desejo aqui é exatamente a mesma palavra usada por Deus ao confrontar Caim a respeito de seu pecado. Disse ele: “Pecado [...] desejará dominá-lo, mas a ti cumpre dominá-lo” (Gn 4.7, de acordo com The Holy Bible, English Version).

Por causa da perda da unidade, a luta pelo poder contaminou o relacionamento conjugal. Por fim, isso contaminou todos os relacionamentos humanos. Assim, a desigualdade humana tornou-se universal, não apenas entre os indivíduos como Caim e Abel, mas também entre grupos de pessoas. Não faz diferença o modo como definimos grupos de pessoas, seja étnica, cultural, linguisticamente, ou que pertençam a diferentes gerações. Haverá desigualdades no meio deles e lutas de poder entre eles.

Outro o resultado da queda foi a perseguição. Percebemos isso na luta entre a semente da mulher e a semente da serpente. Deus disse à serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15). O “descendente da mulher” refere-se à vinda do Salvador, e a “descendência da serpente” refere-se ao próprio Satanás; no entanto, frequentemente deixamos de perceber a aplicação coletiva disso. Tomada com base nessa perspectiva, “a semente da mulher” refere-se ao povo da Aliança de Deus, e “a semente da serpente” refere-se aos inimigos de Deus. Os inimigos de Deus perseguiriam e tentariam destruir o povo de Deus – seu calcanhar será ferido. Mas o povo de Deus resistiria com sucesso a essa perseguição. Num nível humano, o povo de Deus sofreria uma desvantagem nesse conflito de poder, mas, ainda assim, pela graça de Deus

perseveraria e finalmente prevaleceria sobre os inimigos de Deus. A cabeça do inimigo seria esmagada. Esse conflito seria penoso. A perseguição tornou-se uma manifestação significativa nas lutas de poder humano, e isso continua até hoje.

O mistério do sofrimento

O livro de Jó trata do relacionamento entre sofrimento humano e justiça divina. Isso é o que os especialistas chamam de teodiceia. A maioria de nós assume uma relação estreita, de reciprocidade entre nosso sofrimento e nosso pecado, ou entre prosperidade e obediência. Era isso o que os amigos de Jó tentavam dizer. Repetiam velhos clichês evangélicos: “Deve haver algum pecado em sua vida, meu irmão”. Repetidas vezes Jó respondeu: “Que mais?”. A história de Jó demonstra com clareza que as coisas ruins que nos acontecem não estão necessariamente relacionadas com nosso pecado, assim como as coisas boas que nos acontecem não estão relacionadas com nossa retidão, da qual nada possuímos (Is 64.6). A história de Jó mostra-nos que Deus não abandonará aqueles que sofrem por amor a ele. Jó tinha uma atitude de realismo a respeito de sua dor. Da mesma maneira, Deus quer que tenhamos esse mesmo realismo.

De muitas maneiras o sofrimento é um mistério. Sinto-me confortado com o que Francis Schaeffer me disse muitas vezes: “Agora vemos apenas o lado devedor da fatura. Ainda não vemos o lado do crédito. Quando virmos toda a fatura, então diremos: ‘Por que não vi as coisas desta maneira antes?’”. Essa é a razão por que a Bíblia nos ensina a enxergar agora pela fé. Embora o sofrimento seja um mistério para nós, ele não é um mistério para Deus. Os mistérios podem ser dolorosos, mas não deveriam nos deixar perplexos. Para Deus não há mistério. Ele está satisfeito porque vê a fatura toda. Também ficaremos satisfeitos quando virmos todas as coisas com base na perspectiva de Deus. Até lá, devemos aprender a nos contentar com a satisfação de Deus. Se fizermos isso, teremos paz.

A base do sofrimento

A causa do sofrimento é o pecado. Até aqui é óbvio. Sofrimento em razão do pecado tem duas categorias gerais. Primeiro há os efeitos aparentemente aleatórios do pecado – tempestades, terremotos, inundações, tsunamis, incêndios, etc. Depois há os resultados diretos do pecado, que podem ser colocados em duas categorias – impiedade e opressão. Impiedade envolve pecar e sofrer as consequências do pecado. (Exemplos são descuido, preguiça, imprudência, irresponsabilidade e coisas como essas.) Opressão envolve pecar e forçar os outros a sofrerem as consequências ou impor nosso pecado a outros. Nas Escrituras, Deus fala muito sobre opressão.

Façamos algumas observações. Opressão significa pecado mais poder. Se já estivemos algum dia numa posição de dominância sobre outras pessoas, e pecamos contra elas, nós as oprimimos. O poder de oprimir não exige uma cor específica de pele, etnia, ou status econômico.

Nunca me esquecerei de como Deus abriu meus olhos para isso. Deus deu-me o privilégio de criar dois filhos, um menino e uma menina. Tenho muito orgulho deles, e ambos amam ao Senhor. Quando minha filha era pequena, minha tarefa era trançar os cabelos dela. E devo admitir que me tornei muito hábil em fazer isso. Como pai, eu tinha uma posição de dominância sobre ela. Certa manhã de domingo, seu cabelo parecia especialmente bem arrumado. Quando eu quase terminava, ela me disse: “Papai, a trança está muito apertada, está machucando!”. Sem dúvida não era minha intenção provocar dor em minha filha, mas a dor foi o resultado.

Como eu tinha uma posição de dominância sobre ela, simplesmente descartei sua dor: “Não, Nikki, não está doendo!”.

Ela então repetiu: “Papai, está doendo!”. E começou a chorar. À medida que suas lágrimas corriam, comecei a entender o que havia feito: oprimi minha própria filha quando neguei sua realidade.

De modo firme discordo daqueles que, de forma estreita e limitada, definem opressão unicamente em termos de raça. Embora a opressão racial seja real, a opressão em si é universal.

Como a opressão é uma somatória de pecado mais poder, ela é instigada pelo conflito de poder. Como a opressão afeta vítimas individuais? Com base nas

minhas observações, ela aumenta a proporção de escolhas más e diminui a proporção de escolhas boas disponíveis para tais indivíduos. Por exemplo, suponhamos que cada um de nós tenha dez escolhas para fazer na vida. Se não somos oprimidos, deveríamos esperar que oito das dez escolhas fossem boas e duas fossem ruins. Entretanto, a opressão pode determinar que oito escolhas sejam más, é apenas duas boas. Dada a lei das médias qual seria a probabilidade de alguém fazer más escolhas? Não deveria nos surpreender o fato de que as pessoas oprimidas acabam na prisão numa proporção muito maior.

Como mencionamos anteriormente, um dos fundamentos da opressão é a centralidade na criatura, isto é, julgar o Criador pelos padrões da criatura. Isso tem várias aplicações:

Egocentrismo – julgar os outros pelos meus padrões pessoais;

Imperialismo cultural – julgar outras culturas pelo padrão da minha cultura;

Sexismo – julgar o outro gênero pelos padrões do meu gênero;

Racismo – julgar outras raças pelos padrões da minha raça;

Etnocentrismo – julgar outros grupos humanos pelos padrões do meu grupo.

Se eu for culpado de qualquer um desses tipos, verei outras pessoas como inferiores. Por quê? Porque ninguém pode ser quem eu sou tão bem quanto eu mesmo; nenhuma outra cultura pode ser minha cultura tão bem quanto minha cultura é capaz de sê-lo; nenhuma outra raça pode ser minha raça tão bem quanto minha raça o pode ser. Quando usamos a nós mesmos como padrão de julgamento em vez de usar a Palavra de Deus, começamos a ver os outros como inferiores, não merecedores do nosso respeito. Diferenciais de poder servem para agravar a situação.

Manifestações

Israel foi infestado pelo etnocentrismo. Repetidas vezes Deus lhes mostrou que eles deveriam ser judeus porque eram escolhidos. Ser judeu era uma resposta à graça salvadora de Deus. Mas eles tolamente assumiram que eram escolhidos porque eram judeus. Assumiram que sempre teriam o status de cultura dominante no reino de Deus. E não toleravam nada que contradissesse essa noção.

Examinemos Atos 13.14-18 com base nessa perspectiva. Nessa passagem, vemos que Paulo e seus companheiros foram à Antioquia da Pisídia. Chegando o sábado, entraram na sinagoga e assentaram-se e, após algumas leituras das Escrituras, os irmãos na sinagoga perguntaram se eles tinham alguma mensagem de encorajamento. “Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas e vós outros que também temeis a Deus, ouvi” (v. 16).

Ele começou revendo a história de Israel: desde o Egito até a conquista de Canaã (v. 18-19); dos juízes ao rei Davi (v. 20-22); e, então, ao Salvador Jesus Cristo, descendente de Davi e maior que todos os profetas (v. 23-25). Era de esperar alguma resistência à mensagem de Paulo, mas nada se materializou. Paulo continuou: Jerusalém não reconheceu Jesus e o condenou à morte. No entanto, isso cumpriu as Escrituras e Deus o ressuscitou dos mortos (v. 26-31). Nenhuma reação ainda contra toda essa nova teologia. Paulo explicou que a ressurreição de Jesus Cristo era o cumprimento das Escrituras e que Jesus era maior que o rei Davi (v. 32-37). Ainda nenhuma reação.

Então, Paulo explicou que o perdão de pecados nos é dado por meio de Jesus e a justificação não pode vir pelas obras da lei de Moisés (v. 38-39). Nem mesmo essa afirmação os aborreceu. Paulo terminou sua mensagem: “Notai, pois, que não vos sobrevenha o que está dito nos profetas: Vede, ó desprezadores, maravilhai-vos e desvanecei, porque eu realizo, em vossos dias, obra tal que não crereis se alguém vo-la contar” (v. 40-41).

Atentem para a reação à mensagem: “Ao saírem eles, rogaram-lhes que, no sábado seguinte, lhes falassem estas mesmas palavras” (v. 42). Até esse ponto a situação parecia promissora, mas observem o que aconteceu depois: no sábado seguinte, quase toda a cidade se juntou para ouvir a Palavra do Senhor. Quando os judeus viram a multidão, encheram-se de ciúme e começaram a falar de modo abusivo contra o que Paulo dizia (v. 44-45). Os judeus tomaram a resposta de

toda a cidade como uma ameaça à sua posição de dominância no que dizia respeito às coisas de Deus. Essa foi uma manifestação de luta pelo poder.

Algo semelhante aconteceu em Atos 21–22:

Em sua visita ao templo em Jerusalém, Paulo foi visto, agarrado e acusado de ensinar contra Israel e contra a lei. Além disso, foi acusado de profanar o templo por ter introduzido gregos em seu recinto (21.17-29).

Paulo foi arrastado para fora do templo e quase foi morto pela violência da multidão. O comandante das tropas romanas salvou Paulo, levando-o sob custódia (21.30-36).

Paulo conseguiu permissão para falar à multidão (21.37-40).

Paulo apresentou-se como judeu. Mostrou-lhes seu currículo: nascido e criado em Tarso, discípulo de Gamaliel, perseguidor da Igreja em seu zelo por Deus (22.1-5).

Paulo explicou seu encontro com Jesus e sua dramática conversão na estrada de Damasco: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” “Quem és tu, Senhor?” “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues” (22.6-8).

A multidão não reagiu. Então, Paulo respondeu: “Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas açoitava os que criam em ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisto e até guardei as vestes dos que o matavam” (22.19-20).

Nenhuma reação ainda, mas observem isto: “Então o Senhor me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios”. A multidão ouviu a defesa de Paulo até que ele pronunciou essas palavras. Então eles levantaram suas vozes e gritaram: “Tira tal homem da terra, porque não convém que ele viva” (v. 21-22).

A multidão de judeus estava disposta a lidar com todo aquele testemunho a respeito de Jesus. Mas quando surgiu a questão de testemunhar aos gentios, a dominação dos judeus foi ameaçada. Ficaram enraivecidos. A violência da

multidão tornou-se tão intensa que Paulo precisou ser resgatado pelos soldados romanos (v. 23-24).

O sofrimento que surge das diferenças de etnia surge desse conflito de poder, de uma dinâmica dominante/subdominante. Hoje é comum ouvirmos falar sobre reconciliação. Mas, se ignorarmos essa dinâmica dominante/subdominante nunca conseguiremos sanar as divergências. Nós nos perguntaremos por que as reconciliações raciais não parecem funcionar, e o povo continuará a sofrer. Essas passagens em Atos deveriam nos dar algumas percepções a respeito do motivo.

Dimensões

Um dos resultados da opressão é a marginalização. A marginalização acontece quando o que é válido é considerado inválido meramente porque difere dos padrões prevalecentes da centralidade da criatura. Assim, as pessoas que se encaixam nessa descrição são relegadas a uma posição de insignificância, destituídas de importância, de pouca influência ou pouco poder. Como a marginalização afeta a interação humana?

Toda sociedade tem uma cultura dominante e pelo menos uma cultura subdominante. Cada uma dessas tem uma agenda cultural correspondente e uma consciência intracultural. Aqueles que pertencem à cultura dominante tendem a não perceber que têm uma cultura, e os que pertencem à cultura subdominante sabem muito bem que todos têm uma cultura.

Todos na cultura subdominante são expostos à agenda cultural dominante. Mas poucos na cultura dominante estão sequer conscientes de que existe uma agenda cultural subdominante. Portanto, para aqueles da cultura dominante, as preocupações da cultura subdominante tendem a ser marginalizadas. Podemos definir essas culturas dominantes e subdominantes em termos de etnia, geração, gênero, geografia, linguagem, etc.

Isso impõe a questão: quem vai mostrar ao mundo como lidar com esse tipo de dinâmica de poder diferencial? Esta deverá ser uma tarefa do corpo de Cristo. Há quatro dimensões de marginalização: (1) marginalização relacional (face a face) – como o que fiz com minha filha; (2) marginalização sistêmica, que é a

marginalização mediante convenções e protocolos consagrados pelo tempo; (3) marginalização deliberada, que é a marginalização intencional, a qual resulta em submissão ou sujeição, e (4) marginalização por desistência, que é a marginalização resultante da falta de poder, seja real ou percebido.

Quando emparelhamos essas quatro dimensões em todas as combinações possíveis, obtemos a janela da marginalização (figura 1). Os dois painéis superiores da janela são relacionais, os inferiores são sistêmicos; os dois painéis esquerdos representam marginalização deliberada; os dois painéis direitos representam marginalização por desistência.

	Deliberada Induzida pela submissão	Por Desistência Induzida pela dominação
Racional		
Sistêmica		

Figura 1: A janela da marginalização

Algo que exacerba o sofrimento que resulta das diferenças étnicas no mundo de hoje é a falta de uma compreensão integral da marginalização. Por exemplo, tendemos a pensar apenas sobre uma manifestação – relacional deliberada – que encontramos no quadrante superior esquerdo. Não nos preocupamos muito com o que ocorre nos outros três quadrantes. Se nós na igreja vamos ter algo profético para dizer sobre a questão do sofrimento com base na etnia, temos de nos envolver com todos os quatro painéis da janela.

Todo grupo subdominante tem um paradigma distinto para marginalização. Por exemplo, a experiência do afro-americano tem sido principalmente uma luta contra o racismo e suas consequências – uma aplicação da centralidade na criatura. Portando, o racismo é visto como o paradigma para todas as marginalizações. Podemos compreender que a marginalização, em última análise, não requer um motivo racista. Entretanto, com base na perspectiva de um afro-americano, a marginalização é assumida como tendo um motivo racista.

Os anglo-americanos sem esse paradigma tendem a ver os protestos afro-americanos contra a marginalização, como "jogar com a questão racial". Do outro lado, os afro-americanos veem os protestos anglo-americanos como sendo negação. Quando isso acontece não nos comunicamos com nenhum deles porque não compreendemos que a marginalização é a própria base do sofrimento que resulta das diferenças étnicas. A teologia da comunidade cristã tem sido fraca nessa área. Se quisermos ter uma voz profética contra a marginalização, temos de enfrentá-la com uma teologia séria.

Flores

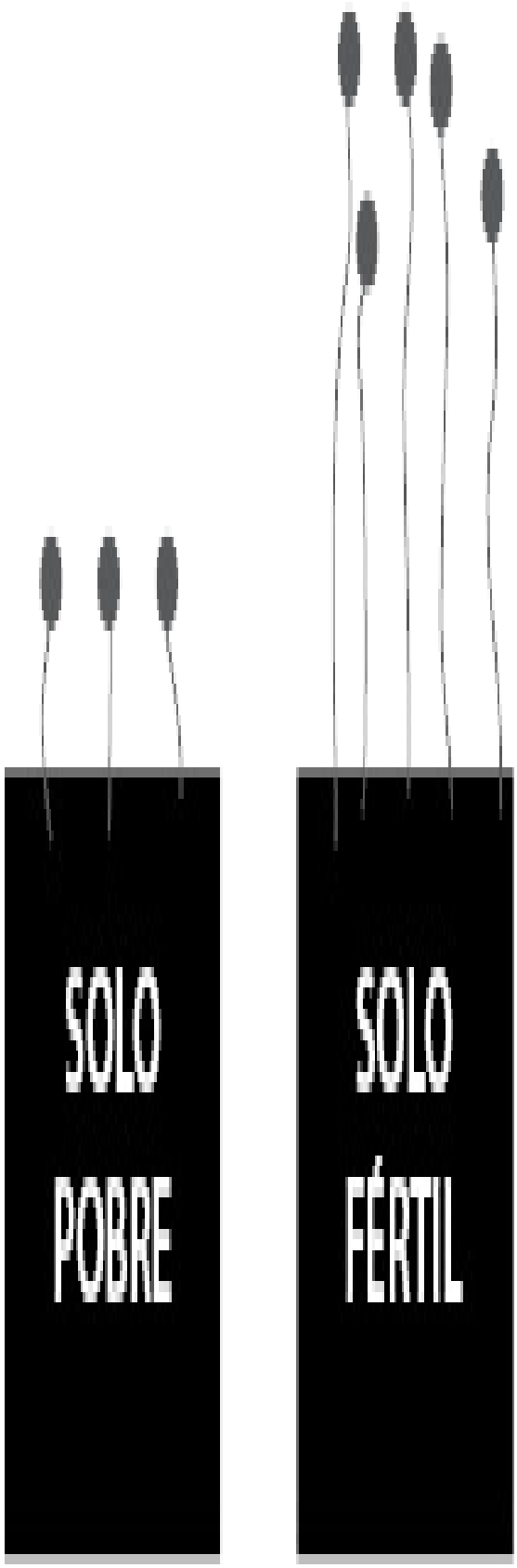
Uma jovem chamada Camara Phyllis Jones escreveu um artigo fascinante chamado "Níveis de Racismo: um arcabouço teórico e o conto da jardineira".[89] Não vou tratar de todo o artigo, mas quero compartilhar algumas de suas

ilustrações perspicazes. De acordo com Jones, há três níveis de racismo: (1) institucionalizado, (2) mediado pessoalmente e (3) interiorizado.

Jones comprou uma casa numa cidade grande e, na varanda da frente, havia duas floreiras. Uma já tinha terra, a outra estava vazia. Ela não percebeu que a terra que já existia era pobre e dura. Como queria plantar flores nas duas floreiras, ela encheu a floreira vazia com terra fértil e plantou seis sementes de flores em cada floreira. O crescimento das flores na floreira mostrou a ela como o racismo se desenvolve e funciona.

Para ilustrar sua tese, Jones supôs o seguinte: (1) a jardineira decidiu plantar mudas que dariam flores vermelhas numa floreira, e mudas que dariam flores cor-de-rosa na outra; (2) ela sabe qual floreira tem o solo fértil e qual tem o solo pobre; (3) a jardineira prefere as flores vermelhas.

Nesse caso, ela plantaria as sementes de flor vermelha no solo fértil e as sementes de flores cor-de-rosa no solo pobre. Todas as seis sementes plantadas no solo fértil brotaram. As três mais fortes cresceram mais, as outras três cresceram a uma altura média. No solo pobre, apenas as sementes mais fortes brotaram e cresceram a uma altura média (figura 2).

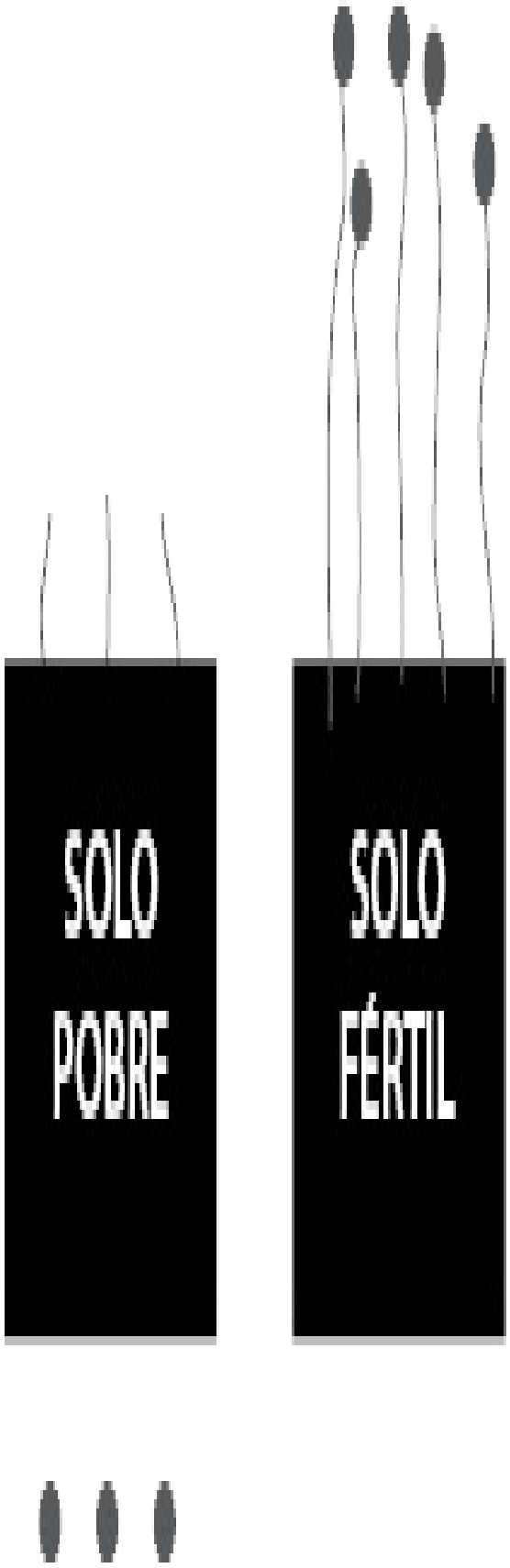


- Insulto histórico inicial
- Barreiras estruturais
- Inércia diante da necessidade
- Normas sociais
- Determinismo biológico
- Privilégio imerecido

Figura 2: Racismo institucionalizado

Esse foi o modo como ela ilustrou o racismo institucionalizado. Ele começa com o que ela chama de insulto histórico inicial – foi tomada a decisão de plantar as flores vermelhas no solo fértil. É mantida por barreiras estruturais – as duas floreiras separam os dois solos. Envolve inércia diante de necessidades – o solo pobre e duro necessita de fertilizantes, mas “não tem importância, pois são apenas flores cor-de-rosa”. Reflete normas sociais. Todos sabem que se temos plantas doentes, não se perde tempo com elas. Seus melhores esforços devem ser dirigidos para as melhores plantas. Racismo institucional também envolve determinismo biológico (as flores vermelhas são consideradas superiores às flores cor-de-rosa). Finalmente ela envolve um privilégio imerecido (as flores vermelhas são plantadas em solo fértil, mas elas nada fizeram para merecer esse privilégio).

Phyllis Jones ilustra o racismo pessoalmente mediado da seguinte maneira. As fracas flores cor-de-rosa e as fortes flores vermelhas estão no tempo de produzir pólen. Entretanto, a jardineira não quer que plantas boas e fortes sejam polinizadas por outras obviamente fracas e inferiores. Então, ela arrancará as flores cor-de-rosa antes que possam polinizar. O resultado é que as plantas fracas murcharão e morrerão (figura 3).



- Intencional
- Não-intencional
- Atos de cometimento
- Atos de omissão
- Mantém barreiras estruturais
- Tolerado pelas normas sociais

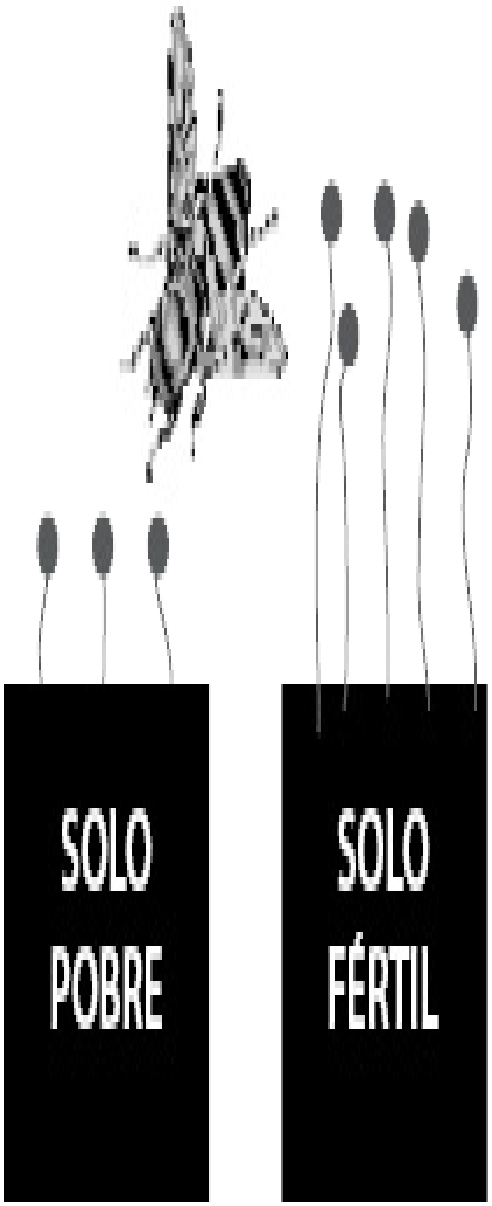
Figura 3: Racismo mediado pessoalmente

Isso é equivalente à marginalização relacional deliberada. Portanto, o racismo mediado pessoalmente é intencional e não intencional. Envolve atos de cometimento e atos de omissão. Mantém as barreiras estruturais, nesse caso os dois solos diferentes. É também tolerado pelas normas sociais. Afinal de contas, todos sabem que as plantas fracas são arrancadas antes de polinizar.

O terceiro nível é o mais devastador – racismo interiorizado. Nesse caso, as próprias flores cor-de-rosa começam a pensar que “o pólen vermelho” é superior. Quando as pessoas são marginalizadas durante um tempo suficientemente longo, elas começam a crer na sua própria inferioridade. É isso o que torna o racismo interiorizado tão trágico.

Imagine que uma abelha carregando pólen fosse pousar numa flor cor-de-rosa. Que tipo de pólen essa flor iria preferir: vermelho ou cor-de-rosa? Ela diria: “Espere, eu prefiro o pólen vermelho. Não quero este pólen cor-de-rosa inferior”. Por que essa resposta? Porque ela acredita em sua própria inferioridade (figura 4).

Espere!
Prefiro pólen vermelho



- Reflete sistemas de privilégio
- Reflete valores sociais
- Corrói o senso individual de valor
- Debilita gradualmente a ação coletiva

Figura 4: Racismo interiorizado

A dor causada pelo sofrimento provocado pelas diferenças étnicas já é grande. É devastadora quando as pessoas começam a pensar em si mesmas como inferiores, não merecedoras de respeito.

Assim o racismo interiorizado reflete o sistema de privilégios e valores da sociedade. Ele corrói o senso de valor individual e solapa a ação coletiva. As flores cor-de-rosa estão tão convencidas de que são inferiores que começam a desprezar umas às outras. Crimes de flores cor-de-rosa contra flores cor-de-rosa tornam-se um problema.

Analisemos dois exemplos bíblicos de opressão interiorizada. Ambos se deram durante o tempo em que os hebreus estavam sob o jugo da escravidão egípcia.

O primeiro exemplo de opressão interiorizada

A maioria de nós conhece a história de como Moisés, um hebreu, cresceu no palácio de Faraó (“a casa grande”). Ao contrário da descrição de Moisés no filme Os dez mandamentos, de Cecil B. deMille, o texto bíblico indica que a mãe egípcia de Moisés nunca escondeu dele sua verdadeira identidade. Os hebreus em Gósen (acampamento dos escravos) evidentemente também sabiam quem era Moisés.

Certo dia, depois de crescido, Moisés decidiu ir ao acampamento dos escravos para ver seus irmãos (Êx 2.11-12). Ele viu um irmão hebreu sendo espancado brutalmente por um egípcio. Moisés interveio e, na luta, matou o egípcio.

Voltando ao acampamento no dia seguinte, ele viu dois hebreus brigando. Moisés dirigiu-se ao que estava errado: “Por que espancas o teu próximo? O qual respondeu: Quem te pôs por príncipe e juiz entre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio?” (Êx 2.13-14).

Se não compreendemos a opressão interiorizada, perderemos algumas coisas sutis que Deus nos mostra. Após 400 anos de escravidão e humilhação, os hebreus tinham chegado ao ponto de acreditar que eram inferiores. Eles sentiam desprezo por si mesmos. Portanto, se Moisés fosse um egípcio, o hebreu culpado o teria respeitado, mas o culpado sabia que Moisés era hebreu, portanto ele o desprezou totalmente. Ele perguntou: “Você está pensando em me matar como matou o egípcio?”. Observe que ele não disse: “O seu companheiro egípcio”. Em outras palavras o homem queria dizer: “Quem você pensa que é? Você ainda é um hebreu”. Naqueles tempos, “hebreu” era um termo pejorativo.

O segundo exemplo de opressão interiorizada

Quando Deus aparece a Moisés no Monte Sinai ele lhe ordena que vá ao Faraó e lhe diga: “O Senhor, o Deus dos hebreus, nos encontrou. Agora, pois, deixa-nos ir caminho de três dias para o deserto a fim de que sacrifiquemos ao Senhor, nosso Deus” (Êx 3.18). Talvez uma das razões por que os filhos de Israel reclamaram e murmuraram contra Deus tenha sido porque ele se identificou com eles. No entendimento deles, qualquer Deus que se identificasse com os hebreus tinha de ser inferior. Assim, quando Moisés se demorou para voltar da montanha, os hebreus rapidamente fizeram um ídolo e quiseram voltar para o Egito (Êx 32.1-9).

A percepção divina do sofrimento

Isaías 53.3 nos diz que o servo sofredor “era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer”. Maria e Marta ficaram dominadas pela dor com a morte de Lázaro. Jesus sabia que ele iria ressuscitar Lázaro, mas ele se identificou com a dor das irmãs e chorou com elas (Jo 11.33-35). Se seguirmos Jesus, também deveríamos nos aproximar da tristeza daqueles em pesar e dor e do sofrimento dos oprimidos.

Vejamos o que Deus diz ao rei Jeoaquim em Jeremias 22.3,15-16:

... diz o

Senhor

: Executai o direito e a justiça e livrai o oprimido das mãos do opressor (v. 3a).

Lembremo-nos de que o povo era roubado, não apenas pelos ladrões, mas também pelo corrupto sistema legal.

Não oprimais ao estrangeiro, nem ao órfão, nem à viúva; não façais violência, nem derrameis sangue inocente neste lugar (v. 3b).

Isso tem aplicações abrangentes. Então, ele afirma:

Reinarás tu, só porque rivalizas com outro em cedro? (v. 15a).

Em outras palavras: “É o dinheiro que conta?”.

Acaso, teu pai não comeu, e bebeu, e não exercitou o juízo e a justiça? Por isso, tudo lhe sucedeu bem. Julgou a causa do aflito e do necessitado; por isso, tudo lhe ia bem. Porventura não é isso conhecer-me? – diz o

Senhor

(v. 15b-16).

Daniel entendeu essa perspectiva quando aconselhou Nabucodonosor:

... ó rei, aceita o meu conselho e põe termo, pela justiça, em teus pecados e as tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres; e talvez se prolongue a tua tranquilidade (Dn 4.27).

A questão aqui não era se o rei tinha ou não momentos silenciosos ou se dava graças antes das refeições.

Como deveríamos responder ao sofrimento?

De acordo com Cornelius Van Til, somos chamados para, tanto quanto possível, restringir o pecado e destruir as consequências do pecado neste mundo:

É nosso dever não apenas procurar destruir o mal em nós mesmos e em nossos companheiros cristãos; mas, além disso, destruir o mal em nossos semelhantes. Humanamente falando, em algumas circunstâncias pode ser irrealizável que consigamos levá-los a Cristo. Isso não nos absolve, entretanto, de procurarmos coibir, até certo ponto, os seus pecados nesta vida. Devemos ser ativos primeiro no campo da graça especial, mas também temos uma tarefa a cumprir no que diz respeito à destruição do mal no campo da graça comum.

Além disso, devemos observar que a nossa tarefa com respeito à destruição do mal não está completa se buscamos lutar contra o pecado em si mesmo sempre que o vimos. Temos a obrigação adicional de destruir as consequências do pecado neste mundo até onde pudermos. Devemos fazer o bem a todos os homens, especialmente aos da família da fé. Ajudar a aliviar algo dos sofrimentos das criaturas de Deus é nosso privilégio e nossa tarefa.[90]

Um aspecto dessa restrição do mal envolve procurar minimizar a dinâmica dominante/subdominante nas relações humanas em geral e dentro do corpo de Cristo em particular. Talvez não sejamos capazes de fazer muito no que diz respeito às consequências do pecado num mundo decaído, mas certamente podemos fazer algo dentro da família da fé.

Lembrem-se do que disse o apóstolo Tiago:

Meus irmãos, não tenhais a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da Glória, em acepção de pessoas. Se, portanto, entrar na vossa sinagoga algum homem com anéis de ouro nos dedos, em trajos de luxo, e entrar também algum pobre andrajoso, e tratardes com deferência o que tem os trajos de luxo e lhe disserdes: Tu, assenta-te aqui em lugar de honra; e disserdes ao pobre: Tu, fica ali em pé ou assenta-te aqui abaixo do estrado dos meus pés, não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos? (Tg 2.1-4).

Ser sensível às preocupações culturais essenciais dos grupos subdominantes representa uma aplicação dessa passagem. Por preocupações centrais ou essenciais quero dizer preocupações que definem e controlam a vida. As preocupações essenciais da cultura dominante giram em torno da manutenção do status quo, enquanto as preocupações da cultura subdominante giram em torno da modificação do status quo.

Quando eu era criança, costumava brincar de Rei da Montanha, e tenho certeza de que muitos de vocês que são adultos hoje também faziam o mesmo. Um de nós ficava em pé no topo do morro e os outros jogadores lutavam para tirá-lo de lá e tomar seu lugar. Aquele que conseguia se tornava o novo rei e o que seria tirado de lá. Qual seria o participante mais conservador no jogo? Quem tinha mais interesse em conservar o status quo? O rei, sem dúvida. Por quê? Porque ele estava numa posição dominante. Sua atitude era: “Haja tranquilidade”, enquanto todos os outros clamavam por poderes pessoais tentando ser o rei. Quando brincávamos assim, nunca pensávamos em raça ou etnia, o que mostra que essa dinâmica dominante/subdominante transcende todas as categorias de

grupos humanos.

Essas dinâmicas tratam da questão da diversidade cultural. Diversidade não é apenas uma questão de bater palmas marcando três ou quatro tempos. Também significa se olhamos para os fatos de uma perspectiva dominante ou subdominante. A Bíblia tem muito a nos dizer sobre diferenciais de poder. Se compreendermos a questão do sofrimento que surge das diferenças étnicas da perspectiva dos diferenciais de poder, nossa percepção estará anos-luz à frente daquilo que o mundo oferece.

Talvez nossa incapacidade de encontrar soluções para essa questão seja consequência de termos perdido a dimensão doxológica da espiritualidade. O que deveria distinguir o corpo de Cristo é gratidão a Deus pela sua graça salvadora. Essa gratidão deveria ser caracterizada por duas expressões. A primeira é fé, que é nossa resposta de confiança em Cristo e em sua graça salvadora. A segunda expressão seriam as obras, a demonstração resultante de nossa fé e gratidão a Cristo pela sua graça salvadora.

Essas duas expressões de gratidão deveriam ser habilitadas por duas motivações. A primeira é uma motivação salvífica de fé. Por “salvífica” quero dizer um desejo constante e forte de crescer quanto ao nosso conhecimento e experiência da salvação de Deus. A segunda motivação é uma motivação doxológica para obras. Por doxológica quero dizer um desejo contínuo e forte de mostrar a excelência da glória de Deus.

O relacionamento entre essas duas dimensões pode ser visto na “Janela de Espiritualidade Prática” (figura 5).

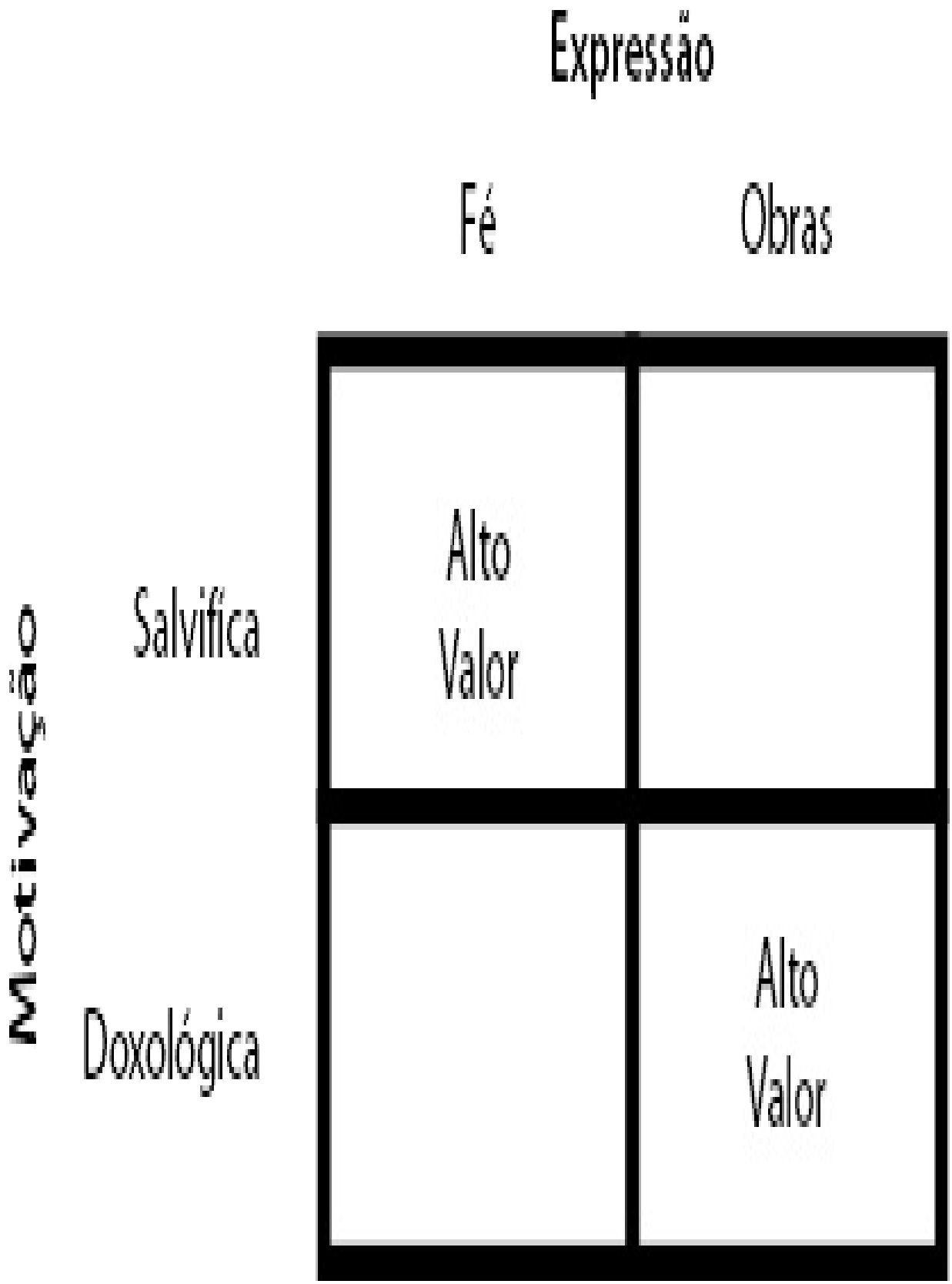

Expressão
Fé
Obras
Motivação
Salvífica
Doxológica
Alto Valor
Alto Valor

Figura 5: A janela da espiritualidade prática

Quando nossa motivação é salvífica, a fé tem alto valor; quando nossa motivação é doxológica, as obras têm alto valor. Eis por que Jesus afirmou: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16). Esse é um pronunciamento doxológico.

Fazemos a parte do crer razoavelmente bem, mas não fazemos bem a parte das obras de modo nenhum. Por quê? Porque perdemos a motivação doxológica na espiritualidade. Talvez esta seja a hora para nova reforma. A primeira reforma descobriu a dimensão salvífica. A nova reforma descobrirá a dimensão doxológica. A doxologia era o que distinguia o movimento da Reforma. Mas de alguma maneira nós perdemos isso. Essa é a razão por que nossas obras se tornam pobres e mesquinhas. Essa é a razão por que não tivemos uma voz profética suficientemente forte relacionada a questões como sofrimento baseado na etnia. E o mundo é mais pobre por isso.

O povo de Deus e o sofrimento

Desde a queda, Deus tem trabalhado por intermédio de seu povo como um grupo subdominante. Algum dia você já pensou em si mesmo desse modo? No que diz respeito ao sistema mundial, nós, no corpo de Cristo formamos um grupo humano subdominante. Lembre-se, Jesus, o nosso líder, disse: “Meu reino não é daqui” (ver Jo 18.36). Deus nos relembra de que devemos nos considerar estrangeiros e forasteiros no contexto deste sistema mundial.

Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó,

herdeiros com ele da mesma promessa; porque aguardava a cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador (Hb 11.8-10).

Hoje o mundo todo é a terra prometida, e Deus nos chama para sermos estrangeiros e forasteiros como Abraão:

Todos estes morreram na fé [...] confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra [...] Mas, agora, aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade (Hb 11.13,16).

Pedro refere-se aos eleitos como estrangeiros neste mundo: “Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação” (1Pe 1.17). E Pedro diz também: “Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnais, que fazem guerra contra a alma” (1Pe 2.11).

Como estrangeiros e peregrinos, nós, do corpo de Cristo, não deveríamos ter nenhum real interesse investido no sistema mundial como ele existe. Nosso foco deveria estar totalmente no nosso Deus soberano e no seu reino. Somos chamados a ser agentes de transformação para o reino neste mundo. Portanto, identificar-nos com o sofrimento deveria ser tão natural quanto respirar. O sofrimento baseado na etnia deveria ser uma ocorrência rara no corpo de Cristo. Realmente, temos longo caminho a percorrer.

Perdemos o conceito do que significa ser uma igreja mundial. Os cristãos fazem coisas neste país que ferem e prejudicam nossos companheiros cristãos em outras partes do mundo, especialmente no mundo muçulmano. Deveríamos lutar pela capacitação e transformação do reino. Israel, a Igreja do Antigo Testamento, deveria ser uma comunidade marcada pela retidão, justiça social e compaixão pelos oprimidos. E essas exigências da aliança também se aplicam à Igreja, o Israel do Novo Testamento. Quando Jesus disse: “Assim brilhe também a vossa luz” (Mt 5.16), foi a partir da tela de fundo dessas mesmas exigências da aliança. Isaías diz:

... não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ligaduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante? Então romperá a tua luz como a alva [...] (Is 58.6-8).

Como os oprimidos olharam para Cristo no século 1º, assim deveriam eles ser capazes de olhar para o corpo de Cristo hoje. Mas devemos deixar nossa luz brilhar. Deus está nos chamando para demonstrar o que significa ser um povo sem o tipo de sofrimento que resulta das diferenças étnicas.

De qualquer modo, qual seria o propósito das diferenças étnicas? Temos um lampejo disso em Ageu 2.7: “Farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos”. As “coisas preciosas” são o melhor que as nações têm para oferecer. Todos os grupos humanos têm uma contribuição única e singular para dar à glória de Deus. Vemos o cumprimento disso em Apocalipse 7.9-10:

Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação.

Possa Deus nos dar a graça de glorificá-lo fazendo discípulos das nações. Possa Deus nos dar a graça de fazer discípulos das nações demonstrando o verdadeiro sentido da etnia, em vez de imitar o mundo com conflitos étnicos de poder, marginalização e opressão. Precisamos glorificar a Deus colocando-nos na vanguarda da unidade espiritual com diversidade étnica.

Sim, existe sofrimento baseado na etnia. Sim, podemos compreendê-lo. Sim, pela graça podemos fazer a diferença para a glória de Deus.

89 Camara Phyllis Jones, “Levels of Racism: A Theoretical Framework and a Gardener’s Tale”, American Journal of Public Health 90 (agosto de 2000): 1212-15.

90 Cornelius Van Til, Christian Theistic Ethic, vol. 3 de In Defense of the Faith (Nutley, N. J.: Presbyterian and Reformed, 1977), 87.

Parte 3 A graça de Deus no sofrimento

Capítulo 7 A graça de Deus e seus sofrimentos David Powlison

Como Deus chega a você em suas provações, perdas, incapacidades e dores? Você provavelmente já sabe a "resposta certa". Ele não intervém de imediato para tornar todas as coisas melhores. Entretanto, intervém continuamente de acordo com seus propósitos de graça, trabalhando ao mesmo tempo em você e naquilo que o aflige. Se você já leu os livros dos Salmos, se já ouviu um sermão sobre a segunda metade de Romanos 8, se já estudou toda a epístola de 1Pedro num estudo bíblico, se já leu os primeiros capítulos deste livro, então você já entendeu o ponto principal da questão.

Como a graça de Deus se envolve com os seus sofrimentos? Podemos saber a resposta certa. E, no entanto, ainda não a sabemos. É uma resposta difícil. Mas fazemos com que ela soe fácil. Deus dispõe-se a uma resposta longa e vagarosa. Tentamos transformá-la num reparo rápido. Sua resposta insiste em ser vivenciada ao longo do tempo em seus pormenores. Agimos como se simplesmente repetir as palavras certas fosse o suficiente. A resposta de Deus insiste em mudar você para um tipo diferente de pessoa. Mas agimos como se algum tipo de verdade, princípio, estratégia ou perspectiva pudesse ser de modo puro e simples incorporado ao que já somos. Deus personaliza sua resposta em nosso coração com uma misteriosa flexibilidade. Mas nós a transformamos numa fórmula: "Se você apenas crer _____. Se você apenas fizer _____. Se você apenas se lembrar _____."
Nenhuma verdade importante jamais contém a palavra "apenas" na sentença que traz sua declaração ou afirmação final.

Como a graça de Deus chega a você em seus sofrimentos? Podemos transformar a resposta certa em algo que soa antiquado, mas lhe garanto o seguinte: Deus o surpreenderá. Ele o fará parar e esperar. Você lutará. Ele o educará com rigor. Você sentirá a dor. Ele irá com calma, sem se apressar. Você crescerá em fé e em amor. Ele o alegrará profundamente. Você descobrirá que o processo é mais difícil do que nunca imaginara – e melhor. Bondade e misericórdia o seguirão todos os dias de sua vida (Sl 23.6). Não importa quantas vezes você já a ouviu, não importa há quanto tempo você a conhece, não importa quão perfeitamente você pode recitá-la. A resposta de Deus significará alguma coisa melhor do que você jamais imaginaria.

Sofrimento significativo

Pense neste capítulo como uma oficina de trabalho. Você tem de participar pessoalmente para tirar algo dele. Insira sua própria história naquilo que é dito. Caminhe com ele – nas margens destas páginas; nos momentos em que você não o estiver lendo; quando estiver orando; amanhã, quando conversar com seu melhor amigo. O título do capítulo pode ter-lhe antecipado seu propósito: não vou discutir o tópico geral sobre Deus e o sofrimento. Em vez disso, discutiremos como a graça de Deus penetra nos seus sofrimentos.

Qual é a mais significativa experiência de sofrimento pela qual você já passou? Que você está atravessando agora?

O que aconteceu? Como isso o afetou? De que modo a sua vida mudou? Não se apresse. Pegue uma caneta ou um lápis. Espere uns 5 ou 10 minutos. Pondere. Recorde. Escreva. Você é responsável por metade deste capítulo. Se você fizer bem sua parte, ela será a melhor metade.

Permita-me municiar a sondagem um pouco mais. Talvez um acontecimento catastrófico tenha surgido em sua mente. Mas, pensando um pouco mais, talvez algo diferente esteja lutando para despontar em sua consciência. Talvez o momento marcado a fogo não tenha sido tão significativo quanto um relacionamento difícil e desapontador que se estendeu por um período muito, muito longo. Há muitos tipos de sofrimento significativo. Não é por acidente que Tiago fala de “várias provações” nas quais Deus trabalha. Ele convida você a considerar a variedade de aflições que alteram a vida e, então, fazer esses apontamentos pessoais. Ninguém sofre em geral. Cada pessoa sofre de uma maneira peculiar. Coloque seus pormenores sobre a mesa.

O que o marcou? O que provocou a maior mudança? Mais especificamente, o que o marcou para o bem? Muitas vezes, na nossa vida, o profundo bem surge do cadinho do sofrimento significativo. O próprio Jesus “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8). Muitas vezes a fé e o amor brilham de maneira mais clara, simples e corajosa num lugar escuro. E o que o marcou para

o mal? Frequentemente nossos pecados típicos emergem em reação à traição, à perda ou à dor. Golpeados por algum mal, descobrimos os males no nosso próprio coração (Rm 12.17). E talvez ainda com mais assiduidade, nas mãos do nosso Pai bondoso e pleno de propósito, tanto o mal quanto o bem aparecem. Uma provação traz para fora o que há de pior em você e Deus realiza o que há de melhor à medida que se encontra com você e trabalha em você (Sl 119.67). A perseverança da fé representa um dos mais finos frutos do Espírito – e você só aprende a perseverar quando tem de passar por algo realmente difícil.

Um firme fundamento

Numa das mãos segure esse sofrimento significativo. Na outra mão segure um hino antigo e sábio. Ouça a graça de Deus falando nas palavras de “Um firme fundamento”:

Que firme fundamento, ó santos do Senhor,

em sua preciosa Palavra por vós foi colocado!

Que mais poderá ele dizer-vos que já não tenha dito

a vós que para refúgio a Cristo procurastes?

Não temas, eu estou contigo; oh não desanimes,

pois eu sou o teu Deus e te darei auxílio.

Eu te fortalecerei, te ajudarei e te porei de pé,

amparado pela minha mão onipotente e justa.

Quando te chamo para águas profundas atravessar,
os rios de tristeza não transbordarão,
pois eu estarei contigo, para tuas aflições abençoar
e santificar para ti o teu mais profundo pesar.

Quando por provações ardentes teu caminho passar,
minha graça todo-suficiente teu suprimento será.
A chama não te ferirá; eu apenas intento
tua escória consumir e teu ouro refinar.

Mesmo em idade avançada, o meu povo provará
meu soberano, eterno e imutável amor.
Quando cabelos encanecidos suas têmporas adornarem,
como ovelhas em meu peito ainda os carregarei.

O coração que em Jesus se apoiou buscando repouso,
aos seus adversários jamais abandonarei.
Este coração, embora todo o inferno procure abalar,
eu nunca, nunca, nunca jamais desampararei.[91]

Farei vários comentários introdutórios antes de explorar cada estrofe.

Primeiro: um dos encantos sutis desse hino é o fato de que ele é anônimo. Apenas Deus e o autor sabem quem o escreveu. Num mundo obcecado por obter credenciais e pagamento por realizações, esse hino é apenas uma oferenda honesta a Deus por parte de uma pessoa desconhecida. Que sofrimentos significativos teria essa pessoa enfrentado? Não sabemos. Mas cada estrofe transpira uma experiência de primeira mão com o auxílio da mão de Deus nas dificuldades da vida. Seria o autor homem ou mulher? Jovem ou idoso? Casado ou solteiro? Preto, mulato ou branco? Rico, pobre ou remediado? Batista, presbiteriano ou anglicano? Não temos nenhuma ideia. Quem quer que tenha sido a pessoa, qualquer que tenha sido a aflição, ouvimos palavras oportunas do Deus da graça que intervém. O que está escrito falará ao seu sofrimento significativo. O anonimato aumenta a propriedade do convite para que você faça dele seu próprio hino como um meio de graça.

Segundo: embora possamos não notar, cada hino adota um ponto de vista, uma "voz" que identifica aquele que ouve e aquele que fala. Mais comumente, cantamos para Deus, fazendo pedidos ou expressando louvor: "Eterno Pai! Teu povo congregado". Muitas vezes cantamos a respeito de Deus testemunhando a outros ou relembrando a nós mesmos: "Ouvi o salvador dizer, vem descansar em mim". Às vezes, cantamos uns para os outros, exortando ou encorajando: "Ó, vinde fiéis". Ocasionalmente, como acontece com o salmo 103, cantamos para nós mesmos, "Descansa, ó alma, eis o Senhor ao lado". Cada uma dessas vozes expressa a nossa fé de uma maneira diferente.

A maior parte de "Um firme fundamento" opera numa voz fora do comum. Apenas a primeira estrofe expressa a nossa fé ao nos exortar a ouvir o que Deus falou. Observe a diferença com relação às outras cinco estrofes. Cada uma começa com aspas. O que isso significa? Deus está falando. Embora cantemos as palavras, somos colocados no papel do ouvinte. Deus está falando com você. Você canta esse hino ouvindo-o. O que ele diz? De maneira interessante ele fala diretamente ao sofrimento significativo. Ele lhe diz quem é e com que se parece – apontando com respeito para aquilo que você está atravessando. Ele conta a você seus propósitos. E promete exatamente aquilo de que você mais necessita.

A maioria dos nossos hinos expressa nossa fé para Deus, para os outros ou para nós mesmos. Esse hino é mais básico. A voz de Deus convida à fé. Ele chama por você.

Isso é particularmente apropriado quando falamos de sofrimento. O autor do hino demonstra profunda sensibilidade em relação às lutas e necessidades dos sofredores. Uma necessidade primária do sofredor é ouvir Deus falando e senti-lo trabalhando com propósito. Isso muda tudo. Deixados por nós mesmos, reagimos cegamente. Nossos problemas nos obcecam e nos perturbam. Nós nos agarramos à palha. Deus parece invisível, silencioso, longe. O sofrimento e a incerteza protestam de modo insistente e prolongado. A fé parece desarticulada. A tristeza e a confusão irrompem por todos os canais. É difícil lembrar de qualquer outra coisa, difícil colocar em palavras o que está decerto acontecendo, difícil sentir qualquer força vindo de quem é Jesus Cristo. Podemos murmurar respostas certas para nós mesmos, mas é como se estivéssemos lendo a lista telefônica. Podemos orar, mas nossas palavras soam mecânicas, vagamente irreais, como generalidades piedosas. Nunca falaríamos com uma pessoa real dessa maneira. Enquanto isso, as perplexidades revolvendo-se dentro de nós são qualquer coisa menos mecânicas e irreais. A dor e a ameaça tornam-se na totalidade absorventes. Somos apanhados num redemoinho de apreensão, angústia, pesar, confusão, amargura, vazio e incerteza.

Essa perplexidade não deve surpreender. Êxodo 6.9, por exemplo, descreve como a “ânsia de espírito e a dura escravidão” ensurdeceram o povo. As palavras de Moisés não fizeram nenhuma impressão sobre os ouvintes porque eles estavam absolutamente desalentados e esmagados. Mas Deus trabalhou com paciência. Continuou a dizer o que ele faz e a fazer o que diz. Os sofrimentos, a surdez e a cegueira do povo não se desvaneceram num piscar de olhos. Mas quando chegamos a Êxodo 15.1-18, o povo via e ouvia, e todos cantaram com alegria bem fundada e vinda do coração. Quanto mais real isso é em nossa era. O Espírito Santo trabalha poderosa e intimamente nesta era da nova criação para escrever as palavras de Deus no nosso coração. Os sofredores acordam para ouvir a voz de seu Pai e para ver a mão do seu Salvador no meio do sofrimento significativo..

Você precisa ouvir o que Deus diz e sentir que ele faz o que diz. Você precisa sentir o peso e a significância do que ele se propõe fazer. Ele nunca mente. Ele nunca desaponta (embora sabiamente comece a desapontar nossas falsas esperanças). Embora você caminhe pelo vale da sombra da morte, você não

precisa temer nenhum mal, pois ele está com você. Bondade e misericórdia o seguirão. Isso é o que ele faz. A voz de Deus fala mais profundamente do que o que fere, mais claro do que a escuridão, mais duradouro do que o que foi perdido, mais verdadeiro do que o que ocorreu.

Então, acorde. Leve isso a sério e crie coragem. Sinta que isso é verdadeiro. O mundo muda. Você muda. A voz de Deus muda o sentido de todas as dificuldades. O que ele faz – tem feito, está fazendo e fará – altera o impacto e o resultado de tudo o que acontece a você. Sua fé desenvolve-se no sentido de uma honesta e inteligente humanidade, não mais obscura e desarticulada. Você se torna mais parecido com Jesus: o homem de dores e que sabe o que é padecer, o homem segundo o próprio coração de Deus, que, tendo amado os que eram seus, amou-os até o fim.

1. Ouça

Que firme fundamento, ó santos do Senhor,

em sua preciosa Palavra por vós foi colocado!

Que mais poderá ele dizer-vos que já não tenha dito

a vós que para refúgio a Cristo procurastes?

Em 2Timóteo 2.19 Paulo escreveu: “Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem”. Essa preciosa palavra nunca muda. Esse hino falará baseado naquele firme fundamento. Considere três aspectos a respeito da exortação dessa estrofe inicial:

Primeiro: “Que mais poderá ele dizer-vos que já não tenha dito?” Permita que essas palavras continuem soando por um pouco. Não sei como você lê as Escrituras. Mas há um modo de se ler a Bíblia que nos deixa desejando que Deus tivesse dito muito mais. Como Satanás se tornou mau? Por que o livro de

Crônicas acrescenta zeros aos números existentes em Samuel e Reis? Como Jonas evitou a asfixia? Quem escreveu a carta ao hebreus? E essas não são nem sequer as questões que com mais frequência dividem e perturbam a igreja. Não teria sido maravilhoso se o Senhor tivesse deixado escapar um versículo fatal que definisse o esquema do tempo escatológico; que resolvesse de uma vez por todas as questões sobre o batismo; que especificamente nos dissesse como organizar a liderança e o governo da Igreja; que nos ensinasse com exatidão que tipo de música deveríamos usar no culto; que explicasse como a absoluta soberania de Deus se encaixa com perfeição com a total responsabilidade humana? Apenas mais um versículo! E imagine o quanto ele poderia nos ter dito num parágrafo ou num capítulo extra! Se apenas o Senhor tivesse encurtado as genealogias, omitido a menção de algumas vilas na distribuição da terra, e condensado a folha de especificações para as dimensões, os utensílios, a decoração e os deveres do templo. Nossa Bíblia seria exatamente do mesmo tamanho – até menor – mas uma centena das nossas questões poderiam ter sido antecipadas e em definitivo respondidas. De alguma maneira Deus, em sua providência, não escolheu fazer isso.

Ela se reduz ao que você procura à medida que lê e ouve. Quando se chega ao que realmente importa, às questões de vida ou morte, o que mais poderá ele vos dizer que já não tenha dito? Traição por parte de alguém em quem você confiava? Um câncer agressivo e incurável? Seu pecado mais persistente? Uma deficiência desfigurante? O significado e o propósito da sua vida? Bom e mau? Verdade e mentira? Esperança diante da morte? Misericórdia diante do pecado? Justiça diante da injustiça? O caráter de Deus? A dinâmica do coração humano? O que mais poderá ele dizer que já não tenha dito? Ouça bem. Não há nada mais que ele precisasse dizer.

Segundo: essa estrofe introdutória descreve você de modo muito profundo e especial. Você está entre os “santos” do Senhor. Em poucas palavras, isso significa: “Deus diz: ‘Você é meu ou minha. Você pertence a mim’”. No uso popular, a palavra “santo” tem sido adulterada para descrever realizações espirituais extraordinárias de pessoas individuais. Mas na Bíblia, segundo a percepção de Deus, santidade descreve pessoas normais que pertencem a um absolutamente extraordinário Senhor e Salvador. Nosso redentor realiza todas as coisas extraordinárias. No melhor de nós mesmos (e com muita frequência estamos no nosso pior ou tropeçando pelo meio), “fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lc 17.10). Deus o chama de “santo” para indicar quem o possui, não para honrá-lo por estar acima ou além de seu chamado ao dever. Não

é a medalha de honra, são seus papéis de alistamento e sua plaquinha de identificação como soldado. Quando Deus inscreve o nome dele em você, o sofrimento muda qualitativamente. Dor, perda e fraqueza não representam mais o fim do mundo e a morte de suas esperanças. Se você não é um santo, então os sofrimentos são augúrios fim do seu mundo. Tudo aquilo pelo que você viveu morrerá quando você morrer (Pv 10.28). Mas quando você está em Cristo, os sofrimentos tornam-se o contexto para o despertamento de suas mais verdadeiras esperanças e as leva ao seu cumprimento.

Ainda há mais. Você se refugiou no Senhor. Você é um "refugiado". Você fugiu para salvar a vida e encontrou todo tipo de auxílio e proteção em Jesus. Em setembro de 2005, centenas de milhares de pessoas ficaram desabrigadas por causa do furacão Katrina. Muitos fugiram sem levar nada e perderam tudo. Eles ficaram vulneráveis. Necessitavam de alimentos, abrigo, cuidados médicos, roupas, dinheiro, proteção policial e novo começo. Mas um funcionário público causou um alvoroço quando se referiu aos que foram evacuados como "refugiados". O termo foi visto como aviltante. Lembrava as condições degradantes dos campos de refugiados que recebiam os que fugiam do genocídio no Sudão e em Ruanda.

Refugiado pode ter uma conotação degradante, mas em Cristo a palavra torna-se uma afirmação de glória e esperança. Somos refugiados. A Bíblia vira de cabeça para baixo muitas associações comuns e frequentes. Palavras que indicam degradação e incapacidade – "escravo, crucificação, criança, fraqueza" – são convertidas em símbolos de alegria. Um refugiado depende inteiramente das misericórdias que vêm de fora. E você encontrou tudo de que precisa e muito mais do que jamais imaginou no Senhor, o único verdadeiro refúgio. O oposto de refugiado? É o ideal cultural de nossos dias: autoconfiança, presunção, independência, direito à propriedade, liberdade para afirmar com audácia sua opinião, liberdade para fazer o que quiser desde que não fira a ninguém.

Muitas vezes, ser "dependente" de Deus insinua algo agradável e confortável. Essa é uma verdade parcial. Uma criança no colo de sua mãe simplesmente descansa com confiança (Sl 131). Porém, muitas vezes a dependência não parece muito agradável. Você precisa de auxílio. Por si mesmo você é incapaz. Quando o salmista grita diante de Deus: "A ti clamo, ó SENHOR; [...] não sejas surdo para comigo, para que não suceda, [...] seja eu semelhante aos que descem à cova" (Sl 28.1), esse não é um sentimento muito confortável. Você se sente ameaçado, enfraquecido, vulnerável. Você está impotente, sem nenhum outro

lugar para onde possa ir. A primeira bem-aventurança de Jesus afirma que os "pobres de espírito" são abençoados. O mestre vira outra palavra ruim de cabeça para baixo. "Pobre" significa indigente, destituído, gente sem nada, morador de rua. "Pobre de espírito" significa o reconhecimento consciente de uma terrível e urgente necessidade de auxílio que Deus concede de modo absolutamente livre e generoso. O sofrimento insolúvel (como pecado insolúvel) o leva a essa base de todas as bênçãos. Deus não se aparta da aflição dos aflitos. "Não temais, ó pequenino rebanho; porque vosso Pai se agradou em dar-vos o seu reino" (Lc 12.32).

Nossos manuais de discipulado raramente nos ensinam algo a esse respeito. Aprendemos como manter uma hora tranquila. Descobrimos nossos dons espirituais. Estudamos boa doutrina. Aprendemos como estudar a Bíblia e memorizar as Escrituras. Mas não necessariamente aprendemos como necessitar de auxílio. Deus usa o sofrimento significativo para nos ensinar a precisar dele.

2. Eu estou com você

Não temas, eu estou contigo; oh não desanimes,

pois eu sou o teu Deus e te darei auxílio.

Eu te fortalecerei, te ajudarei e te porei de pé,

amparado pela minha mão onipotente e justa.

Como você reage a um sofrimento sério? "Medo e desânimo" descrevem bem a situação. Se você for honesto, você se sente abalado, acabrunhado, preocupado, confuso, transtornado, em perigo. Você "se debate" – sempre. Se não sente o peso ou o fio da navalha do que acontece, você é uma pedra, não um ser humano. Aqueles que carregam em si a imagem de Deus não são impermeáveis. Mas aqui está o problema: sofrimento e apreensão muitas vezes tornam-se perversos. A angústia da fé se desvanece em ímpio desalento. À medida que as aflições se acumulam, elas exigem e permeiam todo o seu pensamento, suas

conversações, suas emoções, seu futuro, sua fé. Ocupam suas horas insones durante a noite. Se você consegue dormir, elas acordam com você assim que abre os olhos. “Desalento” responde bem por uma grande variedade de tentações: de preocupado a desapegado, de desapontado a desesperançado, de inquieto até à sensação de pânico, de frustrado enraivecido.

Há também muitas reações desonestas que se propõem evitar a experiência de desalento diante das perplexidades da vida. Encontramos muitas pessoas que se tornam cínicas, endurecidas, brutais, invulneráveis. (A maioria não lê livros que contenham a palavra “sofrimento” no título!) Tornam-se insensíveis contra qualquer nova experiência de sofrimento (desse modo endurecendo-se também contra a compaixão pelo sofrimento dos outros). Temem e abominam qualquer “fraqueza” em si mesmos ou nos outros. Nas páginas das Escrituras, talvez Pilatos expresse esse egoísmo mundano e cínico. Pessoas duras justificam-se dizendo-se “realistas”. Na verdade, estão desumanizadas. Jesus é muito mais realista e escolheu participar da fraqueza e da aflição a fim de amar as pessoas necessitadas. Também encontramos pessoas que se recolhem da vida (talvez essa seja sua tendência?). Essa posição é o oposto do cinismo, mas também é desonesta. Estes se tornam tão cegos pela dor, tão temerosos de mais rejeição e perda, tão vulneráveis, que se recolhem dentro de uma concha de torturante autoproteção e legítima defesa. E outros ainda (a sua tendência, talvez?) fogem para aquilo que os fazem “sentir-se bem”, os refúgios falsos que entorpecem, estimulam ou distraem. Diversão, recreação e vício parecem bons esconderijos.

A honestidade é capaz de sentir o peso das coisas que provocam medo e desânimo. O problema não está em nos sentirmos inquietos com a calamidade ou doloridos pela dor. Algo dolorido deve doer. O problema é que Deus resvala para a irrelevância quando nos tornamos obcecados pelo sofrimento ou compulsivamente o evitamos. Deus passa a habitar uma vaga reflexão posterior – insignificante e longínqua em comparação com algo que pressiona de imediato. Ou se as palavras de Deus enchem nossa mente ou brotam dos nossos lábios, é fácil transformar o “deus” a quem clamamos em alguém que com magia transformará tudo para melhor se apenas conseguirmos fazê-lo ouvir.

O Deus real está interessado em coisa melhor. Ele fala e faz coisas relevantes e imediatas que se envolvem com o que você enfrenta. Ele persegue propósitos melhores do que você imagina. Ele se recusa a tornar-se o seu talismã, que faz com que todas as coisas ruins desapareçam do seu mundo.

O sofrimento tende a disparar uma cascata de reações más. Deus nos dá uma cascata de razões melhores que provocam as mais finas respostas de que o ser humano é capaz. Essas mesmas razões modelaram a consciência, os motivos, as emoções, as palavras e as atitudes de Jesus quando ele enfrentou seu próprio sofrimento significativo. Nessa segunda estrofe, Deus faz sete promessas. O escritor do hino não as inventou. A estrofe faz uma paráfrase muito próxima de Isaías 41.10. Deus profere exatamente essas palavras, e nosso hino cita a fonte com precisão:

Eu sou contigo.

Eu sou o teu Deus.

Eu te darei auxílio.

Eu te fortaleço.

Eu te ajudo.

Eu te colocarei de pé

Eu te sustento com minha destra fiel e poderosa.

Jesus, o pioneiro e aperfeiçoador da fé, ouviu essa voz e levou-a a sério. Agora ele diz as mesmas coisas para você.

O que faz com que seja penoso para nós ouvir? Há ocasiões em que achamos difícil reduzir nosso ritmo para ouvir. Há ocasiões em que simplesmente não queremos ouvir. Outras vezes estamos ocupados ouvindo a dez mil outras vozes, inclusive nossa própria. E em outras ocasiões nos sentimos tão cansados e desencorajados que não temos vontade de ouvir. Qualquer que seja a situação particular, nosso problema essencial é a surdez para com a voz de Deus. Nós nos tornamos absortos no mundo de nossas próprias experiências, nossos pensamentos, sentimentos e opiniões. A Igreja Primitiva usava uma frase maravilhosa para captar essa natureza essencial do pecado de virar-se para dentro: curvitas in se. Nós nos encurvamos sobre nós mesmos. Este curvitas in

se do pecado clara e incisivamente se afasta de Deus. Quando você ou outros sofrem, você sente ou testemunha a força dessa tendência de encurvar-se sobre si mesmo. É difícil não estar preocupado consigo mesmo.

De boa vontade, Deus continua a falar. Observe como nesse hino ele nos parece tão próximo. De boa vontade, o doador da vida dispõe-se a ouvir. A curvatura para dentro pode ser revertida. Os salmos clamam em alta voz em vez de encurvar-se. Jesus é o mais excelente mestre. No extremo de sua agonia não houve nenhum curvitas in se. Ele ouviu a voz de Deus e lembrou-se. Virou-se para Deus em carência, generosidade e confiança: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem. Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Dirigiu-se para as pessoas demonstrando amor prático: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso. Mulher, eis aí teu filho. Eis aí tua mãe". Ele deu voz à honesta experiência de sua provação: "Tenho sede. Está consumado".[92] Este é o Jesus a quem nos voltamos em busca de refúgio. O mais cuidadoso e atencioso ouvinte caminhou à nossa frente. Ele lida de modo gentil com nossa ignorância e obstinação. Agora, ele de boa vontade caminha conosco perfeitamente consciente das tentações que sentimos de nos esquecer, nos distrair e sermos desatentos. Ele se dirige primeiro ao problema maior. Essa é a razão por que o hino fala na primeira pessoa. As palavras de nova vida criam, de início, ouvidos prontos para ouvir.

Deus está falando. Seu rebanho ouve sua voz, mesmo no vale da sombra da morte. Você está ouvindo?

O ponto de partida dessa estrofe foi bem escolhido. "Eu estou contigo" é a promessa central quando falamos pastoralmente com os sofredores. Não é por acidente que o salmo 23 afirma: "Não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo" (v. 4). Não é por acidente que essa é a promessa central de toda a Bíblia, a esperança primeira de pecadores e sofredores. Era a única coisa que Moisés deserto desejava – sem ela a assim chamada Terra Prometida era simplesmente uma herança medíocre. É a razão essencial pela qual a vida de Davi floresceu. E alcançou o seu ápice em Emanuel, em quem todas as promessas de Deus se tornam sim e amém (2Co 1.20).

Desvendarei uma implicação pastoral dessa promessa absolutamente relevante: o sofrimento com frequência traz consigo dupla dor. Em primeiro lugar temos "o problema" em si – doença, pobreza, traição, luto. Isso é difícil o suficiente (e essa promessa fala de conforto). Mas isso muitas vezes se combina com um

segundo fator. As outras pessoas, mesmo bem-intencionadas, não se relacionam muito bem com os sofredores. Os sofredores são, com frequência, mal-entendidos: ou sofrem intromissão, ou são ignorados. Essas reações acrescentam isolamento relacional e psicológico ao "problema". Por exemplo, Jó sofreu a morte de seus filhos, desastre financeiro e implacável sofrimento físico. Mas, então, foi obrigado a lidar com as atitudes de sua esposa e de seus amigos. Eles exacerbaram seus sofrimentos. Jó ficou absolutamente isolado porque eles não o compreenderam e o maltrataram. Quando a vida de Jó se tornou mais difícil e pesada, ele se descobriu mais sozinho. Do mesmo modo, Jesus enfrentou traição, zombaria e tortura nas mãos de seus inimigos. Mas, e seus amigos mais íntimos e verdadeiros? Primeiro, eles discutiram sobre quem era o mais importante. Depois, mergulharam numa incompreensão sonolenta. E, então, desintegraram-se em confusão, pânico, fuga e negação. Quando a vida de Jesus se tornou mais dolorosa, ele também teve de enfrentá-la sozinho. Em meio a isso tudo, Deus diz: "Eu estou com você".

O sofrimento dobrado é uma experiência comum. Uma jovem é separada de seu pai, que morreu, e a quem ela amava muito. No início, seus amigos lhe dão toda a atenção. Porém, eles se cansam da tristeza dela muito antes que essa tristeza termine. Eles desistem dela como amiga. Ou os pais de uma criança severamente incapacitada enfrentam problemas terríveis de muitos tipos ao longo da vida. Eles também têm de fazer face ao modo como são tratados pelas outras pessoas. Os amigos e a família distanciam-se. Ou sentem-se desajeitados, sem saber o que dizer, ou oferecem ajuda ridícula, imprópria, ou não querem ser incomodados, ou dão uma série de sugestões e tipos de solução que revelam total incompreensão da realidade. A deficiência física ou mental é combinada com o isolamento. Mas "Estou com você".

Há outra maneira pela qual isso acontece. Pessoas que o amam, muitas vezes focalizam exclusivamente "o problema". Elas perguntam sobre "o problema". Oram para que Deus resolva "o problema". Oferecem conselhos para resolver "o problema". Elas se preocupam com você! Essas são tentativas bem-intencionadas de ser útil. Mas o efeito pode tornar-se rude e indelicado. Por exemplo, muitos sofrimentos significativos não têm remédio até o dia em que todas as lágrimas forem enxugadas. Sua doença ou deficiência é incurável. A injustiça não será remediada durante sua vida. Seu ente querido está morto. O casamento terminou. O dinheiro se foi. Pode haver auxílios parciais ao longo do caminho. Pode haver redenções parciais. Não haverá solução cabal. Com frequência, o maior problema para qualquer sofredor não é "o problema". É o

desafio espiritual que o problema apresenta. “Como você está se saindo em meio ao que está acontecendo? O que você está aprendendo? Onde você está fraquejando? Em que aspectos você precisa de encorajamento? Você conseguirá aprender a viver bem e sabiamente em meio à dor, limitação, fraqueza e perda? Você se deixará definir pelo sofrimento? A fé e o amor crescerão ou você irá murchar? Essas são questões de vida ou morte e, em última análise, mais importante do que “o problema”. Elas exigem que você pergunte, pense, ouça, responda. Exigem tempo. Em geral, as outras pessoas são desajeitadas e pouco compreensivas a respeito das coisas mais importantes, despejando energia e amor para resolver aquilo que frequentemente é insolúvel. “Eu estou com você.”

Esse duplo sofrimento sempre ocorre quando um problema de saúde não se resolve com nenhum tipo de tratamento. Jesus encontrou uma mulher que “há doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior” (Mc 5.25-26). Essa história soa decididamente contemporânea. A hemorragia era um importante problema médico. Mas as tentativas de buscar ajuda multiplicaram a miséria dessa mulher. Os dois mil anos subsequentes não eliminaram o fenômeno: diagnósticos falhos, tratamentos mal orientados, efeitos colaterais negativos, conselhos contraditórios, vasto desperdício de tempo e dinheiro, falsas esperanças repetidamente frustradas, medos falsos enumerados sem qualquer sentido, nenhuma explicação plausível à vista, culpabilização da vítima e declínio da simpatia à medida que os prováveis ajudadores se cansam! A mulher estava doente; as outras pessoas fizeram com que sua situação piorasse. “Eu estou com você.”

J. I. Packer certa vez observou que “uma meia verdade mascarada como verdade integral se torna uma inverdade total”.[93] Podemos expandir sua lógica. Meia bondade mascarada como bondade total se torna uma absoluta maldade. O desejo de explicar e resolver “o problema” é, certamente, uma expressão de bondade. Mas pode deixar de considerar a pessoa que, de qualquer modo, precisa enfrentar o que está acontecendo. O primeiro verso dessa estrofe mostra uma fantástica intuição pastoral. Deus fala primeiro ao medo, ao desalento e à solidão que acompanham as dificuldades.

Este capítulo é uma oficina de trabalho. Pense nos seus sofrimentos mais significativos. Tente completar as seguintes sentenças. Não estou com medo de _____. Não me sinto desanimado por _____. Você realmente pode afirmar isso? O que se interpõe no caminho? O que lhe dá razões

para dizer, reafirmar e viver essas palavras todos os dias de sua vida?

3. “Estou com você por um propósito”

Quando te chamo para águas profundas atravessar,

os rios de tristeza não transbordarão,

pois eu estarei contigo, para tuas aflições abençoar

e santificar para ti o teu mais profundo pesar.

As palavras de Isaías 43.2 aparecem tecidas ao longo dessa estrofe. Suas inquietações são descritas como “águas profundas” e “rios”. Isaías alude à ocasião em que o povo de Deus deparou com o Mar Vermelho, tendo os inimigos às suas costas, e ao momento em que chegaram ao rio Jordão na estação das cheias. Nenhum ser humano poderia abrir um caminho através dessas dificuldades. Deus reafirma sua promessa central com um olhar para o futuro. “Eu estarei com você.” Isso em si é significativo, pois os efeitos dos sofrimentos mais significativos estendem-se para dentro de um futuro indeterminado. Precisamos muito mais do que auxílio no momento presente. O que exatamente significa que Deus estará com você em meio a forças destrutivas?

Ao fazer essa promessa, Deus em definitivo não quer dizer que ele lhe dará mero conforto, sentimentos calorosos pelo fato de que um amigo está ao seu lado durante os momentos difíceis. Deus assume um papel muito mais ativo e poderoso. Essa estrofe preenche o sentido com quatro fantásticas verdades:

O próprio Deus o chama para as águas profundas de sua vida.

Deus estabelece um limite para o sofrimento.

Deus está com você de modo ativo produzindo o bem com base em suas angústias.

No contexto dos acontecimentos perturbadores, Deus modifica você, para torná-lo semelhante a si mesmo.

Essas são palavras ousadas. Soberania superior e com propósito. Um grande Deus que chega perto para falar com carinho, trabalhar pessoalmente, torná-lo diferente, terminar o que começou.

Em outras palavras, seu sofrimento significativo não acontece por acidente. Nenhum acaso da sorte. Nenhuma miséria sem propósito. Nenhuma experiência de má sorte. Nem mesmo (e, por favor, compreenda estas palavras da maneira certa) uma tragédia. Tragédia significa ruína, destruição, derrocada, um final infeliz, sem nenhuma redenção. Sua história de vida pode apresentar grande quantidade de sofrimento, angústia e tristeza ao longo do caminho. Mas, no fim, em Cristo, sua história de vida provará ser uma "comédia" no bom e velho sentido da palavra, ou seja, uma história com final feliz. Você tem um papel na Divina Comédia, como Dante a chamou, com o final mais feliz que qualquer história jamais escrita apresentou. Morte, lamentação, lágrimas e dor não mais existirão (Ap 21.4). A vida, alegria e o amor têm a última palavra. Essa soberania superior tem um objetivo. As pessoas perdem esse aspecto quando fazem com que "a soberania de Deus" soe como se ela implicasse fatalismo, como o kismet islâmico, como um que será, será, como ser realista e resignar-se às dificuldades da vida. Os propósitos soberanos de Deus não incluem o objetivo de obrigá-lo apenas a aceitar seus infortúnios. Ele não está interessado em lhe fornecer algum tipo de perspectiva que apenas o ajude a atravessar um terreno adverso.

Essa estrofe expressa o tipo de propósito do Deus altíssimo. Porém, não faz pouco de suas dificuldades. Não há nenhuma objetividade fria nas palavras de Deus. Em cada verso ele cuidadosamente se refere à dor de profundos sofrimentos. Deus fala de modo tocante, comovente, e não de maneira comum e trivial: "Águas profundas, rios de tristeza, infortúnios, mais profundo pesar". Na realidade, a letra original (usando a segunda pessoa – tu e te) torna a segunda linha ainda mais vivida: "os rios de pesar não te submergirão". Desgraça e pesar são as quinas mais agudas e ásperas da angústia, o extremo da tristeza,

sofrimento elevado ao mais alto grau de dor.

Esses rios de tristeza carregam consigo muita coisa boa. Sua mais profunda angústia é profundamente angustiante. Mas o Deus que o ama é senhor do seu sofrimento significativo. Ele o chama para atravessar até mesmo essa dura experiência. Embora pareça impossível e devaste esperanças terrenas, ele coloca um limite (não onde nós o colocaríamos). Ele o convence de que essa experiência difícil produzirá um bem maior e além de tudo o que você possa pedir, imaginar, ver, ouvir ou conceber em seu coração (Ef 3.20; 1Co 2.9). Você passará pelo vale da sombra da morte repleto de males, mas dirá que bondade e misericórdia o seguirão todos os dias da sua vida.

Novamente tome o sofrimento significativo que contribui para sua metade deste capítulo. Insira-o na estrofe. “Quando o chamo para atravessar _____, você não se afogará nos rios de pesar. Eu estarei com você para produzir bênção de _____. Eu tomarei _____ e o santificarei para você. Transformarei _____ no cadinho pelo qual você se tornará como Jesus, cujo amor que se doa invade as reais angústias da condição humana.”

Deus é Deus. Ele exerce soberania superior e cheia de propósito. Mas muitas vezes aplicamos mal a soberania de Deus quando na prática precisamos ajudar pessoas que sofrem – tanto nós próprios quanto outros. Eis aqui uma aplicação errada, mas comum: “Deus está no controle; portanto, o que está acontecendo é da vontade dele. Você precisa simplesmente confiar no Senhor e aceitar. Ignore seus sentimentos. Lembre-se da verdade, arregace as mangas e prossiga com a vida”. De algum modo, conclusões estoicas são tiradas de uma verdade absolutamente não estoica sobre um Deus absolutamente não estoico!

Aqui está a passagem clássica cuja aplicação pastoral com frequência falha desta maneira: “Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem” (1Pe 4.19). Mesmo ao ler essas palavras, será que elas soam como se a Bíblia pusesse um abafador sobre o sofrimento? Estaria Deus ensinando uma versão santificada de calmo desapego e obediente autodisciplina? Estaria Pedro dizendo: “Não importa que você esteja sofrendo; Deus está no controle. Assim, mantenha sua hora tranquila e cumpra suas responsabilidades”? Será que Deus faz as águas profundas apenas até a altura da cintura? Será que ele canaliza os rios de tristeza de modo que eles corram gentilmente entre as margens ribeirinhas? Será que ele santifica a aflição

transformando-a em algo não estressante? Ele o chamaria para ignorar o que acontece ao seu redor de modo que você possa continuar a ser cristão? Examine com cuidado sobre como confiar sua alma a um Criador fiel. Você nunca mais lerá 1Pedro 4.19 da mesma maneira.

Considere o salmo 28 de Davi: “A ti clamo, ó Senhor; rocha minha, não sejas surdo para comigo; para que não suceda, se te calares acerca de mim, seja eu semelhante aos que descem à cova. Ouve-me as vozes súplices, quando a ti clamar por socorro” (v. 1-2). Esse é um exemplo do que significa “confiar sua alma” a um Deus soberano. Não é sedativo. Davi não recita de forma mental o fato de que Deus está no controle para com paciência continuar com resoluta serenidade e compostura. Em vez disso, a confiança apela para Deus de modo honesto e com fé: “Este é um enorme problema. Tu precisas me ajudar. Eu preciso de ti. Tu és minha única esperança”. Orar significa: “Pedir alguma coisa de que você precisa e deseja”. Súplica significa: “Pedir mesmo”. A súplica franca e honesta é a forma mais longínqua que existe de manter todas as coisas em perspectiva de modo que você possa tocar a vida normalmente. O Deus soberano não pretende que você mantenha o status quo enquanto sofre. A dor destrói a normalidade. Ela tem obrigação de romper a normalidade. Tem o dever de fazer com que você sinta a necessidade de auxílio. O salmo 28 não é uma “hora tranquila”, ordeira e pacata. Ele é barulhento e necessitado. Quando você permite que as angústias da vida o apanhem, elas o levam para o único que pode ajudar. À medida que o salmo 28 se desenrola, Davi especificamente nomeia as dificuldades em que ele se encontra, o que teme, o que deseja (v. 3-5). Sua fé na soberania de Deus avança para uma alegre confiança (v. 6-7). Por fim, sua fé se expressa em amor quando ele começa a interceder em favor dos outros (v. 8-9).

Considere como o salmo 10 acredita num Deus fiel. Sua vida está sendo ameaçada por pessoas predadoras que lhe dão boa razão para estar apreensivo. Você começa a entregar a sua alma implorando em voz alta: “Por que, Senhor, te conservas longe? E te escondes nas horas da tribulação?” (v. 1).[94] Fé no governo, nas promessas e nos propósitos soberanos de Deus fala abertamente sobre as implicações. Em vez de ignorar a situação e os sentimentos de ameaça, em vez de encontrar um conforto calmo (mas irreal), em vez de continuar tocando a vida normalmente, o salmista até mesmo reserva um tempo para analisar com cuidado os processos de pensamento dos ímpios (v. 2-11,13). Seu escopo de apreensão vai além de seu próprio apuro: o aflito, o desamparado, o inocente, o órfão, o oprimido. Ele medita sobre como a mão de Deus descansa tanto sobre os malfeitores como sobre os sofredores (v. 12,14-18). Poderíamos dizer que as

coisas da terra em definitivo não se tornam estranhamente nebulosas. Ao contrário, elas se tornam cada vez mais claras à luz da sua glória e da sua graça! Esse salmo evidencia-se num plano de resolução e confiança. Mas a confiança nunca anestesia a ameaça. Assim, confiar-se a um Criador fiel termina com um apelo "para fazeres justiça ao órfão e ao oprimido, a fim de que o homem, que é da terra, já não infunda terror" (v. 18). Isso não é calmo, frio e imperturbável. É a fé trabalhando por meio do amor.

Finalmente, os salmos 22.1 e 31.5 gritavam nos lábios de Jesus, porque esses salmos estavam no seu coração no momento em que confiou sua alma a Deus. Hebreus 5.7 refere-se a essa hora como caracterizada por "forte clamor e lágrimas [...] a quem o podia livrar da morte". Jesus dificilmente ignorou seus sentimentos ou os encarou como subprodutos de processos cognitivos! Esses são salmos de intensa aflição. Vemos o que estava na mente de Jesus quando ele derramou seu coração. O Mestre gritou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?". Porque ele cria que o Deus soberano não trata levianamente "a dor do aflito"; Deus não se esquivaria desanimado de nossos problemas; Deus não se afasta e ignora a necessidade nua (Sl 22.24). Ele não nos abandona. Ele ouve e age. Outras pessoas com frequência se distanciam do sofrimento. Elas o minimizam, recuam com aversão, olham para o outro lado ou culpam a vítima. Mas este Deus ouvirá o nosso grito.

No seu ato final de confiança, Jesus expressou-se por meio das palavras do salmo 31.5: "Nas tuas mãos entrego meu espírito". Tomadas fora do contexto, essas palavras podem soar calmas, serenas e imperturbáveis. Mas dentro do contexto, elas são qualquer coisa, menos calmas. Expressam os rogos de necessidade vindos de um homem inteiramente envolvido com seu sofrimento e com seu Deus. As emoções do salmo 31 expressando fé no ato de confiança cobrem toda a gama do medo à coragem, da tristeza à alegria, do ódio ao amor, da indigência à gratidão. "Entregar" (Lc 23.46) e "encomendar" (1Pe 4.19) são a mesma palavra em grego. Pedro intencionalmente coloca nossa experiência no mesmo padrão da experiência de Jesus na cruz.

Alta soberania de Deus? Sem dúvida, ela retira todo o pânico da vida. Qualquer razão para desespero se desvanece. Mas, entenda isso da maneira certa e você nunca mais será superficial e serenamente desligado. Os propósitos de Deus são "santificá-lo". E seu tipo de santificação visa a um vibrante comprometimento com as condições reais e imediatas da vida, tanto as boas quanto as ruins. "Tudo o que há em mim bendiz seu santo nome" e "Ouve meu grito quando a ti clamar

por socorro” são ambos aquilo que a santificação produz. Cristo decididamente se opõe a um desapego prosaico e superficial. Isso seria o oposto do que ele é. Deus o ensinará a sentir a vida da maneira como os salmos a expressam.

4. “Meu propósito amoroso é a sua transformação”

Quando por provações ardentes teu caminho passar,

minha graça todo-suficiente teu suprimento será.

A chama não te ferirá; eu apenas intento

tua escória consumir e teu ouro refinar.

Essa estrofe torna o propósito de Deus ainda mais explícito. Ele tenciona seu sofrimento significativo por três razões: revelar sua permanente generosidade, eliminar tudo o que não é generoso em você e torná-lo generoso em definitivo. Ele está “conosco” para realizar esse propósito. A metáfora de provações ardentes que em última análise não podem machucá-lo vem de Isaías 43.2. Mas a promessa central dessa estrofe surge de 1Pedro 1.6-9. Pedro usa a metáfora de uma fornalha de fundição. Você é uma criatura misturada – complicada! – experiências de sofrimento purificam você. Seu amor trabalha para retirar tudo o que está errado (“escória”). O resultado é uma torrente de amor e alegria para com Deus e para com Cristo, e um amor fervente e sincero pelos outros (“ouro”). Pedro diz que isso é o fruto da fé, porque, na realidade, você nunca viu Jesus. Mas ele se torna mais e mais real no contexto de provações ardentes. Examinaremos primeiro a escória, e depois o ouro.

Na maior parte das vezes, estamos certos em separar sofrimentos de pecados. O que você faz é diferente do que acontece com você. Seus pecados são coisas ruins que dizem respeito a você como um agente moral. Seus sofrimentos são coisas ruins que acontecem a você. Agente e vítima são opostos por princípio. Até aqui tudo bem. A maior parte deste livro (como este capítulo) tem, de maneira acertada, focalizado as coisas que acontecem a nós. Os cristãos, como

novas criaturas em Cristo, vivem um relacionamento essencialmente diferente em relação a seus sofrimentos.

Porém, é importante observar que os cristãos, como novas criaturas em Cristo, também vivem um relacionamento essencialmente diferenciado em relação à sua própria pecaminosidade. Seus pecados agora o afligem. A "escória" não mais o define nem o agrada. O pecado residente torna-se um tipo de sofrimento significativo. Aquilo que você em certa época amava por instinto, agora o atormenta. A mudança essencial em seu relacionamento com Deus muda de modo radical seu relacionamento com a pecaminosidade que ainda permanece. Em Cristo, para pecar você precisa escorregar para um estado de insanidade temporária, para o esquecimento. É seu pior câncer, sua deficiência mais incapacitante, seu inimigo mais traiçoeiro, sua mais profunda angústia. É, de todas, a força mais destrutiva que atinge sua vida. Como nada mais em toda a criação, isso ameaça sua vida e seu bem-estar.

Isso não significa justificar ou desculpar nossos pecados. Seu pecado é seu pecado – quando você se mete numa discussão, quando vegeta na frente da TV, quando você fabrica um mundo de fantasia romântica e erótica, quando você resmunga a respeito do tempo chuvoso ou calorento, quando se sente obcecado a respeito de suas realizações diante de outras pessoas, significativas para você, quando censura ou faz comentários desagradáveis sobre terceiros, você faz essas coisas. Nenhum lado mau, nenhum hormônio, nenhuma agência satânica, e nenhuma influência ou aspecto de sua educação podem ser creditados ou culpados pelas obras de sua carne. Você as faz. Você deseja fazê-las… porém, quando cai em si, você realmente não deseja fazê-las. E você cai em si. Essa dupla consciência conflitante do cristão sempre se resolve bem. Você comete pecado, mas está mais comprometido com o Senhor porque ele está comprometido em absoluto com você. Muitos salmos captam essa tensão que sempre se resolve da maneira certa. Esses salmos confessam a vitalidade ignorante do pecado que reside em nós e, ao mesmo tempo, confessam o amor pelas triunfantes misericórdias e bondade do Senhor.[95]

Em momentos de autopercepção equilibrada, você percebe suas tendências sombrias como uma aflição: "Sou o que não desejo ser. Faço o que não desejo fazer. Penso o que não desejo pensar. Quero o que não desejo querer". Você sente a contradição interior: "Desejo amar a Deus com alegria, mas me perco em preocupações comigo mesmo. Desejo amar aos outros livremente, mas escorrego para a insensibilidade. Desejo perdoar, mas fico remoendo com amargura.

Desejo dar aos outros, mas descubro que tomo deles ou os ignoro. Desejo ouvir e aprender, mas descubro que sou dogmático e teimoso. Meus maiores problemas olham para mim no espelho". Mas o pecado residente em você não o define. Ele se opõe a você. É uma aberração, não uma identidade. Sua vontade própria, sua obstinação é uma viva contradição dentro de você. Assim, você olha muito além do espelho: "O amor de Cristo por mim terá a última palavra. Ele é misericordioso para comigo por amor do seu nome, por amor da sua bondade, por amor do seu amor e compaixão inabaláveis (ver Sl 25). Quando ele pensa a meu respeito, ele se lembra de como ele próprio é, e essa é a minha mais extraordinária alegria. Minha indestrutível esperança é que ele voltou o seu rosto para mim e nunca o desviará".

Todas as promessas do nosso hino se aplicam ao sofrimento significativo do mal residente, assim como aos males que nos acometem de fora. De início, você provavelmente não identificou um padrão de pecado que reside em você como seu sofrimento mais significativo. Mas coloque os dois juntos. Como Deus usa as próprias aflições que você identificou como um contexto que revela no que ele está trabalhando? Como você sabe que ele o libertará dos pecados que o afligem?

Segundo: Com que se parece o "ouro"? Antes demonstramos como a fé pensa e fala de acordo com a paixão inteligente dos salmos. E a fé nos leva a um lugar muito, muito bom. Vamos examinar os dois aspectos-chave do amor que a fé produz. As coisas mais extraordinariamente boas que nosso planeta jamais viu ou verá só podem tornar-se evidentes dentro de um contexto de sofrimento. Examinaremos primeiro a esperança destemida depois o amor sábio.

Graça significa coragem. Quando Deus diz: "Não temas", seu objetivo não é que você apenas se acalme e sinta relativa ausência de medo. Ele não diz: "Não fique com medo. Tudo sairá bem. Portanto, relaxe". Ao contrário, ele diz: "Não fique com medo. Eu estarei com você. Portanto, seja forte e corajoso". Percebe a diferença? As águas profundas não desapareceram. O oposto do medo é a coragem. A coragem é ativa e persistente. Ela avança construtivamente em meio a situações estressantes que não parecem boas de modo algum. Coragem significa mais do que estar livre de sentimentos ansiosos. Resistência é uma capacidade intencional de suportar o que é difícil e doloroso, tendo consideração pelos outros mesmo quando você não se sente bem.

Há inúmeras maneiras de simplesmente aliviar sentimentos de ansiedade:

exercício vigoroso, obter todos os fatos, Prozac, terapia comportamental cognitiva, descobrir o melhor médico possível, ioga, umas férias nas Bermudas, um copo de vinho, conseguir estabelecer certa distância do problema, encontrar apoio de companheiros de sofrimento, atirar-se ao trabalho. Alguns desses são valiosos nos seus termos. Mas nenhum deles o fará destemido diante da aflição. Nenhum deles cria o fruto do Espírito chamado “longanimidade”, o qual é repetidamente mencionado quando o Novo Testamento fala sobre os propósitos de Deus no sofrimento. Nenhuma das estratégias para a paz pessoal dá a você a disposição e o poder para amar outras pessoas com consideração nas pequenas escolhas da vida cotidiana. Nenhuma lhe dá a alegria superior de saber que sua vida é um santo experimento à medida que as mãos de Deus o moldam à imagem do seu filho. Nenhum transforma a maneira como você sofre inserindo essa dor num significado mais profundo. Nenhum lhe dá razões para perseverar em frutificar ao longo de todos os seus dias, mesmo quando a amplitude da sua obediência se restringe às suas interações com as enfermeiras ao lado do seu leito.

A graça também ensina o amor sábio. Na realidade, a perseverança destemida tem como propósito o amor sábio. Deus modela você à imagem de Jesus nas dificuldades da vida real. Jesus combina duas qualidades que raramente são vistas juntas: verdadeira compaixão e conselho que ajuda a rearranjar a vida. Ele tenciona combiná-los em você. Alguns ajudadores cuidam com intensidade, mas não sabem o que dizer. Sentem uma compaixão impotente. Oferecem obviedades. Reforçam a autocomiseração e a condição da vítima. Outros ajudadores têm conselho para oferecer, mas não entram na situação difícil dos que sofrem. Oferecem um conselho frio. Tornam-se impacientes quando o sofredor é vagaroso em mudar e melhorar. Negam a significância da aflição dos aflitos. Nenhum dos dois tipos é realmente capaz de confortar, nenhum é decerto capaz de guiar.

Mas quando você já passou pela sua própria provação ardente e descobriu que Deus é verdadeiro no que afirma, então você tem ajuda real para oferecer. Você tem experiência de primeira mão tanto da graça sustentadora de Deus como do seu projeto intencional. Ele o guardou ao longo do período da dor; ele o remodelou mais à sua imagem. Você descobriu que o que esse hino inteiro diz é verdade. O que você experimenta de Deus, você pode repartir em porções crescentes com os outros. Você aprende tanto a ternura quanto a clareza necessárias para ajudar a santificar a mais profunda angústia de outra pessoa.

A epístola de Paulo, 2Coríntios 1.4 diz isso da melhor maneira: “É ele [Deus] que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus”. O verbo “confortar” (ou “encorajar” em outras traduções) não significa simplesmente alívio ou inspiração. Significa a compaixão transformadora de Deus, a perfeita união entre bondade e honestidade. Ele fala a verdade com amor de modo que nós crescemos para fazer o mesmo. Observe como o amor sábio é uma “capacidade ou habilidade generalizável”. O que você aprende de Deus em sua aflição pessoal e particular torna-se útil para qualquer aflição. Essa é a razão porque um hino escrito há 250 anos pode nos ajudar em qualquer aflição, embora não saibamos com exatidão as situações pessoais que o autor experimentou.

A ternura pessoal de Deus, sua verdade imutável, e seus altos propósitos são unidos de modo que ele realiza de forma simultânea coisas aparentemente contraditórias. Ele nos conforta com profundidade como sofredores, tornando-nos humildes com nossa contínua necessidade do sangue do Cordeiro. Ele com poder nos modifica como seus filhos e filhas, tornando-nos corajosos, fazendo-nos sábios para ajudar outros sofredores, outros pecadores, outros filhos e filhas. Há de maneira inevitável uma solidão no sofrimento porque ninguém pode penetrar de modo perfeito na experiência do outro. Cada pessoa “conhece a chaga do seu coração” (1Rs 8.38; cf. Pv 14.10). Deus assegura que o auxílio humano nunca poderá substituir o Senhor, o único que pode chegar realmente perto. Mas podemos carregar as cargas uns dos outros com amor, e aconselharmos uns aos outros com a verdade. O dar e receber do amor sábio são uma das alegrias mais significativas da vida.

5. “Provarei o meu amor até o final de sua vida”

Mesmo em idade avançada, meu povo provará

meu soberano, eterno e imutável amor.

Quando cabelos encanecidos suas têmporas adornarem,

como ovelhas em meu peito ainda os carregarei.

Tudo o que vimos continua até mesmo na velhice. Isso é formidável. É prova de grande sensibilidade para com a condição humana escrever um hino sobre o envelhecimento. Leitores já “adornados” com cabelos grisalhos – grandes fãs do salmo 71 – de imediato apreciarão a razão por que um hino sobre sofredores precisa falar sobre o envelhecimento. Um amigo meu em seus 70 anos, coloca desta maneira: “Envelhecer não é coisa para os tímidos e covardes”. Todo leitor, se viver muito experimentará uma avalanche de perdas e deficiências. Viva longamente e você poderá sobreviver a todos aqueles a quem ama: pais, amigos, cônjuge, até mesmo filhos e talvez netos. Você pode sobreviver a seu dinheiro. Você sobrevive à sua utilidade no serviço e em outras áreas produtivas. Você sobrevive à sua relevância. Você não faz mais parte do que está acontecendo. Você sobrevive à sua saúde à medida que todos os sistemas corporais se deterioram. Você pode sobreviver à sua capacidade de andar, ao seu treinamento sanitário, à sua capacidade de alimentar-se. Você pode sobreviver à sua memória e, no extremo, pode perder a capacidade de concatenar seus pensamentos, de relacionar-se com os outros da maneira como gostaria, e até mesmo de se lembrar quem você é. Se você viver durante um tempo suficientemente longo, você perderá todas as boas coisas da terra. E, então, você decerto perderá sua vida. O último inimigo ainda mata. O nosso hino menciona apenas os indicadores externos: os anos, os cabelos brancos. Mas aquelas alusões indicam uma história de fraqueza, dificuldades e, por fim, a perda da própria vida. É nesse contexto que Deus de modo gentil e persistente promete provar seu “amor soberano, eterno, imutável [...] como ovelhas em meu peito ainda os carregarei”. Ele de forma terna cuida dos desamparados.

Uma amiga querida já havia experimentado muitas perdas em sua vida. Recentemente enfrentou mais uma: uma desfigurante cirurgia de câncer. Ela manifestou sua dor com melancolia: “Eu não esperava a cicatriz depois que a bandagem foi retirada. É perturbador olhar no espelho. É mais uma perda. E não estou certa de que o câncer não retornará. E, então, há a perda das pessoas, o isolamento, a perda da sociedade humana, as partes da vida das quais não posso mais participar”. Ela é uma mulher de fé bem articulada. É honesta a respeito da sua dor e da sua perda. Mas seu Deus diz a palavra final e decisiva a seu respeito: “Eu a carregarei e nunca a abandonarei”. Esse é talvez o mais profundo conforto apresentado pela maneira como esse hino transmite a voz de Deus. Ele tem a primeira e a última palavra. Assim, tudo que está no meio – a respeito do que ele espera que tenhamos muito a dizer! – está ancorado em seu amor

soberano, eterno e imutável.

Como a fé aprende no que deve crer? Deus ensina à fé as palavras de confiança e o que dizer. Recorde o que diz a primeira promessa da segunda estrofe: “Não temas, eu estou contigo”. Essa quinta estrofe (assim como a quarta, como a terceira, e como a sexta que ainda virá) diz essencialmente a mesma coisa. Cada uma nos dá detalhes distintos, apresenta novas implicações, usa metáforas que evocam uma nuance diferente das inexauríveis riquezas de sabedoria de Deus. O salmo 23.4 provavelmente já proporcionou mais conforto para o maior número de pessoas que sofrem ou morrem do que qualquer outra passagem das Escrituras: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo”. Observe que ao longo de todo esse hino Deus diz a mesma verdade vindo da direção oposta. “Não temas, eu estou contigo” permite que o salmo 23 diga: “Não temerei porque tu estás comigo”. A fé ouve bem e coloca isso em prática de volta a Deus.

Menciono isso aqui por causa de outros detalhes no salmo 23.4 – “sombra da morte” e “mal” (isto é, qualquer um dos muitos males). Com muita probabilidade a “sombra” específica da proximidade da morte que ameaçava Davi era um inimigo (muito possivelmente Saul) que procurava matá-lo. Como uma ovelha ameaçada por lobos, Davi vive, mas sob a “sombra” de uma morte que se avoluma. Davi generaliza sua experiência relacionando-a a “qualquer mal” que possamos temer. A metáfora aplica-se de maneira poderosa às dificuldades do envelhecimento. A morte está chegando mais perto. O envelhecimento projeta numerosas sombras específicas da morte que se aproxima: doença, perdas, fraqueza, desamparo, futilidade. De fato, se você pensar bem, quer seja jovem ou velho, todo tipo de sofrimento significativo, todo mal, deixa certo gosto amargo de morte em sua boca. Assim a “sombra da morte” não é apenas uma metáfora evocativa, e “mal nenhum” não pretende ser uma generalidade. Essa sombras e males são especificamente pessoais: os seus sofrimentos significativos. Sua necessidade de que a graça de Deus o alcance em seus sofrimentos não é algo teórico. Quando sofre, você de imediato sente sua necessidade. Uma sombra cresce em sua direção. Ela o cobre. Sua lógica interior segreda ou grita a respeito de morte.

Você pode dizer: “Não temo mal nenhum”? Com honestidade, você pode dizer: “Eu não temo _____”? Tudo depende de realmente ouvir a este Deus que diz a mesma verdade vinda da direção oposta, de modo que você se torna capaz de falar de volta. Se o Deus da vida de fato está com você,

carregando-o como uma ovelha recém-nascida, você se tornará destemido em qualquer sofrimento. (Não menciono os altos e baixos, a luta dolorosa de toda uma vida para chegar a essa posição. Descrevo o objetivo em direção ao qual devemos lutar.) Se Deus garante a você sua absoluta fidelidade, se o amor indestrutível o seguirá até um bom fim, então você sua absoluta fidelidade, se o amor indestrutível o seguirá até um bom fim, então, você é capaz de caminhar por uma estrada muito difícil. Você terá de caminhar por uma estrada muito difícil. A morte envia muitos mensageiros, até mesmo para os bem jovens. Se você ouvir, se tornará destemido. Se você ouvir, resistirá. Se você ouvir, combaterá o bom combate na mais terrível das guerras. Se você ouvir, saberá que necessita ser resgatado. Você saberá que precisa ser levado para a batalha, e carregado através da batalha, e finalmente carregado para fora do campo de batalha. Se você ouvir, viverá.

6. "Nunca o desampararei"

O coração que em Jesus se apoiou buscando repouso,

aos seus adversários jamais abandonarei.

Este coração, embora todo o inferno procure abalar

Eu nunca, nunca, nunca jamais desampararei.

Um predador o está perseguindo. Os velocirraptores estão soltos. O leão rugidor está à espreita. O salmo 10, como vimos antes, focaliza exatamente esse tipo de sofrimento significativo. Em última análise, você enfrentará o mesmo. No início deste capítulo, você selecionou alguns sofrimentos significativos de sua vida. Nós os mantivemos diante dos olhos enquanto trabalhávamos ao longo desse hino, estrofe por estrofe. Talvez você tenha observado que a quarta estrofe empurrou o assunto para uma direção surpreendente: pela graça, sua pecaminosidade também se torna um sofrimento significativo. O Senhor gracioso efetivamente usa os sofrimentos exteriores como um catalisador libertá-lo do inimigo interior. A quinta estrofe foi ainda mais adiante: a velhice o

colocará sob a sombra da morte, e por fim você será envolvido pela escuridão do último inimigo. A sexta estrofe avança ainda mais: você tem adversários vindos do inferno. O fato de que você morrerá não é um fato impessoal. Ele registra a animosidade de um matador. Existe um senhor das trevas que é o pai tanto do pecado quanto da morte. Ele personifica todos os aspectos dos males que vêm sobre nós e dos males que brotam de dentro de nós.

Quando você pensa a respeito dos adversários infernais que o ameaçam, o autor desse hino (como a Bíblia) fala a respeito da realidade – não do gênero "horror" apresentado nos vídeos e nos livros. Ele fala sobre vida comum de todos os dias vivida sob a sombra da morte. Cabelos brancos e velas no bolo de aniversário testificam que um predador se aproxima rapidamente. O maligno é, ao mesmo tempo, o acusador e o assassino dos pecadores. Ele retém a posse do poder da morte (Hb 2.14). De boa vontade ele esconde sua identidade cotidiana sob o verniz superficial do horror e da superstição. Isso torna as pessoas confiantes, sem suspeitas. Elas não percebem que seu negócio é a morte, embora ela aconteça.

Quando você pensa a respeito do poder do mal moral, o autor do nosso hino (de novo, como a Bíblia) fala sobre uma realidade que se infiltra de modo absolutamente difuso – não de histórias sinistras de cultos satânicos. O hino fala sobre pecados comuns de todo dia, descrença e rebeldia tecidos de dez mil maneiras. O salário merecido e honesto pago pelos pecados comuns é a morte (Rm 6.23). O maligno é ao mesmo tempo o mentiroso e o tentador que trabalha de forma habilidosa com os fatos e nos fatos da vida. Para ele, importa pouco se as pessoas creem ou não em sua existência. De boa vontade ele dissimula sua malignidade real atrás de contos e ficções extravagantes e apavorantes. Isso faz com que as pessoas não suspeitem de nada. Elas não percebem que seu negócio é a descrença, seja qual for sua forma.

Você vive num mundo onde os sofrimentos imediatos apontam para coisas mais profundas, mais sombrias, mais mortais: o inimigo interior, o inimigo final e O Inimigo. Estes afligem significativamente a cada um de nós. Eles caracterizam a condição humana. "O mundo inteiro jaz no Maligno" (1Jo 5.19, tradução literal). É um mundo escravo. Um mundo sombrio. Um mundo mortal.

Mas você sofre num mundo em que tudo o que é sombrio e mortal existe inserido dentro de um chamado e de um propósito mais profundo. O drama do mal ocasiona a revelação do bem: a justiça santa e o amor sacrificial de Deus.

Ele levará todos os inimigos à justiça final. E ele tem mostrado misericórdia totalmente imerecida. Quando estávamos desamparados, quando éramos descrentes, quando éramos pecadores, quando éramos inimigos, Cristo morreu por nós. Você agora está livre. Você é luz no Senhor. Você vive. “Sabemos que somos de Deus [...] estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1Jo 5.19-20).

Se você “reclinar-se procurando repouso” em Jesus, você viverá. “Repouso” aqui não significa um repousante estado de paz e tranquilidade. Significa colocar realmente o peso de sua vida sobre Jesus. Coloque por inteiro sobre ele sua fé, segurança e confiança. “Nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade [...] porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2Tm 1.10,12). Essa é a linguagem do repouso.

O propósito dessa estrofe final é torná-lo livre e sem medo, qualquer que seja a situação que você enfrenta agora ou enfrentará. Eu nunca o abandonarei. Deus está disposto a repetir essa promessa até que você a apreenda! O último verso do hino nos despede com outra promessa central da Bíblia. De fato, ela completa um quarteto, duas promessas e dois mandamentos entre os quais Deus frequentemente estabelece uma ligação: “Eu estou com você. Não fique com medo. Seja forte e corajoso. Eu nunca o abandonarei”.[96] Já discutimos a outra promessa e os dois mandamentos em porções anteriores.

Aqui uma promessa final tem a última palavra. Há uma razão apropriada para terminar com Eu nunca o abandonarei. Os sofredores sentem apreensões quanto ao futuro, e por boas razões. Alguns males não passarão. As sombras multiplicam-se e tornam-se mais densas. A noite aproxima-se. Essa palavra de conforto olha para o futuro. Ela fala diretamente à nossa tentação de temer e desanimar.

Observe como as palavras de Deus se impõem sobre você. O hino desdobrou-se num duplo crescendo. Nossa conscientização do sofrimento, da dor, da fraqueza e do perigo foi gradualmente intensificada. Nossa conscientização do poderoso amor de Deus trabalhando foi intensificada de modo progressivo. Pecado, miséria e morte são abundantes. Graça, alegria e vida são ainda mais abundantes. A misericórdia terá a última palavra. Mas nós facilmente nos acovardamos. Sentimos a força das coisas que nos arruínam e que nos desprenderiam. Elas nos abalam. E ferem de imediato. Seria a voz salvadora de Deus meras palavras?

Seriam elas realmente verdadeiras? O escritor do hino conhece nossa vulnerabilidade ao desânimo. “Eu nunca, nunca, nunca abandonarei. Eu nunca, nunca; sim, nunca abandonarei.”[97] Se você alguma vez já cantou esse hino com seus irmãos e irmãs, esses últimos versos desabrocham com impetuosidade triunfante.

Nas páginas da Bíblia, Deus promete de forma explícita: “Não te deixarei, nem te desampararei” (p.ex., Js 1.5). Desde que você saiba procurar, você percebe que ele diz a mesma verdade de uma centena de outras maneiras também. “Deus é fiel” e “seu amor inabalável dura para sempre”, e “O Senhor é o meu refúgio” são variações sobre o mesmo tema. O que Deus diz sobre si mesmo, seus arautos com frequência proclamam a seu respeito “O Senhor [...] não vos deixará, nem vos desamparará” (p.ex., Dt 31.6,8). Portanto, com boas razões seus filhos clamam a ele em suas inquietações e angústias: Não me abandone! E, então, quando ouvimos, cremos e falamos. As Escrituras nos dão muitos exemplos particulares dessa dinâmica. Você é idoso e sofre a fraqueza, a dor, a deficiência e as perdas próprias da velhice? Não me abandone! (Sl 71.9,18). Você se sente sozinho e vulnerável ao enfrentar poderosa hostilidade interpessoal, privado de qualquer pessoa que possa protegê-lo? Não me desampare! (Sl 27.9,10). Você se sente desalentado por causa de seus pecados e pensa que Deus tem toda razão em desistir de você? Não desista de mim! (Sl 119.8). Você está duplamente desanimado, tanto por causa dos seus pecados quanto pelas hostilidades dos outros? Não te ausentes de mim! (Sl 38.17-21).

Nosso hino toma as simples palavras de Deus “Eu não irei” e as diz dez vezes em seguida: “Eu não irei nunca, não, nunca, não, nunca, nunca, não nunca, não, nunca vou abandonar você”. Não apenas uma duplicação, mas a promessa elevada à décima potência. Isso é sabedoria pastoral, ajudando-nos a ouvir a veemência e o triunfo da misericórdia de Deus. Você nunca será abandonado. Você nunca estará sozinho. Ele nunca desistirá de você.

Nunca se esqueça disso. Nunca se esqueça. Nunca. Nunca, nunca, nunca se esqueça de que ele não se esquece de você.

Coda

Com frequência a reação inicial ao penoso sofrimento é Por que eu? Por que isso? Por que agora? Por quê? Agora você já ouviu Deus falando com você. O Deus real diz todas essas coisas maravilhosas e faz exatamente o que diz. Ele vem a você em carne, em Cristo, para sofrer em seu favor. Ele não oferece conselho e perspectiva de longe, mas se aproxima do seu sofrimento significativo. Ele estará com você até o fim e trabalhará com você ao longo de todo o caminho. Ele cuidará de você até mesmo in extremis. Essa realidade muda as perguntas que surgem do seu coração. Aquela volta para dentro "Por que eu?" se aquieta, levanta seus olhos e começa a olhar ao redor.

Você se volta para fora e novas e maravilhosas perguntas aparecem. Por que você? Por que você? Por que você entraria neste mundo de males? Por que você enfrentaria perdas, fraquezas, dificuldades, tristeza e morte? Por que você faria isso por mim, por todas as pessoas? Mas você o fez. Você o fez pela alegria proposta. Você o fez por amor. Você o fez mostrando a glória de Deus na face de Cristo. À medida que esta questão mais profunda mergulha em sua consciência, você se torna alegremente saudável. Para você, o universo não é mais supremo. Entretanto, você não é irrelevante. A história de Deus o faz do tamanho do justo. Tudo tem razão de ser, mas a escala muda para algo que faz muito mais sentido. Você enfrenta situações difíceis. Mas você já recebeu algo melhor que nunca lhe poderá ser tirado. E esse algo melhor continuará a dar resultado durante toda a sua jornada.

A pergunta provoca uma resposta profundamente sentida: Bendiz ao Senhor, ó minha alma, e não se esqueça de nenhum dos seus benefícios, aquele que perdoa todas as suas iniquidades e cura todas as suas enfermidades, que redime sua vida da cova, que o coroa com benignidade e compaixão, que satisfaz seus anos com coisas boas de modo que a sua mocidade é renovada como a da águia. Obrigado, meu Pai. Você é capaz de dar uma voz verdadeira ao Obrigado em meio a tudo que está verdadeiramente errado; tanto os pecados quanto os sofrimentos agora estão debaixo da benignidade.

Por fim, você está preparado para fazer – e querer exprimir – perguntas quase inimagináveis: Por que não eu? Por que não isso? Por que não agora? Se de alguma maneira minha fé pode servir como pequena lanterna num mundo muito escuro, por que não eu? Se meu sofrimento manifesta o Salvador do mundo, por que não eu? Se tenho o privilégio de completar os sofrimentos de Cristo? Se ele santifica para mim meu mais profundo pesar? Se não temo mal algum? Se ele me carrega em seus braços? Se minha fraqueza demonstra o poder de Deus para

salvar-nos de tudo o que está errado? Se minha luta honesta mostra a outros lutadores como chegar a um bom resultado? Se minha vida torna-se uma fonte de esperança para outros? Por que não eu?

Sem dúvida você não deseja sofrer, mas se tornou disposto a isso: “Se é possível, passa de mim este cálice; entretanto, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Como ele, seus altos lamentos e lágrimas de fato serão ouvidos por aquele que salva da morte. Como ele, você aprenderá obediência por meio daquilo que sofrer. Como ele, você sentirá simpatia pela fraqueza de outros. Como ele, você lidará gentilmente com o ignorante e o obstinado. Como ele, você mostrará fé a um mundo incrédulo e infiel, esperança a um mundo desesperançado, amor a um mundo sem amor, vida a um mundo moribundo. Se tudo o que Deus promete se tornar verdadeiro, então, por que não eu?

---

91 Esta versão dos versos está atualizada numa linguagem mais moderna, do Trinity Hymnal (Suwanee, Ga.: Great Commission Publications, 1990), nº 94. Pode ser cantado com várias músicas bem conhecidas. A minha favorita é o Adeste Fidelis (Ó vinde fiéis), a qual dobra o último verso de cada estrofe.

92 Mateus 27.46; Lucas 23.34,43,46; João 19.26-28,30.

93 J. I. Packer, A Quest for Godliness: The Puritan Vision of the Christian Life (Wheaton III.: Crossway Books, 1994), 126.

94 Isso não é uma arenga amarga: “Onde estava Deus quando eu precisei dele? Deus é culpado pelo meu sofrimento, pois ele poderia ter posto um termo a ele”. Tanto os estoicos quanto os arengadores têm uma visão mecânica do controle soberano de Deus, separando-o de seus propósitos de vida. Para os estoicos, o controle de Deus sobre o sofrimento leva a um desapego frio. Para os arengadores, isso se torna razão para calorosas acusações.

95 A maioria das pessoas associa os Salmos de confissão (p. ex., 32, 38, 51) com este tema. Mas o salmo 119 de modo muito vívido capta essa consciência dupla que sempre chega a bom resultado. Ver “Suffering and Psalm 119” em Speaking Truth in Love de David Powlison (Winston-Salem, N. C.: Punch Press, 2005), 11-31. O salmo 25 e Romanos 6–8 também estão cheios dessa santa ambivalência que se resolve do lado de Deus.

96 Ver Deuteronômio 31.6,8; Josué 1.5; 1Crônicas 28.20.

97 Esse último verso poderoso dobra quando é cantado usando a melodia do Adeste Fidelis.

Capítulo 8 Esperando pela manhã durante a longa noite de choro Dustir

Se pretendemos sofrer bem, a boa teologia é essencial. Ela nos ajudará a perseverar durante nossas provações e nos dará esperança. Cremos que “ao anoitecer, pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5). É a fé em nosso bom e soberano Deus que nos capacita a esperar pela manhã. Mas não devemos nunca esquecer que a noite é sempre longa, e o choro, incontrolável.

Nem a maior quantidade de boa teologia será capaz de tirar a dor do sofrimento. Muito frequentemente permitimo-nos crer que uma fé robusta na soberania de Deus sobre todas as coisas significa que quando o sofrimento chegar não vai doer. A soberania de Deus não tira a dor e o mal que nos confronta na nossa vida, ela os faz produzir o nosso bem.

A dor e o sofrimento são sombrios e profundos. É crucial levar isso em conta, pois quando minimizamos a dor do sofrimento não conseguimos entender o apóstolo Paulo, que disse: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2Co 4.17). Não há nada assustador nessa afirmação se Paulo estiver falando sobre unhas machucadas, dedos esmagados ou uma mancha na sua camisa preferida.

Mas nós sabemos mais. A afirmação de Paulo é tão espantosa porque ele sofreu muito mais do que qualquer um de nós poderá sofrer. Ele foi preso várias vezes, sofreu “açoites, sem medida; [esteve] em perigo de morte, muitas vezes” (2Co 11.23).

Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade; em perigos no deserto; em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas (2Co 11.24-28).

Paulo suportou dor física horrível em espancamentos, açoites e um

apedrejamento. Passou fome e às vezes não teve abrigo adequado contra o frio. Experimentou a agonia de ver seus amigos prestes a morrer (Fp 2.27-30). Foi até traído por amigos (2Tm 4.10,16). Além disso, havia a “pressão diária” pelas igrejas. Somente quando compreendemos a profundidade do sofrimento de Paulo e a dor que suportou, tanto física como emocional, é que podemos parar assombrados ao ouvi-lo chamar tais coisas de leves e momentâneas. Ao abarcarmos a profundidade de sua dor, podemos maravilhar-nos diante do eterno peso de glória. Que grande glória deve ser se a dor dessa profundidade e duração for considerada leve e momentânea!

Portanto, seria bom mergulharmos até às profundezas da nossa dor e do nosso sofrimento, pois assim fazendo ensinamos a nós mesmos o maior valor do eterno peso de glória.

A realidade da dor

Precisamos também mergulhar na profundidade da nossa dor no sofrimento para que possamos ser honestos. Há momentos na nossa vida em que mal conseguimos sair da cama de manhã, não tendo energia para fazer qualquer coisa. Nossa dor e nosso pesar são tão grandes que ficamos incapazes de nos concentrar. Não temos energia para orar, menos ainda para a leitura da Bíblia. Deus parece distante e sem amor. Perguntas sobre sua bondade e seus propósitos percorrem nossa mente sem parar.

Foi isso certamente o que minha esposa e eu sentimos depois da morte de nosso filho Owen, em 2003. Morávamos no Oriente Médio e, quando Kelly entrou em trabalho de parto, fomos levados, por razões médicas, para Istambul, na Turquia, onde bebês prematuros têm mais possibilidade de sobreviver. Ele nasceu em 3 de outubro, mas só viveu por 20 minutos. Eu o vi chutando e movendo-se, ele soltou um pequeno choro, mas isso foi tudo. Nosso primogênito estava morto.

A dor foi diferente de qualquer coisa que tivéssemos jamais experimentado. Sentimo-nos sozinhos. Algumas noites depois de Owen ter morrido, minha esposa ficou acordada durante horas varrendo as Escrituras à busca de esperança e conforto. Finalmente adormeceu mais desanimada do que nunca, porque nada encontrou. É claro que estava lá, mas quando nos encontramos nas profundezas

da dor com frequência não conseguimos enxergar, muito menos sentir.

Lutamos, irados contra Deus, perguntando por que ele não nos confortava. Havíamos orado. De fato, pessoas literalmente no mundo todo oraram pela vida de nosso filho, mas Deus escolheu um caminho diferente para nós. Então, por que ele não nos confortava nesse caminho?

Muitas pessoas nos disseram coisas como: “Olhem para Jesus! Confiem em suas promessas. Ele cuida de vocês. Vocês precisam buscar a Palavra e orar e lutar por sua alegria. Vocês precisam falar a outros sobre isso e pedir-lhes que orem por vocês”. Sabíamos que isso era verdadeiro e correto; entretanto, quando estávamos sufocados pelo luto, tudo parecia vazio e inútil. Precisávamos saber que eles também haviam sido mudados pela nossa dor, que ela era, de algum modo, a dor deles também.

Nós não amamos os outros em meio a esse tipo de dor ao fingir que tudo não é tão mau assim, ou tentando consertar tudo rapidamente com algumas dessas respostas teológicas decoradas. Nós os amamos quando choramos com eles. É quando entramos em sua dor e somos, nós próprios, mudados por ela que podemos falar a verdade em amor. Quando a dor deles se torna nossa (como disse Paulo: “Se um membro sofre, todos sofrem com ele” [1Co 12.26]), aí estamos em condições de lhes dar o encorajamento das Escrituras.

Minha esperança com este capítulo é dupla. Primeiro, para aqueles que não estão em meio a sofrimentos, espero ajudá-los a enxergar a profundidade da dor daqueles que sofrem. Ao entrar em sua dor vocês estarão mais equipados para chorar com os que choram. Para os que estão em meio a um terrível sofrimento, espero que percebam que Deus não os abandonou na cova. Ele sabe que ela é escura e aparentemente sem fundo, mas ele lhes deixou uma corda salva-vidas – ele próprio. Minha oração é para que ao olhar para a profundidade da dor na Bíblia, Deus possa dar-lhes ainda que seja um fio de esperança.

O problema com a dor

O problema que enfrentamos aqui no Ocidente é que não gostamos de encarar a tristeza e o sofrimento. Por meio da medicina e da riqueza, evitamos grande

parte do sofrimento que o resto do mundo ainda experimenta (embora nossa fachada de invencibilidade tenha sido pelo menos temporariamente varrida com o atentado de 11 de setembro e com o furacão Katrina). O sofrimento é uma experiência universal, de modo que não podemos evitá-lo para sempre. Entretanto, quando ele chega, nós, ocidentais apressadinhos, queremos “lidar com ele“ tão rápido quanto possível.

Em algumas culturas, após a morte de um ente querido, há muitos dias de luto, e esse luto inclui choro e lamentações em alta voz. De fato, após a morte de Jacó na terra do Egito, somos informados de que “os egípcios o choraram por setenta dias” (Gn 50.3. Enfatizo “egípcios” porque Jacó e sua família era pastores e Gn 46.34 nos informa que pastores eram uma abominação para os egípcios). Quando sua família chegou ao seu túmulo “fizeram ali grande e intensa lamentação” (Gn 50.10). A nós, por outro lado, é esperado que cerca de uma semana depois retornemos ao trabalho de fronte erguida, para mostrar que estamos bem. Ainda pior, nos Estados Unidos a maioria de nós esforça-se para abafar o choro alto durante os funerais. Na verdade, até tentamos reprimir as lágrimas.

Quando minha mãe morreu de câncer eu tinha 16 anos. Tinha me convertido havia dois anos e todos me diziam como eu era forte e como enfrentava bem a morte dela. Ninguém me viu chorar, e os comentários das pessoas me fizeram sentir que eu não devia chorar. Tinha de ser o forte da minha família, e gente forte não chora (pelo menos isso era o que eles, de maneira não intencional [?], me levaram a crer). Foi só três meses depois da morte de mamãe que consegui chorar pela primeira vez. A barragem rompeu-se e eu solucei como um bebê. Deus usou aquelas lágrimas para ajudar a dar início à minha cura, até que eu fosse capaz de soltar parte da dor que se acumulava dentro de mim.

O problema, no entanto, foi que essa experiência me fez sempre evitar o desgosto. Há muitos assim no mundo (especialmente entre os homens). Aprendi a fazer tudo o que fosse necessário para evitar enfrentar o desgosto em meu coração, de modo a permanecer forte e não chorar.

Creio que essa evitação do pesar na nossa cultura resulta de não sabermos como lidar com a dor. Sentimo-nos desconfortáveis quando ouvimos pessoas questionarem Deus. Gostamos de dar respostas fáceis para minimizar a dor. Quando alguém diz que acha que Deus o abandonou, pensamos que precisamos rapidamente pregar-lhe a verdade de que ele nunca nos deixa, nem nos abandona

(Hb 13.5), ou que a pessoa se afastou e perdeu a fé.

Parte do problema está em que nós não encaramos essa dor e esse profundo desgosto como algo normativo na vida cristã. Por certo, todos sabemos que o sofrimento é normativo, mas não gastamos tempo para realmente falar sobre a dor envolvida no sofrimento. Afinal de contas, não é sofrimento, se não doer.

Quando lemos sobre os grandes santos do passado, ficamos sabendo a respeito do sofrimento deles, logo seguido de triunfo por meio de Cristo. Raramente entramos com eles de fato em sua noite escura da alma, quando nada ao redor deles faz sentido.

Consideremos o teólogo Robert Dabney, do século 19. Em questão de um mês ele perdeu dois de seus filhos, Jimmy e Bobby. Assim ele se expressa: “Quando meu Jimmy morreu, o desgosto foi penosamente agudo, mas as ações de fé, os abraços de consolo e todas as estimulantes verdades que me deram conforto foram do mesmo modo vívidos”. É isso que gostamos de ouvir. Gostamos de ouvir que as verdades do Evangelho encorajaram Dabney e que sua fé foi forte.

Porém, na mesma carta ele prossegue: “Mas quando o golpe se repetiu, sendo assim duplicado, fiquei como que paralisado e estonteado. Eu sei que minha perda é dupla e sei também que as mesmas verdades estimulantes se aplicam à segunda tanto quanto à primeira, mas continuo zonzo, abatido, quase sem esperança e interesse”.[98] Quando ouvimos isso sentimo-nos desconfortáveis. As grandes verdades do evangelho desabaram depois que seu segundo filho morreu e ele ficou “zonzo, abatido, quase sem esperança e interesse”. É verdade que Deus o sustentou e Dabney mostrou-se fiel. Ele de fato venceu. Ele experimentou a verdade do salmo 34.19: “Muitas são as aflições do justo, mas o Senhor de todas o livra”. Mas não vamos passar com tanta rapidez da aflição para o livramento, minimizando, assim, a dor que a acompanha. A promessa de Deus de livramento não significa que ele nos livrará imediatamente. Para muitos, o livramento só vem com a morte.

A profundidade da dor

O que precisamos é dar valor e voz à profundidade da dor. Não quero apenas

soar a trombeta triunfante do Evangelho (embora eu queira fazer isso); também quero que reconheçamos que existe um motivo para essa fase ser chamada de sofrimento, aflição e tribulação. Podemos ficar chocados quando pessoas que sofrem falam de modo aberto sobre sua dor, e preocupados quando parece que eles questionam a bondade, a sabedoria e o poder de Deus. Porém, se isso nos deixa desconfortáveis, então a Bíblia nos deixará desconfortáveis. Como veremos, a dor de alguns dos salmistas era crua e por vezes mesmo perturbadora.

Há muitos salmos nos quais lemos sobre dor, mas o mais notável é o salmo 88, que alguns poderiam argumentar ser o capítulo mais desanimador da Bíblia:

Ó

Senhor

, Deus da minha salvação,

dia e noite clamo diante de ti.

Chegue à tua presença a minha oração,

inclina os ouvidos ao meu clamor.

Pois a minha alma está farta de males,

e a minha vida já se abeira da morte.

Sou contado com os que baixam à cova;

sou como um homem sem força,

atirado entre os mortos;

como os feridos de morte

que jazem na sepultura,

dos quais já não te lembras,

são desamparados de tuas mãos.

Puseste-me na mais profunda cova,

nos lugares tenebrosos, nos abismos.

Sobre mim pesa a tua ira;

tu me abates com todas as tuas ondas.

Apartaste de mim os meus conhecidos

e me fizeste objeto de abominação

para com eles;

estou preso e não vejo como sair.

Os meus olhos desfalecem de aflição;

dia após dia,

venho clamando a ti,

Senhor

,

e te levanto as minhas mãos.

Mostrarás tu prodígios aos mortos

ou os finados se levantarão

para te louvar?

Será referida a tua bondade

na sepultura?

A tua fidelidade, nos abismos?

Acaso, nas trevas se manifestam as tuas maravilhas?

E a tua justiça, na terra

do esquecimento?

Mas eu,

Senhor

, clamo a ti por socorro,

e antemanhã já se antecipa diante de ti

a minha oração.

Por que rejeitas,

Senhor

a minha alma

e ocultas de mim o teu rosto?

Ando aflito e prestes a expirar

desde moço;

sob o peso dos teus terrores,

estou desorientado.

Por sobre mim passaram as tuas iras,

os teus terrores deram cabo de mim.

Eles me rodeiam como água,

de contínuo;

a um tempo me circundam.

Para longe de mim afastaste

amigo e companheiro;

os meus conhecidos são trevas.

O primeiro versículo é o único em todo o salmo que tem qualquer sentimento de esperança. Ele começa: “Ó Senhor, Deus da minha salvação”. O salmista não rejeitou a Deus e ainda sabia (pelo menos intelectualmente) que Deus era o Deus de sua salvação. Porém, ao prosseguirmos com a leitura, tudo soa como se essa profissão de fé fosse vazia para ele.

“Dia e noite clamo diante de ti. Chegue à tua presença a minha oração, inclina os ouvidos ao meu clamor. Pois a minha alma está farta de males, e a minha vida já se abeira da morte” (v. 1-3). Sua dor era tão grande que ele clamava dia e noite, suplicando a Deus para inclinar seu ouvido e escutá-lo. Desesperado, ele desejava que Deus ouvisse o seu grito e agisse em seu benefício. Mas ele não se sentia ouvido. Ele não sentia que alguém o estivesse ouvindo. Sua alma estava cheia de tribulações e tentações; estava perto da morte, fosse literalmente ou por causa da dor que suportava. Não é pouca coisa estar perto da morte e sentir que o Deus a quem serviu colocou suas mãos sobre seus ouvidos para não ouvir.

No versículo 4 ele admite que era um “homem sem força”. O luto e a dor causam isso. Sugam nossa energia e nos deixam como mortos, incapazes mesmo de vestir-nos de manhã. Nos momentos mais profundos e sombrios do nosso sofrimento somos pessoas sem força. Ele leva tudo isso um passo adiante e diz ser como um homem morto, “dos quais já não te lembras; são desamparados de tuas mãos” (v. 5). A dor é tão grande e avassaladora que o fazia crer que Deus o tinha esquecido, contando-o como morto. Ainda pior do que não ser lembrado, era a razão pela qual sentia que não era mais lembrado. Ele se sentia como que

cortado das mãos de Deus, ou seja, como se tivesse sido cortado das bênçãos do pacto de Deus. Assim, não era apenas que Deus não o ouvia – Deus o tratava como se ele fosse um gentio morto, excluído do povo do pacto de Deus.

“Puseste-me na mais profunda cova, nos lugares tenebrosos, nos abismos” (v. 6). Há vezes em que nos sentimos tão sozinhos e tão desligados de todos, até mesmo de Deus, que parece que estamos nas profundezas de um poço. Ninguém mais tem possibilidade de compreender nossa dor e não há nenhuma centelha de esperança. Não podemos ver nem uma centelha de luz – com certeza o poço deve ter centenas de quilômetros de profundidade. A escuridão é tão profunda que tudo parece pesado ao redor, como se a própria escuridão pudesse ser pesada por algumas balança.

Mas o problema não era apenas que ele se sentisse sozinho e perdido no poço. Era pior que isso. Ele sentia que a ira de Deus pesava sobre ele. “Sobre mim pesa a tua ira; tu me abates com todas as tuas ondas” (v. 7). Ele estava engolfado, pois as ondas batiam sobre ele e ele sabia que a qualquer momento podia ser coberto por elas pela última vez.

Parte da razão de ele se sentir tão sozinho era que seus companheiros se haviam afastado dele – ele era um horror para eles (v. 8). Qualquer que fosse a causa de sua dor, ela fez com que seus amigos o deixassem. Talvez isso se devesse ao fato de que estavam horrorizados diante do que viam ao olhar para ele; ou era porque simplesmente não sabiam o que dizer. A razão pela qual eles se afastaram é irrelevante porque para ele o resultado era o mesmo – ele estava sozinho.

Entretanto, no meio de tão grande dor, o salmista não foi negligente com a oração. “Dia após dia venho clamando a ti, Senhor, e te levanto as minhas mãos” (v. 9). Diariamente ele estendida suas mãos e invocava a Deus, pois esperava que o Senhor respondesse. Mas a resposta não vinha. Suas mãos permaneciam vazias, dias após dia. Isso aconteceu quando a dor era mais profunda. Muitos de nós podemos suportar os piores tipos de sofrimento se o próprio Deus estiver enchendo nossas mãos (e nosso coração) de conforto. Mas quando clamamos por conforto e nada recebemos, ficamos destruídos. Com certeza o Soberano, que em última análise nos trouxe todo esse sofrimento, poderia pelo menos nos confortar no meio dele, não é mesmo? Quando isso não acontece, o sofrimento é aumentado além da nossa imaginação.

O salmista prossegue descrevendo seu desespero e rejeição nos versículos 13-16:

“Mas eu, Senhor, clamo a ti por socorro e antemanhã já se antecipa diante de ti a minha oração. Por que rejeitas, Senhor, a minha alma e ocultas de mim o teu rosto? Ando aflito e prestes a expirar desde moço; sob peso dos teus terrores, estou desorientado. Por sobre mim passaram as tuas iras, os teus terrores deram cabo de mim”.

Ó Deus, eu clamo a ti, por que tu não respondes? Por que me tens rejeitado e expulsado de tua presença? Eu te busco e, contudo, tu escondes a face de mim. Por que, ó Senhor? Por quê? Não vês a minha aflição? Eu clamo por misericórdia da tua parte, mas em vez de misericórdia sofro terrores e fico desamparado. Tua ira arrasta-se sobre mim e tu me estás atacando, destruindo-me. Onde estás? Quem és tu?

Aí ele termina o salmo com esta afirmação: “Para longe de mim afastaste amigo e companheiro; os meus conhecidos são trevas” (v. 18). Mesmo quem era mais próximo dele se afastou e agora nada existe senão escuridão.

Aí está. Não há nada mais; o salmo terminou. Ele não passou da dor e do lamento para o alegre triunfo. Ele não experimentou o livramento pelo qual clamou. Ele estava ainda tão desanimado como quando começou a escrever.

Isso é frio e perturbador. Mas se nos permitirmos entrar em sua dor (tanto quanto na nossa própria) veremos que sua experiência não é tão única. Então, que encorajamento existe numa passagem como essa? Por que teria ela sido incluída na Bíblia? Não há triunfo algum aqui. Somente dor, desespero e medo.

Também lemos no salmo 77.7-9: “Rejeita o Senhor para sempre? Acaso não torna a ser propício? Cessou perpetuamente sua graça? Caducou a sua promessa para todas as gerações? Esqueceu-se Deus de ser benigno? Ou na sua ira, terá ele reprimido as suas misericórdias?”.

Você já sentiu o Senhor voltar suas costas para você a ponto de questionar se ele afinal voltará a olhar para você de novo? Você já sentiu que o amor dele por você acabou e que suas promessas se tornaram nulas e vazias? Em meio à sua dor você já clamou: “Deus, onde está tua graça? Por que tu não me confortas?”.

É claro que intelectualmente sabemos que Deus não se esquece de ser misericordioso e que com certeza ele será compassivo. Sabemos que ele não nos rejeitou e que seu imutável amor é para sempre. Porém, há vezes em que nossa dor é tão profunda que verdades em nossa mente parecem não penetrar na

escuridão que envolve nosso coração.

Por que essa dor está na Bíblia

Onde está a esperança no salmo 88? Não disse Paulo em Romanos 15.4: “Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança”? Por que, então, um salmo tão sem esperança como o salmo 88 está na Bíblia?

Ele está na Bíblia para o momento em que seu filho morreu depois de viver por apenas 20 minutos e tudo o que lhe passa pela cabeça são perguntas tais como: “Deus, o que é que tu estavas pensando?”; “Por que tu não me ajudaste?”; “Por que tu não o salvaste?”; “Por que tu nos puniste por darmos meia-volta ao mundo em obediência a ti, vindo para um lugar onde bebês prematuros não têm chance de sobreviver?” – e mais um milhão de outros pensamentos que você nem gostaria que outras pessoas soubessem, porque espera-se que você seja um cristão que exulte na soberania de Deus.

Esse texto está na Bíblia para que, quando o sofrimento e a dor chegarem e ficarmos entre a aflição e o triunfo, em meio a indagações, dor e nuvens de dúvidas, possamos ver que o que sentimos é normal. Tudo isso já foi sentido antes, e todas as perguntas já têm sido feitas. Não somos os primeiros. Não estamos sozinhos. E não corremos o risco de perder nossa fé (pelo menos, ainda não).

Deus é um grande Deus, que pode lidar com nossas perguntas, nossa ira e nossa dor. Isso está claro desde o fato de que Deus tem muitos salmos e versículos em sua Palavra nos quais pessoas piedosas lutam com dúvidas sobre sua bondade e seu cuidado por elas. Isso é especialmente claro no salmo 88, quem nem sequer termina com uma mensagem de esperança.

Deus cuida de nós em meio à dor. Seu objetivo não é apenas nos transportar da dor para a alegria, ele também quer que vejamos que ele é por nós e está conosco na dor. É claro que o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã (Sl 30.5). A manhã há de raiar e Deus enxugará cada lágrima (Ap 21.4), mas Deus não está apenas preocupado com a manhã, o novo dia quando você poderá

gritar de alegria. Ele está conosco, mesmo na noite quando não há nada a não ser o choro, quando as lágrimas são tão densas que nem enxergamos nada. Quando estamos na mais profunda cova, e a escuridão pesa sobre nossas costas, e Deus parece tão ausente que perguntamos até mesmo se ele é real, esse salmo nos lembra que ele está conosco mesmo assim.

A dor de Jesus

Ainda mais admirável do que a experiência do salmista no salmo 88 é a experiência do Filho de Deus no Calvário. Na noite em que foi traído ele foi ao Getsêmani para orar. Levou Pedro, Tiago e João consigo para que orassem por ele e o confortassem, pois ele lhes dissera: “A minha alma está profundamente triste até a morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26.38).

Jesus, o Divino Filho, estava cheio de tristeza, e sua tristeza era tão profunda que parecia a morte. Isaías disse que ele era “homem de dores e que sabe o que é padecer. E como um de quem os homens escondem o rosto” (Is 53.3). Ele buscou o conforto de seus amigos. Entretanto, falharam com ele, tendo adormecido no momento em que mais precisava, e depois abandonando-o quando foi preso. Ele foi deixado sozinho para enfrentar a dor e o sofrimento. Isso não se parece com a experiência do salmista?

Sua agonia foi tão intensa e grave que seu “suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra” (Lc 22.44). O autor de Hebreus nos conta que “Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (5.7). Jesus ofereceu “forte clamor e lágrimas”, o que não é incompatível com a fé em Deus. Em seu clamor e suas lágrimas Jesus foi ouvido por aquele que era capaz de salvá-lo da morte, entretanto ele, ainda assim, morreu. Ele pediu que se passasse o cálice, mas resignou-se a fazer a vontade seu Pai, apesar de isso lhe custar a vida. Deus ouviu suas orações, porém, em vez de salvá-lo da dor e da morte, escolheu que Jesus caminhasse pela estrada do sofrimento, de modo que pudesse receber a alegria maior da ressurreição.

E não nos esqueçamos de que sua morte não foi uma morte comum. Em primeiro lugar, foi morte numa cruz, um dos mais excruciantes modos de

execução jamais concebidos. Porém, ainda mais, foi uma morte em que ele carregou a ira de Deus por todo o seu povo. A intensidade de sua ira é notável, porque nós levaríamos toda a eternidade para pagar a pena pelos nossos pecados e a ira de Deus nunca seria aplacada. Contudo, Cristo levou a ira total de Deus em lugar de bilhões, e o fez em questão de horas. Não admira que tivesse clamado: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46).

Quando lemos a história da paixão de Cristo, nós frequentemente passamos por cima dessa declaração estonteante. O Filho de Deus, que é o amado do Pai e seu deleite, foi abandonado e deixado sozinho. Ter sido abandonado pelos seus amigos era uma coisa; porém, ser abandonado pelo seu Pai era algo totalmente diferente. A profundidade dessa dor é maior do que podemos conceber. Não existiu dor maior em toda a história.

Por que a profundidade da dor de Cristo é significativa para nós? Porque “não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas, mas um que foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15, de acordo com The Holy Bible, English Standard Version). Em meio à nossa dor, podemos sentir-nos sozinhos e acreditar que ninguém sofre tanto quando nós sofremos. Porém, isso não é verdade. Jesus Cristo sentiu tal dor. Na realidade, ele sentiu uma dor tal que nos teria destruído. Ele é capaz de se condoer. “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16).

Esperança para a dor

Espero que vocês vejam que essa profundidade de dor é normal. Desejo que vejamos que Jesus sabia o quanto dói. Não precisamos sentir vergonha por existir dor em nosso sofrimento. Como já disse antes, se não há dor, não pode ser chamado de sofrimento.

O clamor de Jesus: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” não era apenas uma explosão espontânea de emoção. Era também uma citação do salmo 22, que tem muito a dizer sobre Cristo e seu sofrimento, assim como sobre sua esperança.

Davi escreveu o salmo 22 sobre si mesmo e como uma profecia messiânica. “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que se acham longe de minha salvação as palavras de meu bramido? Deus meu, clamo de dia, e não me respondes; também de noite, porém não tenho sossego” (v. 1-2). Sua experiência era muito semelhante ao que vemos no salmo 88, mas ele vai um passo adiante. Ele se sente desamparado, não recebeu uma resposta, e não encontra sossego, mas então diz: “Contudo, tu és santo, entronizado entre os louvores de Israel” (v. 3).

Ele foi abandonado, mas não se esqueceu em nenhum momento de uma coisa muito importante – o fato de que deus é santo. Como considerar Deus como santo nos ajuda no meio do sofrimento? Que tipo de ajuda é essa quando estamos presos no poço e a escuridão ameaça nos sufocar?

Isso nos ajuda de duas maneiras. Primeiro, no meio de nossa dor, a santidade de Deus é um salva-vidas ao qual podemos nos agarrar para que não caiamos no abismo. Segundo, é porque Deus é santo que ele mesmo nos guardará de cair no abismo.

Isaías teve notável percepção da santidade de Deus quando ouviu os serafins clamando uns para os outros: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória!” (Is 6.3). O que será que eles viram a respeito de Deus que os levou a fazer essa declaração?

Os serafins foram compelidos a fazer a declaração da santidade de Deus baseados no todo do seu caráter e de todos os seus atributos. É a sua divina perfeição que faz com que eles se humilhem cobrindo seus olhos e pés. Eles veem a absoluta singularidade de Deus, o fato de ele ser diferente de qualquer outra coisa; mas, além disso, eles veem que ele é glorioso em sua singularidade. Como Moisés declarou em Êxodo 15.11: “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?” John Piper expressa isso com muita propriedade:

Deus é santo em sua absoluta singularidade. Tudo o mais pertence a uma classe diferente. Nós somos humanos; Rover é um cão; o carvalho é uma árvore; a Terra é um planeta; a Via Láctea é uma entre um bilhão de galáxias; Gabriel é um anjo; Satanás é um demônio. Mas só Deus é Deus. E, portanto, ele é santo,

totalmente diferente, distinto, singular. Tudo o mais é criação. Só ele cria. Tudo o mais tem começo. Antes somente ele existia. Tudo o mais depende. Ele é autossuficiente. E, portanto, a santidade de Deus é sinônima de seu valor infinito. Sua glória está brilhando a partir de sua santidade. Sua santidade é o seu valor intrínseco – uma excelência única.[99]

Assim, não é apenas que Deus seja absolutamente ímpar, mas é que por ser absolutamente ímpar ele é valioso na sua supremacia. E tudo isso compõe o significado da palavra "santo". A santidade de Deus não é apenas um entre muitos atributos; é a beleza de tudo o que ele é. Assim, quando dizemos que Deus é santo, o que queremos dizer é que Deus é Deus, o único Deus.

Essa é a nossa esperança no meio do sofrimento. Não há nenhum outro mais poderoso. Não há nenhum outro mais amoroso. Não há nenhum outro mais misericordioso. Não há nenhum outro mais compassivo. Não há nenhum outro Deus senão Deus. Só ele é Salvador, e só ele é Senhor. É porque Deus é santo que podemos ter confiança de que ele cumprirá suas promessas para conosco e que sua misericórdia será derramada sobre nós e, ainda, que sua sabedoria irá modelar nosso sofrimento e tudo o mais em nossa vida para contribuir para nosso bem.

Depois da morte do nosso filho Owen, minha esposa e eu frequentemente fizemos profundas e arrebatadoras perguntas a respeito de Deus e seus propósitos. Mas sempre que éramos tentados a deixá-lo, éramos também confrontados com a pergunta: "Se não for Deus, então, quem será? Se não for Deus, então, o que será?".

Poderíamos abandonar a verdade e voltar-nos para alguma outra religião? Não há esperança para nós lá fora, pois aí teríamos de nos salvar a nós próprios. Poderíamos tornar-nos ateus? Não há esperança para nós aí, pois, então, a vida se tornaria fútil. Poderíamos voltar-nos para o materialismo? Não há esperança para nós aí, pois as coisas materiais não podem trazer de volta nosso filho, nem podem evitar que soframos no futuro. Não há esperança em lugar algum, porque somente Deus é Deus e só ele santo.

Assim, em nosso sofrimento podemos apegar-nos a Deus em sua santidade. E, para ser totalmente honesto, há vezes em que nos apegamos a ele de modo

simples, porque vemos que não há nada mais em que nos segurarmos. Porém, penso que é assim mesmo. Deus quer que vejamos que não há nada mais em que nos apegarmos.

Onde está Deus em nossa dor?

Porém, existe mais esperança para nós, porque é pela sua santidade que Deus se apega a nós. Isaías escreve:

Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti. Porque eu sou o

Senhor

, teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador (Is 43.1-3).

Deus nos diz que não precisamos ter medo. Por quê? Porque ele mesmo é aquele que nos ajuda. Ele é aquele que segura nossa mão e não solta. Nosso Redentor simplesmente não é qualquer um. Nosso Redentor é o Santo de Israel. Porque Deus é santo nós podemos ter confiança de que ele cumprirá suas promessas a nosso respeito. Se ele não é santo, ele pode fazer todas as promessas a nosso respeito. Se ele não é santo, ele pode fazer todas as promessas do mundo e, contudo, não ter nenhuma intenção ou mesmo a capacidade de cumpri-las. Mas ele é santo e, portanto, suas promessas são seguras. Quando ele diz que nunca nos deixará nem nos abandonará, ele quer dizer exatamente isso. Quando ele afirma que opera todas as coisas para o bem dos que o amam, ele o faz.

Apegando-nos a Deus em meio à dor

A experiência da tristeza e da dor é como cair num abismo. Tudo virou de cabeça para baixo e não controlamos mais nada. Ao cair, vemos uma e somente uma árvore crescendo da face da rocha. Então nos agarramos a ela e a seguramos com toda a nossa força. Essa árvore é nosso santo Deus. Só ele pode impedir-nos de cair de cabeça para nossa perdição. Lá simplesmente não há árvores a que nos agarrarmos. Assim, nos agarramos a essa árvore (o Deus santo) com toda a nossa força.

Mas o que não percebemos é que, quando caímos e nos agarramos a essa árvore, nosso braço na verdade enganchou-se nos galhos, de sorte que, na realidade, é a árvore que nos está segurando. Nós nos seguramos para não cair, mas o que não percebemos é que não podemos cair porque a árvore nos sustém. Estamos a salvo. Deus, em sua santidade, nos guarda e mostra sua misericórdia para conosco. Podemos não estar conscientes disso, mas é verdade. Ele está conosco no mais profundo e escuro poço.

Conclusão

Dor indescritível e tristeza são coisas normais, mesmo para os cristãos; de fato, Pedro nos diz: “Amados, não estranheis o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos, como se alguma coisa extraordinária vos estivesse acontecendo” (1Pe 4.12). Nossos medos, ira, dúvidas e tudo o mais que sentimos em nossa dor não torna Deus nervoso ou desconfortável conosco. Deus ainda nos ama e ainda está do nosso lado.

Quando estamos no poço do desespero, devemos olhar ao redor e ver que somente Deus pode nos resgatar. Não há outra esperança. Mais importante ainda é que o próprio Deus está comprometido em nos resgatar. Somente ele é santo e, portanto, só ele pode nos ajudar. Sim, a noite é longa e o choro é intenso, mas a manhã está chegando. E enquanto esperamos pela manhã vindoura, o retorno do Filho de Deus, podemos saber que não estamos sozinhos. O próprio Jesus suportou a longa noite do choro, e Deus prometeu carregar-nos, mesmo quando nem ao menos sentimos seus braços ao redor de nós.

Enquanto estamos na terra, muitas vezes haverá livramento para nós de muitos de nossos sofrimentos – haverá muitas manhãs que raiarão e trarão consigo a alegria. Mas a manhã derradeira virá quando Jesus retornar. É então que virá o verdadeiro grito de alegria e todas as lágrimas serão enxugadas (Ap 21.4). “A cidade não precisa nem de sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada [...] Então, já não haverá noite” (Ap 21.23; 22.5).

---

98 Thomas Cary Johnson, The Life and Letters of Robert Lewis Dabney (Edimburgo: Banner of Truth, 1977), 172.

99 John Piper, Brothers, We Are Not Professionals (Nashville: Broadman & Holman, 2002), 12-13.

Capítulo 9 Esperança… a melhor das coisas Joni Eareckson Tada

Às vezes, é difícil sentirmos esperança. Como na semana passada, quando visitei minha amiga Gracie Sutherlin no hospital. Gracie foi voluntária em nosso Joni and Friends Family Retreats (Retiro de Famílias Joni e Amigos) durante muitos anos, e a despeito de sua idade, 61 anos, ela sempre era viva e ativa com as crianças deficientes em nossos acampamentos. Tudo isso mudou há um mês quando ela fraturou o pescoço num trágico acidente. Gracie tinha sido sempre alegre e esfuziante, mas quando cheguei à UTI para visitá-la, nem mesmo reconheci a mulher deitada na cama do hospital. Com tubos que entravam e saíam dela, um respirador enfiado em sua garganta e pinças do tipo Crutchfield presas a seu crânio, Gracie parecia completamente prostrada. Ela não podia nem respirar por si. Tudo o que conseguia fazer era abrir e fechar os olhos.

Sentei-me ao lado de sua cama hospitalar. Li as Escrituras para ela. Cantei para ela: "Descansa, ó alma, eis o Senhor ao lado". Inclinei-me o quanto pude para frente e sussurrei--lhe: "Gracie, Gracie, lembre-se, a esperança é uma coisa boa, talvez a melhor de todas. E uma coisa boa jamais morre". Ela piscou e eu soube que reconhecia a frase. É uma fala que aparece no filme The Shawshank Redemption [título que foi exibido no Brasil como: Um sonho de Liberdade – N. do T.].

The Shawshank Redemption é a história de dois homens – Andy Dufresne, que é injustamente condenado e sentenciado à prisão perpétua, e seu amigo Red. Após muitos anos difíceis na prisão, Andy abre um caminho promissor para si e para Red. Um dia no pátio da prisão, ele instrui Red para que, se ele algum dia ficasse livre de Shawshank, fosse a certa cidade e procurasse certa árvore, numa certa plantação de milho, e retirasse para o lado as pedras para descobrir uma latinha, e usasse o dinheiro da lata para atravessar a fronteira do México, e chegar até uma pequena vila de pescadores. Não muito tempo depois dessa conversa, Andy foge da prisão e Red ganha liberdade condicional. Red, amigo fiel que era, acha a plantação de milho, a árvore, as pedras, a lata, o dinheiro – e uma carta em que Andy escrevera: "Red, nunca se esqueça. A esperança é uma coisa boa, talvez a melhor de todas. E uma coisa boa, jamais morre". Nesse momento Red compreende que ele tem duas escolhas: "Ocupe-se em viver, ou ocupe-se em morrer".

Infelizmente, agora, parece que minha amiga Gracie está ocupada tratando de morrer. Ela está na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, esperando por uma cirurgia no pescoço e tem uma infecção galopante em seu corpo. Os

médicos tentam baixar a contagem de glóbulos brancos, mas o quadro não parece promissor. Agora, quando os visitantes chegam para vê-la, ela lhes fecha os olhos. Oh, Gracie, tenha esperança. Ela é uma boa coisa, talvez a melhor de todas.

A esperança é algo difícil de aparecer

Mas a esperança é difícil de aparecer. Eu devia saber. Lembro-me do tempo em que eu estava ocupada em morrer. Depois de haver quebrado o pescoço num acidente de mergulho, passei uma semana sem esperanças no hospital. Tive de suportar longas cirurgias para remover as saliências ósseas em minhas costas e a recuperação foi longa. Eu havia perdido muito peso. E, por quase três semanas, fui forçada a deitar-me de bruços sobre uma estrutura chamada esteira de Stryker – um longo sanduíche de lona onde eles nos põem de costas durante três horas e, então, prendem outra peça de lona na gente, virando-nos de bruços, onde ficamos por outras três horas.

Presa com o rosto para baixo, olhando para o chão, horas a fio, meus pensamentos tornaram-se sombrios e sem esperança. Tudo o que eu podia pensar era: “Grande Deus, que situação! Sou uma cristã recém-convertida. É assim que o Senhor trata seus novos cristãos? Sou jovem na fé. Pedi em oração para andar bem contigo. É essa sua ideia de como responder à oração? Nunca mais confiarei no Senhor fazendo outra oração. Não consigo acreditar que eu tenha de ficar deitada de bruços e não fazer nada senão contar os ladrilhos do piso neste cavalete de tortura. Odeio a minha existência”. Pedi ao pessoal da equipe de enfermagem para apagar as luzes, fechar as persianas, fechar a porta, e se alguém chegava – um visitante, meus pais – eu simplesmente grunhia. Eu arrazoava que Deus não se importaria se eu me tornasse amarga – afinal, estava paralisada. Não me importava sobre quanta alegria estava por vir. Aquela era uma cruz que eu não carregaria sem lutar.

Meus pensamentos tornaram-se mais sombrios porque minha amargura não era mais um pequeno filete. Ela se havia transformado numa torrente rancorosa, e no meio da noite eu imaginava Deus segurando o meu pecado diante da minha face e dizendo de modo amoroso, mas firme: “Joni, o que você vai fazer a respeito

disso? O que você vai fazer a respeito dessa atitude? Isso está errado. Esse pecado é errado. Livre-se dele". Mas eu, ferida e teimosa, preferia meus pecados. Preferia os comentários mal-humorados, impostores, intolerantes, mesquinhos, que grunhia para as pessoas quando elas entravam ou saíam, e deixava a comida cair da minha boca. Esses foram pecados que eu tomei para mim mesma.

Você sabe como é quando toma pecados para si mesmo. Você os adota. Você os domestica. Você os protege do escrutínio do Espírito. Eu não queria me livrar do conforto doentio e estranho da minha própria miséria.

Então, Deus deu-me alguma ajuda. No fim da primeira semana, naquela situação limitadora de três semanas com o rosto para baixo, olhando para o chão, esperando que minhas costas sarassem, apanhei forte resfriado. E subitamente, não poder me mexer não era nada em comparação com não poder respirar. Tornei-me claustrofóbica. Eu sofria. Lutava por ar. Não conseguia me mexer. Tudo era sem esperança. Tudo estava acabado. Eu caía para trás, de ponta-cabeça, prostrada, diminuída.

E eu me despedacei. Pensei: "Não consigo fazer isso. Não consigo viver desta maneira. Prefiro morrer a enfrentar isso". Mal sabia eu que ecoava os sentimentos do apóstolo Paulo, que em 2Coríntios 1.8 fala de ter se sentido tão assoberbado pela "natureza da tribulação que nos sobreveio [...] porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida". De fato, ele até mesmo tinha em seu coração a sentença de morte. "Oh, Deus, não tenho forças para enfrentar isso. Preferia morrer. Ajude-me". Essa era minha oração. Essa era minha angústia.

Deus pode nos tirar da desesperança

Naquela semana, uma amiga foi ver-me no hospital enquanto eu estava ainda com o rosto para baixo, contando os ladrilhos. Ela colocou uma Bíblia numa pequena banqueta à minha frente, e pôs a pequena vareta na minha boca de modo que eu pudesse virar as páginas, e então me disse para abrir no salmo 18. Eu li: "Na minha angústia, invoquei o Senhor, gritei por socorro ao meu Deus. Ele do seu templo ouviu a minha voz, e meu clamor lhe penetrou os ouvidos.

Então, a terra abalou-se e tremeu [...] Das suas narinas subiu fumaça [...] Baixou ele os céus, e desceu [...] Do alto me estendeu ele a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas" – e aqui está a melhor parte – "porque ele se agradou de mim" (v. 6-19).

Eu havia orado a Deus por ajuda. Eu mal conseguia imaginar que Deus partia o céu e a terra, fazendo com que houvesse relâmpagos e raios, e fazendo tremer as fundações do planeta para alcançar-me e salvar-me porque ele se agradava de mim. Ele me mostrou em 2Coríntios 1.9 que tudo aquilo havia acontecido para que eu não confiasse em mim mesma, "e sim no Deus que ressuscita os mortos". E isso é tudo o que Deus quer. Ele quer que eu me considere morta – morta para o pecado –, porque, se Deus pode ressuscitar os mortos, seria melhor que eu cresse que ele poderia me tirar da minha desesperança. Ele a tiraria dali. E ele tem feito isso por quase quatro décadas.

Encarando o sofrimento nos termos de Deus

Não me entendam mal – esse não foi um incidente isolado. Não pude simplesmente deixar meu desespero no hospital ao sair. Não. O desespero é parte da vida de um tetraplégico, dia após dia. Para mim, o sofrimento ainda é como um martelo demolidor, quebrando minhas rochas de resistência a cada dia. E ainda o cinzel que Deus usa para aparar minha autossuficiência, minha automotivação e minha autocomiseração. O sofrimento é ainda o cão vigilante abanando a cauda e latindo nos meus calcanhares, conduzindo-me pelo caminho do Calvário onde, de outro modo, eu não quereria ir. Minha natureza, minha carne, não desejaria suportar situações difíceis como bom soldado (2Tm 2.3) ou seguir o exemplo de Cristo (1Pe 2.21), ou ainda escolher uma provação como a um amigo. Não. Minha carne não quer regozijar-se no sofrimento (Rm 5.3), ou ser santa como Deus é santo (1Pe 1.15). Mas é no Calvário, na cruz, que eu encaro o sofrimento nos termos de Deus.

E isso acontece quase todas as manhãs. Por favor, saibam que não sou nenhum perito em coisas referentes a cadeira de rodas. Não sou profissional em ser tetraplégica. Há muitas manhãs em que acordo e posso ouvir minha amiga chegar à porta da frente para ajudar-me a sair da cama e aprontar-me para o dia.

Ela vai à cozinha, abre a torneira e começa a preparar o café. Eu sei que em poucos momentos ela virá deslizando para o meu quarto com um alegre “Bom dia!”. E lá estou eu de olhos fechados, pensando: “Ó Deus, eu não posso fazer isso. Estou tão cansada. Não sei se chegarei até à hora do almoço. Ó Deus, eu já estou pensando como eu vou me sentir bem quando voltar para casa e puser minha cabeça neste travesseiro”.

Estou certa de que você já se sentiu assim alguma vez. Talvez você tenha se sentido assim todas as manhãs. Mas o salmo 10.17 diz: “Tens ouvido, Senhor, o desejo dos humildes; tu lhes fortalecerás o coração e lhes acudirás”. “Ó Deus”, eu oro frequentemente pela manhã, “Deus não posso fazer isso. Não posso aceitar essa coisa chamada tetraplegia. Eu não tenho recursos para tanto. Não tenho forças para isto – mas tu tens. Tu tens recursos. Tu tens forças. Não posso suportar a tetraplegia, mas posso fazer todas as coisas por meio de ti, se me fortaleceres (ver Fp 4.13). Não tenho um sorriso para essa mulher que vai entrar no meu quarto em poucos momentos. Ela poderia tomar café com outra amiga, mas escolheu vir até aqui para me ajudar a levantar-me. Ó Deus, posso ter o teu sorriso emprestado?”.

E, exatamente como promete, ele ouve o grito dos aflitos e, mesmo antes das sete e meia da manhã, já enviou alegria diretamente do céu. Então, quando minha amiga entra pela porta com aquela fumegante xícara de café, posso saudá-la com um feliz “Oi” emprestado de Deus.

Para isso você também é chamado. Para isso, você foi chamado porque Cristo sofreu por você, deixando-lhe esse tipo de exemplo a fim de que você o siga. Ele suportou a cruz pela alegria que estava posta diante dele (Hb 12.2). Esperaríamos nós fazer menos? Assim, então, una-se a mim; glorie-se nas suas aflições. Deleite-se na sua fragilidade. Glorie-se nas suas fraquezas, pois assim você saberá que o poder de Cristo está em você (2Co 12.9). Você pode ser deficiente de todos os lados, mas não está esmagado. Você pode ficar confundido, mas não ficará desesperado. Você pode ser derrubado, mas não estará derrotado. Porque em 2Coríntios 4.7-12 é dito que a cada dia experimentamos algo da morte do Senhor Jesus Cristo. De sorte que, em compensação, possamos experimentar o poder da vida de Jesus no nosso corpo.

Você sabe quem são as pessoas realmente deficientes? São aquelas – e muitas delas são cristãs – que ouvem o despertador tocar às 7 e meia da manhã, jogam as cobertas para o lado, pulam da cama, tomam um banho rápido, engolem o

café da manhã e correm pela porta da frente. Elas fazem tudo isso por meio do "piloto automático", sem parar uma só vez para reconhecer seu Criador, seu grande Deus que lhes dá vida e força a cada dia. Amigo cristão, se você vive assim, você sabe que Tiago 4.6 diz que Deus se opõe a você? "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes."

E quem são os humildes? São pessoas humilhadas pela suas fraquezas. Pessoas que fizeram cateterismo e cujas válvulas do reservatório preso à perna vazam sobre o carpete novinho de alguém. Pessoas imobilizadas que precisam ser alimentadas, higienizadas, vestidas e cuidadas como crianças pequeninas. Pessoas antes ativas, incapacitadas por dores e mal-estares crônicos. Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes. Submetam-se, então, a Deus. Resistam ao diabo, que nada mais ama do que desencorajar vocês e corroer sua alegria. Resistam a ele e ele fugirá de vocês. Acheguem-se a Deus nas suas aflições, e ele se chegará a vocês (Tg 4.6-8). A cada dia, tomem a sua cruz e sigam o Senhor Jesus (Lc 9.23).

Preciso esclarecer essa última afirmação. Por favor, saibam que quando tomo a cada dia minha cruz não estou falando da minha cadeira de rodas. Minha cadeira de rodas não é a cruz que tenho de carregar. Tampouco é seu trabalho detestável, ou seus familiares importunos. A cruz para você carregar não são suas cefaleias, nem sua sinusite, nem suas juntas enrijecidas. Essas coisas não são sua cruz. Minha cruz não é minha cadeira de rodas: é minha atitude. Sua cruz é a sua atitude quanto ao seu trabalho detestável e seus familiares. É sua atitude quanto às suas cefaleias ou outras dores. Quaisquer queixas, quaisquer resmungos, quaisquer brigas ou murmurações, quaisquer ansiedades, quaisquer preocupações, quaisquer ressentimentos ou qualquer coisa que revele uma torrente furiosa de amargura – essas são as coisas para as quais Deus me chama a morrer diariamente. Pois quando faço isso, não só eu me torno como ele em sua morte (isto é, tomando a cruz e morrendo para o pecado, pelo qual ele morreu em sua cruz), mas o poder da ressurreição mata quaisquer dúvidas, medos, resmungos e brigas. E eu começo a tornar-me como ele em sua vida. Começo a experimentar a íntima comunhão de compartilhar seus sofrimentos, a doçura e a preciosidade do Salvador. Eu me torno santa como ele é santo. Ó Deus, "encher-me-ás de alegria na tua presença" (At 2.28).

E estar na presença de Deus é ser santo. Não é ser sem pecado, é pecar menos. Deixar o sofrimento esmerilhá-lo até o âmago, revelando o material de que você é feito. E ele nunca é bonito – o pecado que abrigamos, domesticamos e

tentamos tornar nosso próprio – não é? Não. O sofrimento esmerilha esse material, deixando-nos nus, prostrados, vencidos.

Encontrando alegria nos termos de Deus

É quando sua alma tiver sido esmerilhada até a nudez, quando você se sentir em carne viva e acabado, que você pode estar mais ligado ao Salvador. E, então, você não só lida com o sofrimento nos termos de Deus, mas lida também com a alegria nos termos de Deus. Então, Deus – como faz todas as manhãs, às 7 e meia, quando clamo a ele de dentro de minha aflição – alegremente concede seu contentamento, sua alegria fluindo por sobre os muros do céu, enchendo o meu coração com uma cachoeira de delícias, que, então, a seu tempo, sempre corre para outros numa inundação de encorajamento, e depois se sublima de volta para Deus, numa fonte extasiada de louvor. Ele recebe seu coração almejando pelo céu. Ele injeta sua paz, seu poder e sua perspectiva em seu ser espiritual. Ele concede novo modo de encarar as suas dificuldades. Ele põe um cântico em seu coração.

Experimentei esse tipo de transporte no ano passado quando estava na Tailândia. Sou a representante "sênior" no Comitê de Lausanne para a Evangelização Mundial, e no ano passado 36 obreiros de ministérios com deficientes do mundo todo, a maioria deles deficientes também, reuniram-se na Conferência de Lausanne, na Tailândia. Havia uma bela e alta mulher africana de Camarões, chamada Nungu Magdalene Manyi, sobrevivente de poliomielite que assumiu como ambição de sua vida resgatar outras crianças deficientes, deixadas nas margens dos rios para morrer de fome, porque a deficiência delas é vista como maldição ou sinal nefasto pelos feiticeiros locais. O pastor Noel Fernández, cego, usando uma bengala branca, veio de Cuba. Therese Swinters, outra sobrevivente de poliomielite em sua cadeira de rodas, juntou-se a nós, da Bélgica. Havia Carminha Speias, de Portugal, caminhando com suas muletas. Havia pessoas de todo o mundo – 36 de nós. Celebrávamos os tipos de coisas de que venho falando neste capítulo – como é que, quando nos gloriamos em nossa aflição e nos gloriamos nas nossas fraquezas, o poder de Deus é derramado no nosso coração.

No fim da semana, nós, pessoas felizes, nosso desajeitado grupo de pessoas deficientes, olhamos ao redor por toda a conferência e vimos que ninguém mais parecia se divertir. A conferência era séria, como podem ser as conferências quando usamos teologia uns contra os outros, em vez de vivê-la uns com os outros. Bem, nosso grupo de 36 se divertia tanto louvando ao Senhor, que nossa alegria se espalhava para fora de nossa sala de trabalhos. Ela inundou o corredor. Espalhou-se sobre o nível do mezanino do hotel. E, antes que nos déssemos conta, estávamos naquele luxuoso hotel e formávamos uma procissão de louvor, cantando: "Marchamos à luz de Deus; nós marchamos à luz de Deus". Gostaria que você tivesse me ouvido cantar e dançar. Nossa procissão de louvor era uma apresentação audiovisual de 2Coríntios 2.14-15: "Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem".

Vejam só, somos para Deus a fragrância de Cristo. O mundo não pode ver Jesus suportar o sofrimento com graça porque ele não está aqui na terra, mas vocês e eu estamos. E podemos preencher em nossa carne o que falta em suas aflições (Cl 1.24), e ao fazer isso nos tornamos aquela doce fragrância, aquele perfume, aquele aroma de Cristo para Deus. Que bênção, que privilégio, que honra! Que enlevo! E se devo lembrar ao Pai seu precioso Filho que sofreu, a menina de seus olhos escurecida pela decomposição do meu pecado; se devo seguir seus passos, então é uma dádiva sofrer a seu lado, tomar diariamente minha cruz e segui-lo.

"Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne deixou o pecado" (1Pe 4.1). Sinto-me muito feliz por Pedro ter incluído isso em sua epístola, porque de outro modo olharíamos para o sofrimento e pensaríamos que ele nos daria motivo para amargura, preocupação, desleixo ou outro pecado, porque teríamos "merecido isso". Mas não usem seu sofrimento como desculpa para pecar. Antes, "aquele que sofreu na carne deixou o pecado". Assim podemos suportar durezas como um bom soldado (2Tm 2.3). Podemos acolher a provação como amiga. Podemos encarar a prova de fogo que vem para nos fazer arder (1Pe 4.12). Podemos alegrar-nos na esperança da glória de Deus (Rm 5.2). Não somente isso, mas podemos alegrar-nos em nossos sofrimentos porque sabemos que o sofrimento produz perseverança (Rm 5.3).

A esperança nunca desaponta

Amanhã pela manhã vou acordar e garanto a vocês que vou estar cansada, meu pescoço vai doer e vou dizer: “Ó Senhor Deus, eu simplesmente não posso voar através de todo o oceano. Ó Senhor, 16 horas num avião. Eu não posso fazer isso, Jesus, eu não posso fazer isso”. Mas vou fazer, porque o sofrimento produz resistência, e a resistência produz caráter, e o caráter produz esperança, e a esperança nunca, nunca, jamais, jamais nos desaponta (Rm 5.4-5). Nada nos pode desapontar. Nada pode roubar de nós sua alegria, e nada pode roubar nossa alegria nele, nem a altura, nem a profundidade, nem as coisas vindouras, nem as coisas passadas, nem a distrofia muscular, nem a má-formação óssea, nem a lesão da medula, nem a esclerose múltipla (Rm 8.39), pois todas as coisas são de vocês (1Co 3.21). Porque vocês são de Cristo, e Cristo é de Deus (1Co 3.23). Portanto, você pode lamentar-se, mas sempre se alegrando; você pode não ter nada, e, entretanto, possuir tudo (2Co 6.10).

Passar a esperança a outros

Somos muito ricos. Quanto entendimento nos foi dado, quanto conhecimento! E a quem muito foi dado, muito será requerido; a quem muito foi confiado, muito será cobrado (Lc 12.48). Posso ter uma cadeira de rodas, mas no mundo faltam 18 milhões de cadeiras de rodas. Então, não posso me sentar aqui nos Estados Unidos em minha varanda e me contentar com isso. Não. Ken e eu iremos para a África com nossa equipe Rodas para o Mundo a fim de entregar não só cadeiras de rodas adequadas a diferentes tipos de solo, mas também Bíblias, e transmitir as boas-novas e ensinar ministérios a deficientes em igrejas e contar-lhes que a paralisia cerebral não é uma maldição de algum feiticeiro local. Levamos a luz de Jesus, que sempre fala a verdade – não somente sobre a redenção, mas sobre o raquitismo, não apenas sobre salvação, mas sobre autismo. Acenderemos sua luz. Tal como vejo, muito me foi dado e devo passar a bênção adiante. Simplesmente temos de fazer isso, precisamos passar a esperança a outros.

Precisamos passar adiante a esperança para pessoas como Gracie, com seus olhos fechados no hospital da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, ela

que a essa altura deve estar esperando que Deus a leve para casa antes da cirurgia. Para pessoas como ela e para pessoas como Beverly e Ron. Beverly é a mulher que me mandou recentemente o seguinte e-mail:

Querida Joni,

Estou sem esperança. [Mas pergunto se] você poderia ajudar meu marido Ron, que sofreu um acidente no ano passado.

Ele é pastor. O acidente o deixou tetraplégico. Ao voltar para casa do hospital, ele continuou a pastorear em sua cadeira de rodas; mas então, dois meses depois, ele voltou ao hospital com uma infecção. E tem havido muitas infecções desde então e muitas idas ao hospital. Meu marido Ron começou a ficar deprimido. Ele agora pediu demissão de sua igreja e não sai da cama. Ele não fala. E, se responde a uma pergunta, só diz: “Não sei”.

Não sei o que fazer. Ele não quer luz acesa nem TV em seu quarto. Ele não quer viver, ele nem se importa com a nossa família. Não temos plano de saúde. Parece que estamos todos nos desintegrando. Meu marido se sente inútil e sem esperança. Precisamos de ajuda.

Como você responde a algo assim? Bem, respondi buscando ajuda da companhia telefônica e localizando o número do telefone do Ron e da Beverly. Liguei para eles, Beverly atendeu e eu disse que havia recebido o seu e-mail. Conversei e orei com ela ao telefone. Finalmente, perguntei: “Qual a chance de seu marido Ron querer falar com outra pessoa tetraplégica?”. Ela apreciou muito o simples fato de eu me interessar. Ela bateu à porta e ele permitiu que ela colocasse o telefone em seu ouvido. Embora ele não respondesse, falei a respeito de situações comuns a pessoas tetraplégicas. Falei sobre infecções urinárias, problemas de funcionamento intestinal e dificuldades respiratórias, e pensei ter detectado um grunhido na outra ponta da linha.

Entretanto, eu queria ir além desses tópicos, e ligar a conversa a coisas espirituais. Pensei: “Este homem é pastor. Com certeza conhece a Palavra de Deus”. Assim, comecei a compartilhar com ele várias passagens bíblicas favoritas que tinham me mantido durante os tempos mais difíceis, por exemplo, Tiago 1.2-4 (“Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes”) e Romanos 8.18 (“Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”). O silêncio persistiu do outro lado da linha. Eu até cantei para ele. Nada.

Finalmente, fiz a única coisa em que pude pensar e que não havia tentado. Perguntei a Ron se ele havia visto o filme Shawshank Redemption.

“Bem, sim eu vi”, disse ele. Eu não podia acreditar. Ele havia respondido. Então, prossegui: “Bem, Ron, você se lembra de quando Red encontra a carta de Andy Dufresne? Você se lembra do que ela dizia?”.

“Eu... eu acho que sim: ‘A esperança é uma coisa boa, talvez a melhor de todas. E uma coisa boa jamais morre’”.

“Ron, existem outros dez mil tetraplégicos como você e eu neste país, sem falar de quem sabe quantos mais além das nossas fronteiras. E todos eles estavam acamados esta manhã perguntando-se se deveriam se ocupar em viver ou se ocupar em morrer. Ron, vou escolher me ocupar em viver. Você quer se juntar a mim hoje?”

“Sim, senhora. Sim, eu quero.”

“Parabéns, Ron, porque agora você faz parte da comunidade do compartilhamento não só dos meus sofrimentos, mas dos de Cristo. Ele lhe dará graça a cada dia, sim, a cada dia. Por hoje, bastam o mal e as provações que você vai enfrentar.”

Ele colocou sua esposa de volta ao telefone e eu prossegui contando-lhe sobre

nossos retiros de famílias. Perguntei-lhe: “Beverly, você acha que conseguirá levar seu marido Ron a um de nossos retiros?”. Prometi-lhe que nosso escritório arranjaria o dinheiro de uma bolsa, coisa que sempre fazemos para famílias que lutam com despesas médicas. Deu certo: naquele verão, Ron e Beverly foram ao retiro Joni and Friends no Texas. Logo que retornaram para casa, eu recebi outro e-mail da Beverly:

Querida Joni,

Ron me pediu que não me esquecesse de lhe escrever porque o mês passado foi maravilhoso. O retiro foi uma enorme bênção e creio que não havíamos percebido quão grande fora essa bênção até que chegamos de volta em casa. Fizemos novos amigos para o resto da vida. Ron quer descobrir coisas que ele possa fazer e que o tirem de casa mais vezes. Eu lhe disse que assim que ele esteja pronto poderemos engatar nosso trailer à nossa caminhonete e sair a ministrar, para que ele possa compartilhar seu testemunho pelo país afora. Pela primeira vez neste ano ele não disse “não”. Ele deu um largo sorriso. Obrigada. Estamos esperançosos.

“A esperança é uma boa coisa, talvez a melhor de todas. E uma coisa boa jamais morre.” Mas vivemos num mundo sombrio e doente, sob a maldição do pecado. O inferno é real. E Deus não deve a este planeta, rebelde até os ossos, absolutamente nada. Mas você não está feliz porque ele é um Deus de amor, não desejando que ninguém se perca? Ele quer convencer este mundo descrente, sarcástico e cético de seu poder de salvar, de sua capacidade de manter e de seu desejo de partilhar sua esperança.

O abatimento pode desejar companhia, mas a alegria deseja uma multidão

Nós recebemos tanto! Jesus disse: “Porque a vós outros é dado conhecer os

mistérios do reino dos céus…" (Mt 13.11) e "[...] Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão" (Lc 12.48). Deus manda que saiamos por ruas e vielas, estradas e caminhos. Ele nos manda achar os pobres, os cegos, os deficientes, os coxos, ajudando-os a tratar de viver, porque o abatimento pode desejar companhia, mas a alegria deseja uma multidão. E o Pai, o Filho, e o Espírito Santo anseiam por uma multidão de alegria; alegria espargindo, alagando e enchendo o coração de pessoas sedentas neste mundo, e que estão absolutamente desidratadas por falta de esperança. Precisam de ajuda vinda de Deus, do alto. O plano do Pai, do Filho e do Espírito Santo é resgatar os seres humanos. O Pai reúne uma multidão, uma herança que é pura, perfeita e sem culpa para segui-lo no rio de alegria e no torvelinho de prazer. E ele está voltado para os céus, para reunir almas alegres e felizes, cuja ambição eterna seja adorar seu Filho na alegria do Espírito Santo. Deus é amor e o anseio do amor é inundar de prazer aqueles que o entraram na comunidade do compartilhamento no sofrimento de seu Filho.

E logo, talvez antes do que pensamos, o Pai, o Filho e o Espírito Santo terão seu desejo realizado. Talvez antes do que pensamos Deus fechará a cortina sobre o pecado, o sofrimento, a doença e a morte, e iremos adentrar nas suas eternas águas.

E um dia vou deixar minha cadeira de rodas para trás. Mal posso esperar. Tenho sofrido com Cristo na terra, mas um dia no céu vou reinar com ele. Posso ter experimentado as dores de viver neste planeta, mas um dia vou provar da árvore da vida no prazer do céu e tudo vai acontecer num piscar de olhos. A vitória de Deus sobre este mundo será o levantar da cortina sobre nossos cinco sentidos e o veremos e seremos como ele, e veremos todo o universo numa visão clara.

Penso que, a princípio, o choque da alegria que nos virá ao nos alegrarmos no torvelinho de amor e prazer que é a Trindade possa arder com uma brilhante novidade de ser glorificado, mas no instante seguinte estaremos em paz. Seremos inundados de prazer. Nós nos sentiremos em casa, como se sempre tivesse sido assim, como se tivéssemos nascido para tal lugar – porque assim foi!

Olharei para o alto. E meu marido Ken caminhará para mim. Sei que ele me ama na terra, mas eu sou apenas um sinal, um anúncio, uma prefiguração da Joni que serei no céu. E quando ele me vir, dirá: "Então é isto que eu amei em você todos aqueles anos na terra". Verei Ron e Beverly avançando para mim, com a potencialidade de suas almas ampliada devido ao sofrimento, ampliada para a

alegria, o prazer, a adoração e o serviço no céu. Suas almas serão amplas e espaçosas porque escolheram gloriar-se em suas aflições, em vez de se envolver em tristeza e autopiedade.

É minha oração que Jesus olhe para Gracie e lhe diga: “Eu a conheço. Você veio até mim derramando força humana e eu a toquei e lhe dei graça sobre graça”.

Romanos 8.18 diz que podemos considerar nossos sofrimentos presentes como não dignos de ser comparados com a glória que há de ser revelada em nós. Eu já disse isso antes, mas devo dizê-lo de novo. Pois, com segurança, espero levar esta cadeira de rodas para o céu. Bem, eu sei que isso não é teologicamente correto. Mas espero levá-la e colocá-la num cantinho do céu e, então, no meu corpo novo, perfeito, glorificado, andando com pernas agradecidas e glorificadas, parar perto de meu Salvador, segurando suas mãos perfuradas. Direi: “Graças te dou, Jesus”; e ele saberá que o que eu disse é para valer, porque ele me conhece. Ele me reconhecerá da comunhão que agora compartilhamos em seus sofrimentos. E eu direi: “Jesus, tu vês aquela cadeira de rodas? Tu estás certo ao dizer que neste mundo teríamos tribulações, porque aquilo era muita tribulação. Mas quanto mais fraca eu era, mais intensamente eu me inclinava para ti. E quanto mais eu me inclinava para ti, mais forte descobri que tu eras. Nunca teria acontecido se tu não me desses a ferida de bênção que foi aquela cadeira de rodas”.

Então, a verdadeira parada de louvor com uma chuva de papel picado começará. E toda a terra virá participar da festa.

A essa altura Cristo abrirá nossos olhos para a grande fonte de alegria em seu coração para nós, além de tudo o que jamais experimentamos na terra. E quando conseguirmos parar de rir e chorar, o Senhor Jesus realmente enxugará nossas lágrimas. Acho tão marcante que finalmente, quando eu tiver o uso de meus braços para enxugar minhas próprias lágrimas, não terei de fazê-lo, porque Deus o fará.

A esperança pode bem ser a maior das coisas, porque Romanos 5.2 diz: “Gloriamo-nos na esperança da glória de Deus”. Vibro ao pensar como Jesus, o Pai e o Espírito Santo antecipam de leve aquele dia maravilhoso quando nós, a noiva de Cristo, sem mancha, pura e inculpável, nos uniremos a eles e nadaremos com eles em seu rio de prazer. Alegro-me nessa esperança – a esperança de ser Deus glorificado em si mesmo e de nós termos a oportunidade

de juntar-nos a ele. A esperança que aguardamos é nossa única esperança, a bendita esperança, a gloriosa manifestação do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo (Tt 2.13). É Jesus por meio de quem triunfamos ao longo de todo este sofrimento e, oh! pela doçura de fundir nosso coração ao dele nessa intimidade tão preciosa.

Será que a esperança é realmente tão difícil de surgir? Acho que não. Nossa esperança é o Desejo das Nações. Nossa esperança é o Curador de corações quebrados, o Deus do encorajamento, o Pai de todo o conforto, o Senhor de toda a esperança. E é minha oração que os olhos de seu coração possam ser iluminados de modo a poder conhecer essa esperança à qual ele o chamou.

Apêndices Não desperdice seu câncer John Piper e David Powlison

Cinco meses depois da conferência sobre Sofrimento e Soberania de Deus, dois dos preletores – John Piper e David Powlison – receberam o diagnóstico de câncer de próstata. Na véspera de sua cirurgia de próstata (13 de fevereiro de 2006), Piper escreveu o artigo abaixo para refletir sobre a sua situação, assim como ministrar graça e verdade a outros. (Deve-se observar que estas reflexões constituem um meio de ministrar pastoralmente àqueles que estão necessitados, mas não é o único meio de se fazer isso e não é a única coisa que precisa ser dita.) Pouco depois, Powlison recebeu seu diagnóstico de câncer de próstata (3 de março de 2006) e contribuiu com esclarecimentos adicionais a este artigo.

John Piper: Creio no poder de Deus para curar – por milagre e pela medicina. Creio que é certo e bom orar pelos dois tipos de cura. O câncer não é desperdiçado quando ele é curado por Deus. Ele tem a glória e é por isso que o câncer existe. Assim, não orar pela cura pode desperdiçar seu câncer. Mas a cura não é o plano de Deus para todas as pessoas. E existem muitos outros modos de desperdiçar seu câncer. Oro por mim mesmo e por você para que não desperdicemos essa dor.

1. Você desperdiçará seu câncer se não acreditar que ele foi mandado para você por Deus.

John Piper: Não adianta dizer que Deus somente usa o nosso câncer, mas não o envia. Não que seu primeiro desígnio para a criação fosse um Jardim do Éden com câncer. Mas a queda não pegou Deus distraído. Ele planejou a redenção antes da criação (2Tm 1.9). Ele a viu chegando e a permitiu. O que Deus permite, ele o permite por uma razão. E essa razão é seu desígnio. Se Deus prevê que o desenvolvimento celular se torne câncer, ele pode pará-lo ou não. Se não o fizer, ele tem um propósito. Uma vez sendo infinitamente sábio, é correto chamar esse propósito de desígnio. Satanás é real e causa muitos prazeres e dores. Mas ele não tem a última palavra. Assim, quando ele ataca Jó com tumores malignos (Jó 2.7), este os atribui por fim a Deus (2.10) e o escritor inspirado concorda: "[...] e o consolaram de todo o mal que o Senhor lhe havia enviado" (42.11). Se você não crê que seu câncer é

designado por Deus, você o desperdiçará.

David Powlison: O reconhecimento da mão determinadora de Deus não torna alguém estoico, nem desonesto, nem artificialmente desligado. Ao contrário, a realidade do seu desígnio desperta e canaliza nosso clamor honesto para nosso único e verdadeiro Salvador. O desígnio de Deus suscita a fala honesta, em vez de nos silenciar na resignação. Consideremos a honestidade dos Salmos, do rei Ezequias (Is 38), de Habacuque 3. Essas pessoas são franca e confiantemente honestas porque sabem que Deus é Deus e põem sua confiança nele. O salmo 28 nos ensina a oração apaixonada e direta a Deus. Ele deve ouvi-lo. Ele o ouvirá. Ele continuará a operar em você e em sua situação. Esse clamor vem do seu senso de necessidade de ajuda (28.1-2). Então, relate suas dificuldades particulares a Deus (28.3-5). Você é livre para ser estritamente pessoal em suas coisas particulares. Com frequência nas "várias provações" da vida (Tg 1.2) o que você enfrenta não condiz com exatidão com as particularidades que Davi ou Jesus enfrentaram, mas a dinâmica de fé é a mesma. Tendo lançado seus cuidados sobre ele que é quem cuida de você, então expresse sua alegria (Sl 28.6-7): a paz dada por Deus, que está além do entendimento. Por fim, como a fé sempre produz amor, a sua necessidade pessoal e sua alegria se ramificarão em atenção amorosa pelos outros (28.8-9). A doença pode aguçar sua percepção de como Deus está agindo profundamente agora, como sempre esteve, em cada detalhe da sua vida.

2. Você desperdiçará seu câncer se achar que ele é uma maldição e não um dom.

John Piper: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar" (Gl 3.13). "Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel" (Nm 23.23). "Porque o Senhor Deus é sol e escudo; o Senhor dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente" (Sl 84.11).

David Powlison: A bênção vem naquilo que Deus faz por nós, conosco, por intermédio de nós. Ele traz sua grande e misericordiosa redenção ao palco da maldição. Seu câncer, em si, é uma daquelas dez mil "sombras da morte" (Sl 23.4) que vêm sobre cada um de nós: todas as ameaças, as perdas, as dores, as incompletudes, os desapontamentos, os males. Mas em seus amados filhos, o nosso Pai opera um bem muito mais terno por meio das nossas mais lamentáveis perdas: algumas vezes curando e restaurando o corpo (de forma temporária, até a ressurreição dos mortos para a vida eterna), sempre sustentando-nos e ensinando-nos para que possamos conhecê-lo e amá-lo por completo. No campo de teste dos males, sua fé torna-se profunda e real, e o seu amor torna-se intencional e experiente (Tg 1.2-5; 1Pe 1.3-9; Rm 5.1-5; 8.18-39).

3. Você desperdiçará o seu câncer se buscar conforto com base em seus esforços, em vez de buscá-lo de Deus.

John Piper: O desígnio de Deus em seu câncer não é treiná-lo nos cálculos racionalistas, humanos das coisas negativas. O mundo tira conforto de suas coisas negativas. Os cristãos não. Alguns contam suas carruagens (porcentagens de sobrevivência), e alguns contam seus cavalos (efeitos colaterais do tratamento), mas confiamos no nome do Senhor nosso Deus (Sl 20.7). O desígnio de Deus é claro desde 2Coríntios 1.9: "Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós e sim no Deus que ressuscita os mortos". O objetivo de Deus em nosso câncer (entre outras mil coisas boas) é tirar os suportes de sob o nosso coração para que confiemos totalmente nele.

David Powlison: O próprio Deus é seu conforto. Ele se dá. O hino "Descansa, ó alma" (de Katerina von Schlegel) enfrenta as dificuldades do modo certo: temos 100% de certeza de que sofremos e é 100% certo que Cristo vai nos encontrar, que ele virá até nós, nos confortar e nos devolver as mais puras alegrias do amor. O hino "Um firme fundamento" enfrenta as

dificuldades do mesmo modo: você tem cem por cento de chance de passar por graves abatimentos, e é cem por cento certo que seu Salvador vai "estar com você, abençoá-lo em suas dificuldades e santificar para você suas mais profundas angústias". Com Deus, você não está jogando com percentagens, mas vivendo com certezas.

4. Você desperdiçará seu câncer se se recusar a pensar sobre a morte.

John Piper: Se Jesus adiar seu retorno, todos morreremos. Não pensar sobre o que há de acontecer será como pensar que deixar esta vida e encontrar-se com Deus é tolice. Eclesiastes 7.2 diz: "Melhor é ir à casa onde há luto do que ir à casa onde há um banquete, pois naquela se vê o fim de todos os homens; e os vivos que o tomem em consideração". Como pode você gabar-se de não pensar sobre isso? O salmo 90.12 diz: "Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio". Contar seus dias significa pensar sobre como eles são poucos e que eles acabarão. Como poderá você ter um coração sábio se se recusar a pensar sobre isso? Que desperdício será se não pensarmos sobre a morte!

David Powlison: Paulo descreve o Espírito Santo como o penhor invisível, interior, da certeza da vida. Pela fé, o Senhor lhe dá uma doce degustação da realidade face a face da vida eterna na presença de nosso Deus e de Cristo. Poderíamos também dizer que o câncer é o "pagamento inicial" da morte inevitável, dando uma amostra ruim da realidade de sermos mortais. O câncer é um sinaleiro apontando para algo muito maior: o último inimigo que você precisa encarar. Mas Cristo derrotou esse último inimigo (1Co 15). A morte foi tragada na vitória. O câncer é meramente um dos batedores do inimigo, em ação de patrulha. Ele não tem nenhum poder final se você é um filho da ressurreição, de sorte que você pode encará-lo de cabeça erguida.

5. Você desperdiçará seu câncer se você pensa que derrotá-lo significa permanecer vivo, em vez de receber Cristo.

John Piper: Os desígnios de Satanás e os de Deus em seu câncer não são os mesmos. A intenção de Satanás é destruir seu amor por Cristo. Deus quer aprofundar seu amor por Cristo. O câncer não vence se você morrer. Ele vence se você deixar de receber Cristo. A intenção de Deus é tirar você da amamentação no mundo e acolhê-lo festivamente na suficiência de Cristo. Ele visa ajudá-lo a dizer e sentir: "[...] todas as coisas [...] considero como refugo, para ganhar Cristo" e saber que, portanto: "O viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Fp 3.8; 1.21).

David Powlison: Amar a Cristo expressa as duas atividades centrais da fé: extrema necessidade e extrema alegria. Muitos salmos clamam em "tom menor": amamos nosso Salvador ao necessitar que ele nos salve de problemas reais, pecados reais, sofrimentos reais, angústia real. Muitos salmos cantam em "tom maior": amamos nosso Salvador ao nos deleitar nele, amá-lo, agradecer-lhe por todos os seus benefícios a nós, regozijando-nos no fato de que sua salvação é a coisa mais ponderável do mundo e ele tem a última palavra. E muitos salmos começam num tom e terminam no outro. Amar a Cristo não é algo monocromático, você vive todo o espectro da experiência humana com ele. Vencer o câncer significa saber como o Pai tem compaixão do seu amado filho, porque ele conhece sua estrutura, sabe que você é pó. Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida. Viver é conhecê-lo, e conhecê-lo é amar.

6. Você desperdiçará o seu câncer se passar tempo demais lendo sobre a doença e não dedicar tempo suficiente para ler sobre Deus.

John Piper: Não está errado procurar saber o que pudermos sobre o câncer. A ignorância não é uma virtude. Mas a tentação de saber mais e mais e a falta de zelo em conhecer a Deus cada vez mais é um sintoma de descrença. O câncer tem como propósito acordar-nos para a realidade de Deus. Pretende colocar sentimento e força no mandamento: "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor" (Os 6.3). Destina-se a acordar em nós

a verdade de Daniel 11.32: “Mas o povo que conhece ao seu Deus se tornará forte e ativo”. Ele quer fazer de nós carvalhos inabaláveis e indestrutíveis: “Antes, o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite. Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido” (Sl 1.2-3). Que desperdício do câncer se dia e noite lemos a seu respeito e não a respeito de Deus.

David Powlison: O que é verdadeiro sobre sua leitura também o é para suas conversas com outras pessoas. As pessoas com frequência expressarão sua preocupação e cuidado fazendo perguntas sobre sua saúde. Isso é bom, mas facilmente a conversa concentra-se nisso. Portanto, fale abertamente sobre sua doença pedindo as orações e os conselhos das pessoas, mas, então, mude a direção da conversa contando-lhes o que Deus tem com fidelidade feito para sustentá-lo com dez mil misericórdias. Robert Murray McCheyne de modo sábio afirmou: “Para cada olhar em direção ao nosso pecado, olhemos dez vezes para Cristo”. Ele estava contrapondo nossa tendência de reverter essa razão de dez para um ao querer remoer nossos fracassos e esquecer o Senhor de misericórdia. O que McCheyne diz sobre nossos pecados também pode se aplicar aos nossos sofrimentos. Para cada sentença proferida a respeito do seu câncer, diga dez sentenças sobre o seu Deus e a sua esperança, sobre o que ele lhe está ensinando e sobre as pequenas bênçãos de cada dia. Para cada hora gasta em pesquisa e discussão sobre seu câncer, gaste 10 horas em pesquisa, discussão para servir ao seu Senhor. Relate tudo o que está aprendendo sobre o câncer a Deus e você não ficará obcecado.

7. Você desperdiçará seu câncer se permitir que ele o conduza à solidão em vez de aprofundar seus relacionamentos com aqueles que manifestam afeição.

John Piper: Quando Epafrodito levou para Paulo as dádivas enviadas pela igreja de Filipos, ele ficou muito doente e quase morreu. Paulo escreve aos filipenses: “Visto que ele tinha saudades de todos vós e estava angustiado

porque ouvistes que adoeceu" (Fp 2.26). Que reação maravilhosa! Ela não diz que eles (os filipenses) estavam tristes porque Epafrodito estava doente, mas sim que Epafrodito ficou angustiado porque eles ouviram que ele estava doente. Esse é o tipo de coração que Deus deseja criar com o câncer: um coração profundamente afetivo e cuidadoso para com as pessoas. Não desperdice seu câncer fugindo para dentro de si mesmo.

David Powlison: Nossa cultura fica aterrorizada diante da morte. Está obcecada pela medicina. Idolatra a juventude, a saúde e a energia. Tenta esquecer qualquer sinal de fraqueza ou imperfeição. Você trará enormes bênçãos aos outros se viver de maneira aberta, confiante e amorosamente dentro de sua fraqueza. De modo paradoxal, abrir-nos para os relacionamentos quando sofremos na realidade fortalecerá os outros. A "mutualidade" é uma via de mão dupla, de doação generosa e recebimento agradecido. Sua necessidade dá aos outros a oportunidade de amar. E, uma vez que o amor é sempre o mais alto propósito de Deus para você também, com isso aprenderá suas mais preciosas e deleitosas lições à medida que encontrar maneiras singelas de expressar interesse pelos outros mesmo quando você é o mais fraco. Uma grande fraqueza que ameaça a vida pode se provar maravilhosamente libertadora. Não há nada mais que você precise fazer senão ser amado por Deus e pelos outros e amar aos outros e a Deus.

8. Você desperdiça seu câncer quando se lamenta como aqueles que não têm esperança.

John Piper: Paulo usou esta frase em relação àqueles cujos entes queridos haviam morrido: "Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes com respeito aos que dormem, para não vos entristecerdes como os demais, que não têm esperança" (1Ts 4.13). Existe lamentação diante da morte. Mesmo para os crentes que morrem, existe uma perda temporária – perda do corpo, perda dos queridos aqui e perda de um ministério terreno. Mas a dor é diferente – é permeada de esperança. "Entretanto, estamos em plena

confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor" (2Co 5.8). Não desperdice seu câncer lamentando-se como aqueles que não têm essa esperança.

David Powlison: Mostre ao mundo essa maneira diferente de lamentar-se. Paulo disse que ele teria "tristeza sobre tristeza" (Fp 2.27) se seu amigo Epafrodito tivesse morrido. Ele havia se lamentado, sentindo o peso dolorido da doença do seu amigo. E teria sofrido em dobro se o seu amigo tivesse morrido. Mas essa dor honesta, amorosa, divinamente orientada coexiste com "alegrai-vos sempre" e "a paz de Deus que excede todo o entendimento" e "sinceramente cuide dos vossos interesses" (Fp 4.4,7; 2.20). Como é possível que pesar e tristeza coexistam com amor, alegria, paz e um sentido indestrutível de propósito na vida? Na lógica interna da fé, isso faz pleno sentido. De fato, porque você tem esperança, você pode sentir de modo mais agudo os sofrimentos desta vida: tristeza sobre tristeza. Do outro lado, essa lamentação que não tem esperança com frequência escolhe a negação ou a fuga ou a continuidade dos negócios porque não consegue encarar a realidade sem se sentir perturbado. Em Cristo, você sabe o que está em jogo; portanto, você sente de modo agudo os erros deste mundo decaído. Você não aceita, simplesmente, a morte e a dor. Você ama o que é bom e odeia o que é mau. Afinal, você prossegue segundo a imagem do "homem de dores e que sabe o que é padecer" (Is 53.3). Mas este Jesus escolheu de boa vontade sua cruz "pela alegria que lhe estava proposta" (Hb 12.2). Ele viveu e morreu na esperança de que tudo se realizaria. Sua dor não foi aquietada pela negação ou pelo medicamento, nem foi manchada pelo desespero, pelo medo ou pelo debate à procura de qualquer fiapo de esperança que pudesse modificar as circunstâncias. As promessas finais de Jesus derramam-se com a alegria de uma esperança sólida em meio às tristezas: "Para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo"; "vossa tristeza se converterá em alegria"; "a vossa alegria ninguém poderá tirar", "pedi e recebereis para que a vossa alegria seja completa" (ver Jo 15–16).

9. Você desperdiçará seu câncer se considerar o pecado de maneira tão superficial como antes.

John Piper: Você considera seus pecados costumeiros tão atraentes como eram antes de ter câncer? Se for assim, você está desperdiçando seu câncer. O câncer é dado para destruir o apetite pelo pecado. Orgulho, ambição, cobiça, ódio, falta de perdão, impaciência, preguiça, procrastinação – todos esses são os adversários que o câncer precisa atacar. Não pense apenas em lutar contra o câncer. Pense também em lutar com o câncer. Todas essas coisas são inimigos piores do que o câncer. Não desperdice o poder que o câncer possui para esmagar esses inimigos. Permita que a presença da eternidade faça com que os pecados deste tempo pareçam tão fúteis como realmente são. "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a perder-se ou a causar dano a si mesmo?" (Lc 9.25).

David Powlison: O sofrimento realmente propõe-se afastá-lo do seu pecado e fortalecê-lo em sua fé. Se você é descrente, então o sofrimento aumenta o pecado. Você se tornará cada vez mais amargo, desesperado, mais entregue, medroso, frenético, esquivo, sentimental e descrente em sua maneira de enfrentar a vida? Você pretenderá levar a vida como sempre? Você entrará em acordo com a morte em seus próprios termos? Porém, se você pertence a Deus, então o sofrimento nas mãos de Cristo o modificará, sempre, seja vagarosamente, seja com rapidez. Você entrará em acordo com a vida e com a morte nos termos dele. Ele o abrandará, o purificará, o libertará de futilidades. Ele o levará a precisar dele e a amá-lo. Ele reordenará suas prioridades, de sorte que as primeiras coisas venham antes com mais frequência. Ele caminhará com você. Sem dúvida você fraquejará algumas vezes, talvez levado pela irritabilidade ou pela ruminação ansiosa, pelo escapismo ou pelos medos. Mas ele sempre o levantará quando você tropeçar. Seu inimigo interior – um câncer moral dez mil vezes mais mortal que o câncer físico – morrerá à medida que você continuar a buscar e a encontrar seu Salvador: "Por causa do teu nome, Senhor, perdoa a minha iniquidade, que é grande. Ao homem que teme ao Senhor, ele o instruirá no caminho que deve escolher" (Sl 25.11-12).

10. Você desperdiçará seu câncer se deixar de usá-lo como meio de

testemunhar a verdade e a glória de Cristo.

John Piper: Os cristãos nunca estão em qualquer lugar por acidente divino. Existem razões pelas quais viemos para onde estamos. Consideremos o que Jesus disse sobre circunstâncias dolorosas e não planejadas: "Lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho" (Lc 21.12-13). É assim com seu câncer. Essa será uma oportunidade de dar testemunho. Cristo é infinitamente digno. Aqui está uma oportunidade de ouro para mostrar que ele vale mais que a vida. Não a desperdice.

David Powlison: Jesus é a sua vida. Ele é o homem perante quem todo joelho se dobrará. Ele derrotou a morte de uma vez por todas. Ele terminará o que começou. Faça a sua luz brilhar à medida que você vive nele, por ele, por meio dele, para ele. Um dos antigos hinos da igreja assim coloca:

Cristo seja comigo, Cristo esteja dentro de mim,

Cristo atrás de mim, Cristo antes de mim,

Cristo ao meu lado, Cristo a me conquistar,

Cristo a me confortar e a me restaurar.

Cristo sob mim, Cristo acima de mim,

Cristo na quietude, Cristo no perigo,

Cristo nos corações de todos os que me amam,

Cristo na voz do amigo e do estranho.[100]

Em seu câncer, você vai precisar que seus irmãos e irmãs testemunhem a verdade e a glória de Cristo, caminhem com você, vivenciem sua fé ao seu lado, amem você. Você pode fazer o mesmo com eles e com todos os outros, tornando-se o coração que ama com o amor de Cristo, a boca cheia de esperança tanto para amigos como para estranhos.

Lembre-se de que você não será deixado sozinho. Você terá a ajuda de que necessita. “E o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma das vossas necessidades” (Fp 4.19).

---

100 Cecil F. Alexander, “I Bind unto Myself Today” (1889).

Entrevista com John Piper John Piper e Justin Taylor

7 de outubro de 2005

O que segue é a transcrição de uma entrevista feita por Justin Taylor com John Piper no dia 7 de outubro de 2005.[101] Com o objetivo de refletir a conversação real, fizemos o mínimo possível de modificações. Nenhuma das perguntas foi ensaiada e John não teve conhecimento de nenhuma delas antes da realização da entrevista.

Justin Taylor: Pastor John, o senhor tornou-se conhecido como líder e proclamador do controle de Deus sobre todas as coisas. Mas será que o senhor sempre pensou desse modo? Foi essa sua posição durante todo o período do seu crescimento? Talvez o senhor possa contar-nos um pouco da sua jornada teológica até chegar a essa posição – se é que não iniciou sua jornada já crendo na absoluta soberania de Deus.

John Piper: Não, não comecei crendo dessa maneira. O paradoxo é que meu pai, doutor Bill Piper – que foi evangelista durante toda a minha vida e ainda continua a evangelizar um pouco no Shepherd Care Center, onde vive com perda de memória, em Greenville, Carolina do Sul – viveu a soberania de Deus. Lembro-me de suas orações sempre em busca da glória de Deus, dependendo da soberania de Deus; e ele usava essas palavras. Lembro-me delas do meu tempo de infância. O outro lado do paradoxo é que ele jamais se denominou calvinista e até hoje acha que esse é um termo ruim para se usar.

O ponto de atrito para meu pai é o fato de que, na tradição reformada e em sua compreensão das Escrituras, o ato de regeneração pelo Espírito Santo precede e capacita a fé o que, de todo o coração, creio que é o que a Bíblia ensina. Mas meu pai, não. Ainda nos damos bem, porque penso que ele é totalmente inconsistente! Na opinião dele, isso arruína a evangelização. Portanto, cresci sem saber que isso representava uma tensão, ouvindo e absorvendo um estilo de vida de radical dependência da soberania de Deus, e ouvindo, sem saber disso, uma articulação da teologia não sincronizada com a vida. (Essa é a minha apreciação

do que acontecia.)

Assim, quando fui para a faculdade e comecei a ouvir as pessoas dando uma estrutura a tudo isso, revoltei-me contra a soberania de Deus. Essa não era minha posição teórica – embora emocionalmente creio que seria a maneira como eu responderia a uma tragédia mesmo naquela ocasião. Portanto, de 1964 até meados do ano escolar de 1968-69 no Seminário Fuller, eu teria discutido com qualquer pessoa que cresse no que creio hoje. Eu teria dito: “De modo algum. Isso não pode ser, nem em relação à Bíblia, nem filosoficamente”.

Quando cheguei ao Seminário Fuller, fiz um curso de Teologia Sistemática com James Morgan, que morreu em consequência de um câncer no estômago enquanto eu estava lá, e outro curso com Dan Fuller sobre Hermenêutica. E vindo de ambos os lados – teologia e exegese – eu me sentia absolutamente imprensado por todas as evidências da soberania de Deus na Bíblia. Ainda consigo lembrar-me… talvez de duas histórias.

Lembro-me de estar em pé fora da classe certo dia e de defrontar-me com James Morgan. Ele era um homem realmente grande até ficar doente. Era enorme e decerto um grande professor, de cerca de 36 anos. Lembro-me de que ele usava uma faixa preta no braço e que havia marchado em protesto à guerra do Vietnã (isso foi em 1968-69). Ele me disse: “Eu amo Jesus, John Piper”. Ele me ensinava toda essa noção de soberania de Deus. Eu o encarei certo dia e disse: “Observe isto, Morgan”. Então derrubei um lápis diante dele e declarei: “Eu o derrubei!” Essa foi minha defesa do livre-arbítrio.

Outra história ocorreu no fim de uma aula de Dan Fuller depois que ele havia pacientemente chamado a atenção para a Bíblia e para o Espírito Santo. Lembro-me de voltar para casa depois da aula (Isso foi antes do meu casamento. Noël e eu nos casamos em dezembro de 1968, e fiz o curso com Dan Fuller naquele outono). Sentei-me no meu quarto, coloquei o rosto entre as mãos e chorei porque o meu mundo caía aos pedaços. Eu simplesmente não conseguia encontrar sentido em nada. Por isso, sou realmente paciente e misericordioso com pessoas que lutam com isso – pelo menos espero ser. Eu lhes concedo muito espaço para que possam caminhar de modo gradual para onde Deus as leva.

Mas no fim do curso de Teologia ministrado por James Morgan, escrevi num caderno de exame (isso foi no tempo em que ainda se usava caderno para os exames finais): “Romanos 9 é como um tigre que passeia ao redor devorando os

defensores do livre-arbítrio como eu". E foi o que aconteceu. Romanos 9 dominou-me até 1982, quando escrevi The Justification of God.[102] Eu tinha de chegar a um acordo, tanto por mim mesmo como também em relação aos meus alunos quando ensinava no Bethel College. O que Romanos 9 realmente significa? Eu tinha ouvido todos os esforços para escapar àquilo que parecia ser seu sentido claro, e eles não foram convincentes. Mesmo do ponto de vista acadêmico, eles nunca foram convincentes. Portanto, eu dataria minha transição de um tipo de crente não sofisticado – em termos de minha autonomia e minha autodeterminação – para uma visão bíblica da soberania de Deus sobre minha vida em sua graça, a partir de uma data por volta do fim do outono de 1968 e o início de 1969.

Justin Taylor: Mais uma pergunta pessoal antes de entrarmos em questões mais teológicas. Conversávamos ao telefone e o senhor mencionou que hoje é um dia muito especial em sua vida. Hoje é o dia do aniversário de sua mãe (7 de outubro). Se minha matemática está certa, ela faria 87 anos, certo?

John Piper: Exatamente.

Justin Taylor: Poderia dizer-nos qual é a importância da sua mãe e de seu aniversário para este tópico de sofrimento e a soberania de Deus?

John Piper: A pergunta é relevante porque minha mãe foi morta há 31 anos, quando eu tinha 28 anos, num acidente de ônibus em Israel. Preferi não inseri-la na mensagem deste livro, porque sinto que, às vezes, insisto demais. Mas isso mostra o quão pouco realmente sofri. Decerto não sofri muito porque essa foi a maior perda que experimentei em toda a minha vida. Tinha 28 anos de idade e perdi minha mãe, e foi tremendo. Até hoje, se quiser, posso chorar. Posso escolher chorar. Posso pensar a respeito de alguma coisa e chorar. Chorei todos os dias durante seis meses quando minha mãe morreu.

Mas aqui está o que é relevante para esse contexto. Tinha 28 anos. Havia seis que eu estava confiante na total soberania de Deus. Então, o telefone tocou – muitos de vocês já receberam telefonemas como esse –, dessa vez foi um cunhado. Ele disse: “Johnny, tenho más notícias. Você está preparado?”. “Sim.” “Sua mãe acabou de morrer num acidente de ônibus em Israel, e talvez seu pai não suporte o golpe.” Eu lhe perguntei: “Você sabe mais alguma coisa?”. Ele me contou os detalhes que sabia. Quando desliguei, meu filho Karsten, de 2 anos puxava minha calça dizendo: “Papai triste? Papai triste?”.

Eu disse à minha esposa: “Mamãe morreu e talvez papai não aguente. Deixe-me ficar sozinho por algum tempo”. Voltei para o quarto, ajoelhei-me ao lado da cama e chorei durante duas horas. Chorei convulsivamente durante duas horas. Nunca mais senti qualquer ira emocional contra Deus. Nunca mais me ocorreu que eu deveria de alguma maneira ficar contrariado com Deus. Simplesmente pensei: “Se Deus não pode controlar o voo de um jipe de tração nas quatro rodas batendo de frente com o ônibus depois de ser atingido por uma van, eu não posso adorá-lo”. Como você pode adorar a um Deus que não consegue agarrar uma bola? Que não pode controlar um pedaço de madeira? Esse não é o tipo de Deus a quem vou adorar. É muito mais fácil adorar um Deus que está totalmente no controle e que me oferece a maravilhosa esperança: isto será bom para você, para ela, para seu pai, para a causa da evangelização. E eu poderia lhe contar diversas histórias se tivéssemos tempo. Poderia lhe contar história sobre meu pai e o que isso causou em seu ministério. Ele se casou novamente um ano depois. Eu fiz o casamento. Agora ele perdeu sua segunda esposa, depois de 25 anos. Mas o que Deus fez em seu ministério…

Lembro-me de viajar com meu pai na ambulância com o carro fúnebre atrás de nós. Estávamos indo de Atlanta, Geórgia, para Greenville, Carolina do Sul, e papai chorava, parava e dizia: “Por que eu fui poupado? Deus deve ter algo para mim. Deus deve ter algo preparado para mim”. Eu simplesmente ouvia calado, e Deus realmente tinha algo para ele!

Assim, posso ver alguns pequenos lampejos do que Deus desejava fazer. Ainda amaria ver minha mãe conhecer meus netos. Creia-me. Eu amaria ver aquela mulher influenciar meus filhos, seus netos – mas isso não era para acontecer. Eu me submeto à mão soberana, e creio num Deus que tinha total controle e fez o que era melhor para ela, melhor para mim, melhor para meu pai, e até mesmo melhor para minha irmã, que, quando olhou para o caixão de minha mãe, quando ela chegou de Israel, dez dias mais tarde, desmaiou porque o embalsamamento

não estava perfeito.

Justin Taylor: Creio que muitos de nós, quando pensamos sobre sofrimento – se não meditamos a respeito de nossa vida pessoal – pensamos sobre a Igreja perseguida ao redor do mundo. Recentemente li um artigo que citava um líder anônimo e escondido da Igreja chinesa. Eis o que ele dizia, e gostaria de saber o que o senhor pensa disso. Estas foram suas palavras para nós, americanos: "Parem de orar pedindo que a perseguição na China termine, porque é por meio da perseguição que a Igreja tem crescido. Nós, na verdade, oramos para que a Igreja americana possa experimentar esta mesma perseguição; assim, o reavivamento viria à Igreja americana tal como estamos presenciando na China".[103] Quando li isso, duas perguntas se apresentaram: (1) Deveríamos começar a orar por perseguição aqui? (2) E deveríamos parar de orar para que a perseguição terminasse por lá?

John Piper: Quando penso em Hebreus 13.3, "Lembrai-vos dos encarcerados, como se presos com eles [...] como se [...] vós mesmos em pessoa fôsseis os maltratados", parece-me que o que o autor tenta dizer é que podemos imaginar o que significa ter as mãos atadas ou ser torturado ou apanhar. E a Regra de Ouro seria faça aos outros o que gostaria que eles fizessem a você. Portanto, certamente devemos ir visitá-los, não os deixar sem auxílio, e imaginar do que gostaríamos. Assim, não posso deixar de pensar que um bom coração desejaria que qualquer pessoa que está sendo ferida não o fosse mais. De fato, penso que as nossas igrejas deveriam trabalhar para aliviar o sofrimento do mundo, em especial o sofrimento eterno.

Para mim, parece um pouco presunçoso ditar para Deus, em minha oração, a estratégia que deveria ser usada para a purificação da Igreja, a não ser que esteja orando por um mandamento particular da Bíblia. Deus sem dúvida usa a perseguição para purificar a Igreja, e ele poderá fazer isso para nós aqui. Eis a maneira como faço isso para mim mesmo – apenas para mim, não para a Igreja. Quando me ajoelho e penso sobre minhas lutas com o orgulho, ou o medo, ou a cobiça, ou a complacência, ou a falta de amor, eis o que digo a Deus: "Senhor" (acho que esta é uma oração realmente perigosa), "o que for necessário. O que

for necessário para libertar-me do orgulho, do medo do homem, da cobiça, do câncer… se for necessário perder a família, o ministério – faze isso. Quero ser santo. Desejo ser conforme a imagem de Jesus Cristo. Faze o que for necessário". Isso parece bíblico para mim, ao passo que dizer: "Hoje do que eu preciso é de um desastre de carro", ou dizer "do que preciso hoje é mais dor" – isso parece presunçoso.

Ninguém nunca afirma: "Alcancei meus maiores progressos em santidade nos dias mais felizes da minha vida". Ninguém diz isso. O que todos dizem é: "Alcancei os maiores progressos em santidade nos dias mais difíceis da minha vida". Todos nós falamos dessa maneira. Mas uma vez que você começa a falar desse modo durante um tempo suficientemente longo, e que você deseja muitíssimo ser santo, então, posso perceber por que as pessoas começariam a orar: "Dá-me alguns dias maus. Dá-me ainda mais dias maus". Mas não encontro isso na Bíblia; entretanto, encontro empatia na Bíblia, e a Regra de Ouro na Bíblia, e o perigo da presunção na Bíblia. Portanto, minha tendência seria não nos encorajar a orar dessa maneira.

Quando penso na China, desejo orar: "Permita que a Palavra de Deus corra e triunfe por quaisquer meios que tu escolhas. Fazer a Igreja crescer. A mesma coisa aqui. Qualquer maneira que tenhas para purificar a Igreja, para torná-la menos orientada para aquilo que é leve e frívolo e agradável e mais orientada para aquilo que tem peso e é glorioso, belo e poderoso, faze o que for necessário fazer para levantar uma Igreja poderosa e evangélica". Isso me parece mais "deixar Deus ser Deus" do que a outra opção.

Justin Taylor: Parece-me que poderíamos suportar muito sofrimento se ao menos tivéssemos a presença de Deus. Mas há um tipo de sofrimento, como sabemos, que acarreta uma aparente ausência de Deus. E penso que isso muitas vezes é o mais doloroso – quer seja um problema de saúde, ou uma criança com câncer, ou o sentimento de estar preso a um pecado habitual e implorar a Deus com lágrimas pelo arrependimento, chorando dia após dia. O que fazer quando parece que Deus não está perto e não importa o que fizermos, ele parece não responder? C. S. Lewis, em A Grief Observed [A anatomia de uma dor], descreveu esse estado do seguinte modo:

Uma porta batida com força diante do seu rosto, e um som de ferrolho e de ferrolho duplo sendo fechado do lado de dentro. Depois disso, silêncio. Você pode muito bem ir embora. Quanto mais você espera, mais enfático o silêncio se torna. Não há luzes nas janelas. Talvez seja uma casa vazia. Teria sido ela habitada algum dia? Parecia que sim...[104]

Como você aconselha pessoas nesse tipo de situação em que tudo parece tão sombrio e silencioso?

John Piper: Essa foi uma boa maneira de fazer a pergunta, penso eu, porque conselho é o que se faz necessário nessa situação, entre outras coisas. E quando você pergunta: "Como você aconselha essas pessoas?", entendo que você pergunta: "Que conduta você teria e que palavras usaria?".

Penso que a primeira atitude que deveríamos adotar seria a de nos colocarmos lado a lado e sermos honestos a respeito de nossas próprias lutas, colocarmos os braços ao redor dessas pessoas e sermos parceiros e ajudadores. "Eu estou com você". "Estou a seu lado". "Não estou acima, forçando-o ou esmagando-o". "Eu estou por perto". Essa seria uma escolha de como aconselhar em primeiro lugar, de modo que elas tivessem a sensação de que não estão sozinhas nesse tipo de sofrimento.

Em segundo lugar, eu relembraria a elas os salmistas que parecem falar com base nesse tipo de sentimento de: Até quando, Senhor? Até quando? Tenho recorrido ao salmo 40 tanto para mim mesmo quanto para pessoas a quem tenho aconselhado ao longo dos anos.

Esperei confiantemente pelo

Senhor

; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos. E me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de

louvor ao nosso Deus; muitos verão essas coisas, temerão e confiarão no

Senhor

(v. 1-3).

Ele começa com “Esperei” e por felicidade não diz uma semana, um mês, um ano. Deixa em aberto: “Esperei confiantemente pelo Senhor”. Assim, eu chamaria a atenção dessas pessoas para o fato de que, muitos dos que nós conhecemos e que são santos de Deus, que caminharam através de noites escuras da alma em que esperaram por Deus, devem ter sentido que Deus estava longe. Porém, em vez de desistirem de Deus, esperaram. Eles estão esperando.

Em terceiro lugar, dependendo de se essas pessoas estão emocionalmente capazes de suportar, eu começaria a comentar com elas a situação em que estão de modo a que possam tirar algumas conclusões dessa noção de ausência de Deus. Essa seria a interpretação delas a respeito do que acontece. É possível que esteja errada. E, portanto, não se encontram numa estrutura emocional, ou talvez numa estrutura teológica para perceber o certo. Percebem algumas circunstâncias – isto não deu certo, isso não deu certo, e aquilo não deu certo; tentei isso e não funcionou – e agora a conclusão deve ser que Deus se foi. Essa não é necessariamente a única conclusão. Desse modo, você analisa a situação delas e então lhes mostra, com base nas Escrituras, que Deus não havia se ausentado nas inúmeras vezes em que o povo pensou que ele se fora, ou que havia se afastado.

Para mim, uma das mais úteis sequências encontradas na Bíblia – e todos vocês conhecem a história e a usaram da mesma maneira que eu porque também já passaram por várias situações – é a de José, no Antigo Testamento. Eu adoro gráficos. Certa vez, fiz um gráfico da vida de José no papel. Ele é uma estrela e está tendo sonhos de que será um rei e que as pessoas se prostrarão diante dele. Ele é superior a seus irmãos e não consegue lidar muito bem com tudo isso, fazendo inimigos entre seus irmãos.

Assim, certo dia o lançam num poço. Esse fato é a primeira linha descendente do gráfico. Pouco depois, Rúben vem e o tira do poço, e José pensa: “Ótimo, as coisas vão melhorar”. A linha de sua vida sobe um pouco no gráfico. Em seguida, o vendem como escravo, e a linha volta a descer. Como escravo, José acha um trabalho na casa de Potifar e tudo parece ir bem, seu patrão confia nele

e há uma pequena subida abrupta no gráfico. Então, a mulher tenta seduzi-lo e ele foge dela; ele fez o que era certo, mas vai para a prisão por causa disso. E a linha desce outra vez. Um pouco mais tarde, ele conquista a confiança do carcereiro e isso parece promissor, o gráfico sobe um pouco. Então, existem duas pessoas na cadeia que dizem: “Fale sobre os nossos sonhos”. José interpreta seus sonhos e diz para o copeiro: “Lembre-se de mim quando voltar para o Faraó, senhor copeiro”. Mas o copeiro se esquece de José por mais dois anos. E aí a linha está no seu ponto mais baixo do gráfico. Até esse ponto, haviam se passado 13 anos.

Você sabe o que acontece depois. Ele se torna vice-presidente do Egito e tudo fica bem: “Vós intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem” (Gn 50.20). E eu pergunto às pessoas: em que ponto vocês estão em sua queda de 13 anos? Vocês estão lutando contra tudo isso por 13 anos. Vocês foram abandonados por 13 anos? E talvez tenham sido, mas não se forem cristãos. A maioria das pessoas consegue localizar-se nesse gráfico dentro de um ano, dois anos, três anos, quatro anos, cinco anos. Então, lhes digo: vejam, embora Deus tivesse um plano para José, em seu aparente abandono parecia que tudo dava errado. Quando José tentou fazer o melhor que sabia, deu errado. Mas Deus nunca foi contra ele. Nunca. Como cristão você interpreta sua situação de modo incorreto se pensa dessa maneira. Se você se lança no Senhor, se você confia nele, se você o ama, ele conduzirá tudo para o seu bem, quer leve 13 ou 27 anos. Há muitas histórias a respeito de como ele tem agido dessa maneira. E, então, podemos contar histórias de nossa própria vida ou de pessoas que conhecemos ou da história da Igreja e tentar ajudar essas pessoas a interpretarem sua vida de modo diferente.

E a última coisa que eu diria é – e isto é verdadeiro em virtualmente todas as situações de aconselhamento – em última análise você deseja orientar as pessoas para a cruz. Desejamos levá-las ao Calvário porque, no fim, você sempre pode olhar para Jesus pendurado na cruz e perguntar: não será este infinito mérito suficiente para cobrir meu pecado? Não é suficiente para cobrir meu problema? Não será suficiente para dar evidências de que ele me ajudará? Deixe-se cair ali.

Justin, sei o que você perguntaria se fosse realmente um cético e um questionador. Você perguntaria: “E se eles dissessem ‘Não creio que eu esteja incluído’?” É o que você deveria perguntar.

Justin Taylor: E se eles acharem que não estão incluídos?

John Piper: Se você é um calvinista, pode perguntar: Eu sou eleito? Se você não é um calvinista, pode perguntar: Será que a minha fé é autêntica? É o mesmo tipo de problema experimentado no mesmo nível. E a resposta específica para esse tipo de problema não é apenas um simples "Aqui diz 'se você crê, você tem o Espírito Santo'". – Você creu? Sim. Onde está o Espírito Santo? Está no meu coração. Isso não funciona. Simplesmente não funciona. É muito superficial, porque a questão é: eu decerto creio? Porque a Bíblia diz que no último dia haverá pessoas que ficarão aturdidas quando ele disser: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim" (Mt 7.23). Elas pensaram que haviam crido o tempo todo, mas não haviam crido. Portanto, como eu sei que estou crendo? Esse é o tipo de terror que manterá você acordado durante a noite e transformará sua vida em algo muito difícil. A resposta específica é: olhe para Cristo. Olhe para Cristo. Olhe para Cristo. Somente quando olhamos para Cristo acontece poderosamente o que é dito em Romanos 8.16. "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus."

Não posso dar a ninguém a certeza de que está verdadeiramente salvo. Não posso dar a ninguém a certeza de que é eleito. Mas Deus pode. E isso é um milagre. Você ora por isso, e espera por isso, e não fica diante do espelho olhando de maneira interminável para sua alma de modo introspectivo de verdade. Isso acontece de vez em quando, mas essencialmente você se coloca diante da cruz e permanece olhando, olhando e olhando. E ao olhar você é salvo.

Justin Taylor: Apenas para acrescentar minha própria história: no ano passado, um fazendeiro apresentou-me uma analogia. Ele me disse que quando um fazendeiro está arando o seu campo e quer fazer uma linha reta, ele focaliza seus olhos num ponto distante. O resultado é que a linha fica reta. Mas se olha para baixo e tenta verificar para onde vai, sairá do curso certo. Colocar a cruz no centro da nossa atenção é exatamente o correto.

Para esta próxima pergunta, lhe direi primeiro qual é e depois a colocarei nos termos próprios. Onde está Deus? Todo mundo se questiona, onde está Deus?

Tsunamis acontecem, 11 de setembro acontece, o tufão Katrina, etc. Pessoalmente – talvez porque estas sejam mais abstratas – eu luto menos com a pergunta “onde está Deus?” em relação a alguma grande catástrofe natural do que o faço em relação a questões como abuso, em especial abuso sexual de crianças, mas desejo compor a pergunta lendo uma citação de Os irmãos Karamázov, que pelo menos uma pessoa afirma conter o maior argumento contra a existência de Deus e o problema do mal. Portanto, se o senhor me permite, quero ler esse trecho e então lhe perguntar: Onde está Deus nessa situação? É um trecho do Capítulo 4, onde Ivan conversa com Aliocha sobre as crianças russas. Diz ele:

Certos pais respeitáveis, de boa família, instruídos, tomaram ódio à sua filhinha de 5 anos [...]

Aqueles pais submetiam a filhinha a torturas. Espancavam-na, chicoteavam-na, pisoteavam-na sem mesmo saber por que o faziam.

Depois eles aumentaram sua crueldade – trancaram-na no frio e no escuro em um quartinho fora de casa, e porque ela não pedia para ser levada ao banheiro à noite (como se uma criança de 5 anos, dormindo seu profundo sono angelical pudesse ser ensinada a acordar e pedir), eles maculavam-lhe o rosto e lhe enchiam a boca com os próprios excrementos; e era a mãe que fazia isso – a mãe! Essa mãe era capaz de dormir apesar dos gemidos da filha.

Você consegue compreender por que uma criaturinha, que nem sequer entende o que lhe fizeram, precisaria bater os punhos minúsculos no peito naquele escuro e frio e chorar suas lágrimas meigas e sem ressentimento, pedindo ao amado e bom Deus que a acudisse!

Compreendes isso, meu amigo, meu irmão, humilde noviço de Deus?

Compreendes por que esse absurdo é necessário e foi criado, sem isso – dizem – o homem não poderia viver sobre a terra, porque não teria podido adquirir sua ciência do bem e mal. Mas por que conhecer esses malditos bem e mal que nos custam tão caro? Todo o universo do conhecimento não vale o pranto dessa criancinha suplicando a ajuda de Deus![105]

Assim, onde está Deus numa situação como essa, nesse tipo terrível de tortura de crianças e de estupro infantil? Pode alguém manter a noção de que Deus é soberano em absoluto sobre todas as coisas diante desse tipo de mal?

John Piper: Muito bem. A pergunta onde é metafórica e dificilmente tem resposta. “No trono do universo, preparando um lugar para a menininha no céu que a recompensará dez mil vezes por tudo o que ela está passando.” “Preparando o inferno para seus pais de modo que a justiça seja feita perfeitamente.” E aqueles que olham tanto para a recompensa celestial quanto para a recompensa no inferno se curvarão maravilhados com a justiça de Deus. Essas são possíveis respostas para onde ele está.

Porém, creio que o centro do problema é se qualquer coisa suficientemente boa poderia surgir de um mundo onde isso é ordenado. Não sei se esse homem fala por Dostoiévski ou não. Não me lembro muito bem. O personagem que fala tem uma visão de Deus como supremo valor do universo? Parece-me que quando ele diz: “Todo o mundo de conhecimento não vale isso”, ele não coloca o conhecimento de Deus onde a Bíblia coloca. O conhecimento de Deus e de sua glória é a mais alta experiência do homem. Minha própria convicção – quer ela seja um alívio ou pareça presunçosa para você – minha convicção é que em razão do argumento de Romanos 1.19-22 e de João 9 e algumas outras passagens, todas as crianças que nascem e morrem como essa menininha, ou de modo menos terrível, são eleitas e irão para o céu.

Você não precisa ir a Dostoiévski. Tudo o que precisa fazer é ler a respeito do destroçamento de crianças no Antigo Testamento de modo explícito ordenado por Deus. Eu poderia apresentar algumas ilustrações disso, mas a realidade seria muito pior. Portanto, não se trata de um problema externo. É um problema

bíblico. Vemos nosso Deus ordenando que crianças sejam despedaçadas contra as pedras. Para a minha mente, a solução para isso, até o ponto em que exista uma solução para mentes finitas, é que essas crianças serão recompensadas dez mil vezes pela dor que sofreram. Os perpetradores serão punidos de maneira própria. Algo em que a maioria de nós não pensa o suficiente, ou seja, a razão para tais horrores existirem no plano físico e no plano moral é demonstrar a abominação do pecado contra o Deus santo.

Deixe-me ver se consigo fazê-lo sentir o que estou dizendo. Quando Adão e Eva caíram por terem se rebelado contra Deus, Deus sujeitou todo o universo à corrupção. Você poderia argumentar que isso foi uma reação exagerada. Bem, se você aborda a Bíblia com seu cérebro e molda a Bíblia pelo seu cérebro, essa seria a sua opinião. Mas se você permitir que a Bíblia descreva o que está acontecendo e que modele seu cérebro por ela, a conclusão que você deveria tirar é que o pecado é incomensuravelmente ultrajante. Virar as costas para o Deus vivo e criador e preferir uma maçã a ele é o ultraje absoluto. É infinitamente ultrajante. Merece punição infinita. O que Deus faz ao colocar todo o universo em sujeição à vaidade – Romanos 8.20 – é criar uma horrenda parábola da abominação do mal moral. Assim, para todo lugar que olho quando vejo mal físico abusivo – sofrimento – desejo que minha resposta seja: Ó, quão infinitamente ultrajante e repugnante é o pecado contra um Deus santo". Desse modo, compreendo todos os horrores físicos do mundo como simbólicos dos horrores da realidade moral do pecado contra Deus.

Permita-me avançar um pouco mais. Quando Jesus morreu na cruz, você pode chegar a essa conclusão escolhendo um de dois caminhos. Você pode dizer que ali estava não apenas o pecado de Adão e Eva, que foi tão horrível que derrubou consigo todo o universo, mas que em cada um de nós tem existido dez mil desses pecados. E multiplique isso pelo número de pessoas que vivem sobre a terra, ou pense na Igreja e multiplique os nossos pecados – cada um dos quais não é menos revoltante do que preferir uma maçã a Deus – portanto, cada pecado que é cometido deveria fazer desabar todo o universo sobre nossas cabeças com horrores físicos como esse. Jesus Cristo pendurado na cruz demonstrou o valor infinito do merecimento de Deus para ser entesourado, não trocado. Agora, maravilhe-se diante do valor do Filho de Deus, de que seu sofrimento foi suficiente para se contrapor a todos esses pecados arrasadores do universo pelos quais ele morreu. Ou você pode olhar a partir de Cristo e ver como ele é supremamente glorioso e como ele é infinitamente valioso e daí chegar à conclusão de quão o terrível é o pecado.

O que digo, além dessas coisas preliminares, é que toda vez que vemos algo terrível, algum acidente horrível, nossos pensamentos deveriam estar no caráter insultuoso do pecado, não na injustiça de Deus. Essas histórias que tenho ouvido de pessoas que atropelam o próprio filho ao dar marcha à ré com o carro. O que significa isso? Qual seria a sensação – aquela pancada, você sai do carro, e tudo em você deseja gritar. Ajoelhei-me ao lado de um homem e coloquei meu braço ao redor dele há cerca de três semanas. Sua filhinha estava no meio da Avenida Onze, coberta por uma manta mortuária. Ela havia acabado de atravessar a rua por trás de seu pai. Foi atingida. Morreu de maneira instantânea um pouco abaixo da nossa casa. E ele simplesmente sentou-se ao seu lado, com o olhar fixo para ela. “Eu não tive a intenção”. Assim, nós todos experimentamos isso. E quando vemos as coisas horrendas que acontecem no mundo, como deveríamos nos sentir?

Penso que em vez de questionar Deus, deveríamos ver essas coisas como evidências da afronta do nosso pecado na nossa vida e do mal e da repugnância horrível do pecado para um Deus santo. E Deus demonstra para nós o ultraje do nosso pecado da única maneira que conseguimos ver, porque não nos sentimos abalados pelo nosso pecado. Somente nos sentimos abalados pelo sofrimento. Quantos de vocês perdem o sono – bem, alguns de vocês são bons santos e vocês perdem o sono – por causa de sua própria falibilidade? A maioria de nós se sente mal por causa de coisas que ferem ou prejudicam o nosso corpo, mas é nosso pecado que se constitui no ultraje definitivo. Assim, penso que o tipo de repugnância a respeito da qual Dostoiévski fala é uma demonstração de quão horrivelmente terrível é nosso pecado. Então Cristo chega, arca com todo esse ultraje e pela sua dor desfaz ou sofrimento. Desejo chamar as pessoas a Cristo como a solução final para esse problema.

Justin Taylor: Você terminou falando sobre o pecado e sobre nosso coração como cristãos e, provavelmente, a mais famosa sentença que você escreveu foi: “Deus é mais glorificado em nós quanto mais nos deleitamos nele”. Assim, Deus recebe glória por meio da nossa felicidade, da nossa satisfação nele. Se esse é o caso – se Deus é tão apaixonado pela sua glória e tudo o que ele faz tem a ver com receber glória para seu próprio nome – então, por que os cristãos pecam tanto? Do ponto de vista humano, pareceria que, a esta altura da minha vida, se eu apresentasse uma porcentagem maior de santidade, Deus receberia uma porcentagem maior de glória. Tenho apenas

este tanto de santidade ou este outro tanto. Portanto, qual é a correlação? E, na sua opinião, qual é a razão?

John Piper: Você está certíssimo. Meu pecado é minha carga mais pesada. Por quê? Por quê? Por que o processo de santificação é tão vagaroso? E a primeira resposta é: porque sou muito mau. Mas a contrapartida é: mas Deus, seu Deus é soberano. Ele pode fazer o que quiser. E se ele é mais glorificado em nós quanto mais nos deleitamos nele, e se ele se importa infinitamente com sua glória por que ele não aumenta sua satisfação nele, corta as raízes de um número maior de pecados e assim recebe mais glória para si mesmo com mais rapidez? E essa é uma pergunta absolutamente crucial. Tenho cuidado de mais pessoas – não tenho certeza de que isso seja exato, mas quase – que estão dispostas a desistir de sua fé cristã mais precisamente por causa da lentidão de sua santificação, do que por causa dos danos físicos que os acometeram ou por causa dos sofrimentos que tiveram na vida. Essas pessoas estão apenas cansadas. "Simplesmente não consigo lutar mais. Não posso ter êxito. Não estou fazendo nenhum progresso. Simplesmente não pode ser verdade". E essa é uma situação terrivelmente real e perigosa para se viver.

O livre-arbítrio é uma resposta nula nesse caso, porque no último dia, num piscar de olhos, na última trombeta, quando Cristo descer, ele nos fará santos num estalar de dedos. Você nunca mais pecará depois da segunda vinda, a não ser que esteja no inferno. Se você é um crente, nunca mais pecará depois da sua morte. Portanto, Deus, num determinado ponto do tempo pode santificar-nos instantaneamente – os espíritos de homens justos aperfeiçoados (Hb 12.23). Portanto, se ele quisesse, poderia fazê-lo agora sem arruinar o assim chamado livre-arbítrio. Se ele pode fazer no fim de sua vida de modo que você seja perfeito para toda a eternidade, ele pode fazer agora. E ele não faz.

Isso significa que tenho mais o que aprender. Tento não chegar a este livro, à Bíblia impondo: "Isto não pode ser. Essa é uma maneira estúpida de dirigir o mundo". Tento colocar-me sob este Livro e minha mente fica aturdida quase todos os dias da minha vida. Este é um livro enlouquecedor. Você tenta colocar sua mente não ao redor, mas dentro deste Livro. Chesterton disse algo como: homens loucos tentam trazer o céu para dentro da própria mente, e os poetas tentam elevar a própria mente ao céu. Tento levar minha mente para o céu deste

Livro em vez de tentar impor a este Livro como Deus deveria nos santificar.

Portanto, chego à seguinte conclusão: “Deus, se tu amas a tua glória infinitamente e és mais glorificado em mim quando estou mais satisfeito em ti, e o meu pecado está sendo manifesto pela minha lentidão em me deleitar totalmente em ti, então é possível que a luta que estou tendo com meu próprio pecado de alguma maneira faz com que eu me deleite mais em ti”. Algum dia. Um modo de pensar sobre isso é o seguinte: Eu olharei para trás, para meu pecado quando estiver no céu e direi: “O que eu fiz para merecer tal graça?”. E eu amarei essa graça mais do que jamais amaria se meu progresso tivesse sido mais rápido.

Porém, isso é uma coisa terrivelmente perigosa de dizer, porque, agora, todos vocês vão sair e pecar até não poder mais. Todos vocês vão desistir de sua busca por santidade. Todos vocês vão desistir de tentar deleitar-se em Deus. Não façam isso. Em outras palavras, isso seria de novo considerar o seu cérebro como supremo e tentar dizer a este Livro o que fazer. Você não apresenta seu cérebro e diz: Muito bem, tirei algumas inferências lógicas e agora devo viver uma vida de pecado para que a graça seja mais abundante. Vamos pecar para que nosso deleite em ti seja mais abundante em tua graça. A palavra de Paulo a respeito de pessoas que pensam desse modo foi: “A condenação destes é justa” (Rm 3.8). Portanto, façam o que a Bíblia diz: Sejam perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial. E a cada dia que falharem se curvem sobre seu rosto dando graças à cruz de Cristo.

Justin Taylor: Bem, se Deus é soberano sobre todas as coisas – desde a ascensão até a queda das nações de um lado, até às partículas de poeira num raio de sol do outro lado – então, qual seria a nossa motivação para produzir mudança? Em outras palavras, se Deus é soberano – se seu propósito será cumprido com ou sem a nossa participação – então, o nosso envolvimento é necessário?[106]

John Piper: Essa é uma importante pergunta para mim, porque já ouvi cristãos dizerem há pouco tempo que crer na soberania de Deus impede os cristãos de trabalharem com afinco para erradicar doenças como a malária

e a tuberculose, o câncer a Aids. Eles pensam que a lógica seria a seguinte: Se Deus de maneira soberana deseja todas as coisas, inclusive a malária, então estaríamos lutando contra Deus ao investir milhões de dólares para encontrar um modo de erradicá-la.

Essa não é a lógica que a Bíblia ensina. E não é o que os calvinistas têm crido historicamente. De fato, os que amam a soberania de Deus têm estado entre os mais agressivos cientistas que têm ajudado a subjugar a criação e colocá-la sob o domínio do homem para seu bem – como diz o salmo 8.6: "Deste-lhe domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo lhe puseste".

A lógica da Bíblia diz: aja de acordo com a "vontade de comando" de Deus, não de acordo com sua "vontade de decreto". A "vontade de decreto" de Deus é tudo aquilo que acontece. "Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo" (Tg 4.15). A "vontade de decreto" de Deus ordenou que seu filho fosse traído, ridicularizado, sofresse zombaria, apanhasse, fosse abandonado, perfurado e morto. Mas a Bíblia nos ensina com clareza que não devemos trair, ridicularizar, zombar, bater, abandonar, perfurar ou matar pessoas inocentes. Essa é a "vontade de comando" de Deus. Não contemplamos a morte de Jesus, claramente ordenada por Deus, e concluímos que matar Jesus é bom e que deveríamos nos juntar aos zombadores. Não.

Do mesmo modo, não olhamos para a devastação da malária ou da Aids e concluímos que deveríamos nos unir aos batalhões de indiferentes. Não. "Amarás o teu próximo" (Mt 22.39) é a vontade de comando de Deus. "Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Mt 7.12) é a vontade de comando de Deus. "Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer" (Rm 12.20) é a vontade de comando de Deus. Os desastres que Deus ordena não têm como objetivo paralisar seu povo com indiferença, mas mobilizá-los com compaixão.

Quando Paulo ensinou que a criação estava sujeita à vaidade (Rm 8.20), ele também ensinou que essa sujeição era "na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (v. 21). Não há nenhuma razão pela qual os cristãos não devam seguir esse chamado para aliviar essa vaidade agora. Deus a completará no tempo vindouro. Mas é uma boa coisa conquistarmos o maior número de doenças e sofrimentos que pudermos agora em nome de Cristo.

Na realidade, eu empunharia a bandeira agora mesmo e chamaria alguns de vocês para seguirem vocações de pesquisa que possam se constituir nos meios para erradicar algumas das mais graves doenças do mundo. Isso não é lutar contra Deus. Deus é o encarregado de cuidar tanto da pesquisa quanto da doença. Você pode ser um instrumento nas mãos dele. Essa pode ser a ocasião determinada para o triunfo que ele quer obter sobre a doença que ele ordenou. Não tente ler a mente de Deus sobre seus misteriosos decretos de calamidade. Faça o que ele diz. E o que ele diz é: "[...] façamos o bem a todos" (Gl 6.10).

Justin Taylor: Creio que esta será a última pergunta. O que o senhor faz em sua própria vida para preparar-se para o sofrimento e a morte? E que conselho o senhor nos dá, a todos nós, para prepararmos para o sofrimento e a morte – quer estejamos nos capítulos finais da vida ou sejamos jovens sem saber quando o Senhor nos levará ou o que ele nos dará? Como o senhor se prepara para o sofrimento e a morte?

John Piper: Tenho um hábito engraçado que mencionei antes e agi desse modo nessas três últimas noites, portanto sei que ele ainda está funcionando: só consigo adormecer quando me deito sobre meu lado esquerdo. Não sei o porquê disso. Gostaria que não fosse assim, porque fica dolorido. Mas se eu tento dormir sobre meu lado direito, simplesmente permaneço acordado. Portanto, estou sempre sobre meu lado esquerdo. Assim, Noël fica atrás de mim, e eu olho para a porta. Parece ser a coisa masculina a fazer! E quando estou deitado, com minha cabeça sobre o travesseiro, seguro meu pulso e conto a pulsação. Posso ver o despertador com seus números amarelos e grandes. Ele não tem um ponteiro de segundos, por isso preciso contar durante um minuto. Assim que o seis avança para o sete – como 10:36 indo para 10:37 – começo a contar: um, dois, três, quatro. Conto para verificar qual é o ritmo da minha pulsação durante o sono. Quando termino, antes de dormir, digo a mim mesmo: Se qualquer um desses batimentos parar, eu estou acabado. Não há nenhuma razão para que este coração continue a bater, nenhuma, exceto Deus. Se ele quisesse, poderia dizer a um desses batimentos: "última batida" e, pronto, eu estaria acabado. E eu me pergunto: será que acordarei no céu ou no inferno?

Caminho pelo Evangelho, olho para Jesus, olho para a cruz e tento ser tão absolutamente pessoal quanto me é possível. Nada formal. Nada mecânico. Nenhuma fórmula. Nenhum sermão. Apenas imaginando Jesus, se este coração parar – lá estou eu face a face com ele ou como Juiz ou como Salvador. Então digo: Jesus, com tudo o que existe dentro de mim, tu és meu Deus. Meu Salvador. Meu Senhor. Renuncio a toda a confiança em mim mesmo. Eu me dedico a ti. Confio totalmente no teu sangue para minha salvação. E agora me entrego a ti por esta noite. Se eu morrer antes de acordar, peço ao Senhor que receba a minha alma.

Recomendo isso como algo que decerto pode despertá-lo para ponderar sobre sua própria mortalidade. Mas estrategicamente a resposta para sua pergunta é a seguinte: “Matem o pecado ou ele matará você” (John Owen). Estabeleçam como meta destruir qualquer pecado conhecido em sua vida, para não caírem. “Aquele [...] que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12).

Segundo: permaneçam na Palavra de Deus todos os dias procurando Cristo como seu tesouro pessoal. Sempre tenho um propósito quando leio a Bíblia. Leio a Bíblia toda usando o meu plano de leitura bíblica normal que a maioria das pessoas usa na igreja.[7] Mas estou à procura de Deus e de Cristo, não apenas de preceitos morais: presto atenção em Deus. Mostra-me a tua glória para que eu possa ser transformado de glória em glória (ver 2Co 3.18). Desejo contemplar as glórias de Cristo no Evangelho. Essa é a razão pela qual quase nunca paro de ler, a não ser quando capto algo do Evangelho, apenas para observar Jesus trabalhando no planeta Terra. Então, olho para ele e o amo. Quase todos os dias, deixo a leitura com algo simplesmente assombroso a respeito de Jesus que me permite comungar com ele de um modo pessoal e admirável porque eu o vi como ele era na Bíblia.

E, terceiro, orem pedindo a Deus que os preserve e os guarde em todo o sofrimento que tiverem e em sua hora da morte. Francamente, eu algumas vezes me preocupo com a morte. Já presenciei a morte de muitas pessoas em 25 anos de pastorado. Para algumas foi muito calmo e para outras foi horrível. E alguns dos maiores santos experimentam a mais difícil morte. Portanto, não sei o que farei. Eu asseguro a mim mesmo: você receberá a passagem quando chegar no trem.

Essa foi a maneira como Corrie ten Boom descreveu como a graça para morrer bem nos é concedida – na hora, não antes. Ela se perguntava: Será que serei

capaz de suportar a tortura? E seu pai lhe disse: “Quando você precisa tomar um trem, eu lhe dou a passagem três semanas antes ou na hora de tomar o trem?”. Ela respondeu: “Quando vou tomar o trem”. “Bem, Deus tem uma graça para você enfrentar a tortura. Ele a concederá a você quando a tortura chegar.”

E creio que isso é muito bíblico, pois existe uma correlação entre Mateus 6.34 e Lamentações 3.22-23. “Basta ao dia o seu próprio mal.” “Suas misericórdias não têm fim; renovam-se a cada manhã.” Portanto, cada dia traz sua própria luta, até mesmo o dia de sua morte; e cada dia tem suas próprias misericórdias para aquelas lutas, e não mais. Se você conseguir alcançar sua luta de amanhã e trazê-la para hoje e pedir: Senhor, dá-me a graça para a luta de amanhã, ele dirá: Eu lhe darei essa graça amanhã. Mas você terá de ter profunda confiança de que Deus o atenderá, e isso é fé, eu creio. E é por isso que vamos à Bíblia.

Eu poderia listar outros meios de graça que Deus designou. Penso que o jejum e alguns elementos de renúncia pessoal são sábios para cristãos americanos “folgados” que nunca suportam qualquer tipo de dificuldade e planejam toda a vida no sentido de evitar dificuldades. Penso que deveríamos instituir em nossa vida algumas dificuldades artificiais como o jejum e a renúncia pessoal. Tome diariamente a sua cruz e siga-me; aquele que se nega a si mesmo será meu discípulo (ver Lc 9.23). Portanto, esse é outro meio de graça.

A lista de maneiras pelas quais podemos nos preparar para sofrer é enorme. Cultue com o povo de Deus. Faça parte de um pequeno grupo em que você seja regularmente exortado a permanecer perto de Jesus. “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo; pelo contrário, exortai-vos mutuamente cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado” (Hb 3.12-13). Todos somos vulneráveis quanto a nos afastarmos do Cristo vivo se não tivermos pessoas que possam chegar diante de nós para nos dizer a verdade a respeito de Deus, quando não conseguimos vê-la, especialmente a verdade que é desconfortável para nós. Portanto, acima de tudo permaneçam neste Livro, porque ele lhes dará a orientação em toda a preparação necessária para sua morte e seu sofrimento.

Justin Taylor: Muito obrigado por ter nos concedido esta hora e gostaria de pedir-lhe que encerrasse com uma palavra de oração.

John Piper: Inclina nosso coração, ó Deus, aos teus testemunhos e não à cobiça (Sl 119.36). E, então, desvenda os nossos olhos para que contemplemos as maravilhas da tua lei (Sl 119.18). E dispõe-nos o coração para só temer teu nome (Sl 86.11). E, então, sacia-nos de manhã com tua benignidade, para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias (Sl 90.14). E, então, envia-nos, ó Deus, tão satisfeitos em Cristo que consideraremos todas as coisas como refugo para ganhar a Cristo (Fp 3.8). E corta, ó Deus, as raízes do pecado em nossa vida de modo que sejamos entregues completamente à justiça e ao amor. E, então, torna esse povo reunido aqui, eu oro, nos cristãos mais radicalmente dispostos a assumir riscos pela causa da justiça, pela causa do amor, pela causa das missões, pela causa da evangelização. Assim peço em nome de Jesus. Amém.

---

101 O áudio dessa entrevista pode ser obtido no site: http://www.desiringgod.org.

102 John Piper, The Justification of God: An Exegetical and Theological Study of Romans 9:1-23, 2ª edição (Grand Rapids, Mich.: Baker, 1993).

103 Dan Wooding, “Chinese Christians Are Praying That Persecution Comes to the American Church”, http://across.co.nz/PrayingforPersecution05.html (acessado em 9 de março de 2006).

104 C. S. Lewis, A Grief Observed (Nova York: Bantam, 1961), 4-5.

105 Fiódor Dostoiévski, Os irmãos Karamázov, Capítulo 4.

106 Ver o parágrafo introdutório.

John Piper (BD, Fuller Theological Seminary; Dtheol, University of Munich) é fundador e professor de desiringGod.org e chanceler do Bethlehem College & Seminary. por mais de trinta anos foi pastor titular da Bethlehem Baptist Church, Mineápolis. Escreveu ou contribui para mais de cinquenta livros, incluindo Alegrem-se os Povos, Casamento Temporário, Fascinado pela Gloria de Deus, Jesus, o Único Caminho para Deus, A justificação de Deus, O Mistério da Santificação, A Paixão de Cristo, A Paixão de Deus pela sua Glória, Pecados Espetaculares e Pensar, Amar, Fazer, todos esses da Cultura Cristã.